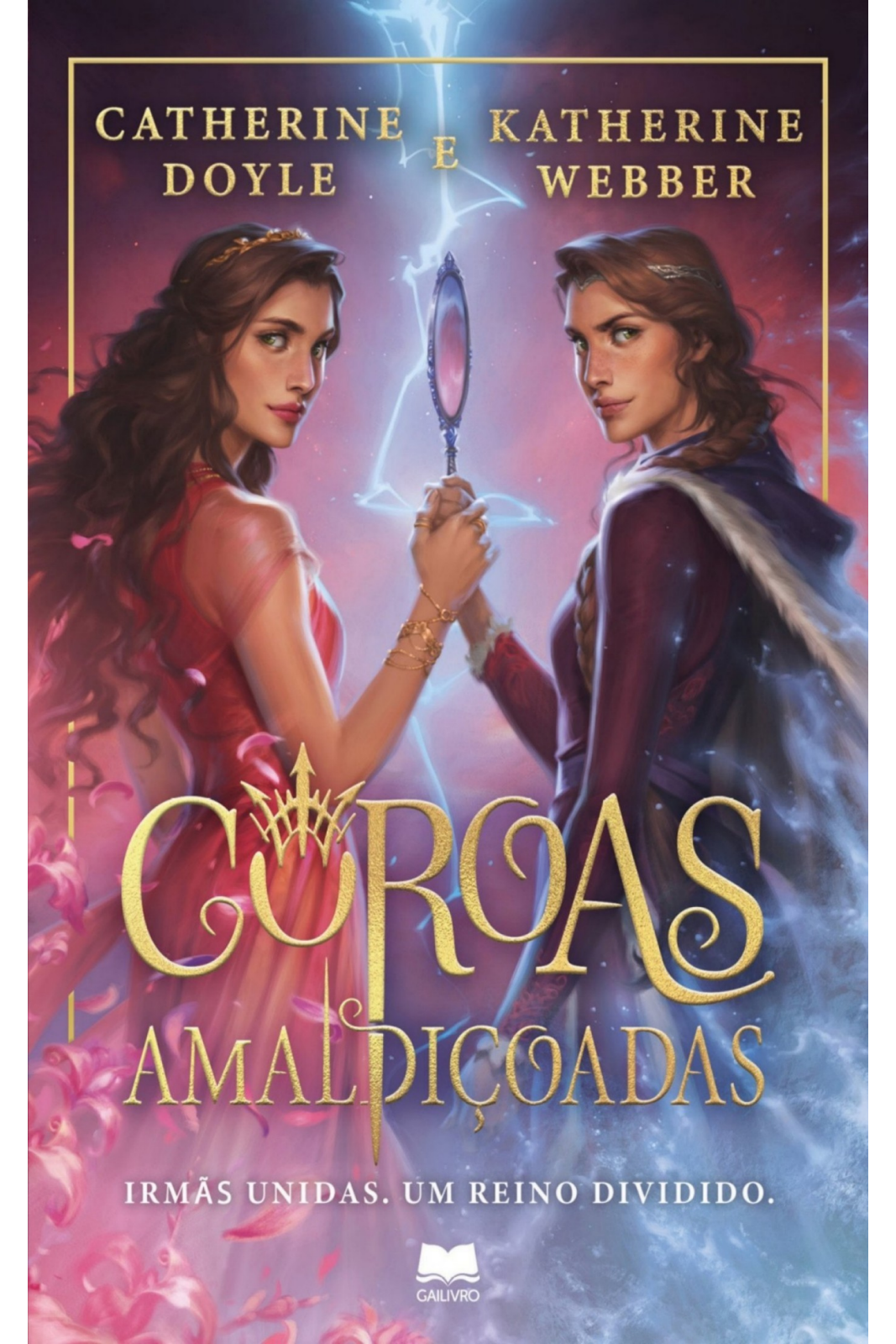


CATHERINE
DOYLE

E

KATHERINE
WEBBER



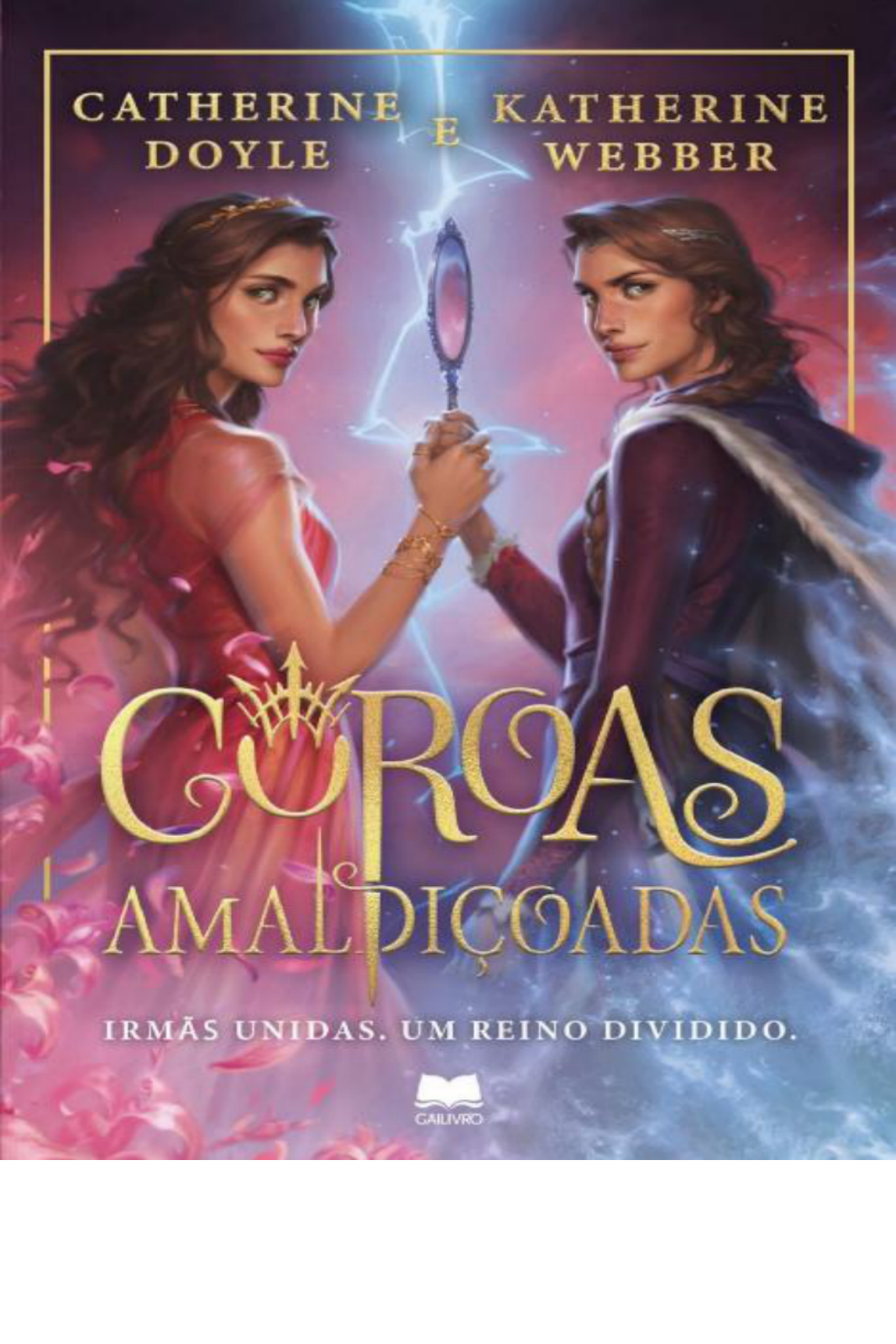
COROAS AMALDIÇOADAS

IRMÃS UNIDAS. UM REINO DIVIDIDO.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

CATHERINE DOYLE E KATHERINE WEBBER



COROAS AMALDIÇOADAS

IRMÃS UNIDAS. UM REINO DIVIDIDO.



Capa

Ficha Técnica

Wren – Capítulo 1

Rose – Capítulo 2

Wren – Capítulo 3

Rose – Capítulo 4

Wren – Capítulo 5

Rose – Capítulo 6

Wren – Capítulo 7

Rose – Capítulo 8

Wren – Capítulo 9

Rose – Capítulo 10

Wren – Capítulo 11

Rose – Capítulo 12

Wren – Capítulo 13

Rose – Capítulo 14

Wren – Capítulo 15

Rose – Capítulo 16

Wren – Capítulo 17

Rose – Capítulo 18

Wren – Capítulo 19

Rose— Capítulo 20

Wren – Capítulo 21

Rose – Capítulo 22

Wren – Capítulo 23

Rose – Capítulo 24

Wren – Capítulo 25

Rose – Capítulo 26

Wren – Capítulo 27

Rose – Capítulo 28

Wren – Capítulo 29

Rose – Capítulo 30

Wren – Capítulo 31

Rose – Capítulo 32

Wren – Capítulo 33

Rose – Capítulo 34

Wren – Capítulo 35

Rose – Capítulo 36

Wren – Capítulo 37

Rose – Capítulo 38

Wren – Capítulo 39

Rose – Capítulo 40

Wren – Capítulo 41

Rose – Capítulo 42

Wren – Capítulo 43

Rose – Capítulo 44

Wren – Capítulo 45

Rose – Capítulo 46

Wren – Capítulo 47

Rose – Capítulo 48

Wren – Capítulo 49

Rose – Capítulo 50

Wren – Capítulo 51

Rose – Capítulo 52

Wren – Capítulo 53

Rose – Capítulo 54

Wren – Capítulo 55

Rose – Capítulo 56

Wren – Capítulo 57

Rose – Capítulo 58

Wren – Capítulo 59

Rose – Capítulo 60

Wren – Capítulo 61

Rose – Capítulo 62

Agradecimientos

CATHERINE & CATHERINE
DOYLE WEBBER



COPIES

MAILED



Ficha Técnica

Título: Coroas Amaldiçoadas
Título original: Cursed Crowns
Autoras: Katherine Webber e Catherine Doyle
Edição: Ana Maduro
Tradução: Dina Antunes
Revisão: Isabel Garcia
Capa: Adaptação de LeYa S.A.
ISBN: 9789892361314

Copyright para Portugal: © 2024, Gailivro, uma chancela das Edições ASA II
(uma editora do Grupo LeYa)
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel.: 214 272 200 Fax: 214 272 201
Email: gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.pt

Texto: ©Katherine Webber and Catherine Doyle 2023
Publicado originalmente no Reino Unido, em 2023,
pela Electric Monkey, uma chancela da Farshore,
uma empresa da HarperCollinsPublishers
Mapa: © 2021 by Leo Hartas

Copyright para Portugal: © 2024, Gailivro, uma chancela das Edições ASA II
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

*Para a princesa Claire,
uma boa e régia agente
e uma excelente amiga*







*Quebra o gelo para libertares a maldição.
Mata uma gémea para salvares a outra.*





A coroa de Wren Greenrock era demasiado pequena. Apertava-lhe as têmporas e pressionava-lhe o crânio. Esforçou-se por não estremecer, ali, de pé, na varanda do palácio de Anadawn, ao lado da irmã gémea, a observar o reino que arduamente tinham conseguido reclamar. Ainda lhe custava a acreditar que tudo aquilo lhe pertencia. Bom, pelo menos, metade. Ela e Rose tinham concordado em partilhá-lo.

Ainda assim, estava uma pilha de nervos. Aquele momento ocupara-lhe a mente durante toda a manhã, e preparara-se para o pior. Dado os acontecimentos dos últimos dias, em que tinham assistido à infeliz morte do noivo de Rose, o príncipe Ansel de Gevra, no dia do casamento, seguido pelo falecimento oportuno de Willem Rathborne, conselheiro real e traidor, Wren não esperava uma grande audiência, muito menos uma acolhedora –, mas a verdade é que, do outro lado dos portões dourados, se juntara um mar de pessoas jubilosas. Súbditos da cidade de Eshlinn e de outras partes do reino amontoavam-se ali para felicitar as gémeas no dia da sua coroação. A multidão era tão grande que se estendia até ao bosque. Milhares de caras sorridentes contemplavam o palácio branco e os seus gritos elevavam-se com a brisa de verão. Tinham comparecido para honrar Wren e Rose, as novas rainhas gémeas de Eana.

As gémeas, por sua vez, permaneciam de pé na varanda, exibindo os seus melhores vestidos e as coroas novas, absorvendo a adoração dos súbditos com se fosse a luz do sol. Juntas, brilhavam como um farol; eram a promessa de uma nova era, na qual as bruxas e os habitantes desprovidos de magia de

Eana viveriam lado a lado em harmonia, e as velhas superstições e a desconfiança seriam finalmente abandonadas. Era um dia repleto de promessas e de possibilidades. Ou, pelo menos, teria sido, se Wren não sentisse que tinha um tambor na cabeça.

– Para de franzir o sobrolho – disse Rose, pelo canto da boca. – Vão pensar que não estás satisfeita.

Wren fulminou a irmã com o olhar. O sorriso de Rose era largo e reluzente e ela mantivera-o assim, imperturbável, durante quase uma hora. Também saudara a multidão durante esse tempo, com a mão elevada por cima da cabeça, para que todas as crianças, homens e mulheres pudessem ver e soubessem que era bem-vindos e apreciados. Rose tinha um dom natural, nascera para aquilo.

Wren nunca se sentira tão novata como naquele dia. Ao início, sorria com facilidade e ficara surpreendida e aliviada ao escutar os aplausos e os gritos de alegria quando abriram as portas da varanda. Contudo, naquele momento, a sua energia parecia estar a acabar. Tinha sorrido e acenado durante tanto tempo que lhe doíam os músculos do rosto e do braço. Estava exausta. O que não era de admirar. Afinal, tinha crescido entre bruxas e bruxos nas ventosas praias de Ortha, a oeste, longe da pompa e da cerimónia do palácio de Anadawn e de todo o decoro e paciência que se esperava de uma princesa.

– Quanto tempo temos de ficar aqui? – ciciou. – Estou faminta de tanto acenar. E dói-me a cabeça.

Rose tomou a mão livre da irmã, apertou-lha e um formigueiro quente percorreu o braço de Wren. Magia curativa. Um segundo depois, a dor de cabeça tinha desaparecido.

– Pronto. – Rose exalou enquanto a soltava. – Já podes parar de te queixar.

Wren esboçou um novo sorriso e continuou a acenar. A cabeça já não lhe doía, mas continuava a sentir um aperto no peito. Apesar da sua magia curativa, Rose não era capaz de consertar o coração partido da irmã. Florescia como uma rosa-negra dentro de Wren, lembrando-a de Banba. Passara apenas um dia desde que o rei Alarik e os seus cruéis soldados gevranezes tinham capturado a sua destemida avó na cripta em chamas do Protetor. A anciã fora arrastada para um barco antes que Wren conseguisse salvá-la. Os seus últimos momentos atormentavam os pensamentos da jovem, e a injustiça do acontecimento contorcia-se nas suas entranhas como uma serpente.

Wren subira ao trono, tal como a avó sempre desejara, mas Banba não estava ali para o testemunhar. Não estava ali para a ajudar. Ao invés, era prisioneira do rei Alarik, o jovem e temível monarca do continente norte, que sentia um obscuro fascínio por bruxas. Todavia, Wren planeava mudar tudo isso. Prometera a si própria – e a Rose – que ia encontrar uma maneira de resgatar a avó das mandíbulas geladas de Gevra.

Assim que terminasse de sorrir e de acenar.

Wren apercebeu-se do momento em que Rose desviou o olhar para o pátio, onde Shen Lo estava reclinado no rebordo da fonte que assinalava a entrada para o interior do palácio. Tinha um braço sobre a testa para proteger os olhos do sol e o outro à deriva na água cristalina.

Wren percebia pelo seu sorriso malicioso que ele não estava a dormir. A jovem não tinha de lhe ver os olhos para perceber que ele estava a gostar do espetáculo: Rose brilhava no seu *habitat* natural... e Wren contorcia-se como um peixe fora de água.

– Wren, repara! – guinchou Rose, agarrando novamente a mão da irmã.
– Estão a lançar flores por cima do portão!

Wren olhou mesmo a tempo de ver uma rosa vermelha aterrar no pátio. E depois outra e outra. Havia um ramo espalhado pelas lajes – cor-de-rosa, amarelas, vermelhas e roxas – e continuavam a chover mais por cima dos portões.

– São rosas – disse Wren, com uma gargalhada. – Gostam mesmo de ti.

– Também gostarão de ti – argumentou Rose, soprando um beijo para a multidão que retribuiu com palmas e vivas. Rose fez uma vénia pomposa. – Assim que te conhecerem melhor.

– Desde que não se ponham a atirar pássaros mortos por cima dos muros...

– Oh, não sejas tão taciturna.

Wren também fez questão de atirar um beijo à multidão. E escutaram-se mais vivas. No pátio, Shen ria, e os seus dentes brilhavam com a luz do sol.

– Isto é demasiado fácil – comentou Wren, soprando outro beijo. – Talvez devesse fazer uma pirueta.

Rose agarrou a irmã pelo cotovelo.

– Nem te atrevas!

Wren soltou uma gargalhada.

Nesse momento, a multidão avançou e os portões gemeram. Braços passaram por entre as barras douradas, procurando mais espaço, enquanto um tomate podre voava por cima dos espigões. Elevou-se como que em câmara lenta e parecia crescer à medida que se aproximava delas. Por sorte, não atingiu a balaustrada e aterrou no pátio com um ruído húmido.

Um grito irregular elevou-se por cima dos vivas.

– FORA COM AS BRUXAS!

No pátio, Shen pôs-se de pé.

O sorriso de Rose desapareceu.

Wren parou de acenar.

– Creio que podemos dar o dia por terminado.

– Ignora-o – pediu Rose, apressando-se a recuperar a compostura. – É apenas um tomate.

– Dois – disse Wren, quando outro fruto vermelho e apodrecido voou por cima dos portões. Viu Shen correr pelo pátio à procura do dissidente entre a multidão, quiçá preocupado com a possibilidade de ser mais do que um. A

multidão continuava a avançar, como se qualquer coisa – ou alguém – os empurrasse.

Quando o segundo tomate aterrou na fonte, Rose recuou.

– Muito bem – disse, e atirou um último beijo ao público. Escutaram mais uma ovação que afogou o grito seguinte, mas Wren podia jurar que escutara a palavra «bruxa» no vento. As gémeas abandonaram a varanda com enormes sorrisos e gargalhadas até regressarem à tranquilidade da sala do trono e as portas da varanda se fecharem atrás delas.

Nesse instante pararam imediatamente de rir.

– Bom, aquilo foi inquietante – comentou Wren.

Rose enrugou o nariz.

– Que desperdício de comida.

– Eu sabia que tantos vivos era demasiado bom para ser verdade. – Wren tirou a coroa. Assim era bem melhor. – Eana não quer ser governada por bruxas, Rose. Nem sequer por uma que conhecem.

Rose agitou a mão como que para afastar as preocupações da irmã.

– Oh, por favor. Aquele pequeno protesto não é suficiente nem para fazer uma tigela de sopa de tomate. Não vale a pena seres dramática.

Contudo, Wren não podia evitá-lo. Sem Banba ali, tudo lhe parecia retorcido e perverso. Sentia um vazio no estômago e aquelas quatro simples palavras – «FORA COM AS BRUXAS» – servira apenas para o piorar.

– Estou só a ser realista. – Os passos de Wren ecoaram atrás dela quando caminhou até ao trono. Aquela sala era a mais ampla do palácio, com o teto coberto a folha de ouro. As paredes estavam adornadas por quadros a óleo e por cortinas verde-esmeralda que acrescentavam um suave toque de calor à câmara. Algumas horas antes, estivera repleta de emissários e de nobres de todos os cantos do país – assim como de bruxos de Ortha –, mas naquele momento estava vazia, com exceção das gémeas e dos guardas que as protegiam.

Wren afundou-se no assento de veludo e apertou a cana do nariz, tentando acalmar os seus conturbados pensamentos. Willem Rathborne podia estar morto, mas deixara-lhes um legado de problemas. O malvado conselheiro real passara dezoito anos a pregar o mesmo ódio que o Protetor do reino, morto há muito tempo, e envenenara o país contra os bruxos e bruxas. Wren e Rose teriam de fazer muito mais do que acenar da varanda durante umas horas para resolver tudo aquilo. E, até que o fizessem, as bruxas que tinham vindo de Ortha há apenas alguns dias teriam de permanecer em Anadawn, onde podiam ser protegidas daqueles que ainda lhes desejavam mal no reino.

Wren massajou as têmporas. Se a avó ali estivesse, saberia certamente como agir. Colocaria as mãos nos ombros de Wren e dar-lhe-ia força com algumas simples palavras. Como só ela sabia fazer.

– Estás a pensar na Banba, não estás? – De súbito, Rose estava diante dela, com a mesma expressão de preocupação. – Não admira que estejas tão

ansiosa. Já te disse que a vamos salvar.

– Quando? – indagou Wren, impaciente. – *Como?*

– Vou escrever uma carta estratégica ao rei Alarik. De monarca para monarca – explicou Rose com tanta segurança que a irmã se atreveu a acreditar que resultaria. – Imagino que as emoções continuem à flor da pele após a morte do pobre Ansel. – Rose estremeceu ao pronunciar o nome do príncipe, recordando sem dúvida a maneira desesperada como tentara salvá-lo, sem êxito. – Talvez um pouco de diplomacia e um pedido de desculpas com as palavras certas sirvam de alguma coisa. Tentarei perceber se ele está disposto a dar início a algum tipo de negociação para libertar a Banba. Assim que a multidão dispersar, eu irei logo às cavaliças.

– Vou contigo.

– Preferia que deixasses a diplomacia comigo. – Rose deu uma palmadinha na mão da irmã. – Podes ser rainha, mas ainda vai demorar até que aprendas o que significa ser da realeza.

Wren fulminou a irmã com o olhar.

– Isso quer dizer o quê?

– Que vejo o punhal que espreita do teu corpete e sei que tens outro preso no tornozelo – disse Rose, bem-humorada. – E esta é uma negociação delicada, querida irmã, a pena será *muito* mais poderosa do que a espada.

– Está bem. Mas se estiveres enganada e acontecer alguma coisa à Banba, eu atravessarei o coração gelado de Alarik Felsing com uma espada.

– Oh, Wren, eu nunca me engano. – Rose pegou nas saias e afastou-se com um sorriso confiante.



Aproximadamente uma hora mais tarde, depois de redigir a carta ao rei Alarik, Rose percorria os corredores do palácio com a cabeça bem levantada. Fazia acenos de cabeça e sorria aos criados e aos soldados com quem se cruzava e fingia que tudo corria conforme o planeado e que o seu reinado não começara da pior maneira.

De volta à sala do trono, fez uma expressão corajosa pelo bem de Wren, cujo temperamento tremeluzia sempre dentro dela, pronto a explodir em chamas. Contudo, à medida que o dia terminava, Rose sentia a língua fria do medo a lambê-la os pés e sabia que, se o permitisse, iria acabar por devorá-la. Assim, esforçava-se por pontapear esse receio para longe. Como sempre fizera.

Agora que a multidão dispersara, ela precisava de um momento para se recompor. Começava a sentir que as paredes de Anadawn se fechavam sobre ela, e que, se não saísse do palácio naquele momento, ficaria lá fechada para sempre.

Empurrou a porta que levava ao pátio, mas esta recusou-se a abrir. Rose mordeu a língua para se impedir de gritar de frustração. Estremeceu ao tentar empurrá-la com o ombro. Depois de um empurrão mais vigoroso, saiu para o ar fresco da tarde.

Rose dirigiu-se para o jardim e a doçura familiar das suas rosas foi o suficiente para a acalmar. Estavam no seu máximo esplendor, como se cada uma tentasse destacar-se das restantes. Demorou-se junto a um pé de rosas amarelas e fechou os olhos para inalar o seu perfume.

– Que flores tão sortudas – disse uma voz atrás dela. – Quem me dera que sorrisse assim para mim.

Rose deu um grito, desequilibrou-se e por pouco não caiu sobre os espinhos.

Mãos fortes seguraram-na pela cintura.

– Cuidado, majestade.

Durante um agradável momento, Rose permitiu a si própria encostar-se a Shen Lo e apoiou a cabeça no peito dele, inalando o seu odor tal como fizera com as rosas. Depois pensou melhor e afastou-se.

– Não devias surpreender assim as pessoas – reclamou.

– E tu não devias fechar os olhos ao que te rodeia quando estás aqui sozinha – retorquiu Shen. – Não foi isso que te ensinei, majestade.

– Talvez precise de mais aulas – disse Rose com falsa timidez. – De qualquer maneira, estou no meu jardim. É onde estou mais segura.

– Bom, agora estás. – Shen meteu as mãos nos bolsos, onde Rose presumiu que teria pelo menos três punhais, e mostrou-lhe um sorriso que lhe deixou os joelhos a tremer. Era difícil esquecer que tinham partilhado ali o seu primeiro beijo.

E, no dia seguinte, Shen beijara-a novamente, no calor da batalha na Cripta do Protetor, embora desde então não tivessem voltado a falar do assunto. Tinham construído um muro em volta dessa manhã, fingindo ambos que Rose por pouco não casara com o príncipe Ansel, que o punhal que Willem Rathborne lançara a Wren não se cravara no coração do príncipe e que este não se esvaíra em sangue nos braços de Rose. Às vezes perguntava-se se não teria imaginado esse beijo ousado. Desde então, ela tinha-se certamente permitido a imaginar muitos outros beijos...

O sorriso de Shen desvaneceu-se.

– Estás bem? Os gritos entre a multidão esta manhã...

– Estou ótima – garantiu Rose, uma mentira com um sabor amargo. Virou as costas à tentação e adentrou-se no jardim. Era melhor olhar para as rosas do que para os olhos de Shen. Afinal, fora para ali para se recompor e não para derreter nos braços dele. O jovem acompanhou-a. – E o que fazes ainda aqui fora?

– Estava a pensar em preparar-te um ramo. Dá azar oferecer a uma rainha as suas próprias flores no dia da sua coroação?

– Sim. – Rose deixou escapar uma gargalhada enquanto o mirava. – Porque é que tenho a sensação de que não me estás a contar toda a verdade?

– Está bem, talvez estivesse a percorrer as muralhas. A observar todas as caras na multidão para ver quem lançou os tomates podres. Gosto de saber quem são os meus inimigos.

– Shen, a sério, foram apenas dois tomates.

– É assim que começa – lembrou ele num tom sombrio. – A dissensão é perigosa. Um manifestante hoje pode ser um rebelde amanhã.

– Ainda não passou tempo suficiente – argumentou Rose, tanto para si

como para Shen. – A Wren e eu acabaremos por conquistá-los.

Shen suspirou e desviou-lhe um caracol de cabelo dos olhos, colocando-o atrás da orelha.

– És boa nisso – murmurou.

Rose sorriu.

– Eu sei.

– Não consigo evitar...

– Ficares preocupado?

Piscou-lhe o olho.

– Não estou habituado a isso, Rose. Não combina comigo.

– Nem comigo. – Pegou-lhe na mão. – Podemos esquecer as preocupações e apreciar o momento presente?

– É tudo o que quero. – Com delicadeza, Shen puxou-a para ele. Estavam tão próximos que Rose conseguia ver os tons de castanho dos seus olhos escuros e o sinal que tinha por cima da sobrancelha e no qual nunca reparara. – Desfrutar disto.

Rose mordeu o lábio. De repente, sentiu-se perigosamente atordoada.

– Ainda é de dia – lembrou ela, um pouco ofegante. – Se nos veem juntos...

– Irão pensar... que gostamos um do outro. – Baixou o queixo. – Isso é assim tão mau, Rose?

– Sim – sussurrou, embora não se lembrasse porquê. Todos os pensamentos lógicos tinham abandonado a sua cabeça até não sentir mais nada além de desejo a pulsar entre eles. Depois, Shen rodeou-lhe a cintura com os braços, a sua respiração quente sobre a bochecha e os lábios quase a tocar nos dela...

O sino na torre do relógio repicou e Rose sobressaltou-se. O mundo voltou a ser uma realidade e, com ele, o peso das suas responsabilidades. Céus, ela agora era uma rainha, não uma princesa apaixonada e desamparada no deserto. E fizera uma promessa a Wren.

– Tenho de ir visitar as cavaliças, lamento. É urgente.

Shen deixou cair os ombros.

– Então, continuarei a patrulhar.

– Temos centenas de soldados em Anadawn – lembrou-lhe Rose. – Podes descansar, sabias?

Ele cerrou os punhos.

– Não até ter perseguido e destruído todos os tomates deste reino.

Riram às gargalhadas. Rose entrelaçou o braço no de Shen para que este a acompanhasse às cavaliças, fazendo ambos de conta que os problemas do passado ficavam para trás e que apenas o futuro os esperava.

Estimado rei Alarik,

Gostaria de lhe transmitir as minhas mais

profundas condolências pela lamentável morte do vosso irmão, o príncipe Ansel, que era um amigo muito querido tanto da minha irmã como meu, assim como do nosso país. Como deveis certamente saber, no meio da confusão, um dos vossos soldados (de certeza que por engano) capturou a nossa avó Banba e sentimos muito a falta dela aqui em Anadawn. Talvez possamos negociar os termos do seu iminente regresso? Apesar de tudo o que se passou entre os nossos grandiosos países, creio que vivemos num mundo em que Eana e Gevra podem voltar a ser aliados. Espero que estejais de acordo.

Atenciosamente,

Vossa majestade, rainha Rose Valhart de Eana



Treze dias após a coroação das gémeas, que vira rosas e fruta podre serem arremessadas por cima dos portões dourados, Wren encontrava-se uma vez mais na sala do trono, envergando um elegante vestido de cor violeta bordado com fio de ouro e a coroa novamente cravada no couro cabeludo.

– Tens as costas arqueadas – comentou Rose, que permanecera sentada e direita como uma régua durante toda a manhã e ainda assim possuía a compostura de uma rainha num quadro a óleo.

– Estou a tentar dormir uma discreta sesta – explicou Wren, sem se dar ao trabalho de ocultar um bocejo. Dormira mal. Imagens da avó, débil e em sofrimento, sozinha em Gevra, tinham tomado conta dos seus sonhos. Em Ortha, Banba passara anos a ensinar Wren a ser corajosa diante do perigo, a ser inteligente e expedita, mas nunca a ensinara a enfrentar o mundo sem a avó ao seu lado. Aquele era um tipo de medo que Wren não era capaz de superar. Atormentava-a mesmo enquanto dormia.

Rose beliscou-lhe a mão, acordando-a.

– Au! Não magoes a rainha – resmungou Wren.

– Então, começa a portar-te como tal – argumentou Rose. – Hoje é um dia importante.

Nas últimas duas semanas, Wren aprendera que todos os dias de uma rainha eram importantes. Principalmente, os da rainha de um novo mundo que acabava de dar as boas-vindas às bruxas e bruxos e que os considerava não só como iguais, mas também fundamentais à prosperidade do reino. Havia muito para fazer, e não era fácil desenlaçar a antiga tapeçaria de Eana dos fios de

oposição aos bruxos que a tinham moldado durante o legado do Grande Protetor. Embora Willem Rathborne, o conselheiro real, estivesse morto, continuava ainda a projetar a sua comprida sombra sobre Anadawn. Havia centenas de leis para anular, tratados para avaliar, territórios para repovoar, novos decretos para assinar, proclamações para fazer, governantes para designar... e governantes para destituir.

Eana era novamente o lar das bruxas. Não. Eana *pertencia* às bruxas, porém, a maioria tinha ainda de se refugiar no palácio de Anadawn. Era tarefa de Wren e de Rose recuperar a antiga glória do reino sem o banho de sangue e o conflito que o tinham destruído, para que os da sua espécie pudessem aventurar-se a sair para lá dos portões dourados e a refazer a sua vida no canto do país que mais desejassem. Era uma tarefa árdua. Um trabalho *difícil*.

Como parte da tradição semanal fundada séculos antes pelo rei Thormund Valhart, e depois reforçada por Chapman, o nervoso administrador do palácio, as rainhas gémeas estavam a realizar o seu primeiro Chamamento do Reino. Um dia inteiro dedicado a receber os súbditos (e a ouvir as suas queixas) de toda Eana.

As novas rainhas já tinham testemunhado uma enfadonha disputa de terras entre agricultores rivais de Errinwilde; aprovado o envio de seiscentos barris de grão para a cidade em expansão de Norbrook e tinham nomeado pelo menos catorze novos governadores para liderar as diferentes províncias de Eana. Também tinham recebido convites formais para os banquetes de quase todas as famílias nobres do reino e tinham até lido uma missiva de Caro, um país vizinho, cuja rainha, Eliziana, lhes enviava as maiores felicidades, juntamente com três caixas de vinho e uma bonita oliveira, que naquele momento crescia de forma orgulhosa na varanda da sala do trono.

Ainda assim, apesar dos generosos presentes recebidos, o único monarca do qual Wren desejava receber notícias permanecia num silêncio exasperante. Apesar da diplomática carta que Rose enviara ao rei Alarik – seguida de outras três –, o gevrânês ainda não respondera. Tanto quanto Wren sabia, Banba já podia estar morta. A sua vontade era correr até Gevra e despedaçar o malvado rei com as suas próprias mãos.

– Está quase na hora do almoço – disse Rose, para a animar. – Pedi a Cam que preparasse novamente o seu delicioso estufado de novilho. É o teu preferido.

Wren olhou para as unhas.

– Desde que haja vinho...

Gritos e vivas provenientes do pátio chegaram aos seus ouvidos, o trinado familiar das gargalhadas de Rowena alcançou-as através da janela aberta. Durante as últimas duas semanas, as bruxas e bruxos de Ortha tinham-se instalado no palácio de Anadawn, para grande mortificação dos criados e de muitos dos guardas. Wren viu de relance a magia tempestuosa da sua amiga quando o vestido de baile preferido de Rose flutuou pela varanda como se fosse um fantasma. Wren soltou uma gargalhada e a irmã lançou-lhe um

olhar de reprovação.

– Pela milésima vez, Wren, podes dizer à Rowena que pare de tratar Anadawn como se fosse o seu parque de diversões pessoal? E o que faz ela no meu armário? Ela nem sequer devia entrar no meu quarto!

Thea, a esposa de Banba, que assistia ao Chamamento do Reino no seu novo papel como conselheira real, suspirou.

– Pedi à Rowena e à Bryony que fossem apanhar maçãs ao pomar. Pensei que, se encontrassem uma maneira de usar a sua magia por aqui, isso ajudá-las-ia a adaptar-se.

O vestido fantasmagórico começou a rodopiar quando o vento soprou mais forte.

– Não creio que elas estejam interessadas em encaixar-se aqui – comentou Wren, que também desejava desesperadamente estar lá fora a fazer rodas. – Quantas pessoas ainda temos de ver antes do almoço?

Rose olhou para Chapman. O bigode perfeito do administrador agitou-se ao olhar para o seu interminável pergaminho.

– Doze pessoas. Espere, não. Treze. A família Morwell pediu uma audiência à última hora. Querem falar de um problema com o ferrador. Suspeitam que ande a roubar ferraduras.

Wren fechou os olhos.

– Rose. Começo a perder a vontade de viver.

– Tentai recuperá-la – pediu Chapman num tom mordaz. – Há muito que eles são aliados do trono e uma família muito influente aqui em Eshlinn.

– Archer Morwell – disse Wren, lembrando-se subitamente do nome. Abriu os olhos. – Creio que a Celeste conhece um dos seus filhos. E muito bem, se não me engano. Parece que tem uns ombros *muito* impressionantes.

– Wren! – ciciou Rose. – Isso não é conversa que se tenha na sala do trono!

– Oh, tem calma. Ninguém quer saber. – Wren apontou para os dez soldados de aspeto entediado que as rodeavam. O capitão Davers, um guarda real com uma expressão severa, guardava a porta, mantendo também um olhar atento aos trâmites. Além deles, só ali estava Thea, que se esforçava por reprimir uma gargalhada ao ficar a saber dos interesses amorosos da melhor amiga de Rose.

Chapman tossicou, incomodado.

– Prossigamos. – Consultou o pergaminho. – Capitão Davers, mande entrar o mensageiro de Gallanth, se fizer o favor. – Pouco depois, as portas da sala do trono abriram-se e entrou um jovem com o cabelo desgrenhado e uma barbicha rala que fez uma vénia.

– Majestades – disse, limpando as mãos às calças. – Eu... hum... bom, em primeiro lugar, parabéns por, bem, serem duas, acho, e... hum, bom, nós na cidade de Gallanth sentimo-nos muito honrados...

– Por favor, vá direto ao assunto – ordenou Wren.

Rose deu-lhe uma palmada na mão.

– Desculpe – apressou-se Wren a dizer. – Queria apenas dizer que pode saltar a parte dos cumprimentos.

Rose mostrou um sorriso beatífico ao mensageiro.

– Embora apreciemos os vossos desejos. Muito obrigada.

– O que se passa em Gallanth? – perguntou Wren, imaginando-se na cidade do sol poente que se estendia a oeste do deserto, com uma imponente torre do relógio que se erguia sobre as muralhas de arenito.

– Não se trata de Gallanth. – O rapaz desviou o cabelo dos olhos. – É o deserto. Está a mover-se.

– O deserto está sempre a mover-se – disse Wren. – É por isso que lhe chamamos Areias Agitadas.

– Mas não estão *só* agitadas – prosseguiu o rapaz – Parecem mais... hum, zangadas?

As gémeas entreolharam-se.

– *Zangadas?* – repetiram em coro.

– É a areia... começou a ultrapassar as nossas muralhas – continuou o rapaz. – De vez em quando, surge como se fosse uma onda e inunda a nossa cidade. Metade da rota comercial de Kerrcal está enterrada.

– Céus! – Rose encostou a mão ao peito. – Há feridos?

– Perdemos camelos. Também levou a melhor mula do meu pai. E engoliu as cabanas junto à fronteira.

Wren olhou para Thea. A curandeira mostrava uma expressão sombria que não era nada habitual nela.

– Que estranho – murmurou. – O deserto sempre manteve o seu próprio ritmo, mas nunca invadiu a estrada de Kerrcal. Nem ameaçou os povos fronteiriços.

– Temos de enviar alguém para investigar – propôs Rose.

Chapman franziu o sobrolho.

– O deserto de Ganyeve está para lá do alcance de Anadawn. É impossível lá sobreviver.

– Há quem seja capaz – contrapôs Rose, e Wren sabia que ela estava a pensar em Shen, que se encontrava por perto. Quiçá a beber vinho na cozinha na companhia de Cam e de Celeste, ou talvez a treinar Tilda, a mais jovem das bruxas guerreiras, algures no pátio. Fosse como fosse, teriam de o informar quanto antes. Afinal, Shen nascera no deserto e conhecia as correntes da areia melhor que ninguém. Se havia algo de estranho no Ganyeve, ele iria querer saber. – E, entretanto – continuou Rose –, vamos enviar o maior número de soldados possível para Gallanth. Vão precisar de reforçar as muralhas da cidade e de erguer novas habitações, e quanto mais longe da fronteira, melhor. – Fez um aceno de cabeça ao capitão Davers. – Certifique-se de que os soldados também passam pela cidade de Dearn. Também fazem parte da rota comercial do deserto e, se a memória não me falha, as suas muralhas são ainda mais baixas. Logo, o risco é maior.

Davers fez um aceno de cabeça.

– Vou tratar imediatamente do que me pede, rainha Rose.

– Sábia como sempre – elogiou Chapman.

Não era a primeira vez naquele dia que Wren se sentia lamentavelmente como um peixe fora de água. Estava grata por ter ali a irmã, que não só nascera para governar, como se preparara para isso e dedicara a vida a esse dever. Já Wren dedicara-a a Banba. A avó preparara-a para aquele reinado durante os últimos dezoito anos. Wren só planeara até ao dia da coroação. Sempre esperara que Banba estivesse ali nesse momento, e em todos os que viriam depois, para que lhe pusesse a mão no ombro e a guiasse. Em Ortha, falavam disso quase todas as manhãs quando passeavam pelas falésias, enquanto tratavam da horta. E às vezes também à noite, quando as fogueiras da praia ardiam, débeis, e parecia que os seus sonhos dançavam no fumo.

Governaremos o mundo juntas, passarinho, era o que Banba lhe prometia. *Faremos com que o nosso povo possa finalmente regressar a casa para que a grande bruxa Eana nos sorria lá do céu.*

Quanto mais tempo passava sem a avó, mais culpada se sentia. O sentimento carcomia-lhe o coração e sussurrava-lhe ao ouvido na quietude da noite. Se o rei Alarik tardasse a responder à carta da irmã, teria de se envolver pessoalmente no assunto, esquecer a pena e usar a espada. Banba faria o mesmo por ela.

Não existe nenhuma arma, por mais afiada, capaz de nos separar, passarinho. Nem nenhum mundo cruel o suficiente que nos afaste do nosso destino.

O rapaz de Gallanth saiu e, logo de seguida, entrou outro mensageiro. E outro depois desse, e outro, e outro. Até que, por fim, se fez silêncio.

– Ah! – exclamou Rose, sorrindo para o ornamentado relógio de pêndulo. – Acho que está na hora do almoço.

– E que tal um almoço de trabalho? – sugeriu Chapman, que, para grande consternação de Wren, desenrolou mais um pergaminho. – Pensei que seria prudente planejar a próxima digressão real.

– Não pode esperar? – perguntou Wren, que já se dirigia para a porta.

Rose corou quando o seu estômago roncou.

– Estou demasiado esfaimada para *pensar* na digressão real, Chapman.

O administrador abriu a boca para protestar quando as portas se abriram e entrou um soldado com um ar aflito. Dirigiu-se de imediato ao capitão Davers e falaram ambos em voz baixa e num tom urgente até que Rose os interrompeu, pedindo-lhes que se dirigissem a todos os que ali estavam, sobretudo às rainhas.

– Há um protesto em Eshlinn – explicou o soldado. – Pegaram fogo a um moinho. – Olhou para Davers. – Correm rumores de que foi organizado por Barron. Ouviram-no falar disso ontem no Howling Wolf.

Rose franziu a testa.

– Que tipo de protesto?

O soldado engoliu em seco.

– Contra a coroa.

– Quer dizer um protesto contra as bruxas – concluiu Wren.

O soldado olhou de uma rainha para a outra e, em seguida, para Thea. Wren ficou com a sensação de que ele se sentia incomodado, não por causa do protesto em Eshlinn, mas pela presença das bruxas, que toda a vida fora ensinado a temer.

Cobarde, cogitou ela com agressividade.

– Bom – disse o capitão Davers, metendo-se na conversa. – Atualmente, é tudo o mesmo, não? É normal esperar que haja pessoas em Eshlinn, e por toda Eana, que desejem permanecer leais às *antigas* ideias.

– Quer dizer a odiar e a ferir bruxos e bruxas indefesos? – indagou Wren.

O capitão Davers elevou o queixo enfrentando o olhar desafiador da rainha.

– A bruxaria é uma arma tão poderosa como qualquer outra. Essa é a verdade.

– Uma verdade inútil – argumentou Wren, decidindo naquele momento que também não gostava dele.

– Já chega – ordenou Rose, impaciente. – Quem é esse Barron, e o que deseja exatamente?

– Trata-se de Sir Edgar Barron – explicou Chapman, com o sobrolho franzido. – Talvez se recorde dele, era o governador de Eshlinn, nomeado pelo conselheiro real há uns anos. Além disso, treinou sob as ordens do capitão Davers, na Guarda Real, antes de ser promovido. A sua missão era manter-se atento a todos os indícios de... bom, bruxaria. Digamos que era, bem, *muito* dedicado ao seu trabalho.

– E depois despedimo-lo – acrescentou Wren, recordando o nome por entre os muitos outros que tinham tido o mesmo destino no dia após a coroação. – Pouco depois de matarmos o Rathborne, o seu benfeitor.

O capitão Davers ficou tenso.

– Em poucas palavras, sim.

Rose cruzou os braços diante do peito.

– Porque é que estes homens nunca conseguem afastar-se em silêncio? Quero dizer, a sério, não podem dedicar-se à manufatura de velas ou à carpintaria? Há muitas maneiras honrosas de ganhar a vida, que não incluem matar pessoas inocentes.

Wren preparava-se para salientar a ironia de tal afirmação ao capitão Davers, um homem que no passado apoiara uma guerra contra as bruxas, mas foi surpreendida por um ruído alto vindo do exterior.

– Ai, é a Rowena – gemeu Thea, levantando-se. – Vou acalmá-la.

A velha bruxa mal tinha dado um passo quando se escutou um grito. Wren levantou-se do trono mesmo a tempo de ver uma flecha flamejante elevar-se por cima dos portões e aterrar no pátio, soltando uma nuvem de fumo. Correu até à janela.

– O que se passa? – perguntou Rose com uma voz estridente quando mais duas flechas flamejantes seguiram a mesma trajetória. Wren apercebeu-se que havia uma multidão enfurecida do outro lado dos portões.

– Céus! – exclamou Thea. – Eu diria que isto é mais do que um protesto.

– Capitão Davers! – chamou Rose. – O que ainda faz aqui? Prenda aqueles criminosos antes que uma das suas flechas atinja alguém no meu pátio!

– De imediato, rainha Rose. – O capitão girou nos calcanhares e gritou ordens aos seus soldados enquanto abandonava a sala do trono.

Wren percorreu o pátio com o olhar. As bruxas tinham-se retirado para dentro, mas viu que Shen corria na direção do tumulto, em vez de se afastar. Já estava a escalar o muro exterior e corria ao longo da muralha. Tinha a cabeça baixa e o olhar fixo no grupo reunido lá em baixo. Cada flecha que lançavam era acompanhada por gritos de raiva.

Outra flecha ardente passou por cima do portão, essa mais alta e mais brilhante do que a anterior. O ar começava a ficar cinzento e nebuloso quando Davers e os seus soldados saíram do palácio com as espadas desembainhadas.

A multidão começou a dispersar, mas não sem antes aparecer mais uma flecha. Essa cruzou o pátio e atingiu a janela da varanda. Wren gritou, furiosa, quando explodiu numa chuva de fagulhas que incendiaram a oliveira. O fumo entrou na sala pela janela aberta, fazendo-a tossir.

– Para trás! – Thea afastou-a do vidro e ofereceu-lhe um pouco de magia curativa para acalmar o espasmo nos pulmões. – Mantém a cabeça fria, Wren.

A jovem expeliu o ar pelo nariz, tentando controlar a ira.

– CHAPMAN! – gritou Rose enquanto atravessava a sala do trono. – Conhece esse Edgar Barron?

Com os olhos arregalados, o administrador desviou a atenção da janela.

– Sim, sim, claro – respondeu, ofegante. – Ou melhor, conhecia.

– Ótimo. Quero que o traga à nossa presença – ordenou. – Imediatamente.



Rose sentou-se perto da janela da sala de estar do palácio de Anadawn e recordou-se de que era a rainha e que o seu povo a adorava, que era uma governante capaz, que tudo iria correr bem – melhor que bem, ia tudo correr às mil maravilhas. Tinha uma visão para o futuro do reino, um mundo onde os bruxos e as pessoas sem magia viveriam lado a lado, em harmonia, e não ia permitir que um homem como Edgar Barron – ou qualquer outro homem – se atravessasse no seu caminho.

Mas uma rainha não devia ter as mãos suadas, sussurrou uma voz na sua cabeça. *Ou o coração acelerado. Ou o estômago embrulhado.*

Plim! Um fã sustenido interrompeu-lhe a ansiedade. Olhou por cima do ombro. Wren passeava os dedos pelo piano, criando uma melodia sem lógica.

– Esta coisa estúpida está desafinada.

– Tu é que estás desafinada – argumentou Rose. – Devias aprender a tocar.

Shen, que estava de pé junto à porta, tentando imitar um soldado oficial do palácio, soltou uma gargalhada. Um caracol de cabelo tinha-se escapado da tira de couro e via-se um corte recente na bochecha resultante da perseguição aos revoltosos três dias antes, mas, além disso, parecia estar bem. *Mais do que bem*. Estava irritantemente irresistível.

– Se alguma vez tentares ensinar alguma coisa à Wren, perceberás que ela não gosta lá muito de seguir instruções. Nem o ritmo.

Wren mostrou-lhe a língua.

– Estás despedido.

– Não trabalho para ti. – Shen deve ter sentido que Rose o fitava, porque procurou o olhar dela e não desviou o seu. A intensidade desse olhar acelerou a pulsação da jovem. Rose baixou a cabeça e compôs a manga enquanto Shen abandonava o seu posto e atravessava a sala. O coração dela ameaçou parar de bater quando ele se encostou ao parapeito da janela e o calor do seu corpo lhe atenuou o tremor nos ossos. Shen mostrou-lhe um sorriso relaxado, mas havia preocupação no seu olhar. – Só estou aqui para me certificar de que as coisas não correm mal.

Rose lutou contra a necessidade de lhe alcançar a mão. Não seria apropriado fazê-lo ali, onde os guardas os observavam dos seus postos e os criados entravam e saíam, preparando a mesa para o chá. Assim, afastou-se dele como se virasse as costas ao sol e contemplou os jardins.

Aquele era um jogo que Rose se via obrigada a jogar cada vez mais. Até que horas podia ficar acordada a conversar baixinho com Shen na biblioteca, a roubar beijos entre as estantes? Quantas vezes se permitiria tocar nele ao de leve no corredor para sentir o calor fugaz da pele dele contra a sua? O que podia acontecer entre eles agora que ela era rainha e ele continuava a ser o mesmo bruxo guerreiro que sempre fora? Sempre que contemplava o sorriso dele durante demasiado tempo ou se perdia nos seus olhos cor de cobre fundido, sentia a necessidade de distanciar-se. Afinal, tinha um reino para reconstruir, um palácio para governar, uma avó para salvar. Apesar disso, a sua mente não deixava de reproduzir cada um desses beijos demorados, o que por vezes a deixava atordoada.

– Estou aqui – lembrou Wren em voz alta. – Por favor, parem de salivar um pelo outro.

– Nem sequer nos tocámos – contrapôs Rose num tom afetado.

– Não posso evitá-lo – replicou Shen ao mesmo tempo que ela, e o sorriso que lhe mostrou fê-la sentir borboletas no estômago.

– *Argh*. – Wren voltou a martelar nas teclas.

Bateram à porta e Chapman entrou.

– O Barron acaba de chegar.

Wren afastou-se do piano.

– Mande entrar esse rato traidor.

– Não utilizes esse linguajar, por favor – pediu a Rose, afastando-se da janela. Dirigiu-se para o sofá e, pelo caminho, permitiu que a sua mão roçasse na de Shen, apreciando a distração que o toque lhe ofereceu.

Shen moveu o pulso ao voltar ao seu lugar junto à porta e Rose viu o brilho prateado de um dos punhais deslizar até à mão. Sem querer, sorriu. Num palácio repleto de soldados, sentia-se mais segura quando Shen Lo estava na sala. Afinal, ele era um bruxo guerreiro experiente, o lutador mais habilidoso que ela alguma vez encontrara e sabia, no mais fundo do seu ser, que ele faria tudo ao seu alcance para a proteger e à sua irmã. Embora Rose fosse mais do que capaz de tomar conta de si própria, não deixava de ser agradável saber que Shen estava ali.

Rose sentou-se no sofá e alisou as saias. Wren encostou-se ao braço do sofá como se estivesse pronta para atacar.

– O Barron será minuciosamente revistado – disse Rose, sentindo-se obrigada a recordá-lo à sua irmã gémea. – Ele não se atreveria a tentar nada aqui.

– Ah, sim? – perguntou Wren, com sarcasmo. – Então devo ter imaginado todas aquelas flechas em chamas que foram disparadas contra o palácio.

– O mais provável é que só o tenham feito para chamar a nossa atenção – argumentou Rose.

– Diz isso à nossa oliveira.

Chapman regressou pouco depois com Edgar Barron e o capitão Davers. O outrora elogiado governador de Eshlinn entrou na sala com uma exasperante tranquilidade, e a sua presença encheu o espaço como uma nuvem de tempestade. Era mais alto do que Rose antecipara, ágil e com os ombros estreitos, tinha o cabelo castanho muito bem penteado, a pele pálida e uns olhos azuis-escuros com os quais observou as gémeas.

– Majestades – disse com um tom de escárnio. – Estalaram os dedos e aqui estou eu. – Esboçou um sorriso que continha demasiados dentes pequenos e quadrados. – Como se fosse magia, não é verdade?

Claro que não tinha sido assim tão fácil levar Barron ao palácio. O capitão Davers e os seus soldados tinham passado dois dias à procura dele e mais meio dia a tentar convencê-lo a sentar-se diante das duas novas rainhas, com a garantia de que não iam prendê-lo pela sua participação no ataque ao palácio (embora não pudesse ser provada).

Rose apontou para o cadeirão à frente dela.

– Sente-se, por favor.

Barron empurrou para trás as abas do longo casaco preto antes de o fazer. Com um relutante apreço, Rose notou o corte perfeito do casaco e a camisa de um branco impecável que ele vestia por baixo. Barron era dono de uma surpreendente elegância. Era menos brutamontes do que ela esperara; era refinado, vestia-se bem e tinha uma voz suave, o que, claro, o tornava ainda mais perigoso.

O homem fitou-as.

– Qual de vós é a bruxa curandeira?

– Porquê? – inquiriu Wren. – Está a planear um ataque?

Barron enrugou os lábios.

– Ouvi dizer que é a mais razoável das duas.

Rose desviou o olhar para o capitão Davers, que estava de pé junto à janela com uma expressão impassível. Shen aproximara-se do piano e não escondia o seu interesse na conversa.

– Hoje seremos as duas muito razoáveis, desde que o seja também – retorquiu Rose. Apontou para um bule de chá de menta e para um pires com *macarons* que Cam preparara naquela manhã. – Aceita uma chávena de chá?

E talvez um *macaron*?

– É melhor não.

– Cobarde – murmurou Wren.

Rose lançou à irmã um olhar de advertência que não passou despercebido a Barron. Ele recostou-se na cadeira e passou uma perna por cima da outra. As suas botas de couro estavam impecáveis e as fivelas douradas brilhavam com a luz vespertina. *Aquele era o tipo de homem que não sujava as mãos*, pensou Rose. *Não era de admirar que não o tivessem visto no meio da multidão no dia do protesto.*

– Sir Barron – começou ela, tentando ser o mais cortês possível. – Estamos muito preocupadas com as recentes revoltas em Eshlinn. Temos razões para acreditar que *o senhor* está por trás deste descontentamento.

– Confundem as minhas intenções. – Barron tirou um *macaron* da mesa e arrancou-lhe a parte superior. – Durante muito anos, dediquei-me à manutenção da paz. Era uma tarefa solene, vigiar Eshlinn à procura de qualquer... atividade *adversa*.

– Refere-se à bruxaria – interveio Wren.

– E agora, bom... haverá alguma coisa mais adversa que as circunstâncias atuais? – continuou desfazendo o *macaron* com os dedos. – O conselheiro real foi assassinado, o nosso reino ficou feito em pedaços e o trono dividido entre duas bruxas.

– Eana continua a prosperar – argumentou Wren. – Apesar dos *seus* esforços para o dividir.

– Eana está a sofrer. – Barron esmagou uma das metades do *macaron*, deixando que o pó verde-claro caísse e manchasse o tapete. – Eliminaram as leis do nosso Grande Protetor, entregaram a sua terra às bruxas e aos seus costumes sórdidos. Esclareçam-me, majestades, como pode um reino respeitar aquilo que mais teme?

– Não há nada a temer – contrapôs Rose, esforçando-se por manter a calma.

Barron esmigalhou a outra metade do *macaron*.

– Isso não é decisão vossa.

– Pare de estragar os nossos *macarons* – disse Wren. – Ou obrigá-lo-ei a limpar o tapete com a língua.

Barron sacudiu as mãos e depois limpou-as a uma almofada de veludo.

– Presumo que me tenham chamado por alguma razão.

Rose irritou-se com aquele tom de voz altivo.

– A minha irmã e eu queremos que deixe de espalhar mentiras e ódio e, com isso, de virar o nosso povo contra nós. Exigimos uma oportunidade justa para governar este reino, uma vez que nos pertence por direito de nascimento.

– A que preço? – indagou Barron.

– A sua prisão imediata – respondeu Wren.

Barron teve o atrevimento de zombar.

– O capitão Davers garantiu-me que sairia daqui incólume.

– Isso foi antes de sabermos como era horivelmente exasperante – atirou Wren. – Não voltaremos a avisá-lo, Barron. Acabaram-se os protestos. Acabaram-se as flechas. Acabaram-se as reuniões com traidores. Estamos de olho em si.

Os olhos Barron tremeluziram. Ele parecia estar a divertir-se. Rose teve de beliscar as costas da mão para se impedir de lhe atirar uma chávena à cara.

– Tenho a certeza de que saberão *ambas* que duas rainhas bruxas *nunca* terão todo o apoio do reino. Não até provarem que não se consideram superiores a nós. Não até que um de nós se sente ao vosso lado.

Rose enrugou a testa.

– E isso significa exatamente o quê?

Barron mostrou-lhe um sorriso de orelha a orelha que era tudo menos caloroso.

– Significa que deviam ceder o trono ao vosso lado a alguém que o vosso povo conheça e confie.

– Deixe-me adivinhar – interrompeu Wren. – A alguém como *vós*.

Barron continuava a olhar para Rose e a jovem sentiu uma picada no fundo da garganta.

– Ainda não escolheu um marido, rainha Rose.

Escutou-se um palavrão mal ocultado oriundo de algures junto ao piano. O espanto e a repulsa percorreram as entranhas de Rose.

– Não pode estar a referir-se a si próprio – declarou ela, indignada. – Tem o dobro da minha idade!

– E, mais importante do que isso, é um cretino arrogante e desprovido de charme – comentou Wren, com a mesma aversão. – Porque haveria a Rose de casar com o homem que deseja a nossa destruição?

– Para não ter de enfrentar essa dita destruição – retorquiu Barron.

– Isso soa demasiado a uma ameaça – alertou Shen, aparecendo de súbito ao lado de Rose. – Aconselho-o a retirá-la. *Imediatamente*.

O capitão Davers foi posicionar-se entre os dois homens.

– Afaste-se, Shen Lo – ordenou. – Estamos no palácio de Anadawn, não nas praias sem lei de Ortha.

– Para sorte de Barron – afirmou Wren. – Caso contrário, já estaria a alimentar os peixes.

– Bom, foi uma tarde muito reveladora – declarou Barron, pondo-se de pé. – Porque não pensais na minha proposta durante uma semana?

– *Ou* – disse Shen, por entre dentes cerrados –, que tal se eu lha enfiar no...

– Já chega! – Rose bateu as palmas para tentar impor alguma ordem na sala e ergueu-se. – O capitão Davers irá acompanhá-lo até à porta, Sir Barron. A partir de agora os nossos soldados irão vigiá-lo mais regularmente. Como súbdito leal deste reino, espero que tenha em conta o nosso aviso e que se mantenha longe de problemas. – Elevou o queixo, encarando-o. – Tenho a certeza de que conhece a força do nosso exército. A minha irmã e eu

detestávamos que tivesse de a experimentar.

– E, caso ainda não tenha ficado claro, estamos a ameaçá-lo *explicitamente* – acrescentou Wren.

Barron teve a audácia de rir.

– As ameaças são como flechas, majestades. Qualquer pessoa pode dispará-las. Mas, se por trás de uma delas houver poder e interesse suficientes, pode abrir uma fenda em qualquer reino e perfurar o coração do seu trono.

Um segundo depois, Shen encostou-lhe um punhal ao pescoço.

– Essa eu não vou deixar passar.

– Para! – ordenou Rose. A última coisa de que precisavam era de manchar as mãos com o sangue de Barron. Tinham de ser simpáticas – ou, pelo menos, de o *parecer* – para conseguirem o que queriam. – Sir Barron é um homem inteligente. Tenho a certeza de que entende o que queremos dizer.

Lentamente, e com grande relutância, Shen soltou Barron. Este baixou o queixo, deu meia-volta sobre os calcanhares e saiu. O capitão Davers e os soldados acompanharam-no, fechando a porta.

– Ótimo – comentou Wren. – Assustaste-o.

Shen continuava a olhar para a porta.

– Devia ter-lhe cortado a língua.

– Por causa daquelas ameaças patéticas? – disse Rose, enquanto limpava as palmas suadas ao vestido. – A mim não me assustam.

Shen virou-se para ela.

– Não. Por tentar casar contigo.

– Ah. – Rose corou. – A sério, que proposta tão risível. Por que razão os homens mais odiosos são também sempre os mais ambiciosos?

– Bom, não é a pior ideia que já escutei – comentou Chapman, de quem Rose já se esquecera por completo.

A sugestão irritou a jovem rainha.

– Não pode estar a falar a sério.

Shen ficou imóvel. Rose quase sentia a fúria a borbulhar dentro dele.

Wren encarou Chapman.

– Este ano já estraguei um dos vestidos de casamento da Rose, Chapman. Não pense que não estragarei outro.

– Claro que não me referia ao próprio Barron – apressou-se Chapman a esclarecer. – Dizia apenas que a *ideia* de um casamento real estratégico não é a pior que ouvi em toda a minha vida.

– Porque o anterior correu muito bem – lembrou Wren num tom seco.

Chapman agitou a mão no ar como se tentasse afastar a terrível recordação do desastre que fora a boda com os gevranezes, e a lamentável morte do pobre príncipe Ansel.

– Um casamento arranjado é a maneira mais rápida de fazer uma aliança. Se algumas pessoas em Eana sentem relutância em confiar nas bruxas, acredito que um marido respeitável e de uma boa família seria uma ótima maneira de mitigar grande parte dessa desconfiança. – Ignorou a expressão

horrorizada de Wren e prosseguiu. – Claro que teria de ser alguém conhecido em Eana. Com uma reputação impecável. – Lançou um olhar expressivo a Shen. – Ou *qualquer* tipo de reputação. E, obviamente, *não* deve ser um bruxo.

– É óbvio que está a tentar irritar-me – murmurou Shen.

Rose torceu as mãos. Não conseguia encarar a ideia de outro casamento arranjado, porém, as últimas palavras de Barron tinham-na perturbado mais do que deixara entrever. Se não arranjassem maneira de o deter, o protesto seria a faísca de um movimento que podia retorcer-se e crescer até se transformar numa coisa verdadeiramente terrível.

Caminhou de um lado para o outro a pensar em todas as possibilidades, enquanto Wren e Shen discutiam com Chapman acerca da adequabilidade do jovem príncipe de Caro.

Foi então que Rose teve uma ideia.

– Oh, já sei! – exclamou. – E que tal presentes? Podemos enviar presentes da parte da Coroa para todas as casas de Eana! – Sim, isso podia resultar. Toda a gente gostava de presentes. – É a forma perfeita de lhes demonstrar que são súbditos valiosos e que são muito bem-vindos ao nosso novo e melhorado reino.

Wren fez uma careta.

– Queres subornar *todo o reino* para que goste de nós?

Rose já estava a dar voltas à cabeça.

– E que tal um elaborado cesto com frutas? Ah! Ou lenços! Afinal, o inverno está quase aí.

– Estou confuso – confessou Shen. – Estás a tentar cortejá-los?

– De certa forma... – retorquiu Rose, num tom defensivo. – Uma rainha está, primeiro do que tudo, casada com o seu país. Não faria sentido cortejá-los?

Shen pensou durante uns instantes.

– Desde que não cortejes o príncipe de Caro.

– Queremos apenas mostrar aos nossos súbditos que os estimamos. – Enquanto falava, o plano de Rose crescia na sua cabeça. – E antecipamos a digressão real! E também gostaria de a ampliar. Estabelecemos uma base de apoio nas cidades do Sul antes de Barron conseguir fazê-lo. – Ignorou a expressão de descontentamento da irmã enquanto a emoção lhe acelerava as palavras. – Pensa só, Wren. Podemos apertar as mãos ao nosso povo. Mostrar-lhes quem somos de verdade. Tu és uma encantadora, talvez possas fazer borboletas, ou pássaros! E eu posso usar a minha magia curativa em algum aldeão que precise! – Rose pensou noutros ramos da bruxaria. Embora mostrar o poder de uma tempestade pudesse ser um belo espetáculo, não podia confiar no bom comportamento de Rowena, mas talvez pudessem fazer uma espécie de demonstração com o talento guerreiro de Shen. Afinal, isso era um espetáculo por si só.

Rose pensou na sua melhor amiga. Celeste ainda estava a tentar lidar

com a possibilidade de ser uma vidente, embora ambas as raparigas tivessem crescido juntas em Anadawn sem sequer desconfiarem que eram bruxas. Rose sabia que não era justo envolver a sua melhor amiga naquele assunto, nem fazê-la desfilar pelas ruas de Eshlinn como se fosse um prêmio, oferecendo profecias sempre que as avestreladas se reunissem. E, em qualquer dos casos, quando se fala em videntes... bom, não era o seu caráter esquivo que os tornava tão especiais?

– Quando virem o que a nossa magia é capaz de fazer, saberão que podem confiar-nos o trono... e o seu futuro! – continuou Rose, ofegante. – Podemos escutar as suas necessidades, os seus medos e, mais do que isso, podemos prometer-lhes, olhos nos olhos, que faremos de Eana um país melhor para todos.

Wren cruzou os braços.

– E se nos lançarem flechas?

– A Wren tem razão – interrompeu Shen. – É demasiado perigoso antecipar a digressão. Tens de deixar as coisas acalmar.

– Que disparate. Se não fizermos nada, o ressentimento contra nós crescerá – insistiu Rose. – Um líder tem de *liderar*. Recuso-me a permitir que o Barron nos vença no tribunal da opinião pública. – Olhou de Wren para Shen. – Por isso, a menos que algum de vocês tenha alguma contribuição positiva, sugiro que deixem os planos...

– Eu tenho uma sugestão – interrompeu Wren. Rose sabia do que se tratava antes mesmo de ela o dizer em voz alta. O brilho determinado no olhar da irmã não deixava margem para dúvidas. – Fazemos uma digressão em Gevra, para resgatarmos a Banba. Ela saberá como lidar com o Barron e a sua pequena rebelião.

Rose franziu a testa.

– A Banba está do outro lado do mar Sombrio.

– Estou cansada de esperar, Rose. Está na hora de agirmos.

Rose hesitou. Tudo mudara em poucos dias. O perigo chegara aos portões do palácio de Anadawn e, se Barron estivesse mesmo a falar a sério, ainda teriam muito para enfrentar. De certeza que Wren não estava a sugerir que deviam mandar os soldados para Gevra e lançar um ataque quando tinham uma rebelião a ferver sob os seus narizes.

Wren soprou o ar.

– Não quero falar de cestas de frutas frívolas e de digressões reais estúpidas antes de pensarmos numa maneira de trazermos a nossa avó para casa.

– Os cestos de frutas *não são* frívolos – disse Rose, elevando a voz tal como a irmã fizera. – E a nossa digressão real também não. Não estás a pensar com clareza. Agora não é o momento de ir a Gevra.

– Também não me parece uma boa ideia – afirmou Shen. – Na verdade, nenhuma das duas deu ainda uma boa ideia.

Wren cruzou os braços.

– Estavas errada sobre o poder da pena, Rose. As tuas cartas não serviram de nada.

Rose afundou-se no braço do sofá. De súbito, sentia-se exausta.

– Então pensaremos noutra coisa. Prometo. Mas, por favor, não quero discutir contigo, Wren. Estamos do mesmo lado, já te esqueceste? – Rose estendeu a mão e ficou aliviada quando a irmã a aceitou. Odiava discutir com ela. Entre outras coisas, não era produtivo. – Aquele horrendo Barron deixou-me de mau humor. E se formos até à cozinha ver o que o Cam está a fazer para o jantar?

– Finalmente uma ideia com a qual estou de acordo – disse Shen.

Wren suspirou.

– Está bem. Mas isto não acabou.

– Não – disse Rose. – Tenho a sensação de que acabou de começar.



Nos dias que se seguiram, o rei Alarik manteve o silêncio exasperante. Tornou-se evidente que Rose esgotara todas as vias «diplomáticas» com as quais planeava trazer Banba para casa e, seguindo o conselho de Chapman, concentrara a sua atenção nos problemas internos. Todas as manhãs tomava o pequeno-almoço na biblioteca com o autoritário administrador e o capitão Davers, e os três analisavam de forma minuciosa os planos para a digressão real na qual Wren não tinha a menor intenção de participar.

Os seus pensamentos continuavam fixos em Gevra. De tal forma que, dois dias antes, Wren escapara até aos estábulos e enviara a sua própria carta ao rei Alarik.

Presta atenção, seu idiota arrogante e silencioso, se não me devolveres a minha avó, juro por esse urso idiota que veneras que navegarei até aí e farei com que te arrependas. Não me ponhas à prova. Sou uma bruxa, já te esqueceste?

Wren

A ausência de resposta não a surpreendeu. Agora Wren passava as manhãs na torre oeste de Anadawn, vasculhando por entre anos de poeira,

sujidade e móveis partidos. Era acima de tudo uma desculpa para estar sozinha enquanto pensava num plano secreto para salvar Banba, mas também tinha um outro propósito. Assim que fora decretado que as gémeas poderiam governar Eana juntas, Wren decidira transformar a torre oeste no seu quarto.

De modo a honrar a memória de Glenna, a vidente que estivera presa naquela torre durante dezoito anos, antes de ser assassinada por Willem Rathborne, Wren queria ser a única pessoa a inspecionar as coisas dela. Contudo, após vários dias no meio de roupas cheias de bolor, de gaiolas velhas e de mobílias gastas, começava a pensar que não havia ali nada que valesse a pena salvar.

Elske chegou ao início da tarde e abriu a porta com o focinho.

– És muito esperta – elogiou Wren, acariciando um ponto entre as enormes orelhas da loba gevrana. – Eu sabia que mais tarde ou mais cedo me encontrarias.

A loba farejou-lhe as saias com carinho e Wren encostou a cara ao lombo do animal, deleitando-se com o seu odor alpino. Lembrava-lhe Tor, que partira três semanas antes. A loba fora o presente de despedida do soldado, um pedaço do coração que deixava para trás, em Eana. Wren sentiu uma pontada no peito ao recordar como *Elske* lhe salvara a vida nas margens do rio Língua de Prata, lutando bravamente contra o leopardo das neves da princesa Anika que tentara despedaçá-la. Depois, *Elske* ficara obedientemente sentada ao lado de Wren enquanto via o soldado gevrânês afastar-se por entre a névoa.

Pensar em Gevra deixava-a com formigueiro nos dedos. Iria para lá naquele instante, se pudesse, mas era de dia e havia soldados por todo o lado. Tinha de ser inteligente e paciente.

Wren vasculhou por entre uma pilha de lixo junto à janela e o seu olhar desviou-se para o familiar quadro partido. Virou-o e contemplou as duas caras que se pareciam muito com a sua. Duas coroas que tinham destruído uma dinastia. As gémeas Avestreladas, antepassadas de Wren e de Rose, tinham governado Eana juntas há mais de mil anos, antes de uma delas se ter virado contra a outra e causado a ruína dos bruxos e das bruxas. De um golpe, Oonagh conseguira trair a irmã, Ortha, e condenar os bruxos a dividir os seus poderes em cinco ramos – curandeiros, videntes, tempestades, encantadores e guerreiros – antes de se afogar no rio Língua de Prata.

Wren olhou para o sobrolho franzido de Oonagh enquanto na sua cabeça ecoava o aviso de Glenna. *Cuidado com a maldição de Oonagh Avestrelada, a rainha bruxa perdida. A maldição corre em sangue novo. Vive em novos ossos.* Era um aviso para Wren, que ela não partilhara com Rose. A sua irmã já tinha bastante com que se preocupar, sem ter ainda de questionar a lealdade de Wren, ou perguntar-se que defeito sinistro ela poderia partilhar com a sua amaldiçoada antepassada. Além disso, Wren sabia que nunca trairia a irmã. Por nada no mundo.

– Que patetice – murmurou, e devolveu o quadro ao monte de lixo que

crescia a olhos vistos. – Nós não seremos como elas.

Um ruído desviou a atenção de Wren. *Elske* rosnava a uma cómoda virada de pernas para o ar.

– O que se passa, querida? – perguntou a jovem, pondo-se de pé.

A loba afastou-se da cómoda. Wren meteu a mão numa gaveta e encontrou um vestido azul que fora enrolado e empurrado lá para o fundo. O tecido era luxuoso e brilhante e, apesar do bordado do corpete estar a desfazer-se, era óbvio que pertencera a uma princesa. Ou talvez a uma rainha. *Elske* rosnou ao vestido enrolado.

– O que se passa contigo? – disse Wren enquanto o desenrolava. Algo rolou do vestido e aterrou no chão com estrépito, assustando-a.

Elske retrocedeu. Wren agachou-se para investigar e deparou-se com o seu próprio olhar cor de esmeralda. O vestido escondia um espelho de mão ornamentado. Era feito de prata e exibia doze safiras incrustadas que rodeavam o pequeno vidro oval. Virou-o e maravilhou-se com o refinado trabalho.

– Eu sabia que se procurasse com atenção, acabaria por encontrar aqui um tesouro. – Quando Wren levantou a cabeça, *Elske* estava junto à porta, com a cauda metida entre as patas. Havia qualquer coisa no espelho que a assustava, e Wren desconfiava que não seria o seu reflexo níveo. Era a magia. Sentia uma ligeira vibração entre os dedos, um gotejar de calor que indicava que aquele tesouro era uma relíquia, não dos Valharts, mas das bruxas que tinham reinado ali muito antes delas. Uma bruxa que noutros tempos ocupara, quiçá, aquela torre.

Wren pousou cautelosamente o espelho no chão. Susteve a respiração durante um minuto, esperando que o vidro se partisse em pedaços ou que acontecesse algo terrível. Mas viu apenas o seu reflexo, a testa suada e o cabelo castanho a encaracolar-se junto às têmporas. A magia que aquele espelho poderia ter tido no passado, estava adormecida. Agora era apenas um espelho, demasiado elegante para o seu gosto. Ainda assim, decidiu guardá-lo. Preferia que não caísse nas mãos erradas.

Guardou o espelho na bolsa no exato momento em que um pássaro aterrava no parapeito da janela. *Elske* esqueceu o medo e atravessou a sala para tentar apanhá-lo. Por instantes, Wren ainda pensou que fosse um falcão mensageiro que regressava do outro lado do mar Sombrio. Mas não era um falcão. Era uma avestrelada. Ver o pássaro com o peito prateado fez com se sentisse ansiosa. As avestreladas só se reuniam quando havia videntes por perto, bruxas que eram capazes de adivinhar padrões do futuro a partir das formações das aves. Mas Glenna tinha morrido. O que levava aquela avestrelada a regressar à sua torre?

Olhou para a bolsa. Seria obra do espelho? Estaria o pássaro encantado a voar ali por perto e sentira a antiga magia que ela acordara? Ou ter pousado naquele parapeito não passara de uma coincidência?

Wren respirou fundo para tentar acalmar os nervos. O pássaro levantou

voo tão rapidamente como chegara e a jovem ficou a sentir-se uma tola por se ter enervado sem razão. Fechou os olhos com força.

– Para de ser tão paranoica – murmurou ela baixinho.

A porta abriu-se e Wren deu um salto.

– Olá? – gritou. – Quem anda aí?

Escutou uma gargalhada familiar.

– Não te assustes. Sou só eu. – Celeste, a melhor amiga de Rose, entrou na sala com um vaporoso vestido cor de âmbar e uma bandolete a condizer. – Sentia-me entediada e pensei vir ver como estavas. – Enrugou o nariz ao contemplar a confusão que a rodeava. – É *aqui* que planeias dormir?

– É um trabalho em curso.

– Que grande progresso – zombou Celeste. – Tresanda.

– É óbvio que nunca estiveste em Ortha. Acredita quando te digo que isto é melhor.

– A Rose disse-me que te encontraria aqui – prosseguiu Celeste. – Acho que estás ofendida porque não queres ajudá-la a planear a digressão.

– Tenho a certeza de que estás a divertir-se pelas duas – comentou Wren num tom seco.

– Vão visitar cidades de que nunca ouvi falar. – Wren gemeu e Celeste continuou: – A propósito, onde estão os guardas? Não vi nenhum nas escadas.

– São irritantes. Mandei-os embora.

Celeste arqueou uma sobrancelha.

– Tens a certeza de que isso é boa ideia? Depois de tudo o que se passou com o Barron... A Rose contou-me que os seguidores dele já têm um nome.

– As Flechas do Protetor – disse Wren. Tinham sido informadas na manhã anterior. – Não é um nome lá muito chamativo, pois não?

– Deviam ter escolhido Sabujos Bebedolas do Barron – retorquiu Celeste. – Parece que se encontram duas vezes por semana no Howling Wolf.

Wren assobiou baixinho.

– Imagino a conta.

– Alegra-me ver que estás a levar isto a sério.

– Um nome assustador não faz uma rebelião.

Celeste lançou-lhe um olhar preocupado.

– Já decidiste que vestido vais levar esta noite ao jantar de despedida? Talvez queiras pentear o cabelo. E se calhar queimar esse vestido. Também devias deixar a loba no quarto. Toda a gente tem medo dela.

– Mais alguma coisa, Chapman? – gracejou Wren.

– Por uma vez, faz o que te dizem – declarou Celeste. – Esta noite é importante para a Rose. Está a tentar elevar a moral do palácio antes de partirem em digressão pelo reino.

– Então espero que a sobremesa seja boa. – Wren pôs-se de pé e sacudiu o vestido. Alcançou a bolsa e a loba voltou a rosar.

Celeste olhou para o animal.

– O que se passa com ela?

Wren encolheu os ombros. Por uma qualquer razão, sentiu-se obrigada a manter em segredo a descoberta do espelho. Talvez se devesse ao facto de ser um objeto especial. Ou porque sentia que o estava a roubar.

– Ainda se está a habituar a este lugar. Tem saudades de Gevra.

Entre as sobrancelhas de Celeste apareceu uma pequena ruga.

– Mais alguma coisa? – perguntou Wren. – Estás com cara de quem precisa de ir à casa de banho.

Celeste brincou com um dos seus brincos de ouro e franziu ainda mais o sobrolho.

– Mais ou menos. Não sei.

– Celeste, a espera está a matar-me.

– Sonhei contigo a noite passada – revelou a jovem. – Não ia dizer-te nada, mas... – Abraçou-se – Falaste de Gevra e, de repente, achei que devia contar-te.

Wren pensou na avestrelada no parapeito da janela, e em como chegara pouco antes de Celeste. Já antes aventara a possibilidade de a jovem ser uma vidente, mas a sugestão não caíra bem à visada. Perguntou-se se ela estaria preparada para voltar a ter essa conversa.

– Que tipo de sonho? – quis saber Wren, a medo. – O que fazia eu?

Celeste hesitou.

– Estavas morta.

O estômago de Wren deu uma volta. Celeste olhou para a janela.

– Foi apenas um sonho, não uma visão. Nada que ver com as avestreladas ou com o céu noturno. É assim que funciona, não é? Um sonho pode não significar nada. – Quanto mais falava menos segura parecia. – E não sabemos se sou *mesmo* uma vidente. Por favor, tenho dezanove anos. Se fosse uma bruxa, não o teria percebido há mais tempo?

Wren mordeu a língua em vez de a lembrar do tempo que Rose demorara a perceber que era uma curandeira, ou o quão difícil teria sido para Celeste aceitar o seu dom vivendo sob a sombra do conselheiro real. Tê-la-ia matado.

– Era apenas uma imagem – prosseguiu Celeste. – Tinhas os lábios azuis, mas os olhos abertos... Estavas congelada.

Wren tentou ignorar o arrepio que lhe percorreu a espinha.

– Como disseste, foi apenas um sonho.

– Talvez. Mas, aconteça o que acontecer, não podes ir a Gevra, Wren.

– O que te leva a pensar que eu faria uma coisa tão irresponsável?

– Tudo o que sei de ti até agora – respondeu Celeste. – Sei que estás muito preocupada com a Banba e o quanto desejas salvá-la. Mas tens de compreender que a tua primeira obrigação é para com a tua irmã. Para com o teu país.

Wren soprou o ar pelo nariz. Salvar Banba não era apenas um plano insípido elaborado por uma neta com o coração partido. Fazia parte da estratégia de Wren para salvar Eana e assegurar um futuro próspero para as

bruxas e bruxos. Banba era a mentora perfeita, a conselheira real que Wren e Rose precisavam para lidar com Barron e os da sua laia. Quanto mais depressa ela regressasse a casa, melhor para toda a gente.

– Porque ficaste tão calada? – indagou Celeste, com suspeição.

– Estou apenas a pensar no que será o jantar.

– Não. Estás a mudar de assunto. – Celeste espetou o indicador. – Se *pensas* que vais pôr um pé num barco...

– O que *eu* penso é que gostas demasiado de me dizer o que posso ou não fazer, mais do que a minha irmã – interrompeu Wren. – És muito boa nisso. – Entrelaçou o braço no da amiga e guiou-a para fora da sala, deixando que a porta se fechasse atrás delas. – E, além disso, o que te leva a pensar que me apanharias a tempo?

– Esqueces que tenho a vantagem das visões.

– Então, estás disposta a admiti-lo? – inquiriu Wren, enquanto desciam a escada, com *Elske* logo atrás. – Que és uma vidente?

– Acho que não teremos a certeza até o teu corpo aparecer em Gevra.

– Isso não acontecerá – contrapôs Wren.

Celeste fitou-a com alguma inquietação.

– Veremos – disse.



Rose acreditava que existiam poucas coisas que não pudessem ser resolvidas com um jantar bem organizado. E a prolongada desconfiança entre os guardas de Anadawn e as turbulentas bruxas de Ortha não era exceção. Pelo menos, fora nisso que acreditara até àquela noite.

Fez um esforço especial para animar o salão decorando-o com jarras de flores frescas, abrindo as empoeiradas cortinas para deixar entrar a luz e embelezando a mesa com toalhas de renda e talheres folheados a ouro.

Chegara ao ponto de mandar retirar os quadros bélicos de mau gosto que adornavam as paredes e de os substituir por um retrato dos pais no dia do casamento e por uma deslumbrante paisagem de Errinwilde que sempre estivera pendurada no seu quarto.

E mesmo assim, a sala tinha um aspeto austero e sufocante. Pior do que isso. Parecia assombrada. Não conseguia deixar de imaginar o fantasma de Willem Rathborne a pairar atrás dela ao sentar-se à cabeça da mesa, enquanto esperava a chegada dos restantes. Seria capaz de jurar que conseguia sentir o seu hálito rançoso ao imaginá-lo a corrigir-lhe a postura.

Quando no relógio bateu as sete, Rose pôs-se de pé para receber os seus convidados. Após mais um dia produtivo a trabalharem juntos na digressão real, Rose decidira convidar o capitão Davers. Ele estava sentado entre Shen e Rowena, a jovem tempestade de língua afiada que tentara matar Rose quando se conheceram em Ortha. Embora já tivesse pedido desculpa pelo sucedido, a utilização constante da magia das tempestades dentro dos muros de Anadawn servira de pouco para melhorar a opinião que os guardas tinham dela.

Ao menos, o capitão Davers parecia estar a fazer um esforço para esconder o desdém que ela lhe provocava. O chefe da Guarda Real de Anadawn era um homem pálido e robusto, com o queixo proeminente, cabelo loiro muito curto e um bigode a condizer. Era um dos soldados com mais tempo de serviço em Anadawn. Protegia Rose desde que ela era criança e, muitas vezes, até lhe dera caramelos às escondidas quando a encontrava triste no roseiral.

Rose sentara Tilda do outro lado de Shen, uma vez que era mais provável que a jovem se comportasse melhor sob a sua supervisão. Também convidara Celeste, que estava sentada à esquerda de Rose, e Thea, a nova conselheira real, à sua direita.

Wren chegou vinte minutos mais tarde, com o cabelo cheio de pó e *Elske* ao seu lado.

Rose suspirou.

– Pedi-te que não trouxesses a loba.

– Que loba? – Wren fingiu não entender enquanto *Elske* se escondia atrás da sua saia.

– Por favor, senta-te e diverte-te.

Wren sentou-se na outra ponta da mesa e bebeu um generoso gole de vinho.

– O que é que eu perdi?

– Recebemos outro relatório do Barron – respondeu Shen, como forma de cumprimento. – O cretino tem andado a viajar de aldeia em aldeia a pregar o seu ódio às bruxas e a agitar os seus apoiantes.

– Shen – ralhou Rose. – Essa não é uma conversa apropriada para se ter à mesa.

– Já para não falar que é informação confidencial – lembrou Davers retorcendo o bigode com desaprovação.

– Informação essa que *eu* obtive fazendo perguntas por Eshlinn – argumentou Shen. – Estava mesmo diante do seu nariz, capitão.

– E o que achava que faríamos com essa informação? – quis saber Rowena. – Nem sequer podemos sair deste estúpido palácio.

– Por enquanto – contrapôs Rose. – É para vossa segurança.

– E deles – murmurou o capitão Davers.

A chegada do primeiro prato foi uma agradável distração. Rose não conseguiu evitar sorrir ao ver as tarteletes de queijo de cabra derretido, salpicadas com molho de romã e adornadas com nozes picadas. Tilda meteu duas de uma vez na boca e depois roubou uma terceira do prato de Shen. Este fingiu não reparar, e Tilda riu, vitoriosa.

Rowena escolheu esse momento para relatar um conto muito pouco apropriado sobre uma cabra flatulenta que vivera em Ortha, fazendo metade da mesa rir. Até Thea, que estava cada vez mais triste com o passar das semanas, deixou escapar uma gargalhada.

– A Banba odiava essa cabra. Lançou-a por duas vezes ao mar, mas na

manhã seguinte lá estava ela à porta da nossa cabana.

Rose tossicou.

– Obrigada, Rowena. Mais alguém tem uma história para contar que não incluam cabras?

Shen levantou o garfo.

– Tenho uma excelente história sobre um burro peidorreiro. Juro que nunca conheci um animal tão irritado *ou* malcheiroso.

Rose franziu o sobrolho.

– Shen!

– Conta! – guinchou Tilda. – Oh, *por favor*, conta.

– Vamos a isso – incitou Wren, que já devia conhecer a história, Rose tinha a certeza disso.

– Oh, vejam só, é o segundo prato! – exclamou Rose antes que Shen começasse a contar a história. Tinha escolhido um duo composto por lagosta e por um belo pedaço de carne de vaca e estava bastante satisfeita com o resultado. O marisco devia representar o lar das bruxas de Ortha, junto ao mar, ao passo que a carne simbolizava a força da capital. Como acompanhamento, escolhera uma generosa porção de um cremoso puré de batata que sabia ser o preferido de Wren e uma mistura de vegetais verdes amanteigados para aludir à riqueza de Errinwilde.

Para seu desgosto, ninguém parecia concentrado na comida. Wren não parava de olhar para a janela, como se esperasse que um falcão a atravessasse a qualquer instante com uma resposta do rei de Gevra. Tilda estava a dar pedaços de carne a *Elske*, às escondidas por baixo da mesa. Celeste não parava de fulminar Rowena com o olhar, porque esta fazia questão de torcer o nariz a todos os pratos. Thea estava tão distraída quanto Wren. Era impossível não reparar na maneira como ela girava a aliança de prata no dedo, e sabia que devia estar a pensar em Banba, a sua esposa.

Shen e o capitão Davers pareciam decididos a superar-se um ao outro. Tudo começou quando tentaram ver quem era capaz de abrir as pinças da lagosta com as próprias mãos, depois passaram a emborcar copos de vinho de um só trago e em seguida fizeram questão de ver quem era capaz de fazer girar a faca no ar mais tempo antes de a apanhar pela lâmina. Thea teve de se inclinar e intervir quando Tilda tentou juntar-se à competição.

Exausta, Rose terminou o seu vinho e serviu-se de mais. Fez girar as borras pelo copo, desejando que o inebriante líquido albergasse o segredo para salvar uma noite tão caótica. *Um brinde!*, ocorreu-lhe, de súbito. Era isso que faltava àquele jantar. Levantou-se, um pouco cambaleante.

– Gostaria de fazer um brinde ao futuro de Eana!

– Às bruxas – disse Rowena ao levantar o copo.

– A Anadawn – contra-atacou o capitão Davers, que já tinha as bochechas rosadas.

Celeste elevou o copo.

– E à florescente amizade entre eles.

Tilda agarrou o copo de Shen.

– E às...

– Calma lá! – exclamou Shen, tirando-lho das mãos, o que fez com que a jovem lhe lançasse um olhar de fúria.

– E às nossas novas rainhas – disse Thea, com destreza. – Que possam reinar por muitos e muitos anos.

– Brindo a isso – declarou Wren.

Rose sorriu à irmã do outro lado da mesa enquanto levantavam os copos.

Depois disso, durante um breve período, todos se comportaram como gente e a comida de Cam foi fazendo a sua magia especial. Para sobremesa, o *chef* apareceu com uma tremeluzente torre de *macarons*.

– Para as rainhas de Eana! – disse ele com um floreio enquanto dois criados colocavam o precário monumento diante de Rose. Os *macarons* eram verdes e dourados, e a torre era tão alta que ela mal conseguia ver por cima dela.

– Isso é folha de ouro? – Rowena inclinou-se para a frente para inspecionar. – Que desperdício tão ridículo.

Celeste fitou-a com cara de poucos amigos.

– Se não consegues dizer nada de elogioso, quiçá seja melhor manteres a boca fechada durante o resto da noite.

Rowena fulminou-a com o olhar.

– Perdão?

– Não, não te perdoo – disse Celeste com rispidez.

– Verde e dourado! – exclamou Rose em voz alta. – Que *macarons* tão bonitos para homenagear Eana! O país que todos amamos.

Rowena agitou o dedo para provocar uma corrente de ar que fez oscilar a torre de *macarons*.

Celeste apressou-se a esticar a mão para a segurar.

– Para!

Do outro lado da mesa, o capitão Davers ficou tenso.

– Não tem medo de um pouco de magia, pois não, capitão? – indagou Shen.

Davers tentou não estremecer.

– Claro que não.

– Ótimo – disse Shen com um brilho perverso no olhar. – Porque eu podia tirar-lhe a espada da bainha antes que se desse conta de que tinha desaparecido.

– Já chega, Shen – repreendeu Rose. Levantou a voz para pôr fim ao alvoroço. – Antes de a Wren e eu podermos trazer harmonia a Eana, temos primeiro de a estabelecer no palácio de Anadawn. Foi por isso que vos reuni aqui esta noite...

Nessa altura, Rowena lançou outra rabanada de vento. *Elske* assustou-se e saltou para cima da mesa, provocando um coro de gritos ao derrubar a torre de *macarons*. A loba olhou em redor, alarmada, antes de saltar para o chão e ir

esconder-se atrás da cadeira de Wren.

Tilda apanhou um *macaron* do chão e provou-o.

– Ainda sabem bem.

– Algo a assustou – explicou Wren, inclinando-se para acariciar *Elske*.

Celeste lançou a Rowena um olhar reprovador.

– Tenho a certeza de que senti uma rabanada de vento.

Rowena fez um esgar.

Rose deixou cair a cabeça entre as mãos e suspirou.

– Vai ser servido chá na sala de estar, se alguém quiser.



De volta ao seu quarto na torre leste, Rose sentou-se na cama com a sua camisa de noite preferida e uma pilha de *macarons* partidos no colo.

– Quantos comeste? – quis saber Wren, que estava a desmanchar as tranças em frente ao toucador.

– Não os suficientes – replicou Rose, comendo outro com um ar pouco alegre. – Às tantas irão fazer-me sentir melhor, certo?

– Ou podes ficar doente.

Rose olhou para *Elske* com o sobrolho franzido. A loba estava enroscada aos pés de Wren.

– Não culpes a loba – disse a sua dona. – Ela fez-nos um favor. Se aquele jantar não terminasse naquela altura, eu tinha saltado pela janela.

Rose lançou um *macaron* à irmã.

– Aquele jantar tinha um objetivo. E tu podias ter feito mais para que corresse melhor. Estiveste amuada o tempo todo.

Wren virou-se para encarar a irmã.

– Desculpa se tenho dificuldade em mostrar-me alegre quando é muito provável que estejam a torturar a nossa avó.

– Eu também estou preocupada com ela, mas decido ter esperança.

– Não é a mesma coisa – contrapôs Wren, e Rose não disse nada, porque ela tinha razão. Não era a mesma coisa. Ela queria que Banba voltasse para casa, mas esse pensamento não lhe ocupava a mente todos os segundos do dia. Era capaz de se concentrar noutras coisas, como a iminente digressão real e as flechas de Barron, e certificar-se de que as bruxas de Ortha não saqueassem o palácio na sua ausência.

Rose sabia que cada dia sem Banba aprofundava o vazio no peito da sua irmã. Wren só conseguia enchê-lo com preocupação e com o medo constante de que não voltassem a ver a avó – a pessoa que a criara, a *amara* e que lutara incessantemente por um mundo que um dia lhe desse as boas-vindas a casa.

Escutaram uma pancada na porta e Thea entrou, de roupão.

– Espero que não seja impróprio vir ao quarto das rainhas sem ser anunciada.

– És sempre bem-vinda, Thea. – Rose pegou no prato de *macarons* e pousou-o na mesinha de cabeceira antes de se levantar para a abraçar. – É tarde, o que fazes ainda acordada?

– Não conseguia dormir. – Thea tocou na pala do olho com os dedos e Rose reparou que ela roera as unhas até ao sabugo. – Pensei vir ver como estavam. O jantar foi animado, não acham?

– A palavra que procura é «desastroso» – disse Wren antes de desaparecer na casa de banho.

– Planeara tudo até à perfeição – gemeu Rose.

– A comida estava maravilhosa – elogiou Thea com amabilidade. – Tal como a tua companhia.

– Obrigada, Thea. Aceitas um *macaron* partido? – Rose escolheu o melhor. Thea aceitou-o, agradecida, e sentou-se na beira da cama para o comer.

– As coisas vão melhorar. As transições são sempre difíceis, mas o importante é terem-se uma à outra.

Rose olhou para a casa de banho e depois baixou a voz para que Wren não a ouvisse.

– A verdade é que, neste momento, sinto que estou sozinha nisto. Como podemos governar um país se nem conseguimos controlar um jantar?

Thea pôs a mão no ombro de Rose e esta sentiu uma calidez que lhe percorreu o corpo e lhe acalmou um pouco o coração.

– Deixemos que, por enquanto, a Wren continue a ser a Wren. Isto também é tudo novo para ela. E está a tentar entender o mundo sem a Banba.

Rose anuiu.

– E não é a única. Lamento.

Thea sorriu, mas havia tristeza no seu olhar.

– Tudo correrá bem.

– É uma pena que não sejas uma vidente – murmurou Rose.

– Posso não ser uma vidente, mas sei que tu e a Wren ficarão bem enquanto continuarem ao lado uma da outra. – Thea levantou-se e os seus joelhos estalaram. – Agora vamos descansar. Até as rainhas precisam do seu sono de beleza.



Quando Wren saiu da casa de banho, pronta para se deitar, a sua irmã já dormia profundamente. Viu um pássaro empoleirado no parapeito da janela. Sobressaltada, deu-se conta de que não era um pássaro qualquer. Era um noitibógevrânês, com uma mensagem no bico.

Wren,
Vem dizer-me isso na cara. Desafio-te.
Alarik

Wren amarrotou a carta, tomada por um afluxo de determinação. Naquelas últimas semanas sentira-se consumida por pensamentos sobre Banba, e *rezara* por um sinal como aquele, uma centelha que a empurrasse na direção certa. E ali estava, o impulso de que precisava. O rei Alarik estava praticamente a convidá-la para ir a Gevra.

Sabia que tinha de ir. Que devia enfrentá-lo em pessoa. Encará-lo, de monarca para monarca. Lutar contra ele, se tivesse de ser. Tinha magia, engenho e encanto. E, se tudo isso falhasse, esperava que Tor pudesse ajudá-la, como já acontecera no passado.

Wren soltou um suspiro enquanto o seu plano se cristalizava. Esperançosa, apertou a carta no punho cerrado.



Horas depois, quando os residentes do palácio de Anadawn estavam a dormir profundamente, Wren sentou-se na cama. Rose dormia com o sobrolho franzido. Dera voltas e voltas na cama durante horas. A digressão real teria início na manhã seguinte e, embora Rose tivesse mostrado uma expressão de alegria durante o jantar, não conseguira esconder a ansiedade enquanto dormia.

Wren meteu a mão por baixo da almofada para extrair uma pitada de areia de Ortha da sua bolsa. Por sorte, as bruxas tinham trazido bastante. Embora Wren pudesse usar qualquer tipo de areia para os seus encantamentos, a de Ortha, onde as bruxas tinham vivido em segredo durante os últimos dezoito anos, era a mais potente. Sentiu o seu poder entre os dedos enquanto olhava para Rose e tentava ignorar a culpa que a inundava.

– Perdoa-me – sussurrou Wren ao lançar a areia sobre a irmã. – *Da terra ao pó, desfruta de um sono reparador e encontra paz e consolo no seu torpor.*

A areia transformou-se num pó dourado ao desvanecer-se e o sobrolho franzido de Rose desapareceu com um suspiro de contentamento. Wren lembrou-se da primeira vez que usara um feitiço na irmã. Fora na noite em que Shen a levara para o deserto e Wren tomara o seu lugar. Agora era a vez de Wren desaparecer.

Garatujou uma despedida rápida e deixou-a sobre a almofada, sabendo que Rose ficaria furiosa ao lê-la. Embora Wren sentisse um aperto no coração por deixar a irmã daquela maneira – a coberto da noite e à traição –, a sua lealdade para com Banba pesava mais do que o sentimento de culpa. Devia tudo à avó e os esforços de negociação tinham falhado. Miseravelmente. Se não salvasse Banba quanto antes, esta morreria vítima da crueldade do rei Alarik, um homem que já guardava rancor a Eana e que se sentia fascinado pelas bruxas. Com o tempo, Rose acabaria por perceber que Wren não tivera escolha.

Vestiu-se às escuras e tirou o saco do seu esconderijo debaixo da cama. Já continha uma muda de roupa, um cantil com água, uma escova, uma bolsa com areia de Ortha e uma mancheia de moedas soltas que desviara da cómoda da irmã. Não seria o suficiente para comprar uma passagem para Gevra, mas esperava que o espelho com safiras incrustadas que encontrara na torre oeste convencesse um mercador a levá-la no seu barco.

Nas escadas, os olhos pálidos de *Elske* brilharam na escuridão. Wren ajoelhou-se.

– Por favor, não olhes para mim assim. Não posso levar-te comigo. És demasiado chamativa.

A loba ganiu baixinho. Wren abraçou-a.

– Preciso que fiques aqui e tomes conta da Rose. Podes fazer isso por mim, querida? Podes manter a minha irmã em segurança até eu voltar?

Elske baixou a cabeça e Wren afagou-a.

– Não te preocupes, regressarei num piscar de olhos.

Wren dominou os guardas da torre com um encantamento rápido e dois movimentos do pulso, e depois continuou a descer pelo torreão leste onde se escondia uma antiga passagem secreta no interior de um armário que ninguém usava. As gémeas tinham jurado não falar daquilo a ninguém. Era um segredo só delas. Naquela noite era o túnel para a liberdade de Wren.

Apressou-se pela passagem de pedra, ignorando as luzes eternas que tremeluziam atrás de si. Sentia na nuca o alento dos seus antepassados, as vozes deles a chamarem-na, a dizer-lhe que voltasse para trás. A aconselhá-la a ser paciente. A ser cautelosa.

Contudo, Wren nunca aperfeiçoara a arte de esperar e os únicos conselhos que seguia eram os de Banba. Saiu pelo ralo de escoamento e agachou-se na escuridão para recuperar o fôlego. Ao longe, as luzes de Eshlinn brilhavam na superfície do rio Língua de Prata. Atrás dela, o palácio branco agigantava-se como um fantasma na noite, com os espigões dos portões brilhantes como afiados dentes dourados.

Retirou uma pisca de areia e pôs-se a tratar do seu aspeto. Não podia redesenhar toda a cara, mas era capaz de mudar as partes que a tornavam reconhecível. Usou um encantamento para pentear o cabelo em cachos e para o tornar castanho-avermelhado. Espalhou mais sardas pelas bochechas e atenuou o brilho esmeralda dos olhos até adotarem um tom verde apagado. Por fim, entortou os dentes da frente.

– *Au* – ciciou quando estes se inclinaram para dentro.

Ajustou a capa e atravessou a ponte. Os seus passos ressoavam na escuridão. Passava da meia-noite e, embora as ruas de Eshlinn estivessem quase desertas, as tabernas estavam a rebentar pelas costuras. A música fluía pelas estreitas ruas, misturando-se com o som das risadas. Wren virou uma esquina e esbarrou em duas mulheres ainda jovens, com as faces vermelhas que gargalhavam.

– Deves estar louca, rapariga – disse uma delas com um forte hálito a sidra. – Sozinha na rua a uma hora destas!

– Podem andar bruxas por aí – comentou a outra, oscilando. – Sobretudo agora que o palácio está cheio delas.

– E quê? – perguntou Wren, recuando um passo. – As bruxas não querem fazer-nos mal.

– Não é isso que dizem no Howling Wolf – contrapôs a Hálito de Sidra apontando para a taberna de onde tinha acabado de sair.

– O Edgar Barron diz que as bruxas vão tomar conta do país agora que têm aquelas rainhas bruxas no trono – acrescentou a Bamboleante.

– E vão fazer o quê com ele? – indagou Wren, incapaz de estar calada.

As raparigas fitaram-na sem compreender.

– Hum. Coisas más? – replicou a Bamboleante.

A Hálito de Sidra anuiu.

– Magia má.

Wren semicerrou os olhos.

– Elaborem.

As raparigas encolheram os ombros.

– Bom, eu não tenho medo das bruxas – disse Wren enquanto as rodeava. – Tentem, ao menos, de vez em quando, pensar pelas vossas cabeças – atirou por cima do ombro. – Prometo que não dói.

– Não digas que não te avisámos! – gritou a Hálito de Sidra.

– Assinala a tua porta se sabes o que te convém – acrescentou a Bamboleante. – Os Flechas vão sair esta noite para caçar bruxas!

Enquanto se adentrava na parte velha da cidade, Wren começou a reparar que algumas casas tinham flechas pintadas. Atravessou a rua para investigar e passou o dedo pela tinta escura.

Os habitantes de Eshlinn estavam a marcar as suas portas para que os Flechas não os perseguissem. Ou quiçá até para os *ajudar*. Wren sentiu uma pontada de inquietação. A rebelião começava a crescer no coração de Eshlinn.

Pensou em Rose, a dormir no palácio. De manhã, acordaria para enfrentar aquilo sozinha. Estremeceu ao imaginar a cara da irmã ao ler a carta que lhe deixara, mas obrigou-se a continuar, porque imaginar Banba sozinha em Gevra era bem pior. E, além disso, Shen cuidaria de Rose. Thea saberia guiá-la. *Elske* iria protegê-la. Celeste apoiá-la-ia. Chapman aconselhá-la-ia. O capitão Davers e as bruxas lutariam por ela. Rose ficaria bem. Eana ficaria bem.

Quando Wren chegou à casa do ferreiro, na periferia de Eshlinn, sentiu-se aliviada ao ver que a porta não estava marcada. A família Morwell continuava fiel à coroa.

A jovem quase se sentiu mal por roubar um dos seus cavalos. Usou um encantamento para entrar no estábulo e libertar uma égua castanha do seu cubículo. Adentraram-se pela noite, deixando para trás as luzes tremeluzentes de Eshlinn.

Com um bom cavalo, demoraria apenas umas horas a chegar à baía dos Desejos. A égua dos Morwell manteve um ritmo estável enquanto galopavam pelo caminho a norte que atravessava terras de cultivo e vinhas frondosas. Tudo brilhava como a prata sob a lua minguante, e o odor a alfazema acariciava o nariz de Wren.

Deleitou-se ao sentir o vento no cabelo. Há muito tempo que não se sentia assim tão livre. E, embora aquela sensação de possibilidades infinitas fosse falsa e passageira, agarrou-se a ela como uma oração, até que o cheiro a algas a acordou dessa ilusão.

Quando Wren abriu os olhos, a baía dos Desejos estava diante dela. O caminho serpeava até à água escura, onde a baía desenhava um quarto crescente perfeito, como se uma terrível criatura tivesse surgido das profundezas e lhe tivesse dado uma dentada. As luzes do porto tremeluziram, chamando por ela. O amanhecer iluminava o horizonte e pintava volutas no

céu.

Wren desmontou e, graças a um encantamento, mandou o cavalo regressar a casa. Tirou o pequeno espelho da mala e verificou rapidamente se a sua aparência se mantinha antes de descer até à baía.

O porto estava mais movimentado do que antecipara. Gritos e vozes enchiam o ar enquanto as pessoas corriam pelo embarcadouro, arrastando redes e barris pesados cheios de peixe acabado de apanhar. Transportavam-nos e esvaziavam-nos com a mesma rapidez, os comerciantes instalavam as suas bancas assim que os navios despejavam as suas cargas e se preparavam para zarpar novamente ao amanhecer. Viu nove atracados na doca. Contou três traineiras, dois veleiros mais pequenos, um galeão enorme com o símbolo da marinha de Eana nas velas e três grandes navios mercantes.

Wren suspeitava que o mais robusto destes três últimos partiria para a traiçoeira rota comercial gevranesa, enquanto os outros dois, um pouco mais pequenos, iriam para sudoeste, para Demarre, ou talvez para Caro. As suas suspeitas confirmaram-se quando viu os barris que estavam a ser descarregados do navio; tinham todos o símbolo de Gevran – o assustador urso polar, *Bernhard*, a rugir.

Armou-se de coragem e caminhou até ao navio mercante. Era uma embarcação robusta de madeira escura com três imponentes mastros e doze velas cor de marfim. A bandeira era verde e dourada, o que indicava que se tratava de uma embarcação mercante local na qual alguém escrevera *Siren's Secret* numa das laterais do casco. A figura de proa era uma sereia com uma coroa de conchas.

Wren apanhou um pedaço de corda descartado no molhe e enrolou-a no ombro. Manteve a cabeça baixa e tentou parecer atarefada enquanto subia a prancha de embarque do *Siren's Secret*. Preparou-se para que lhe gritassem ou para que a puxassem e empurrassem, mas ninguém olhou sequer para ela. A tripulação do *Siren's Secret* estava demasiado ocupada para reparar nas entradas e saídas de um lacaio apressado.

Subiu apressadamente as escadas de madeira na parte traseira do navio, viu o leme do comandante e deu meia-volta nesse mesmo instante.

– Idiota – repreendeu-se. Estava a descer as escadas quando uma figura apareceu diante dela com uma mão em cada corrimão para lhe bloquear a passagem.

Wren estacou e olhou para um par de botas de couro negro.

– Desculpe – gemeu. – Tenho de entregar agora esta corda ao comandante.

– O comandante sou eu – disse uma voz profunda. – E não pedi tal coisa.

Wren estremeceu. O comandante aproximou-se.

– Quer-me parecer que temos um clandestino.

Wren alcançou um pouco de areia por baixo das pregas da capa e levantou o queixo para avaliar a ameaça. Viu em primeiro lugar as calças escuras e a camisa branca. Depois uma sobrecasaca cor de amora bordada

com refinado fio dourado. Por baixo, um par de ombros amplos e braços grossos – fortes o suficiente para a partirem em dois. Não que precisasse de os usar, já que tinha uma espada presa no cinto. Tinha a pele bronzeada e usava um tricórnio cinzento sobre o cabelo preto e encaracolado. O queixo voluntarioso estava ensombrecido por uma barba de três dias. Semicerrou os olhos castanhos enquanto a avaliava.

A tripulação abandonara as suas tarefas para observar a cena. Wren sentia vários pares de olhos colados nela, e outros que começavam a juntar-se. Os seus dedos tremeram. Preparava-se para mandar a cautela às urtigas e lançar um feitiço quando o comandante fez uma coisa que ela não esperava: riu-se. Wren franziu o sobrolho.

– Qual é a piada?

– Pareces querer cravar-me uma faca – respondeu ele, ainda a rir. – O que tens dentro dessa capa?

– Nada – replicou Wren, deixando cair a areia ao chão. Mostrou-lhe as mãos. – Vê?

– Agora a cara – pediu o comandante, e apontou para o capuz. – Não vás ter um punhal nos dentes.

A jovem empurrou o capuz para trás e sorriu, mostrando os dentes tortos.

– Apenas o meu charme.

– Eu avaliarei isso. – O comandante passou os olhos pelos caracóis castanhos da jovem. – A minha clandestina tem nome?

– Tilda – respondeu Wren. O nome saiu-lhe sem pensar.

– O que fazes no meu navio, Tilda?

– Aprecio a carpintaria.

Ele riu uma vez mais.

– Uma clandestina que conta piadas. Talvez, afinal, até tenhas algum encanto. – Agitou um dedo, e Wren ficou com a sensação de que estava a gozar com ela. – Mas temo que, para viajares de graça no meu navio, não bastará o encanto. Já tenho disso em abundância, sabes?

Wren começava a acreditar. O comandante mostrava ter bom humor e as rugas em volta dos olhos diziam-lhe que estava habituado a sorrir. Assim, decidiu recorrer à sua lábia.

– Nesse caso, a verdade é que preciso de chegar a Gevra o mais depressa possível.

O comandante arqueou as sobrancelhas.

– Em todos os anos que passei no mar, nunca ouvi ninguém dizer essas palavras. É mais comum quererem fugir de lá. Amaldiçoar, chorar, queixar-se ou agitar o punho a Gevra. – Fez um gesto com a mão. – E por aí fora.

– O meu pai está em Gevra – mentiu Wren. – O seu barco de pesca foi atingido por uma tempestade o mês passado e está lá desde então. Tem uma perna partida. – Torceu as mãos. – Estamos muito preocupados com ele. A minha mãe não prega olho há várias semanas.

– Por Neptuno – murmurou o comandante. A alegria desapareceu do seu rosto. – Neste momento Gevra não é lugar para um eano. Principalmente depois do que aconteceu ao príncipe deles nas nossas costas. Se não tivesse um negócio para gerir, não sei se voltaria lá.

– Tenho uma morada – apressou-se Wren a dizer. – Ele escreveu-me a semana passada. Sei como encontrá-lo. – Começou a revolver o interior do saco. – Não tenho dinheiro, mas tenho este...

– Guarda os teus bens. – O comandante levantou a mão, interrompendo-a. – Levo-te a Gevra. Mas olha que não estarei lá muito tempo. E sugiro que faças o mesmo.

Wren sentiu-se tão aliviada que por pouco não se pôs a rir às gargalhadas. Em vez disso, ajoelhou-se.

– Que as estrelas o abençoem mil vezes, comandante! Tem um coração de ouro!

O comandante tossicou, envergonhado.

– Levanta-te, Tilda. Não é preciso nada disso. Reconheço apenas a importância da família. Faria o mesmo pela minha.

Wren sorriu, pondo-se de pé. Numa outra vida, talvez tivesse agarrado o jovem comandante e o tivesse beijado pela sua amabilidade. E pela sua beleza. Em vez disso, declarou:

– Não há nada no mundo que seja mais importante para mim do que a família.

E, embora tudo o resto fosse mentira, aquilo vinha do fundo seu coração.

– Vai procurar um espaço lá em baixo. Eu digo à tripulação para não te incomodar. – Desviou-se para a deixar passar. – Aviso-te já que vai ser uma viagem agitada. – Apontou para o saco de Wren. – Espero que tragas aí uma bebida de gengibre.

– Ah, claro que sim! – Wren abraçou o saco enquanto descia as escadas. Fora uma sorte ter encontrado o navio de um mercador com bom coração, e não o de um pirata. Os mercadores da baía de Braddack tê-la-iam lançado aos tubarões por aquela lamentável atuação.

Enquanto a tripulação do *Siren's Secret* se preparava para zarpar, Wren dirigiu-se para um pequeno depósito cheio de barris e velas que precisavam de ser remendadas. Pegou num lençol velho e pendurou-o entre duas traves antes de usar a corda que roubara para criar uma rede improvisada. Sorriu ao deitar-se. Começava a considerar abrir um barril de rum quando as tábuas do chão rangeram atrás de si. Wren sentou-se na rede. Um par de olhos castanhos e familiares fulminaram-na do outro lado do camarote.

– Se achas que esse disfarce horrível me vai enganar, *Tilda*, estás muito enganada.

Wren sentiu um aperto na garganta.

– O que raio fazes aqui?

– Ia perguntar-te o mesmo – disse Celeste.



Rose acordou quando o Sol nascia sobre o palácio de Anadawn e tinha a sensação de ter dormido um ano inteiro. Espreguiçou-se e estacou a meio de um bocejo.

Wren não estava. Rose enrugou a testa. Não era habitual a sua irmã levantar-se primeiro que ela. Habitualmente, quando acordava, Wren ainda estava a roncar com a cara enterrada na almofada. Devia estar mais nervosa com a digressão real do que dera a entender. Se ao menos a tivesse acordado para poderem dividir o nervosismo... mas Rose sabia que a irmã preferia estar sozinha quando algo a preocupava. Wren devia estar na cozinha a preparar uma caneca de chá ou a passear *Elske* nos jardins.

Rose virou-se para dormir mais uns minutos quando escutou um estranho farfalhar na almofada da irmã. Esticou a mão e encontrou um pedaço de pergaminho. Sentou-se na cama de súbito, completamente acordada. Desdobrou o papel com dedos trémulos, sabendo de antemão o que iria ler.

Vou a Gevra. Não venhas atrás de mim. Regresso em breve – com a Banba.

– WREN! – Rose saltou da cama. Saiu do quarto e correu pelo corredor a gritar o nome da irmã. – WREN!

Continuava de camisa de dormir e nem sequer calçara os chinelos.

Talvez não fosse demasiado tarde, talvez ainda conseguisse alcançá-la, detê-la... Nessa altura, uma mancha branca correu para ela. *Elske* ergueu-se nas patas traseiras e quase derrubou Rose enquanto lhe lambia as lágrimas das bochechas. A jovem tranquilizou a loba pondo-se de joelhos e encostou a cara ao seu pelo macio e branco. Um raio de luz entrou pelas enormes janelas, iluminando o corredor. Rose sabia que era demasiado tarde. O Sol já nascera e os navios da manhã já tinham zarpado. De certeza que Wren já ia a caminho de Gevra.

Rose deu-se conta de que os criados a espreitavam da escada ali perto. Nem sequer se sentia envergonhada. Limitou-se a chorar agarrada a *Elske*.

– A Wren deixou-te aqui para me impedires de a seguir ou para me confortares?

A loba pestanejou os seus enormes olhos azuis. Rose fungou.

– Está visto que também te abandonou. Oh, que coisa horrível!

– Rose! – A jovem levantou a cabeça e viu Shen, que se aproximava. – O que foi? O que aconteceu?

– Foi a Wren – respondeu ela com uma voz trémula. – Foi-se embora.



– O que a levou a fazer-me isto? – perguntou Rose a Shen, depois de ter lido a carta de Wren uma dezena de vezes. – E logo no dia em que começava a nossa digressão real!

– Palpita-me que não foi coincidência – disse Shen, que recebera a notícia com uma silenciosa frustração. Depois de Rose lhe ter passado a carta para as mãos, ele levara a jovem até à cozinha, afastando-a dos olhares curiosos, para lhe fazer uma chávena de chá quente.

O chá, e as mãos de Shen entre as suas, ajudaram a conter as lágrimas. O Sol elevara-se em todo o seu esplendor e os restantes habitantes do palácio começavam a acordar. Os criados moviam-se de um lado para o outro, preparando-se para a partida das gémeas, enquanto os moços de estrebaria selavam os cavalos que iriam puxar a carruagem dourada. Rose não era capaz de se concentrar em nenhum desses pormenores.

– E como se atreve ela a dizer-me o que fazer! Vou atrás dela se eu quiser!

– Não sejas impulsiva – aconselhou Shen. – Não transformemos um problema em dois.

Rose fulminou-o com o olhar. Sob a raiva, rodopiava uma emoção mais forte: medo. A carta *aterrorizava-a*. Acabara de encontrar a irmã. Não podia perdê-la tão depressa. Precisava que a irmã a ajudasse a governar, a unir o país e que a ensinasse a ser uma bruxa. Mas era mais do que isso. Precisava de Wren porque era a sua família. A sua outra metade.

Ou, pelo menos, era isso que pensava sobre ela. Rose havia sentido um

reconhecimento instantâneo no mais profundo do seu ser quando a vira pela primeira vez na noite do baile, mas ainda havia muita coisa que não sabia sobre a irmã; muito que queria aprender. Desejava que fossem irmãos de verdade, não só de sangue, mas pela experiência e pela história. Pelo seu futuro. Mas, mais que tudo, desejava que Wren confiasse nela, que a *escolhesse*.

O bilhete de Wren dizia o contrário. Ela estava mais preocupada com Banba do que com o reino, do que com a irmã, do que com a *sua própria vida*. Quanto mais Rose pensava naquilo, menos conseguia suportá-lo. O medo, a dor e a raiva começavam a fundir-se numa torrente furiosa de emoções que não era capaz de controlar. E ela *odiava* sentir que não tinha o controlo. Bateu com o pé no chão.

– Oooh! Quando ela voltar, vou dar-lhe... um... um... ralhete severo!

Shen arqueou uma sobancelha.

– Tens de melhorar as tuas ameaças.

Rose bateu uma vez mais com o pé no chão, entornando acidentalmente o chá.

– As rainhas não fogem, por capricho, para outros países sem dizer nada a ninguém. Não abandonam os seus deveres. Nem as suas irmãs! – A sua voz cedeu, mas Shen aproximou-se um segundo depois e abraçou-a. A jovem enterrou a cara no peito dele. – E se lhe acontecer alguma coisa? – Rose arrependeu-se de imediato de ter proferido aquelas palavras em voz alta, como se o simples facto de o dizer lhes desse poder.

Shen beijou-lhe o cabelo.

– Tem fé na tua irmã. Apostaria na Wren contra qualquer pessoa. Ela não iria para Gevra se não tivesse um plano.

– Que tipo de plano podia ter? – Rose ensaiou uma gargalhada. – Vai disfarçar-se de *Bernhard*, o urso polar, e entrar a valsar no palácio de Grinstad?

– Acho que sobrestimas a magia dela – comentou Shen.

Os sinos da torre começaram a repicar, uma, duas... sete vezes. Aquele som trouxe Rose de volta à realidade. Wren tinha-se ido embora e ninguém sabia. A digressão real estava prestas a começar e faltava-lhes uma rainha. Afastou-se de Shen e ficou horrorizada ao perceber que deixara uma mancha de ranho na camisa dele. *Estrelas!* Aquela manhã podia piorar ainda mais?

Shen fingiu não se dar conta.

– E agora, majestade? – perguntou ele, desviando-lhe um caracol da cara.

Nesse momento, escutaram passos que se aproximavam.

– Rose, aqui estais! O que fazeis aqui em baixo em camisa de noite? – perguntou Chapman. – E com um homem! E sem dama de companhia!

– Sabe que me chamo Shen – disse o rapaz. – Vejo-o todos os dias.

Chapman ignorou-o e virou-se para Rose, com a pena sobre o pergaminho.

– Isso agora não importa. Preciso de saber o que desejais tomar agora ao pequeno-almoço. Teremos de o comer em viagem, se não lhe parecer pouco civilizado. E o almoço será numa taberna idónea em Glenbrook. Devíamos chegar lá às...

Rose levantou a mão para o interromper.

– Temos um problema.

– Os Flechas não se aproximarão da carruagem – garantiu Chapman. – Enviámos um pelotão para bater o caminho. Partiram há uma hora. – Apontou com a pena para a camisa de dormir da rainha. – Ou referia-se ao vosso traje? Ainda temos algum tempo antes de...

– A Wren não está.

O bigode de Chapman agitou-se.

– Desculpai?

– A. Wren. Foi-se. Embora. – Rose lançou-lhe a carta amarrotada. – Foi para Gevra.

Chapman empalideceu ao ler a carta. Tirou um lenço do bolso e limpou a testa.

– Certo. Sim. Pois. Bom, não há problema – disse ele, mais para si do que para ela. – Ao menos ainda temos uma rainha. Provavelmente, a melhor. Talvez possamos elaborar um plano que faça com que pareçais duas pessoas... Ah! E que tal um vestido com duas mangas distintas? Poderíeis acenar com uma de um lado da carruagem, deslizar para o outro lado e acenar daí.

Shen esforçou-se por não rir. Rose olhou para o administrador.

– Não pode estar a falar a sério.

– A digressão tem de continuar – insistiu Chapman. – Com ou sem a vossa errante irmã. O vosso povo espera-a. Está tudo tratado.

Rose massajou as têmporas, pensando... preocupada.

– A minha irmã precisa de mim, Chapman. Temos de ir a Gevra e trazê-la de volta.

Shen passou a mão pelo queixo.

– Queres enviar uma missão de resgate para... a missão de resgate?

Chapman abanava a cabeça com tanta força que lhe tremiam as bochechas.

– Não podemos enviar os nossos soldados para um território tão inhóspito. O rei Alarik irá encarar a sua chegada como uma ameaça e lançará de imediato um contra-ataque. Só nos resta esperar que a vossa irmã se tenha disfarçado antes de partir. Quero dizer, as consequências de uma soberana chegar sem convite a Gevra e oriunda de um país que matou recentemente o seu príncipe herdeiro num casamento que devia *unir* os dois países... – Chapman fez uma pausa significativa.

– Chapman, ocupe-se disso – ordenou Rose.

– Consequências incalculáveis! – O administrador levantou as mãos para o céu. – Pode ser visto como uma declaração de guerra!

– Tudo em Gevra é considerado uma declaração de guerra – lembrou Shen. – Eles vão para a guerra por tudo e por nada.

– Exatamente! – bufou Chapman. – E é por isso que não podemos dar-nos ao luxo de piorar a situação envolvendo-nos mais.

– Está a sugerir que abandone a minha irmã? – indagou Rose.

Chapman pressionou os lábios.

– Majestade, devíeis perguntar-vos quem está a abandonar quem.

Rose mordeu o interior da bochecha e pensou em Wren, a escapulir-se a meio da noite.

– E, falando de abandonos – prosseguiu Chapman –, temo que não podeis abandonar o vosso país num momento tão crítico apenas para seguir a vossa irmã numa espécie de caça gevraneana aos gambuzinos! E tampouco podeis enviar os vossos soldados para que a tragam para casa. A sua mera chegada às costas gevraneas seria uma catástrofe. E, em qualquer dos casos, precisamos deles aqui, onde o Edgar Barron e os seus seguidores demonstram ser uma verdadeira ameaça.

Rose olhou para Shen. Percebia pela sua expressão sombria que ele estava de acordo com o administrador.

– Sei que nem sempre pensámos da mesma maneira e que a desagradável recordação do anterior conselheiro paira entre nós, mas, Rose, sabeis que o meu conselho é sincero – disse Chapman como quem implora. – Não vos guiava na direção errada. A minha lealdade é para com Eana. E *vós* sois Eana.

– Sou Eana, Eana é minha – disse Rose em voz baixa, e as conhecidas palavras provocaram-lhe um formigueiro quente que lhe percorreu os braços. Acalmaram-na. Centraram-na.

– Exato. E é por isso que deveis permanecer aqui e tentar encantar o vosso povo e, assim, afastá-lo do Barron e dos da sua laia – argumentou Chapman. – É a única solução para Eana.

Rose assentiu para si própria. Chapman tinha razão. A digressão tinha de continuar pelo bem do reino. E, entretanto, teria de confiar que a irmã sabia o que estava a fazer. Que Wren ficaria bem.

– Gostaria que a Celeste me acompanhasse – pediu Rose, entusiasmando-se com a ideia assim que a pronunciara. Ela tem jeito com as pessoas. E será uma excelente acompanhante.

– Não, não, não te preocupes com os meus sentimentos – murmurou Shen.

Rose estava demasiado atarefada a pôr o seu novo plano em marcha para o ouvir. Sim. Celeste era a solução. Ia pedir-lhe que fosse na carruagem com ela, que a ajudasse a lançar rosas aos aldeões. Se não podia ter a irmã ao seu lado, levaria a sua melhor amiga. Afinal, durante muitos anos tinha sido apenas ela e Celeste. Eram quase família.

– Rose! Aqui estais! – Uma nova voz interrompeu o fio dos seus pensamentos. Agnes, a sua aia, entrou na cozinha a correr, corada e a arfar.

– Agnes, o que faz aqui? – Chapman lançou uma vez mais as mãos para o teto. – Talvez fosse melhor dispensarmos a sala do trono e passarmos a reunir-nos aqui.

– Andava à vossa procura – arfou Agnes. – A Lottie, a camareira, disse-me que vos encontraria aqui, na cozinha, e eu pensei, *Por todas as estrelas, o que faz ela lá em baixo antes de eu lhe vestir o traje da digressão?* Tinha de a encontrar... Eu... Oh... Deixe-me recuperar o fôlego...

– Está tudo bem – disse Rose. – Já sei que a Wren se foi embora.

Agnes franziu o sobrolho.

– A Wren? Vim falar-vos da Celeste. – Para grande horror de Rose, a criada levou a mão ao bolso e tirou outra carta. – Isto acabou de chegar da baía dos Desejos.



– Não acredito que me seguiste – disse Wren, furiosa, enquanto tentava, sem êxito, e pela terceira vez, desenrolar a sua rede improvisada. – A sério, Celeste, não tens nada melhor para fazer?

– Na verdade, foste *tu* que *me* seguiste. Parti assim que vi o noitibó passar junto à minha janela – esclareceu Celeste, com um toque de soberba na voz. – Eu sabia que tentarias uma tolice. Bastava esperar na doca para te ver aparecer. – Apontou para o cabelo castanho de Wren e para os dentes tortos. – Admito que estava à espera de algo melhor do que esse disfarce patético.

– Consegui chegar até aqui, não foi?

Celeste cruzou os braços.

– É aqui que termina a tua viagem, Wren.

Sob o convés do *Siren's Secret* o ar entre elas estava carregado e fedia a algas.

– Celeste, eu vou para Gevra.

– Vai ser a tua morte – disse Celeste com uma certeza inquietante. – E não posso deixar que isso aconteça.

– E o que vais fazer? Raptar-me? – resmungou Wren enquanto se libertava da rede e caía de joelhos. Levantou-se e cambaleou. – Gostava de te ver tentar.

– Prefiro deixar os raptos para o Shen. – Celeste parecia não ter problemas em manter o equilíbrio, apesar de o navio estar a balançar. – Já mandei um bilhete à tua irmã. Se não vieres comigo neste instante, armo aqui o maior alarido que este porto alguma vez viu.

Wren agarrou-se a um pilar de madeira.

– O teu equilíbrio é excelente, Celeste. Não percebeste que já zarpámos? Celeste ficou pálida.

– Ele não o faria. Prometeu-me que esperava.

– Quem?

Porém, Celeste já estava a afastar-se.

– Celeste! – gritou Wren, e cambaleou atrás dela. A última coisa que precisava era que a melhor amiga da sua irmã lhe arruinasse a artimanha tão bem montada. E como raios teria ela conseguido subir a bordo? – Para de te meter nos meus assuntos!

Celeste ignorou os protestos da amiga enquanto subia os periclitantes degraus e abria caminho pelo convés, gritando a todos os marinheiros que se atravessavam à frente dela. Avançou até ao leme, onde se encontrava o comandante.

Wren tentou agarrar a capa de Celeste, mas esta já subia as escadas.

– marino, seu cabeça de carpa! eu disse-te que não era para zarpar já!

– *Algas malditas*. – Wren ficou boquiaberta ao dar-se conta de que eram irmãos. O comandante do *Siren's Secret* era Marino Pegasi, o irmão mais velho de Celeste. De súbito, tornou-se óbvio – partilhavam as mesmas maçãs do rosto salientes e os mesmos olhos castanhos e afetuosos. Mesmo naquele momento, o comandante não parecia nada afetado pelo acesso de fúria da sua irmã.

– Não se grita no mar, Lessie – disse ele, calmamente. – Conheces as regras. Não gosto de assustar os golfinhos.

– Dá meia-volta agora mesmo! Não quero ir para a maldita Gevra!

Marino abanou a cabeça.

– Aproxima-se uma tempestade de leste. Se não partirmos agora, nunca sairemos da baía. – Tirou a bússola e estudou-a antes de ajustar o leme três graus para a esquerda. – A propósito, já tiveste oportunidade de falar com a minha passageira clandestina? Uma verdadeira fera, hã? – Olhou para Celeste e avistou Wren, que vinha logo atrás. – Ah, Tilda! Aí estás tu. Conheces a minha irmã? Não liguês ao mau humor dela. Não gosta de madrugar.

Wren mostrou-lhe um sorriso com dentes tortos.

– Oh, eu sei. A Lessie e eu somos velhas amigas.

– Não *voltes* a chamar-me isso – resmungou Celeste.

Marino abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Quais eram as probabilidades de isso acontecer?

– Altíssimas, cérebro de mosquito! – Celeste deu uma palmada no tricórnio do irmão. – É a rainha de Eana! Para a qual te disse que devias ficar atento!

Marino olhou para Wren.

– Estiveste a beber, Lessie? – indagou, passando a mão pelo queixo. – Esta não é a Rose.

– É a outra – disse Celeste, impaciente.

Marino franziu o sobrolho, tentando recordar-se do nome.

– Wren – disse Wren enquanto apanhava o tricórnio do chão e o experimentava. – A outra rainha chama-se *Wren*. Não é assim tão difícil de memorizar.

Marino arrancou-lhe o chapéu da cabeça e observou-a de mais perto.

– Mas não são gémeas idênticas?

Celeste revirou os olhos.

– É evidente que está disfarçada.

Ele inclinou a cabeça.

– Estás disfarçada, Tilda?

Wren hesitou. Estava a gostar de ser a Tilda. A simples e lamentável Tilda, que procurava o pai.

– De certo modo, Marino, não andamos *todos* disfarçados?

– Ela é uma encantadora – revelou Celeste. – Mover-se sorrateiramente está-lhe no sangue. Embora entenda por que não se deu sequer ao trabalho de usar a sua magia em ti. Sempre disse que eras demasiado crédulo para te dedicares ao comércio de especiarias.

Marino enrugou a testa.

– Mas porque haveria ela de me mentir?

– Porque é que um esquilo esconde nozes para o inverno? – Celeste apertou a cana do nariz. – É o que ela faz, Marino. E pouco importam os porquês. Dá já a volta antes que te encerrem numa masmorra por lebares uma rainha eana para Gevra.

Wren viu como Marino hesitava. Havia tensão no seu queixo ao olhar para a baía dos Desejos. Já quase tinham passado o promontório e as ondas empurravam-nos para o mar aberto, mas estava a ceder à pressão de Celeste. Era uma influência formidável, uma irmã mandona capaz de rivalizar com Rose.

Wren tirou um pouco de areia da bolsa e lançou-a por cima da sua cabeça com um encantamento rápido. Os dentes endireitaram-se e o cabelo voltou ao penteado e cor originais. Marino ficou de queixo caído e Wren pôs as mãos na anca.

– Por ordem da rainha de Eana, não podes dar a volta a este navio. Compreendeste?

Marino olhou de uma para a outra.

– Marino – disse Celeste, em voz baixa. – Não lhe dês ouvidos.

– Ele tem de me dar ouvidos – contrapôs Wren. – É meu súbdito.

– Bom, mas é *meu* irmão.

Wren mostrou a língua a Celeste.

– As ordens da rainha são mais importantes. – Olhando para Marino disse: – Na verdade, tecnicamente falando, devias fazer-me uma vénia, mas, dadas as circunstâncias, vou deixar passar essa falha.

A revelação de Wren tinha demorado o suficiente para que o navio ultrapassasse a extremidade do cabo. O vento começava a levantar-se e o

navio sulcava a água cinzenta como uma pedra plana.

Marino apertou os dedos em redor do leme para que mantivessem a rota. Relaxou o queixo e a expressão de surpresa abandonou por fim o seu rosto. Quando tomou a palavra, não foi com a deferência e o respeito que Wren esperava.

– *Que as estrelas o abençoem mil vezes, comandante* – disse ele, modulando o tom de voz para imitar a atuação da jovem. Até conseguiu que lhe tremesse o lábio inferior. – *Tem um coração de ouro.*

Wren aplaudiu.

– Se o negócio das especiarias não resultar, terás sucesso no teatro, Marino.

– Ia dizer-lhe o mesmo, majestade – disse Marino.

– A tua boa ação não será esquecida – garantiu Wren. – Na verdade, quando voltarmos de Grinstad, irei armar-te cavaleiro.

O rosto de Marino iluminou-se.

– Deviam ter vergonha! – exclamou Celeste. – Wren, nem sequer sabes como armar alguém cavaleiro, e *tu*, meu irmão, és tão superficial como um charco.

– Não sejas tão dura com ele, Lessie. – Wren deu uma pequena cotovelada em Celeste, tentando animá-la. Mas o rosto dela parecia uma tempestade e recordava as nuvens que se acumulavam por cima das suas cabeças. – Ele só está a fazer um favor à sua rainha.

– E, no processo, a trair a outra – atirou Celeste. – Estou farta desta conversa. Faz os teus negócios em Gevra, Marino, mas a Wren e eu ficamos no navio. Assim que terminares, voltamos para casa, mesmo que tenhamos de enfrentar chuva, granizo, relâmpagos ou o que quer que o mar nos atire!

Enquanto falava, surgiu uma névoa insidiosa que engoliu o navio e deixou cair um lençol de chuva gélida. Celeste estremeceu e puxou o capuz para proteger o cabelo.

– Vê só, Lessie! O teu mau humor provocou uma tempestade! – Marino teve de gritar por cima de um trovão para ser ouvido, mas não parecia nada assustado; de facto, parecia eufórico. Ofereceu o chapéu à irmã e virou a cara para a chuva.

– És ridículo! – Celeste pôs o tricórnio por cima do capuz. – Sempre adoraste tempestades!

– Podes ficar com esta só para ti, Marino! – gritou Wren, que começava a sentir-se perigosamente enjoada. O seu momento de glória terminaria se vomitasse nas suas próprias roupas. – Vou regressar à minha rede! – Tapou-se com a capa e correu lá para baixo.



O rum deixou-a sonolenta e a tempestade embalou-a até adormecer. As horas

passaram numa penumbra salgada. A manhã deu lugar à tarde e depois a noite caiu uma vez mais. Quando acordou, o mar acalmara e o Sol começava a esconder-se. Não havia nem sinal de Celeste, mas, depois da discussão na coberta, Wren não esperara que se juntasse a ela. O mais provável era que estivesse no camarote do comandante, deitada e a beber o vinho de boa qualidade.

Wren aventurou-se até ao convés, onde a sua respiração se transformou em nuvens de vapor. O *Siren's Secret* atravessara a furiosa tempestade e emergira num mar cristalino onde uma névoa gélida se colava ao casco e o céu adotara a cor de uma pérola muito bem polida. Havia algo de estranho na água, como se estivesse repleta de fantasmas e não de seres vivos. Wren encontrou Marino inclinado sobre a proa do navio.

– À procura de tesouros? – perguntou ela, detendo-se ao lado dele.

O reflexo de ambos observava-os por entre a névoa.

– De algo melhor – respondeu Marino. – Procuro sereias. – Wren arqueou as sobrancelhas e ele continuou: – Há dois anos, vi uma, aqui, numa noite sem estrelas. – Esboçou um sorriso. – Flutuava como uma flor na água. Ao início, pensei que se tratava de um sonho. Mas depois ela cantou para mim.

Wren inclinou-se sobre a água cristalina e procurou uma cauda brilhante entre as ondas. Nunca vira uma sereia, mas um pirata que aparecera em Ortha contara-lhe histórias sobre elas. Brilhavam como joias sob a água e a luz das estrelas refulgia nos seus olhos. Cantavam com a elegância de um coro ao amanhecer e nadavam onde nenhum marinheiro podia apanhá-las. Temiam o mundo acima da superfície, a fome, a ganância, as guerras e aqueles que as tentavam apanhar.

– Falaste com ela?

Marino abanou a cabeça.

– Não tive coragem, majestade.

– Chama-me Wren. Ou Tilda, se preferires. Detesto formalidades – disse Wren. – E porque não deitas algum ouro ao mar da próxima vez? És rico. Talvez resulte.

– Não te rias de mim. – Marino olhou para a água. – Se a vida me ensinou alguma coisa é que podes comprar quase tudo neste mundo, menos o amor. Não há nada que possas dar em troca. Apenas o teu coração.

Wren contemplou as calmas águas. Era uma mistura perfeita de cinzento e azul, o mesmo tom dos olhos de Tor. Sentiu uma pontada no coração ao recordá-lo a afastar-se dela. Tentara bloquear esse momento, enterrá-lo no seu subconsciente, mas ele voltara a aparecer na repentina quietude dos seus pensamentos. Vinha acompanhado de um sussurro de esperança e ela deu por si a perguntar-se se voltaria a ver o soldado gevrânês quando chegasse a Grinstad..., se era uma loucura pensar que a ajudaria a salvar Banba. Sabia que não tinha o direito de lhe pedir fosse o que fosse, não depois de ter sacrificado o seu príncipe para lhe salvar a vida. Mas a esperança era como

uma ave que escapara de uma gaiola. Uma vez em liberdade, era difícil voltar a apanhá-la.

– Conheço esse olhar.

Wren pestanejou.

– Que olhar?

O comandante sorriu-lhe.

– Estás apaixonada.

Ela riu.

– Confundes amor com fome.

– Se o dizes...

– Oh, cala-te. – Wren deu-lhe uma palmada. – Tu é que estás obcecado por um linguado sofisticado.

Riram ambos enquanto voltavam a sua atenção para o mar. O *Siren's Secret* deslizava com a elegância de um cisne. Durante algum tempo, ficaram ambos em silêncio, cada um absorto nos seus pensamentos. Então, o vento mudou de direção.

– Repara – disse Marino, apontando para o horizonte. – Estás a ver?

Wren pôs-se na ponta dos pés.

– Ver o quê?

– Os famosos penhascos gelados de Gevra. A viagem foi rápida, graças à tempestade.

A bruma espiralou ao desvanecer-se, revelando uma franja de terra tão alta e brilhante que os olhos de Wren se encheram de lágrimas. Pestanejou para as afastar e o seu coração acelerou enquanto tentava compreender o que tinha diante dela.

– *Pelas estrelas!* – Os penhascos gelados formavam uma linha irregular no horizonte que se elevava do mar como cacos de vidro. A costa de Gevra era uma barreira tão afiada e implacável que nenhum homem ou mulher podia sonhar sequer conquistá-la. – É impenetrável.

– Na realidade, não. – Marino apontou para uma abertura nos penhascos, onde os fragmentos de rocha gelada se curvavam, afastando-se entre si. Entre eles havia um pequeno fiorde, por onde o mar penetrava.

Wren apertou a amurada e deu-se conta de que tinha os dedos dormentes.

– Vamos passar por ali? – perguntou, a bater os dentes.

Marino fez que sim com a cabeça.

– Os marinheiros chamam a esse fiorde Brecha da Morte, mas eu sou um comandante experiente e habilidoso. Não o temo.

– Então, vai comandar antes que naufraguemos naqueles penhascos – pediu Wren num tom um pouco agudo.

Com uma gargalhada, o comandante Marino Pegasi dirigiu-se para o leme, dando ordens à tripulação. Wren permaneceu à proa, vendo os penhascos crescer e tornar-se cada vez mais afiados. Sentiu um arrepio na espinha que foi alojar-se no seu peito. Pela primeira vez desde que partira para

resgatar a avó, temeu verdadeiramente o que a esperava.



Rose estava determinada a não deixar que a preocupação com Wren arruinasse a sua digressão. Ainda em estado de choque, voltara ao quarto com Agnes para se preparar e garantir que todas as pregas do seu vestido azul estavam perfeitas. Com o mundo a desmoronar-se à sua volta e a escapar ao seu controlo, ao menos Rose ainda podia escolher o seu guarda-roupa. A sua armadura. Uma vez que Wren se fora embora, ela teria de se embonecar e ficar suficientemente régia pelas duas.

Entretanto, teriam de arranjar uma explicação para a sua ausência. Rose esperava que os habitantes de Eana ficassem tão felizes por vê-la que pouco se importassem com a ausência da sua irmã. Seria até mais fácil, na verdade. Wren mostrara-se tão carrancuda sempre que se falava da digressão que o mais certo seria causar uma péssima impressão.

Escutou-se uma pancada na porta e Thea entrou com um aspeto sombrio. Agnes apertou o último botão do vestido de Rose antes de sair para lhes dar privacidade. Rose sentou-se ao toucador para tentar dominar o cabelo enquanto Thea se acomodava aos pés da cama.

– O Shen contou-me o que se passou.

– Já devia esperar que a Wren saísse sorrateiramente a meio da noite, mas não acredito que a Celeste tenha ido atrás dela sem me dizer – comentou, furiosa. – Mas *toda a gente* deste palácio decidiu trair-me?

– De certeza que estará de volta antes que te dês conta – disse Thea, tirando a escova das mãos de Rose antes que ela arrancasse os cabelos. Penteou-a com os dedos e desfez os nós com delicadeza. – E, com alguma

sorte, trará a Wren com ela.

Rose fechou os olhos e tentou animar-se com as palavras de Thea. Embora não conhecesse a curandeira há muito tempo, não havia ninguém no palácio em quem ela mais confiasse. Com a exceção, talvez, de Shen. Rose olhou pela janela em direção ao pátio. Sabia que ele estava ali, a observar com atenção os soldados enquanto se preparavam para partir.

Thea pousou a escova e suspirou.

– Devia ter imaginado que a Wren iria atrás da Banba. Era apenas uma questão de tempo...

– Até me deixar sozinha – disse Rose com amargura.

Thea colocou-lhe uma reconfortante mão no ombro.

– Não estás sozinha, Rose. Tens-me a mim.

Rose alcançou a mão da curandeira.

– E preciso de ti mais do que nunca, Thea. Toma conta de Anadawn na minha ausência. A sério, não poderia imaginar uma conselheira real melhor.

– Não sei se a Wren concordaria. – Thea fitou-a no espelho. – O plano sempre foi que Banba se tornasse a conselheira real.

Rose torceu o nariz.

– Ela nunca falou disso comigo. – Embora, após os acontecimentos daquela manhã, isso não a surpreendesse. – E, apesar de não conhecer a minha avó tão bem como vocês as duas, devo dizer que a Thea é muito mais diplomática.

Thea deixou escapar uma gargalhada.

– É uma forma de o dizer.

– Seja como for, é um assunto para uma outra ocasião.

– Que eu espero que chegue – murmurou Thea. – Quem me dera que a Banba estivesse aqui.

– Eu também – concordou Rose. – O que diria ela da digressão?

Thea riu uma vez mais antes de se aproximar da janela do quarto, de onde observou os preparativos no pátio.

– Ao início odiaria, tenho a certeza, mas ela é cautelosa por natureza. Depois de pensar, creio que acabaria por admitir que é uma boa ideia, ainda que reticente. Mas também te diria para te certificares que sabias onde era a comunidade de bruxas mais próxima, para o caso de precisares de ajuda pelo caminho.

– Estamos muito longe de Ortha – disse Rose com a testa franzida. Não que vivessem lá muitas bruxas. E, em qualquer dos casos, a digressão dirigia-se para sul, não para oeste. Longe do deserto de Ganyeve e de tudo o que ficava para lá disso, do outro lado do reino. – E grande parte dos bruxos e bruxas agora vive aqui, em Anadawn. Não é?

– Existem outras colónias. Ou, pelo menos, existiam. As montanhas de Mishnick, a noroeste. E outra habitação a sul, nas torres de Amarach, o lar dos videntes.

– Os videntes não desapareceram? Tal como o Reino Beijado pelo Sol?

– As duas torres estão escondidas, não perdidas – informou Thea, virando-se para ela. – Se as videntes ainda lá vivem isso não te sei dizer. Mas se precisares de refúgio pelo caminho, sei onde podes encontrá-lo. – Fez uma pausa, e depois. – Ou, pelo menos, sei indicar-te a direção das torres. Mesmo que não vivam lá bruxos, a terra proteger-te-á.

Rose mostrou-lhe um sorriso.

– Se ao menos também me pudesses dizer como lidar com o Edgar Barron.

– Tens de confiar em ti mesma. Saberás como lidar com ele quando chegar o momento.

– Só espero que esta digressão mostre a toda a gente que não há que temer as bruxas. Que estamos todos do mesmo lado. O Barron tem andado a espalhar mentiras e a virar o povo contra nós. Contra mim. – Rose torceu as mãos. – Nunca pensei que o meu próprio povo me odiasse, Thea.

Os olhos castanhos de Thea fitaram-na com carinho.

– Eles não te odeiam. Têm apenas medo do que não conhecem. Mas assim que te virem, assim que perceberam o quanto amas Eana, o quanto os amas, então, também te irão amar.

Rose pestanejou para afastar as lágrimas.

– Espero que sim.

– Eu sei que sim. Agora vai buscar-me um papel para que te desenhe um mapa. – Olhou pela janela. A Guarda Real começava a reunir-se. – Mas é melhor que o mantenhas em segredo. Pelo sim pelo não.



Quando a digressão estava pronta para partir e todos os baús estavam empacotados e carregados, Rose começou a sentir-se otimista ao pensar nas semanas que tinha pela frente. Shen guiou o seu cavalo *Storm* para que tomasse o seu lugar junto à carruagem real, enquanto ela se despedia de Thea, grata por ter o mapa bem guardado no corpete.

Rose entrou na carruagem dourada com *Elske* ao seu lado. Olhou para Anadawn, para o seu palácio, e jurou que, quando regressasse, seria uma rainha amada pelo seu povo. Uma rainha triunfante. Encantaria todo o reino, cidade a cidade, casa a casa, se fosse preciso. Edgar Barron não fazia a menor ideia de quem enfrentava.



Os fiordes gelados de Gevra agigantavam-se sobre Wren enquanto o *Siren's Secret* avançava pela Brecha da Morte. Conseguia ver o seu reflexo na superfície escarpada do penhasco, um ponto distorcido que observava o mundo submerso em neve. O frio chegava-lhe aos ossos. Tinha os dedos dos pés dormentes e batia os dentes.

Já estou a chegar, Banba.

Marino Pegasi guiou-os através da ventosa enseada como se tivesse feito aquilo toda a vida e, após um par de horas, os fiordes deram lugar a uma baía gélida na qual havia um movimentado porto cheio de gente. Wren contou pelo menos quarenta navios de todos os tipos, desde velhos barcos de pesca, a veleiros e até enormes navios de guerra que, semanas antes, tinham percorrido o rio Língua de Prata. Reconheceu o navio do rei – aquele que levava Banba. Estava ali, atracado e vazio, com exceção dos marinheiros no convés e dos soldados que guardavam a prancha.

Embora a noite tivesse caído, havia centenas de comerciantes e de marinheiros que corriam de um lado para o outro e mais bancas de mercado do que Wren alguma vez vira. O vento invernal transportava os pregões que a alcançavam.

Os dedos de Wren começaram a contrair-se. Em Eshlinn, chegar a Gevra fora como um sonho febril, mas, de repente, estava diante dela, roubando-lhe a cor das bochechas e a valentia. Pôs os nervos para trás das costas, porém, o frio colou-se a ela quando deu meia-volta e caminhou até ao casco. Marino estava ao leme, navegando *Siren's Secret* até ao porto.

– Preciso que me venhas buscar daqui a três dias – pediu Wren. – Sei que não é o momento ideal.

– Acreditas que deixaria propositadamente uma rainha de Eana em costas hostis? – Marino abanou a cabeça. – Há sempre outros negócios. Espero que saibas o que estás a fazer.

Wren forçou uma gargalhada.

– Achas mesmo que subi a bordo do teu navio sem um plano?

– Os teus lábios estão a ficar azuis – salientou Marino. – Não trouxeste um casaco mais quente? Ou sofrer de hipotermia também faz parte do teu plano?

– Posso ter subestimado o tempo.

– A Lessie contou-me porque vieste. – Virou a cara para oeste com uma expressão sombria. – O palácio é uma fortaleza talhada no coração das montanhas Fovarr. Espero que não planeies escalar uma muralha.

– Podes não acreditar, mas já resultou uma vez.

– Já não estás em Anadawn, Wren – avisou Marino. – Gevra não dá segundas oportunidades. Nem a rainhas nem a camponeses. – Baixou a voz, como se temesse que o vento estivesse à escuta. – Soldados e bestas patrulham o palácio. E se eles não te apanharem, não escaparás ao gelo.

Wren cruzou os braços para esconder o tremor nas mãos.

– Trago um convite do rei.

Marino fez um ruído de incredulidade.

– E se for uma armadilha?

– Sou a rainha de Eana. Tenho a certeza de que nem o Alarik Felsing seria tão idiota.

– Eu não tinha assim tanta certeza – disse Marino. – Quando, o ano passado, o jovem príncipe de Radask fez uma visita diplomática ao palácio, perdeu três unhas dos pés e um dente da frente. Dizem que fugiu do palácio com a roupa toda rasgada.

Wren estremeceu.

– O que lhe aconteceu?

Marino encolheu os ombros.

– Uma briga com o urso do rei, de certeza. Ou talvez até com o próprio rei. Tudo o que sei é que, com ou sem convite, eu não contaria com a hospitalidade de Alarik Felsing. Principalmente, depois do que sucedeu ao irmão dele nas nossas costas.

Wren levou a mão à bolsa com a areia, repensando todo o plano. Marino tinha razão. Era uma ingenuidade pensar que podia entrar no palácio de Grinstad com a coroa como única proteção. Alarik Felsing não cumpria as regras.

– Tenho vários casacos de peles no meu camarote – acrescentou Marino. – Leva um deles.

Wren agradeceu com um aceno de cabeça.

– Presumo que não conheças nenhum túnel antigo e secreto que leve

diretamente ao palácio?

Marino riu.

– Isso seria esperar muito.

– Ficarias surpreso – murmurou Wren. Virou-se para partir e ele deteve-a.

– Espera. E se houvesse outra maneira de entrar no palácio? – Marino olhou para o porto. – A semana passada fui buscar um carregamento de açafrão a Caro. Vou entregá-lo a um emissário do palácio. O novo cozinheiro, Harald, é um tipo aventureiro. Quer expandir as papilas gustativas da família real. Vai encontrar-se comigo no mercado.

Wren olhou para a fervilhante costa.

– A-ha! Vais meter-me num dos barris de especiarias.

Marino riu, incomodado.

– Isso é uma piada, certo?

– Ah! Então, não?

– Se quiseses sobreviver à viagem... – disse o comandante. – Mas é capaz de haver espaço suficiente *entre* os barris, se esperares pelo momento certo.

Apesar do frio, Wren esboçou um sorriso.

– Sou perita a esperar pelo momento certo.

Enquanto a tripulação do *Siren's Secret* se preparava para atracar, Wren correu até ao camarote do comandante. Por sorte, Celeste continuava a roncar. Ignorando o sentimento de culpa que parecia aumentar a cada minuto que passava, Wren tirou uma pitada de areia e fez um feitiço para que ela dormisse mais profundamente.

– Isto *mal* se pode considerar magia – sussurrou antes de tirar um casaco de peles do armário de Marino.



Quando Wren pôs os pés nas costas de Gevra, há muito que os últimos raios de sol tinham desaparecido atrás das distantes montanhas. O porto continuava um enxame de atividade, os vendedores gritavam enquanto tratavam das suas bancas que vendiam de tudo, desde lagostas e caranguejos, cortes ensanguentados de carne de vaca e de cordeiro. Havia queijo e pão, bolos cobertos de amêndoas, de chocolate e de doce, tudo criando uma estranha sinfonia de odores que impregnavam o ar frio da noite. Wren deambulou por entre as bancas iluminadas por luminárias, sempre de olhos postos em Marino, que descarregava as especiarias e as distribuía pelo mercado.

Havia bestas por todo o lado, mas não assustaram Wren como no passado. Isso devia-se a *Elske*. Nem pestanejou ao ver os tigres das neves e os leopardos que percorriam o mercado, e mal reparou nas raposas do ártico que dormitavam sobre os toldos. A maioria dos animais estavam domesticados e

passavam em liberdade ao lado dos seus donos vestidos de peles. Wren supunha que aquilo acontecia graças à família de Tor, que sabia treinar os animais. Sentiu um aperto no coração ao pensar que poderia voltar a vê-lo. Perguntou-se o que lhe diria, como lhe agradeceria por lhe ter salvado a vida. Ou, se o momento fosse propício, se se lançaria para os braços dele e o beijaria.

Para com isso, repreendeu-se. Não havia tempo para aquelas coisas.

Ali perto, um tigre rugiu, fazendo-a esquecer Tor. Aquelas bestas estavam presas por correntes. Tinham sido treinadas para a guerra e pertenciam aos soldados que patrulhavam o porto. Lançavam-se aos outros animais ao passarem, rugindo ocasionalmente às pessoas que falavam demasiado alto ou que gesticulavam muito.

Wren manteve a cabeça baixa. Voltara a manipular a sua aparência, tornando-se ruiva e, por muito que lhe custasse, entortando os dentes. Além disso, quase tomara banho na água-de-colónia de Marino para mascarar o seu odor, mas as bestas de Gevra eram tão inteligentes como os seus donos e, tanto quanto sabia, alguns deles podiam ter estado no desastroso casamento de Rose, quando as gémeas tinham matado Rathborne e acidentalmente queimado a Cripta do Protetor.

O repentino odor a pão fez o estômago de Wren roncar. Tirou uma pitada de areia e salpicou-a por cima de um lobo que passava, enrolando a corrente em volta do seu pescoço. Este atirou-se a um leopardo das neves, mergulhando o mercado num caos momentâneo. Os vendedores gritavam enquanto se escondiam atrás das suas bancas e os clientes aterrorizados tentavam afastar as suas próprias bestas da peleia.

Wren usou a distração para roubar um pedaço de pão de centeio com salmão. Devorou-o em três dentadas, antes de desviar um pouco de bacalhau e o meter no bolso, para mais tarde. Afastou-se quando o soldado recuperou o controlo do seu lobo.

No outro extremo do mercado, Wren viu o homem que devia ser o emissário do palácio e que Marino dissera chamar-se Harald. Chegara num enorme trenó prateado, engalanado com o brasão de Gevra. Era puxado por oito lobos cinzentos. Harald vinha acompanhado por dois soldados do palácio; uma mulher alta de cabelo preto e tranças e um homem corpulento e careca com um queixo voluntarioso que já estava a carregar os barris de especiarias na parte traseira do trenó. O próprio Harald era um homem alto e magro, com a pele pálida, a boca grande e o cabelo vermelho e brilhante. Embora estivesse vestido com um pesado casaco castanho com um enorme capuz, batia os dentes enquanto falava com Marino.

Wren abandonou o mercado e escondeu-se atrás de uma pilha de caixas ali perto. Quando carregaram o último barril para o trenó e os cobriram com uma lona preta, a jovem lançou um pedaço de bacalhau para o meio dos lobos. Estes abateram-se sobre ele como um tornado de pelo cinzento, rugindo e mordendo-se uns aos outros.

Os guardas aproximaram-se para investigarem o repentino alarido e Wren saiu do seu esconderijo atrás das caixas e ocultou-se sob a lona, serpenteando por entre os barris até chegar o mais atrás possível, abraçando as pernas contra o peito.

Ouviu os soldados regressarem aos seus postos no trenó. Harald voltou pouco depois, subiu para o trenó e despediu-se de Marino. O soldado gritou uma ordem e os lobos puseram-se em formação, partindo ao escutarem uma segunda ordem. Os barris chocaram uns contra os outros enquanto o trenó se afastava do mercado.

Wren permaneceu sentada, muito quieta e tentou não fazer barulho a respirar. Durante algum tempo, o único som que se escutava era o da gravilha a ser pisada e o uivar do vento que passava por entre os espaços na lona. À medida que os lobos avançavam, o terreno começou a transformar-se num campo nevado.

Quando Wren se atreveu a espreitar para o exterior, a noite já se instalara por completo e a paisagem era da mesma cor da minguante lua prateada. Não se viam quaisquer luzes em redor e, durante bastante tempo, Wren ficou com a sensação de que aquele era o único trenó daquele país e eles os seus únicos habitantes.

Às vezes, quando a neve dava lugar à gravilha, ela escutava o ruído de cavalos a galopar, mas havia poucas carruagens a circular por aqueles sinuosos caminhos. A neve parecia demasiado traiçoeira, pois até os lobos tinham de parar ocasionalmente para a percorrerem.

A dor nas costas estendeu-se às pernas. O pão de centeio deixara-a com sede, mas tinha medo de alcançar o cantil que levava no saco. Por cima dela, os soldados permaneciam em silêncio, mas de vez em quando ouvia o cozinheiro a tentar entabular conversa; sempre em vão.

Wren mantinha a bolsa de areia ao seu lado. Começava a dar-se conta de que o gelo em Gevra não era só traiçoeiro para os viajantes, também o era para as encantadoras. Se ficasse sem terra, onde arranjaria mais? Não havia ali nada vivo que não estivesse afogado em camadas de gelo. Teria de usar a areia com inteligência e moderação.

Por fim, o trenó começou a abrandar. Wren espreitou e descobriu que começava a amanhecer. Não havia pássaros que anunciassem a manhã, não havia nada no pálido céu, exceto pesadas nuvens brancas. Em redor viu picos cristalinos de montanhas que se erguiam até tocarem nas nuvens.

Wren suspeitava que estariam no coração das montanhas Fovarr, mas do seu lugar na parte traseira do trenó não era capaz de ver o palácio de Grinstad. Não obstante, sentia-o, como um fantasma a pairar sobre ela. O vento deixara de soprar. No seu lugar, ouvia-se o rugido das bestas, que pareciam cada vez mais perto. Depois, uns portões rangeram ao abrir e ouviram-se vozes de mais soldados enquanto o trenó avançava para os terrenos interiores do palácio.

Wren vislumbrou-o através da ondeante lona. Era uma enorme escultura de calcário e vidro, talhada na cordilheira, por isso era difícil perceber onde

começava Grinstad e terminava a paisagem. Era tão impenetrável como ela imaginara, com torreões estreitos que brilhavam como presas e atravessavam as nuvens baixas. O trenó contornou o palácio, passando pelos jardins repletos de neve e pontuados por arbustos espinhosos. Wren presumiu que estariam a dirigir-se para a entrada dos criados, nas traseiras do palácio. Melhor para ela, cogitou, fletindo os dedos dos pés para voltar a senti-los.

Por fim, o trenó parou.

Pôs o capuz e preparou a areia, à espera para atacar...

Os soldados apearam-se e o cozinheiro fez o mesmo. A lona foi puxada para trás, revelando os seis barris. Wren agachou-se na traseira do trenó enquanto os guardas os carregavam e os transportavam para a cozinha, um a um.

Esperava o seu regresso quando um lobo apareceu do nada e saltou para o trenó. Assustada, Wren deixou cair a areia e por pouco não gritou quando o animal se pôs a cheirar o seu casaco. Nesse momento, lembrou-se do pedaço de bacalhau. Atirou-o para o chão e o lobo lançou-se sobre ele para o devorar. Wren mal teve tempo de reunir um pouco de areia quando o animal voltou para mais. Atirou-lhe a areia para o focinho e ciciou um encantamento para que adormecesse. O lobo caiu para o lado e apareceram mais dois a farejar a traseira do trenó. Quando viram a jovem começaram a uivar.

Wren meteu a mão na capa para tirar outro punhado de areia, mas sentiu uma espada no pescoço. Levantou a cabeça e deparou-se com a expressão hostil de um soldado gevrânês.

– Mais um movimento e estripo-te – rugiu.



Escondida no luxo da sua carruagem, com *Elske* a dormir aos seus pés e flanqueada por toda a Guarda Real, Rose devia sentir-se segura. Contudo, a ausência de Wren ainda a perturbava. Tinham sido quase inseparáveis nas últimas semanas, jantando todas as noites e conversando até tarde, sobre a infância, os sonhos e os medos de cada uma até o sono ser mais forte. Agora Rose estava sozinha, e temia pela segurança da irmã.

Um assobio no exterior acordou-a daqueles pensamentos. Correu a cortina e viu Shen, que sorria. Ao contrário do resto do regimento, ele montava sem sela, com uma camisa preta e larga, calças escuras e botas robustas. Parecia mais um bandido do que um soldado, e a visão da sua capa áspera e do seu sorriso fácil fê-la recordar o tempo que tinham passado juntos no deserto, o que lhe acelerou a pulsação. Esforçou-se por não o demonstrar.

– Acabaste de me *assobiar*?

– Tentei ser discreto.

Rose franziu o sobrolho e Shen soltou uma gargalhada.

– Perguntava-me se querias companhia – disse ele, inclinando-se para ela. – É um longo caminho até Glenbrook. Vais aborrecer-te aí sozinha.

– És incorrigível! – exclamou Rose, mas não conseguiu evitar sorrir. Na verdade, teria adorado convidá-lo para a carruagem real.

– Estás a corar – disse Shen em voz baixa. – Adoro quando isso acontece.

– Shen Lo! – gritou o capitão Davers. – Endireite-se! Volte para a formação!

Shen irritou-se.

– Quem me dera que aquele imbecil mandão parasse de me dar ordens.

– Cuidado – zombou Rose, apreciando o ralhete. – Não queres meter-te em sarilhos.

Shen fitou-a.

– Depende dos sarilhos.

Rose corou novamente. Maldito fosse ele e o seu encanto indomável. Ainda mal tinham atravessado a ponte sobre o rio Língua de Prata e ela já estava a perder a concentração.

– Para de me distrair – ralhou ela.

– Do quê? De estares aí sentada sozinha?

– Não estou sozinha – contrapôs ela. – Tenho a *Elske*.

Shen fez cara feia.

– E agora fiquei com ciúmes de uma loba. Nunca tinha descido tão baixo.

Rose gargalhou e reclinou-se, voltando a fechar a cortina. Podia não ter Wren ou Celeste ao seu lado, mas estava muito feliz com a companhia de Shen. Fechou os olhos, embalada pelo batucar dos cascos de *Storm* enquanto atravessavam a movimentada Eshlinn e continuavam para sul. Para ganharem tempo, tinham enviado uma mensagem a dizer que Wren viajava para norte, para Norbrook, para supervisionar pessoalmente a distribuição de rações antes de regressar para junto da sua irmã.

Prosseguiram viagem por terras que Rose conhecia apenas de nome – primeiro Glenbrook, onde passou por ruas cheias de gente, lançou rosas da carruagem, acenou e sorriu até lhe doerem as bochechas e a mão. Parou na enfermaria para oferecer a sua magia curadora àqueles que precisavam. Depois de horas a usá-la, sentia-se tão exausta que os guardas tiveram de a escoltar até à carruagem onde se enroscou e dormiu.

Saíram de Glenbrook sob uma chuva de aplausos, mas Rose estava no sétimo sono e não os ouviu. Daí seguiram para Horseleap. O tempo aí estava tão bom que Rose saiu da carruagem para dar um passeio antes de visitar o orfanato local, onde passou a tarde com as crianças, lendo-lhes histórias. Até lhes apresentou *Elske*, a simpática loba branca, que se deitava no chão e se deliciava com as festas das crianças.

Quando regressou finalmente à carruagem, já era muito mais tarde do que pensava, mas sentia o coração tão cheio que quase chorou. Durante toda a sua vida estudara as vastas planícies de Eana e as suas movimentadas aldeias, mas nada a tinha preparado para a intensidade de visitar esses lugares pessoalmente, nem para o assombro de se dirigir aos seus habitantes, de os tocar e de os conhecer.

– Foste incrível – comentou Shen, que conseguira entrar às escondidas na carruagem e olhava para ela tão maravilhado que os seus olhos brilhavam. – És incrível.

Rose sobressaltou-se.

– O que fazes aqui? Isto é muito inapropriado!

– Manda-me embora.

Rose franziu os lábios.

– *Shen*.

– Adoro quando dizes o meu nome.

– Não entendo porquê. Só o faço quando te ralho.

– Talvez seja por isso – retorquiu ele, e piscou-lhe o olho. – Deixa-me ficar aqui contigo até chegarmos a Millis. Prometo portar-me bem.

Rose acabou por se render. Sentou-se ao lado dele e sentiu um arrepio quando a perna dele roçou na dela. Ah, era uma sensação gloriosa.

– Bom, não é preciso que te portes assim *tão* bem – murmurou ela. – Fico feliz que estejas aqui.

Shen virou o rosto para o dela, e acariciou-lhe o queixo.

– Como desejar, majestade.

Rose fechou os olhos e pressionou os lábios contra os dele. Ele gemeu e beijou-a com intensidade. Rose relaxou, sabendo que aquele momento não só era passageiro como ia contra todas as regras que ideara antes de partir. No entanto, nos braços de Shen nada disso parecia importar. Por fim, Rose afastou-se. Estava exausta e as pálpebras pesavam-lhe. Shen envolveu-a com os braços e beijou-a no cocuruto da cabeça.

– Dorme, Rose. Eu protejo-te.

A rainha suspirou ao apoiar a cabeça no ombro dele. Aninhada nos braços de Shen, o sono chegou rápido e afastou-a de todas as preocupações. Quando acordou, era quase meia-noite e Shen já ali não estava.

A carruagem estava a abrandar. Deviam ter chegado à cidade de Millis. Passariam aí a noite, apenas o tempo suficiente para Rose tomar banho, comer e dormir numa almofada de verdade, antes de partirem novamente assim que o Sol nascesse. O séquito real invadiu a maior estalagem da cidade. Agnes subiu para preparar o quarto, deixando Rose a conversar com Chapman enquanto ceavam frango e guisado de alho-francês.

Até ao momento, a digressão estava a ser um sucesso, sem rasto de Barron e dos seus Flechas. Rose sabia que devia estar satisfeita – aliviada, até –, mas, ao olhar em redor da sala, ficou preocupada.

– Viu o Shen?

O administrador suspirou.

– Tendes de estar sempre a pensar nesse rapaz problemático? Pergunto-vos, rainha Rose, como é possível que um soldado bruxo sem treino oficial, nem lealdade à Guarda Real, consiga iludir as ordens do capitão Davers e dos seus soldados durante todo o dia?

Rose deu um gole no copo de vinho.

– Sabe muito bem que ele é o melhor guerreiro de Eana.

– E com a arrogância suficiente para o provar. – Chapman fez estalar a língua em sinal de reprovação. – E para responder à vossa pergunta, ele está, neste preciso instante, a patrulhar as muralhas exteriores de Millis. Por

insistência dele.

Rose sorriu para o copo.

– Tem de, pelo menos, apreciar a sua dedicação.

– Claro que sim – replicou Chapman, embora contra a sua vontade.

Depois do jantar, Rose subiu para os seus aposentos, compostos por um enorme quarto bem iluminado com uma grande cama de dossel e casa de banho adjacente. Era o maior quarto da pousada e incluía um catre para Agnes, que lhe abriu a porta e lhe deu as boas-vindas.

Rose despiu-se e preparou-se para se deitar. Depois sentou-se ao toucador enquanto Agnes lhe escovava o cabelo.

– Esteve muito bem hoje, rainha Rose. Toda a gente o diz.

Rose sorriu à criada através do espelho.

– Nunca falei com tanta gente na minha vida, Agnes. Acho que corro o risco de ficar sem voz.

– Trataremos de a trazer de volta – disse Agnes. – Vou lá abaixo à cozinha buscar uma chávena de chá de gengibre com mel e limão. Amanhã de manhã estará como nova.

– És um tesouro, Agnes. Não sei o que faria sem ti.

Agnes tinha acabado de sair do quarto quando se escutou uma pancada na janela. Rose girou nos calcanhares e ficou surpreendida a ver a cara de Shen na escuridão. Correu para a janela e abriu-a.

– O que raio estás a fazer? – ciciou, enquanto ele entrava. – Estamos no terceiro andar!

Shen desviou um caracol dos olhos e endireitou-se.

– Isso não é obstáculo para mim.

– Não podes ficar aqui. A Agnes está de volta não tarda.

Os olhos de Shen brilharam.

– Então, estás a dizer que a Agnes é o nosso único obstáculo?

– O quê? Não! Claro que não. Quero dizer... – Rose gemeu. – Oh, não me provoques. Estou demasiado cansada.

– Não me atrevera – disse Shen com um sorriso. – Vim desejar-te boas-noites. E dar-te isto. – Levou a mão ao bolso e tirou uma tartelete em forma de coração e cuidadosamente embrulhada.

Rose olhou para o doce com incredulidade.

– Por favor, não me digas que te escapuliste para me confecionares isso.

– Sou um homem de muitos talentos, mas esse não tenho, Rose. – Shen riu. – A Thea disse-me que a pastelaria em Millis é famosa pelas suas tarteletes de marmelada. Pensei que devia ir ver com os meus próprios olhos.

Rose encarou-o.

– Mas é meia-noite. Onde foi que encontraste uma pastelaria aberta?

– Eu disse aberta? – Shen esboçou um sorriso que mostrou a covinha da bochecha. – Tenho a certeza que não disse aberta.

Rose pegou na tartelete.

– Ladrão – sussurrou ela. – Foi por isso que abandonaste o batalhão?

Para me trazeres uma tarte de marmelada?

O sorriso de Shen desapareceu.

– Pensei que podíamos estar a ser seguidos. Vi um cavaleiro atrás de nós nas imediações de Millis. Tenho a certeza de que também o vi em Glenbrook.

Rose ficou alarmada.

– *Estrelas!* Poderá ser o Barron? Ou os seus malditos Flechas?

Shen abanou a cabeça.

– O cavaleiro estava sozinho e era mais rápido do que eu esperava. Quando voltei para trás, já tinha desaparecido.

– Talvez fosse apenas um curioso – sugeriu Rose. – Pode não ser nada.

– Talvez – disse Shen. – Embora, pela minha experiência, as pessoas não se escondem a menos que estejam a fazer alguma coisa de mal.

– Tens razão – murmurou ela.

Shen pôs de lado a preocupação e ocupou o espaço entre eles.

– O que me lembra... Não devíamos aproveitar este momento?

Rose deu um passo em frente, sem conseguir evitá-lo, e deixou-se envolver pelos braços dele.

– O que tinhas em mente?

Os olhos escuros do bandido fixaram-se nela.

– Farei o que me ordenares, Rose.

Ela inclinou o queixo para cima até que os seus narizes se tocaram.

– Shen – murmurou contra os lábios dele. – Não devíamos.

Ele passou-lhe a mão pelos cabelos.

– Diz o meu nome – pediu ele num murmúrio. – Só uma vez.

A jovem sentiu o sorriso do bruxo contra ela. De repente, escutou-se um grito.

– Oh, misericórdia! Outro rapto não!

Rose afastou-se de Shen com tal sobressalto que deixou cair a tartelete.

Apressou-se a apanhá-la.

– Oh, Agnes. Estás de volta! Ah, e trazes o meu chá. Obrigada!

Agnes espetou o dedo na direção de Shen.

– Sabes muito bem que não devias estar aqui.

Shen pôs as mãos no ar enquanto recuava para a janela.

– Estava mesmo de saída, Agnes.

– Por favor, Shen, usa a porta! – ordenou Rose, mas ele já tinha desaparecido na escuridão, deixando apenas o eco das suas gargalhadas.

Agnes fechou a janela.

– Ele devia usar mais a cabeça.

Rose suspirou.

– Eu sei.

– E vós também, majestade.

– Também o sei. – Rose deixou-se cair na cama e sorriu ao olhar para a tartelete que tinha nas mãos. Deixou-a sobre a mesa de cabeceira antes de lambe-la com a marmelada dos dedos. Era quase tão boa como os beijos de Shen. –

Boa noite, Agnes.

– Boa noite, Rose. Espero que amanhã corra tão bem como hoje.

Rose fechou os olhos, desejando o mesmo. Não apenas para si, mas também para Wren. Onde quer que a sua irmã se encontrasse, Rose esperava que estivesse em segurança.



Wren foi empurrada para a cozinha do palácio de Grinstad por dois soldados gevranezes. Os criados pararam o que estavam a fazer para a verem passar e murmuraram entre si.

– Não me lembro que uma rapariga fizesse parte do pedido. – Harald lançou um olhar desconfiado ao carregamento de especiarias como se esperasse que pudessem aparecer outras raparigas. – De onde saiu ela, pelo amor do grande *Bernhard*?

– Deve ter saltado para a traseira do trenó no porto – respondeu Marit, a soldado que naquele momento apontava a sua espada às costas de Wren.

– Pequena e ingénua ratazana de navio – zombou Vidar, o soldado que lhe tirara o punhal e que lhe apontava a espada ao queixo. – A trocar a sua vida por uma vista de olhos ao palácio.

O cozinheiro observou Wren com pena.

– Vão levá-la para onde?

– Para o pátio – respondeu Vidar num tom sombrio. – Para onde vão todos os intrusos.

Wren viu os criados estremecerem. Até o gato malhado da cozinha que dormitava junto ao fogão a olhou com tristeza. O cozinheiro não foi sequer capaz de a encarar.

– Que *Bernhard* a ajude – murmurou, antes de voltar à sua mesa de trabalho. – Vamos, cambada de preguiçosos, temos trabalho para fazer. Nina, está na hora de assar o javali. Didrik, vai buscar o alho-francês. – Bateu as palmas para desviar a atenção dos criados enquanto Wren era arrastada pela

cozinha e por uma escada de ferro em caracol que parecia interminável.

O pânico de Wren crescia a cada passo que dava. Fora uma loucura pensar que seria fácil e que poderia manter-se a salvo naquele território sem sol com apenas a sua magia. Devia ter-se preparado para aqueles lobos e, em vez de comida, devia ter posto a areia no bolso. Não lhe restava outra opção senão usar o único plano que lhe restava, aquele que tinha esperado poder evitar.

– Houve um mal-entendido – disse ela, e a sua voz ascendeu pelas escadas. – Vim a Grinstad para ver Tor Iversen. – Deu voltas à cabeça para se recordar da terra natal do soldado. – Sou uma mensageira da ilha de Carrig. Preciso de falar com ele de imediato.

O soldado que seguia à frente dela, Vidar, estacou.

– Conheces o capitão Iversen?

– Sim – disse Wren, demasiado consciente do punhal encostado à sua garganta.

– Como? – quis saber Marit.

Wren recordou o inebriante beijo na biblioteca de Anadawn, a forma como Tor se pressionara contra ela, enquanto sussurrava o seu nome contra os seus lábios como se fosse um feitiço.

– Somos... vizinhos.

Vidar baixou a sua escura monocelha.

– Não falas como um nativo de Carrig.

– E pareces uma ladra, vestida com esse casaco de homem e a tresandar a salmoura. – Marit girou a espada contra as costas de Wren. – De que parte de Carrig vens tu exatamente?

Wren ignorou a pergunta, pois respondê-la iria revelar que mentia.

– Levem-me ao Tor e explicarei tudo – replicou. – Ele saberá quem eu sou.

Os soldados entreolharam-se.

– Acho que a nossa pequena ladra também é uma mentirosa – disse Marit.

– Deve pensar que nascemos ontem – gargalhou Vidar. – As especiarias devem ter-lhe subido à cabeça.

Wren desejou ter uma espada para atirar aqueles soldados idiotas pelas escadas abaixo. Tentou controlar o seu mau-humor e manter uma voz calma.

– Quero ser ouvida.

– Serás ouvida – garantiu Marit. – Vamos levar-te para um sítio onde poderás gritar a plenos pulmões.

Os soldados continuaram a subir e a subir até chegarem a um corredor iluminado por enormes janelas e decorado com estátuas em tamanho real. Wren passou os olhos pelas caras orgulhosas dos reis e das rainhas de Gevra, todas elas muito bem esculpidas em pedra cor de marfim. Procurou uma que fosse parecida com Alarik, mas a fila terminava com a estátua de um homem, que com ele partilhava as mesmas maçãs do rosto afiadas e os olhos

semicerrados – era o pai de Alarik, o falecido rei Soren, que, uns anos antes, morreria numa tempestade de granizo.

O corredor levava a um enorme pátio interior abobado e com janelas brilhantes. Era maior do que o salão de baile do palácio de Anadawn e exibia uma magnífica escadaria que se dividia em duas e cuja balaustrada era composta por pingentes de gelo. A escadaria levava aos andares superiores do palácio. O chão era de mármore branco entrelaçado com fios azuis e verdes e no centro do átrio via-se um piano de cristal sobre um enorme tapete de pele de urso. Sobre o piano pendia o candelabro mais luxuoso que Wren alguma vez vira. Cada pingente de cristal criava um arco-íris nas paredes de pedra pálida e criava o único toque de cor naquele estranho lugar sem alma.

Havia soldados por todo o lado. Dois em cada porta que saía do átrio e mais rondando por todos os cantos. Os seus lobos deambulavam por ali e o maior deles estava enroscado no tapete sob o piano.

– Tor! – chamou Wren num ataque de desespero. – Tor Iversen!

Examinou os rostos dos soldados, mas nenhum deles abandonou a sua férrea calma para olhar na sua direção. Se Tor estivesse algures no palácio de Grinstad, não era ali. Isso não impediu Wren de gritar o nome dele, cada vez mais alto, enquanto era arrastada pelo átrio. A sua voz reverberou pela cúpula de cristal, onde os cumes prateados das montanhas de Fovarr brilhavam lá no alto sobre ela.

Os soldados conduziram-na pela traseira do átrio até um pátio cercado que fora talhado no coração gelado do palácio de Grinstad. Atiraram-lhe o saco para o lado e empurraram-na para a frente. O coração de Wren acelerou com aquele súbito silêncio. Olhou em redor, nervosamente. Vidar e Marit recuaram e fecharam a porta, deixando-a no interior.

Reuniram-se mais soldados na periferia. Alguns treparam ao muro alto e as suas botas ficaram a balançar enquanto olhavam para ela. Wren parecia ter reunido uma audiência, porém tinha a sensação de que o verdadeiro espetáculo ainda não tinha começado. Viu então um portão de ferro à sua direita. Aproximou-se cautelosamente até escutar os rugidos que estrondavam no seu interior.

Carpa putrefacta.

Aquilo não era um pátio. Era uma arena, construída para as bestas e não para os humanos. Wren tentou fugir, mas o portão era demasiado alto. Revolveu o interior da sua capa e encheu um punhado de areia. Lançou-a sobre si própria e recuperou a sua aparência com um encantamento rápido. Os soldados gritaram ao verem aquilo. A jovem inclinou os ombros para trás e deixou cair o casaco de Marino ao mesmo tempo que se apresentava.

– Sou a rainha Wren Greenrock, de Eana, e exijo uma audiência com o vosso rei.

– Bruxa! – gritou uma voz atrás dela. – Está a tentar enganar-nos!

– Abre o portão, Vidar!

Wren preparou a areia enquanto um tigre das neves entrava na arena e

corria para ela. A sua bocarra tinha uma mancha vermelha e ela percebeu pelo seu olhar sedento de sangue que não estava domado. O tigre alcançou-a com três passadas. Desviou-se do caminho do animal, mas não foi suficientemente rápida. Caiu de lado e deu meia-volta, inalando terra ao lançar a areia por cima do ombro. Proferiu um encantamento no instante em que o tigre se lançava sobre ela. O animal abriu a boca, revelando a comprida língua e os afiados dentes, mas o rugido morreu-lhe na garganta. O tigre abateu-se no chão e, segundos depois, roncava.

Wren saiu debaixo dele. A sua capa desapertara-se e estava entalada debaixo da besta que dormia. A jovem libertou a sua bolsa e encheu a mão de areia.

– Sou a rainha de Eana – gritou quando o portão voltou a abrir-se. – Libertem-me!

– Outro truque! – bradou Marit. – Não lhe dês ouvidos, Vidar!

Wren afastou-se do portão quando os rugidos encheram o ar. Dessa vez avançaram três tigres e cinco lobos. Oito bestas, no total, e nem um único esconderijo. Como raio iria ela enfeitiçá-los a todos, e ao mesmo tempo?

Deu voltas à cabeça à procura de outro encantamento, qualquer coisa que lhe desse algum tempo, mas não havia nada forte o suficiente para conseguir esquivar-se àquela morte. Não havia nada que a salvasse do destino que Celeste lhe prometera. Wren arriscara tudo por uma morte rápida numa arena de combate onde nenhum dos seus entes queridos poderia ouvi-la gritar.

O primeiro tigre atacou e Wren pô-lo a dormir. O seguinte derrubou-a e ela bateu com a cabeça no chão, ficando a ver estrelas ao mesmo tempo que uma boca repleta de dentes apareceu sobre ela. Wren deu-lhe um soco e gemeu ao sentir a pele rasgar. Pôs-se de pé antes do ataque seguinte. Conseguiu soltar a capa entalada sob o corpo do tigre adormecido e lançou-a ao lobo que arremetia contra ela para o deixar momentaneamente cego. Correu para o portão, mas três outros lobos barraram-lhe o caminho. Atrás dela, os tigres começaram a rodeá-la. Não era a primeira vez que Wren desejava ser uma tempestade, ter o dom de provocar uma tormenta que os levasse dali.

O muro alto estava repleto de soldados, espectadores que tinham abandonado os seus postos para ver o espetáculo da sua morte. Outro lobo atacou, e derrubou-a, pondo-se sobre o peito dela e pressionando-a contra o solo.

Wren tapou a cara e gritou uma última vez, lançando o nome de Tor ao céu invernal.

Desta vez, Tor rugiu de volta. Wren ouviu a voz dele no caos do pânico que sentia, embora pudesse ter jurado que o sonhara. Mas logo depois escutou-o de novo: o grito desconcertado de um homem que saía do palácio a toda a velocidade. O portão abriu-se e o lobo afastou-se dela quando a ordem de Tor atravessou o ar como um trovão.

– PARA TRÁS!

As bestas recuaram todas ao mesmo tempo. Uma nova cara apareceu sobre Wren, com a boca escancarada, tal era o choque, e com os olhos da cor das nuvens de tempestade. De súbito, o resto do mundo desvaneceu-se. As bestas, os soldados e as janelas geladas do palácio de Grinstad... tudo se reduziu a nada quando Wren olhou para Tor, e deu graças às estrelas por aquele momento, por aquele indulto.

Wren. Os lábios dele pronunciaram em silêncio o nome da jovem, como se não acreditasse nos seus olhos, como se não pudesse pronunciar a realidade em voz alta. Wren inspirou e estremeceu; a dor e o alívio misturaram-se ao vê-lo ali, tão real e tão perto. Tremeram-lhe os lábios enquanto procurava aquela sensação de familiaridade que existira outrora entre eles.

– Olá, desconhecido.

Tor fitou-a, horrorizado. Quando falou, as suas palavras eram tão afiadas como vidro.

– O que raio fazes aqui?

– Sabes muito bem o que faço aqui – replicou Wren, sentando-se.

A expressão do soldado ensombreceu-se.

– Não posso levar-te à tua avó, Wren.

– Muito bem, então leva-me ao rei Alarik.



Na manhã seguinte, Rose acordou a sentir-se revigorada. Lá fora, os pássaros cantavam e o sol do amanhecer inundava o quarto com uma luz cálida e dourada. Isso fez com que se sentisse esperançosa relativamente à digressão, e a Wren. Com sorte, a irmã juntar-se-ia a ele em breve e, juntas, conquistariam os povos mais afastados do seu território, encantando toda a gente com a sua magia e a sua personalidade.

Rose banhou-se e ataviou-se com um vestido cor-de-rosa brilhante, debruado com renda cor de marfim a condizer com os seus sapatos brancos preferidos. Sentou-se ao toucador a apreciar pão fresco com ovos escalfados e finas fatias de presunto, enquanto Agnes lhe entrançava o cabelo e prendia a trança com uma bonita flor.

– Sois a imagem da elegância, Rose – elogiou a aia ao pôr-lhe a coroa na cabeça, uma habilidade que aperfeiçoara nas últimas semanas. – O povo de Ellendale vai lutar entre si para lhe apertar a mão. Tenho a certeza.

Rose sorriu ao seu reflexo.

– Confesso que estou muito otimista, Agnes.

– Eu também, rainha Rose. Eu também.



Rose estava muito enganada. Embora tenham deixado a cidade de Millis sob uma chuva de aplausos e acenos, a viagem até Ellendale foi poeirenta e

silenciosa. Havia alguns estandartes à beira da estrada, mas nem sinal de que a cidade do Sul esperasse uma visita real.

Quando se aproximaram dos muros exteriores de Ellendale, o estômago de Rose contorceu-se. Não escutava vivas. Na verdade, não ouvia nada, além dos cascos dos cavalos e do estridor das rodas da carruagem. Rose abriu a cortina e viu Shen de sobrolho franzido a olhar por cima do ombro.

– O que se passa? – perguntou ela, nervosa.

– Acho que é aquele cavaleiro novamente – respondeu ele, olhando para longe com os olhos semicerrados.

– Esquece isso – pediu-lhe ela, com urgência. – O que se passa aí adiante? Não oiço ninguém.

Shen virou-se e pôs-se de pé no cavalo para ver por cima das cabeças dos soldados do regimento. Franziu ainda mais o sobrolho.

– Não há ninguém.

Rose corou. A sério que o povo de Ellendale não se dera ao trabalho de sair das suas casas para lhe dar as boas-vindas? Nem mesmo para acenar das janelas? A menos, claro, que Ellendale não tivesse sido bem informada da sua chegada. Talvez a digressão real se tivesse adiantado...

– Há qualquer coisa que não está bem – murmurou Shen. – A cidade está demasiado calma, *silenciosa*. Devíamos parar aqui e tentar perceber o que se passa.

Rose sentia-se tentada a concordar. Mais que não fosse, isso salvá-la-ia da vergonha de desfilar pelas ruas vazias, de acenar ao seu próprio reflexo nas montras das lojas. Mas o capitão continuava a avançar. Shen soltou uma imprecação.

– O que está a fazer aquele bufão?

Antes que Rose pudesse dizer uma palavra, Shen picou *Storm* para que sáísse da formação e galopou atrás do capitão Davers. Rose recostou-se no assento. Aos seus pés, *Elske* acordou e pôs-se de pé, inclinando as orelhas para trás como se também ela pressentisse aquela estranheza. Pouco depois, Rose escutou o murmúrio distante da discussão entre Shen e o capitão Davers. Quando, de repente, se calaram, ela inclinou-se para fora da janela, esticando o pescoço para tentar vê-los. Shen avançava para as desertas ruas de Ellendale – sem dúvida para tentar descobrir o que se passava –, enquanto o capitão guiava a procissão em frente, impassível ante a cidade-fantasma.

– Bom, não vou acenar só porque sim – resmungou Rose. – Tenho de conservar *alguma* dignidade.

Ainda assim, manteve a cortina aberta e olhou para as janelas enquanto atravessavam a rua principal. De vez em quando, avistava uma cara atrás delas.

Rose tinha um nó no estômago e quase sentia náuseas. O que raio se passava?

A procissão abrandou a velocidade e a carruagem acabou por parar. Mais à frente, Rose escutou vozes. Vozes *zangadas*. Tentou ver pela janela,

mas os cavalos tapavam-lhe a visão. Também não havia sinal de Shen.

Reclinou-se no assento e esperou. E esperou. E *esperou*.

Um grito irregular provocou-lhe um aperto no peito. E se Shen se envolvera noutra discussão com o capitão Davers? Mais cedo ou mais tarde a sua insolência acabaria por metê-lo em sarilhos, e o capitão Davers nunca escondera o seu desdém pelo bruxo guerreiro.

Quando se escutou outro grito, Rose apeou-se da carruagem, ignorando as queixas dos guardas, e caminhou até à cabeça da procissão. Teria de defender Shen antes que se metesse em mais problemas ou desembainhasse a espada e a apontasse ao capitão Davers. Isso seria um desastre total e não permitiria tal coisa...

Rose estacou e, com o coração na garganta, escondeu-se atrás de um cavalo que estava ali perto. Shen e o capitão Davers não estavam a discutir. Na verdade, estavam lado a lado, de espadas desembainhadas, enquanto enfrentavam o que parecia ser um grupo de aldeões furiosos. Rose mirou-os e contou pelo menos quarenta. Não eram suficientes para ameaçar a força do seu exército, mas eram os bastantes para causar rebuliço. Reparou, com algum pavor, que também estavam armados. Eram sobretudo espadas, mas um dos homens carregava uma maça e outro brandia um par de machados de guerra.

Raios!

Foi nessa altura que percebeu que se tinham congregado no exterior da Cripta, um local onde os seguidores do Grande Protetor, o antepassado de Rose, morto há muito tempo, se reuniam para o venerar. Era um lugar construído sobre o ódio aos bruxos e às bruxas. Tremeram-lhe as mãos quando viu uma flecha desenhada na porta.

Aqueles homens eram Flechas. Podia ter-se adiantado a Barron na cidade de Millis, mas ele chegara primeiro a Ellendale, embora não o visse por entre a multidão.

– Só direi isto uma vez – afirmou o capitão Davers. – Vão afastar-se imediatamente, ou enfrentarão a força do exército de Anadawn.

– E a dos bruxos – acrescentou Shen com um movimento preciso da espada.

– Foi precisamente a bruxa que viemos ver – rosnou um homem de faces vermelhas à frente do grupo. Tinha uma barba negra e uns olhos cruéis que brilhavam como as chamas de uma fogueira. – Queremos conhecer a vossa rainha amaldiçoada.

Rose deu-se conta de que ele disse *vossa*, e não *nossa*. E que cuspiu no chão no final da frase. Aquelas pessoas já a tinham renegado.

– Tenho uma ideia melhor – disse Shen. – E que tal conhecerem melhor a ponta afiada da minha espada?

– Calma – aconselhou Davers.

– Não – ciciou Shen. – Faça o seu trabalho, Davers.

Nessa altura, as portas da Cripta abriram-se e apareceram mais homens, que os rodearam por todos os lados. Começavam a espalhar-se em direção ao

cortejo e à carruagem dourada. Rose procurou um lugar para se esconder, mas o líder dos Flechas avistou-a.

– *Majestade*. – A palavra era um ronco na sua garganta. – Mas que grande *honra*.

Shen girou nos calcanhares e viu Rose nesse preciso instante. Antes de conseguir dizer fosse o que fosse, os Flechas atacaram e Rose gritou. Os guardas de Anadawn puseram-se em ação. Os soldados de infantaria rodearam-na num círculo protetor enquanto desembainhavam as espadas e enfrentavam os rebeldes. Shen saltou da sela e transformou-se num borrão de sombra e aço ao lutar para abrir caminho até ela.

Na rua ecoava o som das espadas que embatiam umas contra as outras enquanto do céu choviam flechas em chamas. *Estrelas!* Também havia rebeldes no telhado! Barron preparara uma emboscada a Rose, e o capitão Davers fora tolo ao ponto de cair nela que nem um patinho. Os soldados de Anadawn dividiram-se, à procura de proteção, quando os rebeldes empurraram a carruagem e a fizeram cair de lado. *Elske* saiu lá de dentro com um rugido furioso que fez os Flechas darem à sola. Depois perseguiu-os até à Cripta.

Shen fora rodeado por outro grupo, mas os homens não eram capazes de competir com a sua força e rapidez. No entanto, as flechas em chamas caíam sobre ele e uma atingiu-o no ombro esquerdo, incendiando-lhe a manga da camisa. Ele deixou-se cair ao chão para apagar as chamas. Rose gritou e tentou abrir caminho até ele, mas os guardas empurraram-na para trás. O caos abatera-se sobre Ellendale, os cavalos empinaram-se nas patas traseiras e dispersaram quando centenas de flechas em chamas impregnadas em óleo incendiaram a rua.

Um homem agarrou Rose pela cintura.

– Já a tenho! – gritou, triunfante. – Já tenho a maldita rainha!

Rose esperneou, o que fez com que o seu sapato voasse pelo céu. Voltou a cair e aterrou com um ruído seco na cabeça do homem, que cambaleou. Outros dois intervieram de imediato e agarraram-na pelos braços, arrastando-a pela rua.

A jovem gritou, mas Shen estava cercado. Os Flechas consideravam-no uma ameaça e mantinham-no o mais afastado possível de Rose. O capitão Davers estava igualmente ocupado. E *Elske* também. Não restava ninguém para a ajudar, apenas o som dos seus próprios gritos débeis enquanto os Flechas a afastavam da sua gente.

– Edgar Barron envia-lhe cumprimentos – grunhiu alguém junto ao seu ouvido. – Não tardará a chegar, bruxa. Não te preocupes.

Rose resistiu de forma violenta e deu uma cabeçada na cara do homem. Estremeceu quando ele caiu ao chão, libertando-a por segundos. O outro homem apanhou-a antes que pudesse fugir e empurrou-a para uma casa de aspeto abandonado, no final da rua. Rose percebeu que, assim que cruzasse a ombreira da porta, não voltaria a sair.

Podia jurar ter escutado o som de cascos que galopavam. Teria Shen conseguido livrar-se da turba enfurecida? Tentou libertar-se, mas foi em vão. A rua ardia e os seus gritos perderam-se entre o crepitar das chamas. A porta aproximava-se como uma boca escura. Rose fechou os olhos e rezou por um milagre.

Este chegou sob a forma de uma sombra que atravessou as chamas. Escutou-se um forte *crrrrack!* quando um chicote golpeou a bochecha do seu atacante. Este deu um salto para trás com o sangue a escorrer-lhe da ferida. Outro *craaaaack!* e ele jazia no chão, inconsciente, deixando Rose sozinha para enfrentar o homem escondido nas sombras.

Montava o cavalo mais rápido que ela alguma vez vira e a sua capa era da mesma cor das areias agitadas do deserto. Fugir dele seria inútil, mas mesmo assim ela tentou. O chicote voltou a escutar-se, mas desta vez não estalou. Em vez disso, enrolou-se à volta da sua cintura, apertado como um nó de força, e lançou-a para trás. Ela gritou ao ver-se atirada na direção do cavalo. Um braço levantou-a do solo como se pesasse o mesmo que uma pena. O homem colocou-a no dorso do cavalo antes de lhe rodear a cintura com o mesmo braço, aplacando os seus protestos, enquanto percorriam as ruas em chamas.

Rose virou a cabeça e vislumbrou Shen, que continuava cercado pelos Flechas, pontapeando e desferindo golpes com a espada na tentativa de se libertar. Levantou a cabeça ao escutar o estrépito daqueles cascos e arregalou os olhos quando a jovem passou a galopar, encurralada na férrea sujeição do seu cavaleiro encapuzado.



Vinte minutos depois, Rose parou de resistir. Era inútil. A sua força não se equiparava à do seu sequestrador, e estava a desbaratar imprudentemente a que lhe restava. Além de alguns grunhidos divertidos, o cavaleiro pouco fizera para lhe garantir que não ia matá-la, contudo, Rose decidira que não podia fazer nada a esse respeito até que parassem. Não podia acreditar que estava *de novo* a ser levada na garupa de um cavalo por um bandido qualquer.

Por fim, o cavalo abrandou o passo quando chegaram a um rio a cerca de quinze quilómetros a sul de Ellendale. O cavaleiro soltou-a. Rose saltou do cavalo e correu até à margem do rio, onde agarrou o maior ramo que encontrou e o brandiu como se fosse uma espada.

Quando se virou, ele estava ao lado do cavalo, com o chicote enrolado no antebraço, como se fosse uma serpente à espera de atacar.

– É suposto esse ramo assustar-me?

– Já fui raptada uma vez na vida – resmungou Rose. – Recuso-me a deixar que isso volte a acontecer.

Ele soltou uma ruidosa gargalhada.

– Isto não é um rapto, rainha. É um salvamento. – Fez um gesto com a mão, expectante. – De nada.

Rose agitou o pau no ar.

– Quem és tu? Tira a capa e revela-te.

Para sua surpresa, o cavaleiro obedeceu. Despiu a capa preta e lançou-a para a erva. Rose ficou boquiaberta. O bandido encapuzado era agora um homem descalço e *sem* camisa. Apressou-se a tapar os olhos.

– Céus! Onde está a tua camisa?

– Não gosto de camisas.

Rose engoliu em seco.

– E os sapatos?

– Não consigo encontrar o meu número.

Rose soprou o ar.

– Ai, céus!

– Tu também estás descalça, mas não me vês fazer um alarido por causa disso.

Rose olhou para os pés e estremeceu. Estava efetivamente descalça e tinha os pés sujos. Devia ter perdido o outro sapato na fuga. Não importava, continuava a ser uma rainha e agiria como tal.

Levantou o queixo, esforçando-se por ignorar o peito desnudo enquanto passava os olhos pelo seu misterioso salvador. A primeira coisa que notou – além do seu evidente descaramento – foi na sua beleza. Tinha a pele bronzeada e os olhos escuros. Além disso, os seus lábios curvavam de forma natural, como se estivesse sempre à beira de um sorriso. Era alto e corpulento e todo o seu corpo era músculo. O cabelo escuro e ondulado chegava-lhe para lá dos ombros e usava-o solto e salpicado de areia.

A segunda coisa que reparou foi na sua desconcertante semelhança com Shen, embora fosse talvez um pouco mais velho. Não era de admirar que o achasse tão atraente. Tossicou.

– Com ou sem sapatos, deves fazer uma vénia. E também espero que me digas o teu nome.

O homem sorriu, revelando duas covinhas nas bochechas que, por instantes, a deixaram sem fôlego. Depois cruzou os braços sobre o peito e dobrou-se pela cintura. Rose ficou com a sensação de que estava a fazer pouco dela, mas distraiu-se com um familiar cavalo negro que atravessava a ponte com um raio, dirigindo-se para ali.

Shen desembainhou a espada muito antes de os alcançar, porém, o bandido sem camisa atacou primeiro, desenrolando o chicote tão depressa que Rose só deu conta que ele o tinha feito quando arrancou a espada da mão de Shen. A jovem repreendeu-se por não ter percebido antes o que era mais do que evidente naquele momento: o cavaleiro também era um bruxo. Um bruxo guerreiro. O que era ainda mais estranho. Shen não se inquietou. Saltou da garupa de *Storm* e voou pelo ar ao mesmo tempo que sacava os dois punhais. Aterrou diante de Rose, pronto para atacar. Mas, para surpresa da jovem, ficou

imóvel. O cavaleiro também ficou como uma estátua, com o chicote caído ao seu lado.

– Shen Lo? – disse ele, quase num sussurro. Deu um passo em frente, pestanejando, incrédulo. – Pensei que estava a alucinar quando te vi ontem às portas de Millis. Pensei que fosse um truque das sombras.

Shen inalou com aspereza ao escutar o seu nome na boca daquele desconhecido.

– Quem és tu? – perguntou com cautela. – E porque me és tão familiar?

O cavaleiro abanou a cabeça.

– Pensávamos que estavas morto.

– O que se passa aqui? – quis saber Rose. – Porque nos seguias?

O bandido olhou para Rose.

– Dizem que és uma bruxa, tal como a tua irmã. – Deu outro passo, lento e cauteloso. – Quando vinha para aqui, ouvi os sussurros em Gallanth. Percebi nessa altura que poderias ajudar-me. – Olhou para Shen. – Mas ninguém me falou de ti, Shen Lo. Não sabia... Não teria acreditado...

– Diz-me o teu nome. – Shen mantinha os punhais elevados e o corpo posicionado como um escudo à frente de Rose. – Já!

O homem sorriu.

– Não reconheces o teu próprio primo? – disse, aproximando-se. – Não te lembras da tua infância no deserto? Todas as vezes que te ganhei nas corridas de cavalo. Todas as manhãs que lutámos na sala de treino até acabares sem fôlego, deitado no chão e suplicar-me que parasse.

Shen ficou tenso e o nome saiu-lhe como uma espécie de grito.

– *Kai?*

– Ah! – O cavaleiro, Kai, soltou uma gargalhada. – Eu sabia que era inesquecível.

– Shen? – perguntou Rose, hesitante. – Quem é este homem?

Não foi Shen quem lhe respondeu.

– Chamo-me Kai Lo. E venho do Reino Beijado pelo Sol, no deserto.

Rose franziu o sobrolho.

– O Reino Beijado pelo Sol desapareceu – comentou ela, recordando o que Shen lhe contara. Há dezoito anos, o deserto tinha-o cuspido. Fora o único sobrevivente. Banba encontrara-o a deambular pelo deserto e todos os vestígios do seu reino tinham desaparecido. Incluindo o seu povo. – Ficou enterrado há muito tempo.

– Talvez esteja enterrado. Mas continua vivo – retorquiu Kai, olhando de um para o outro. – E precisamos da tua ajuda.

O silêncio dilatou-se. Rose sentiu que o seu coração também se dilatava. Não parecia mentira, mas, como podia ser verdade? Olhou para Shen. Tinhas as mãos caídas ao lado do corpo e respirava de forma entrecortada.

– Procurei-o – disse ele, mais a si próprio do que a Kai. – Há dezoito anos que procuro o Reino Beijado pelo Sol. Desapareceu.

– As coisas estão a mudar – afirmou Kai. – O deserto está a agitar-se de

novo.

Rose recordou o que lhe dissera o mensageiro de Gallanth sobre a movimentação do deserto. Partilhara aquela informação com Shen e tinham-se ambos perguntado o que poderia significar. Se é que significava alguma coisa... Nem nos seus sonhos mais agitados poderiam ter imaginado uma coisa assim.

– É possível, Shen? – sussurrou ela. – Que o teu lar continue por aí, algures?

Kai abriu os braços.

– Eu sou a prova viva disso. Consegui escapar do deserto há três dias.

A cabeça de Rose dava voltas e voltas. Como desejava que Wren estivesse ali, que a ajudasse a entender a enormidade de tudo aquilo que estava a ouvir. Estendeu a mão para Shen, mas este aproximou-se do primo.

– Quem mais lá está? – perguntou com uma voz ávida. Rose percebeu nesse momento que deixara de existir para ele, que os acontecimentos em Ellendale tinham sido esquecidos. Tudo o que Shen conseguia ver era Kai, diante dele, com respostas sobre o seu passado. – A minha mãe...

Kai abanou a cabeça. Shen fechou os olhos – e cerrou os punhos – enquanto digería a notícia.

– E o meu pai?

A expressão do primo era sombria.

– A perda da tua mãe foi demasiado para ele. Morreu pouco depois. – Levantou os dedos, como se estivesse a delinear a cara de Shen. – És tão parecido com ele.

Shen baixou a cabeça e soltou um suspiro trémulo. Rose sentiu um aperto no coração. Uma coisa era perguntar-se se a família teria falecido, outra coisa era *sabê-lo* e ter de abandonar todo e qualquer vestígio de esperança e, ainda assim, descobrir que o seu lar tinha sobrevivido, que ainda lá viviam pessoas que o recordavam, que *precisavam* dele. Bom, essa ideia não deixava de ser reconfortante. Para Shen, e para Rose.

– E onde está exatamente enterrado o vosso reino? – perguntou a Kai.

O cavaleiro mostrou-lhe um sorriso triste.

– Quando o deserto me cuspiu, continuava a mover-se. Esconde o reino com cada onda e tremor, mas com uma bruxa no trono e com os recursos do palácio de Anadawn, podemos seguir as correntes da areia. Podemos escavar, desenterrar o Reino Beijado pelo Sol, e permitir que brilhe novamente com o sol. – Pegou no chicote e enrolou-o em volta do antebraço enquanto falava. – Em troca, podemos ajudar-te a defender o teu trono. – Os seus olhos negros faiscaram. – A minha oferta não podia vir em melhor altura, rainha. Pelo que vi, toda a ajuda que te oferecerem será bem-vinda.



Numa pequena clareira, não muito longe do caminho, Rose, sentada no chão e encostada a uma árvore, observava Shen que caminhava da esquerda para a direita. Kai encontrava-se junto ao rio com os cavalos, enquanto eles discutiam a sua proposta.

Por um lado, era uma loucura cavalgar pelo deserto árido e interminável sem a localização exata do reino. Por outro, Rose não suportava a ideia de voltar a Ellendale e enfrentar o exército que não fora capaz de a proteger. Segundo Shen, o capitão Davers conseguira recuperar o controlo, perseguira a maioria dos Flechas e prendera aqueles que não tinham conseguido fugir. Contudo, Rose sabia que em breve todos saberiam da emboscada de Barron, e o seu movimento ganharia mais apoiantes. Afinal de contas, mostrara a fraqueza de Anadawn e da sua rainha.

Rose nunca vira Shen tão agitado. Não parava, cerrava os maxilares e dava voltas ao punhal enquanto caminhava.

– Temos de os ajudar, Rose. Há um reino de bruxos encurralado no deserto.

– Não é que não queira salvá-los – disse Rose, pela milésima vez em poucos minutos. – Mas não sabemos *como*, Shen. Nem sequer sabemos onde começar.

Shen virou-se.

– Então, é assim? Vais desistir e voltar para a tua carruagem dourada?

Rose recordou-se que Shen estava a sofrer.

– Estou a dizer que quero ajudar – repetiu ela num tom suave. – Só não sei como.

O jovem deixou-se cair no solo. A expressão de dor no seu rosto era tão visível que Rose sentiu uma pontada no coração. Levou a mão ao peito e sentiu qualquer coisa sob o vestido. Sentou-se muito direita.

– Acho que tive uma ideia. – Com dedos trémulos, tirou do corpete o mapa que Thea desenhara. Tivera-o sempre na sua posse, mantendo a promessa que fizera à conselheira real. – Não é um mapa do deserto, mas pode ajudar-nos.

Shen estava de pé meio segundo depois.

– As Torres de Amarach – sussurrou. – Tens acesso aos videntes.

– Nem sequer sabemos se ainda resta algum – lembrou Rose. – Mas não estamos longe do seu vale. – Desenhou o caminho sinuoso. – Fica a um dia a cavalo daqui, para sul. Talvez dois.

Shen ajoelhou-se e encostou a cabeça à dela enquanto estudava o mapa.

– É isto, Rose. Se há alguém em Eana que possa ajudar-nos a encontrar o reino perdido, então é aqui que estará.

A cabeça de Rose dava voltas. Desejou uma vez mais que Wren ali estivesse, mas já sabia o que a irmã faria. Wren já teria partido para as Torres de Amarach, e provavelmente teria roubado o elegante cavalo de Kai para chegar lá mais depressa.

A voz de Shen interrompeu o seu devaneio.

– Não se trata apenas do meu lar. Quanto mais depressa encontrarmos o Reino Beijado pelo Sol, mais fortes seremos contra o Barron e o que quer que nos tenha preparado. E teremos uma oportunidade contra Gevra. Viste o que o Kai pode fazer. Há guerreiros encurralados nas areias. Bruxos experientes. Pessoas com poderes que nenhum dos teus soldados pode oferecer. E precisas deles, Rose. Tanto quanto eles precisam de ti.

Shen tinha razão. O pedido de Kai era tanto um favor como a salvação. Afinal de contas, um reino perdido de bruxos era um reino de aliados. E, depois de o capitão Davers a ter guiado para a armadilha de Barron, precisava de todos os que conseguisse arranjar.

– Esta redescoberta pode ser uma coisa maravilhosa para todo o reino de Eana – murmurou. – Pode muito bem ser aquilo que nos unirá a todos.

– Melhor do que uma digressão – disse Shen. – Se fizeres isto, ficará na história.

O entusiasmo formigou na ponta dos dedos de Rose quando guardou o mapa. Era a maneira perfeita de mostrar a todos, opositores e seguidores, que ela era a rainha que Eana precisava. O tipo de pessoa capaz de enfrentar o desconhecido, apesar dos riscos, pelo bem do seu povo. Seria a rainha Rose, *a Valente*. Não, *a Gloriosa*. Oh, sim!

Rose encostou a mão à anca ao erguer-se, e ficou aliviada por sentir um tilintar de moedas. A astuta Agnes! Aconselhava-a sempre a manter a bolsa das moedas por perto, para um acaso. Agora ia precisar delas. Afinal, Kai saíra do deserto de Ganyeve sem sequer uma camisa, e todas as posses de Shen limitavam-se ao punhal dourado que escondia na bota e ao anel de rubi que trazia ao pescoço, do qual nunca se separaria. Não que ela alguma vez lho pedisse para fazer.

– Claro que será perigoso viajar tão para sul sem os meus guardas – disse Rose, mais a si própria do que a Shen. – Sou atualmente a única rainha que Eana tem para oferecer.

– Rose – disse Shen com tanta seriedade que a jovem se virou para o encarar. Apertou-lhe a mão. – Sabes que te protegerei com a minha vida.

De repente, ouviu-se o estalido do chicote entre eles. Desenhou uma linha no solo e cortou-lhe a bainha do vestido.

– Tal como eu – afirmou Kai, aparecendo por entre as árvores. Rose percebeu pelo seu enorme sorriso que tinha ouvido toda a conversa.

Shen fulminou-o com o olhar.

– Era uma conversa privada.

– A privacidade é para os perdedores, primo. Podemos ir?

– Muito bem – disse Rose, pondo-se de pé. – Mas primeiro temos de te arranjar uma camisa.



O coração de Wren acelerou enquanto era conduzida pelos reluzentes corredores do palácio de Grinstad. Cada passo que dava aproximava-a do rei Alarik, um governante cuja temível reputação se estendia muito para lá do mar Sombrio e cujo ódio por Wren – e por Rose – era tão profundo que podia matá-la assim que a visse.

Tor permanecia em silêncio ao lado de Wren, mas a jovem escutava o silvo da sua respiração acelerada enquanto a afastava da arena das bestas. De um perigo para outro. Contudo, Wren suplicara-lhe que a levasse a uma audiência com o rei e, com os olhos dos outros soldados postos nele naquele anfiteatro ensanguentado, Tor não tivera outra escolha que não fosse levá-la. Ao contrário de Vidar, Tor mantinha a espada na bainha e caminhava ao lado dela, permitindo-lhe a breve ilusão de que não era sua prisioneira.

Tinha os punhos tão apertados que os nós dos dedos estavam brancos. Wren desejava poder esticar os dela para lhes tocar e beijar aquelas mãos que já a tinham salvado três vezes, mas ele já havia sacrificado o suficiente.

– Sei que estás zangado comigo. – Falava em voz baixa, consciente dos soldados que os observavam ao passar. – Mas eu tinha de vir, Tor. O Alarik levou a minha avó. – Tor limitou-se a abanar a cabeça. Wren odiava o silêncio dele. – Esperavas que ficasse em Anadawn e condenasse a Banba à obsessão do vosso maldito rei?

Por fim, ele fitou-a.

– Esperava que te mantivesses viva, Wren.

– *Estou* viva.

– Por enquanto.

Wren torceu as mãos. Não se podia dar ao luxo de se preocupar consigo mesma.

– Viste a Banba? Ainda está viva?

Uma nova sombra cruzou o rosto do soldado.

– Não tem facilitado as coisas. Nisso és parecida com ela. Teimosa.

Impetuosa.

Wren relaxou os ombros.

– Isso significa que ainda não perdeu a esperança. Deve saber que venho buscá-la.

Tor calou uma imprecação.

– Guarda as tuas esperanças, Wren. Não posso proteger-te fora da arena.

Wren sabia muito bem disso. As bestas de Gevra podiam obedecer a Tor, mas o rei e os seus homens não.

– Não espero que me protejas. Não me debes nada.

Tor passou a mão pelo cabelo.

– Nem tudo é uma transação, Wren.

– Talvez não, mas já arriscaste o suficiente por mim.

O soldado ficou em silêncio. Não encontrava forma de o negar.

– Lamento o que aconteceu ao Ansel – disse Wren. – Lamento por ter ficado com a *Elske*. Por tudo.

– Eu sei – replicou ele e, por um milésimo de segundo, a sua mão roçou na dela. Wren não percebeu se foi propositado, mas acelerou-lhe o coração. Chegaram ao fundo do corredor, e viraram para outro. Pelo número de guardas posicionados ao longo daquele corredor, Wren concluiu que Alarik Felsing não devia estar longe.

O seu estômago deu uma volta, e o desejo desapareceu com o medo que sentiu.

– Tor – sussurrou.

– Eu ficarei contigo – garantiu ele.

Wren envergonhou-se do enorme alívio que sentiu ao escutar aquelas três palavras. Chegaram a umas portas duplas de ferro decoradas com várias bestas gevranezas, desde noitibós e gaios, passando por leopardos das neves e renas. Ao centro encontrava-se o Grande Urso, *Bernhard* de Gevra, a rugir, com as suas enormes patas em redor das maçanetas prateadas. A respiração de Wren era superficial quando Tor aproximou a mão de uma delas. A jovem imaginou o urso a abrir a sua boca húmida e a engoli-la quando as portas se abrissem.

Um vento gelado rodeou-a e deixou-a com pele de galinha. Deteve-se junto à porta e pestanejou ante a súbita penumbra. Tor colocou-lhe uma mão quente nas costas.

– Wren.

Ela tentou manter esse calor dentro dela enquanto atravessava o limiar da porta e percorria o chão de mármore, tão polido que conseguia ver-se nele.

A sala do trono do palácio de Grinstad assemelhava-se a uma caverna glacial, fria e vazia e desprovida de luz natural. Umas enormes colunas brancas ascendiam até um teto abobado onde estavam representadas as grandes guerras de Gevra. Era um enorme mural com bestas que lutavam e soldados ensanguentados e que parecia ainda mais dramático sob a luz tremeluzente do candelabro.

Wren baixou o queixo antes que o medo a denunciasse. Tor empurrou-a gentilmente para a frente e a sua voz fez-lhe cócegas na orelha.

– Controla o teu temperamento e a tua língua.

Passaram por intermináveis colunas brancas de onde os soldados e as suas bestas os observaram com indiferença. Os tigres das neves dormitavam nas sombras e dois lobos, um cinzento e outro negro, avançaram ao lado de Wren, exatamente ao mesmo ritmo que ela. Se não estivesse tão apavorada, teria dado os parabéns a Tor pelo excelente treino.

Chegaram por fim a um estrado de mármore sobre o qual se elevava um espantoso trono de cristal. As esquinas pareciam tão afiadas como cacos de vidro, mas Wren não se demorou na impressionante mestria do artista, nem no urso polar que dormia logo ao lado. O seu olhar foi pousar no rei, reclinado no seu trono.

Numa sala repleta de bestas, Alarik Felsing era a criatura mais feroz de todas. Vestia uma sobrecasaca preta bordada com um delicado fio prateado que tremeluzia sob a luz dos candelabros. O cabelo era tão loiro como o trigo no verão, com exceção de uma madeixa negra, ao centro, que parecia uma linha de tinta que alguém ali entornara e a sua pele era tão pálida como o marfim. As sombras concentravam-se nas bochechas e sob os olhos azuis, que estavam fixos em Wren.

– Então, os meus soldados não mentiram. Uma rainha de Eana caminha pelos corredores do palácio Grinstad. – A voz dele ecoou por todos os cantos daquela sala cavernosa. – Admira-me que não tenhas entrado suspensa num candelabro.

– Gosto de surpreender. – Wren esboçou um pequeno sorriso. – Recebi o teu convite.

– Esperava que o aceitasses. – O rei inclinou-se para a frente. – Vá lá, Wren. Diz aquelas palavras cheias de ódio na minha cara.

Tor olhou para ambos com perplexidade. A carta do rei fora um jogo, mas era óbvio que Alarik gostava de jogar sozinho.

– Não percamos tempo com temas batidos – argumentou Wren. – Agora que estou aqui, que tal conversarmos?

A expressão de Alarik ensombreceu-se.

– Não gosto de conversa fiada.

– Bom, isso é algo que temos em comum.

Alarik olhou para Tor.

– Revista-a. Minuciosamente.

Wren irritou-se quando Tor se virou para ela.

– Não seas ridículo – protestou. – Achas mesmo que vinha para aqui armada?

– E tu achas que eu acredito na tua palavra? – contrapôs Alarik.

Tor não olhou para Wren enquanto a revistava. Era apenas um soldado gevrânês, com um ar impassível, enquanto lhe passava as mãos pelos ombros e pela cintura. A jovem fechou os olhos, tentando ignorar o seu toque, mas o odor alpino trouxe de volta muitas recordações.

– Parece estar a apreciar – zombou Alarik.

Wren abriu os olhos. *Controla o teu temperamento.* Teve de recorrer a todo o seu autocontrolo para não dizer a Alarik exatamente o que pensava dele. Tor passou para a metade inferior do corpo da jovem.

– Nem te atrevas – ciciou ela, tentando afastar o soldado, mas ele foi demasiado rápido e encontrou a bolsa que entregou ao rei.

– Areia – disse Tor ao afastar-se dela. Era uma pequena traição, mas Wren sentiu-a como uma bofetada na cara.

Os olhos de Alarik brilharam.

– O que dizias agora mesmo a propósito de confiança?

Wren bufou.

– A areia não é uma arma.

– A menos, claro, que a uses para os teus feitiços.

Wren cruzou os braços.

– Não sabia que estavas a par disso.

– Ficarias surpreendida com as coisas que sei – declarou ele num tom sombrio.

Wren pigarreou.

– Acho que começámos com o pé esquerdo.

– Acho que isso remonta ao dia em que mataste o meu irmão – comentou o rei de maneira tão casual que Wren pensou que não teria ouvido bem. Continuou, sem pausa: – Foi a ti que o meu capitão salvou e não ao príncipe Ansel. – Desviou o olhar para Tor. – Mas claro que tu já sabias disso, Tor. Consegues distinguir a encantadora da curandeira, não é verdade? – Não esperou pela resposta do soldado. – Aquilo que eu quero saber é por que razão não lhe confiscaste a areia antes de a trazeres diante do teu rei.

– Perdoai o descuido, majestade. – Tor baixou a cabeça, envergonhado, e, não pela primeira vez, Wren desejou lançar-se ao estrado e esmurrar a cara perfeitamente esculpida do rei.

– Foi por causa de Willem Rathborne que o teu irmão morreu – informou ela, em vez disso. – E eu já me ocupei desse problema por ti. Acabou feito em cinzas, como o resto da Cripta.

Não havia humor no sorriso de Alarik.

– E vieste em busca de uma recompensa?

– Vim em busca da minha avó. Mas isso já o sabes, uma vez que recebeste a minha carta.

– Todas as bestas do meu palácio o sabem – disse Alarik. Apontou para

o enorme urso branco que dormia ao lado do trono. – Até o *Borvil*, que está a hibernar.

– Quanto queres em troca da sua liberdade? – indagou Wren. – Diz o teu preço.

O sorriso de Alarik cresceu, revelando os caninos que brilharam como pérolas.

– Não há dinheiro suficiente no mundo, Wren.

– Deve haver alguma coisa que desejes – pressionou ela. – Toda a gente tem um preço.

Alarik pôs-se de pé, e o estrado destacou ainda mais a sua altura enquanto a observava.

– Quero o meu irmão de volta.

Wren agitou-se, incomodada. Ele escolhera a única coisa que ela não lhe podia dar, só para a ver estremecer.

– Lamento o que sucedeu ao Ansel. Se pudesse voltar atrás...

– Mas não podes, pois não? – interrompeu Alarik, com um estranho anseio a brilhar-lhe nos olhos. O urso polar agitou-se no seu sono, como se alertado pela mudança de humor do seu dono. – Não existe nenhuma bruxa que detenha esse poder, não é verdade?

– Sim – respondeu Wren.

O rei desceu os degraus, avançando para ela.

– Mas tu és uma encantadora. Uma *manipuladora*. Podes mudar as coisas.

– Sim... – Wren teve um mau pressentimento ao encarar aqueles olhos vorazes e ao escutar aquela repentina urgência na voz.

Alarik deteve-se na escada. Já não havia nada entre eles, nem soldados nem bestas, apenas o vapor da sua respiração.

– A velha bruxa não disse uma única palavra desde que saímos do teu país. Não fala. Mal come. As únicas alturas em que abre a boca é para cuspir nos meus soldados.

Wren reprimiu um sorriso.

– A Banba consegue ser um pouco intratável.

– E tu és o quê? Impulsiva. Imprudente. Leal até à medula. – Alarik inclinou a cabeça e encarou-a. – A tua carta revelou-te, Wren. E agora aqui estás tu, confirmando as minhas suspeitas.

As descrições eram tão precisas que a magoavam, como se fossem flechas, mas Wren teve o cuidado de não o demonstrar.

– A lealdade não tem limites – disse ela com firmeza. – Não a mais verdadeira.

A expressão no rosto de Alarik suavizou-se e, por um breve instante, parecia Ansel. Quase humano.

– Outra coisa em que concordamos.

– A minha avó só piorará com o tempo – avisou Wren. – Será melhor que a soltes antes que ela comece a morder os soldados. Aí é que começam os

problemas de verdade.

– Não posso soltá-la – disse Alarik. – Sabes, preciso de uma bruxa.

– Para quê? – indagou Wren, a medo.

– Assuntos que me competem como rei. – Alarik compôs a manga e demorou-se a olhar para o botão de punho que tinha o formato de uma presa de lobo. – No entanto, uma bruxa que não colabora é-me tão útil como um barril de carne apodrecida. Admito que tenho pensado em dar a tua avó a comer aos meus tigres, como castigo pela sua insolência.

Wren ficou imóvel.

– Não farias uma coisa dessas.

Alarik arqueou uma sobrancelha.

– Não?

A jovem olhou para Tor, cuja expressão era sombria.

– E uma vez que dizes que ela só piorará com o tempo... – continuou Alarik.

– Negoceia comigo – sugeriu Wren, movida por um repentino ataque de desespero. – Proponho uma troca.

Alarik ficou imóvel.

– Uma troca.

– Wren – disse Tor, quebrando o silêncio.

Alarik levantou a mão para voltar a instaurá-lo. Era demasiado tarde para retirar o que dissera. Wren deixara-se levar por uma ideia descabida que lhe saíra pela boca antes de conseguir detê-la. Mas Alarik apresentara-lha como se fosse a única opção, a única forma de salvar a avó.

– Se queres uma bruxa colaborante, aqui a tens – disse Wren. Fez uma pausa e sentiu calor nas bochechas ao compreender todo o plano de Alarik. – Foi por isso que me mandaste aquele bilhete, não foi?

O rei sorriu.

– Sou um livro aberto para ti, Wren.

A jovem tentou não pensar na irmã naquele momento. Se Rose ali estivesse, tê-la-ia estrangulado por aquela estúpida sugestão. Mas Rose nunca teria sido tola ao ponto de se abalar para Gevra num impulso, para arriscar tudo. Para perder tudo. Se aquela era a única esperança de Wren, então também seria o seu castigo. Afinal de contas, tudo tinha um preço. E a sua irmã era melhor rainha do que ela, era uma rainha mais sábia. Rose *queria* reinar. No entanto, para Wren, o trono nada significava sem Banba. Rose podia cuidar de Eana na ausência dela. Com Shen Lo ao lado dela, e todo um exército para comandar, podia enfrentar Barron e os seus Flechas. E, em breve, Banba estaria com ela. Banba ajudá-la-ia. Todavia, primeiro tinha de a libertar.

– Podes ficar comigo – disse Wren.

A voz de Tor ressoou.

– Não.

Alarik virou-se para ele.

– Relembra-me, Tor. Qual de nós é o rei?

– Wren é a rainha de Eana – lembrou Tor. – Não pode mantê-la presa aqui. Isso terá consequências.

Alarik semicerrou os olhos.

– Preferes que a mate pelos seus crimes e acabe já com isto? – Assobiou e duas lobas apareceram saídas das sombras. – *Luna, Nova*. Quem quer tomar o pequeno-almoço?

Tor levantou a mão e as bestas detiveram-se.

– Alarik – disse ele em voz baixa –, sê razoável.

O rei arreganhou os dentes.

– Cuidado, Tor. A tua compostura está a desaparecer.

Wren olhou para os dois homens. Estava a perder pé, apanhada num retorcido jogo de poder e posse. Era óbvio que o rei estava zangado com Tor pelo que acontecera a Ansel e agora estava a usá-la para o testar. Para o quebrar. Se não recuperasse o controlo da conversa, a situação iria descontrolar-se por completo.

– Ajudo-te com qualquer missão secreta que planeies – declarou ela, subindo para o mesmo degrau de Alarik, usando-se a si própria como distração. – Ensino-te tudo o que desejares saber sobre magia. Tudo o que te peço é que libertes a minha avó.

– E se não o fizer? – inquiriu Alarik.

– Então, terás duas bruxas não colaborantes nas mãos.

– Ou duas bruxas mortas.

Wren abriu um pequeno sorriso.

– E uma guerra. Com muitas mais bruxas. Que *irão* colaborar. Para te matar.

Alarik engoliu em seco. A jovem sentiu-se triunfante. A sua ameaça resultara. Por muito que o rei gevanês estivesse fascinado pelas bruxas, também as temia. Então, para que precisava de uma delas?

As portas da sala do trono escancararam-se, assustando-os. A princesa Anika Felsing entrou, enfurecida, com o cabelo vermelho a flutuar atrás de si e o vestido preto e comprido a oscilar ao lado do corpo como as asas de uma borboleta.

– O que faz essa cabra traidora aqui? – gritou ela, e a sua raiva ecoou pela enorme sala. – E por que raio continua viva?

Alarik suspirou.

– Querida Anika, devias aprender a bater antes de entrar.

A última vez que Wren vira a princesa de Gevra, Anika enviara um leopardo das neves para a devorar nas margens do rio Língua de Prata, mas *Elske* salvara-a no último instante. Anika odiava Wren, e o sentimento era mútuo. Contudo, estava em solo estrangeiro e desarmada, por isso controlou o seu temperamento e acenou à irada princesa.

– Também é bom ver-te, Anika.

– Não será bom quando te espetar a sola do sapato no crânio.

Alarik revirou os olhos.

– Encantador. Tor, controla-a.

O soldado agarrou-a antes de a princesa conseguir lançar-se a Wren. Virou-a e rodeou-a com os braços até ela parar de se debater. Wren detestou a pontada de ciúmes que sentiu ao vê-los lutar.

– Acalma-te, Anika. – Alarik dirigiu-se à irmã como se fosse uma das suas bestas. – Já te esqueceste da regra do nosso pai? Não fazemos cenas na sala do trono.

– Ela matou o Ansel! – ciciou Anika. – É por causa dela que o nosso irmão está morto! – Anika virou a sua raiva para Wren. – És uma louca arrogante por pores os pés em Gevra. Pouco me importa quantas bruxas tens em Eana. Conseguirei a tua cabeça antes de te ires embora. Não ficarás impune depois do que fizeste!

Tor apertou os braços em redor da princesa até que os seus pés ficaram a dez centímetros do solo. Perante a insistência de Alarik, o soldado levou-a dali, até se escutar apenas o eco dos seus gritos.

Wren lutou contra o desejo de sair a correr atrás deles. Preferia Tor e a birra da princesa gevrana à presença do rei.

Alarik esperou que as portas se fechassem antes de tomar a palavra.

– A dor deixou a minha querida irmã completamente transtornada – disse com o que parecia preocupação na voz. – Ela não costuma ser tão...

– Assassina?

Alarik fez uma pausa.

– Suponho que sim.

O traje negro do rei assumiu um novo significado, tal como as sombras negras sob os seus olhos. O palácio de Grinstad estava de luto. E havia uma parte de Wren, uma parte ínfima, que se sentia mal por ele.

Alarik entrelaçou as mãos atrás das costas enquanto descia do estrado.

– O teu país não sentirá a tua falta se ficares aqui? – perguntou ele como se estivessem a discutir o tempo e não a total rendição de Wren. – És, afinal de contas, uma nova rainha.

– Suponho que essa é a vantagem de sermos duas – disse ela com um encolher de ombros. – Uma para reinar e a outra para...

– Entrar sorrateiramente em palácios estrangeiros – interrompeu Alarik e continuou a andar, enquanto Wren ficou com a sensação de que devia segui-lo. – És tão inconsciente, Wren.

A jovem odiava ouvir o seu nome na boca do rei.

– Prefiro o termo «proativa».

O rei soltou uma gargalhada.

– Podias ter morrido naquela arena.

– O importante é que não morri.

– Por sorte, o capitão Iversen estava perto o suficiente para te ouvir gritar. Ele parece ter um dom para te manter viva. O que é uma sorte, porque a ti parece faltar-te essa capacidade.

– Falas como se eu fosse uma tola – resmungou Wren.

– Os factos falam por si. Eu limito-me a ouvir.

A vontade de Wren era atirá-lo contra um pilar.

– É esta a parte em que me dás as boas-vindas a Gevra de braços abertos?

– Esta é a parte em que eu decido se quero, ou não, tolerar-te em Gevra – corrigiu Alarik. – Ainda estou a pensar na tua oferta.

Wren sentiu um formigueiro nos dedos. Quanto mais depressa Banba estivesse em segurança, longe de Gevra e novamente junto de Rose em Anadawn, mais depressa ela arranjará maneira de enganar o rei e segui-la para casa.

– Quanto tempo demoras a tomar uma decisão?

– O tempo que desejar.

– Ótimo. Quem não aprecia um rei indeciso?

– Ou uma rainha estouvada – atirou ele.

Wren fulminou-o com o olhar.

– Diz-me, rainha Wren – pediu Alarik. – Porque abandonaste tão decidida o teu reino para entrares no meu palácio, escondida na traseira de um trenó e vestida como uma camponesa? – Apontou para a túnica da jovem e para o seu cabelo despenteado. – Porque não chegar com a coroa e um vestido de gala para negociar os termos da troca? Ou achaste que eu estaria mais recetivo a uma ladra comum do que à rainha do país que matou o meu irmão?

Wren pensou antes de responder.

– Sinceramente, esperava que os nossos caminhos não se cruzassem.

– Ora, assim ofendes-me. – Alarik desviou uma madeixa de cabelo dos olhos. – Sou um excelente anfitrião.

– Oh, então isso quer dizer que não costumavas destroçar os convidados até à morte na tua sangrenta arena privada?

– Só os ladrões. – Alarik estacou. Virou-se para Wren e encarou-a. – Para ser sincero, o que me agrada em ti é a tua imprudência. A maneira como arremetes contra o mundo, sem arrependimentos e sem pensares nas consequências. – Baixou a voz de maneira que nem os soldados o escutassem. – Sabes, preciso de uma bruxa que faça uma coisa imprudente por mim.

A inquietação alojou-se nas entranhas de Wren. Sentiu naquele momento que tinha cometido um erro terrível ao ir ali. Alarik deu um passo atrás.

– Se ficares aqui, ajudar-me-ás naquilo que preciso. Se isto é mais um dos teus truques, não cairei nele. E se tentares, enfrentarás a ira de Gevra. – Apontou para o teto, e Wren contemplou a arte que o cobria, mais de uma centena de diferentes guerras representadas em rios carmesim – derramamento de sangue e vitórias e mortes, corpos caídos no solo gelado e bestas que rugiam presas em correntes. – Acredita em mim, bruxa. Não irás gostar.

Wren engoliu em seco com dificuldade.

– Não tenho medo de ti.

– Não ainda. – Alarik estalou os dedos e dois soldados com expressões sérias saíram das sombras. – Levem-na. Terás a tua resposta ao cair da noite.

Wren foi levada da sala do trono, já não sendo rainha do seu próprio país –, mas, sim, uma prisioneira de outro.



Antes de partirem realmente, Rose insistiu que parassem na cidade de Bridge End para escrever duas pequenas cartas urgentes. A primeira era dirigida a Thea, em Anadawn. E a outra a Chapman, que ainda devia estar na estrada para Ellendale. Rose não incluiu pormenores, disse apenas que estava bem e que não deviam segui-la. Garantiu que regressaria em breve. Não lhe passou ao lado que estava a enviar o mesmo tipo de bilhete exasperante que Wren lhe deixara na almofada. E, com isso, o ressentimento que Rose sentia em relação à irmã suavizou-se um pouco.

Rose escondeu-se com Kai e os cavalos enquanto Shen atava a primeira carta a um pombo correio que libertara da casa postal local e confiava a outra a uma jovem mensageira, depois de lhe pagar com uma moeda de ouro, para que cavalgasse até Ellendale em busca da comitiva real.

Com as cartas enviadas, Shen entrou às escondidas numa estalagem para furtar um saco, um vestido rústico, um par de sapatos, uma escova de cabelo e uma camisa de dormir, assim como alguma comida para a viagem.

Corada até à raiz dos cabelos, Rose mudou de roupa atrás de umas árvores nos arredores da cidade, enquanto Shen e Kai ficavam atentos a quaisquer transeuntes.

Com relutância, Rose tirou a coroa.

– O que vamos fazer com isto? Não posso levá-la. Chama demasiado a atenção.

– Dá cá, rainha. Tive uma ideia. – Rose observou, horrorizada, enquanto Kai lançava a coroa ao rio. – Uma truta sortuda vai ficar muito rica.

Shen fulminou o primo com o olhar.

– O que se passa contigo?

– O estilo era horrível – argumentou Kai. – Verás o que é verdadeira arte quando chegares ao Reino Beijado pelo Sol. Temos rubis tão grandes como a minha cabeça.

– Espero que não sejam igualmente ociosos – contrapôs Rose, espetando-lhe o dedo no peito. – Deves-me uma coroa, Kai Lo.



Depois de Bridge End, cavalgaram para sul e só pararam para uma refeição rápida de pão e queijo. Rose reparou que Shen lançava olhares furtivos a Kai enquanto comiam, como se temesse que o primo pudesse desaparecer se o perdesse de vista. Sentiu-se triste por ele e por tudo o que sabia que ele desejava perguntar a Kai sobre o Reino Beijado pelo Sol – o seu lar, o seu passado. Ao fim da tarde chegaram a uma pequena cidade.

– Talvez possamos passar aqui a noite. Deve haver alguma espécie de estalagem. – A jovem desmontou, sacudiu a saia e avançou. – Venham.

– Cuidado. Podem ser apoiantes dos Flechas. – Shen apontou para o edifício abobado à entrada da cidade. – Têm uma Cripta.

– Quase todas as cidades de Eana têm uma Cripta. Isso não significa nada – comentou Rose no preciso instante em que a porta se abriu e saíram três homens a cambalear. O mais velho, que vinha à frente, segurava uma lanterna, e os dois que o seguiam eram mais novos. Pareciam irmãos. Um tinha o cabelo preto e comprido e uma barba indomável, enquanto o outro era quase careca.

– Estão os três a olhar para o quê? – perguntou o irmão barbado, levando a mão à faca que tinha à cintura.

– Eu se fosse a ti não fazia isso – ameaçou Kai.

– Perdoem-nos – interrompeu Rose habilmente. – Somos apenas um grupo de músicos ambulantes a passar pela vossa bela terra.

– Falas com palavras caras – comentou o outro irmão, desconfiado.

– Obrigada – disse Rose, e puxou mais o capuz sobre a cabeça. – Tive aulas de elocução quando era criança.

– Cantem-nos uma canção – pediu o mais velho, arrastando as palavras e tropeçando nos degraus. – Conhecem aquela que se chama «Digam aos Lobos que Estou a Chegar»?

O barbado rodeou *Storm*.

– Estava capaz de apostar o meu melhor cinto em como este é um cavalo do deserto. – Esticou o braço para tocar no animal, mas Shen reagiu com a velocidade de um raio e afastou-lhe a mão com uma bofetada. O Barbado pôs-se à frente de *Storm* e bloqueou-lhes o caminho. – Diz-me, viajante. Disparas a flecha com lealdade e exatidão?

Shen nem sequer pestanejou.

– Sou um excelente arqueiro, se é isso que estás a perguntar.

– Não é – replicou ele, levantando a mão para mostrar o desenho de uma flecha. – Estás a dizer-me que nunca se cruzaram com gente como nós nas vossas viagens?

– Não – respondeu Shen num tom seco. – Afastem-se, por favor.

O Barbado agachou-se e apanhou uma pedra. Sem avisar, lançou-a a Rose. Shen reagiu no mesmo instante e, com uma das mãos no cavalo, afastou a pedra que rodopiou pelo ar e foi espetar-se na porta da Cripta. Engoliu uma imprecação, mas era demasiado tarde.

– Bruxos – rosnou o Careca. – Senti-lhes o cheiro.

O mais velho brandiu uma faca.

– Temos estado a preparar-nos para os da vossa espécie.

– Não suficientemente bem – comentou Shen, que o derrubou com um pontapé. A lanterna caiu ao chão com estrépito, espalhando o óleo. As chamas lamberam as pedras da calçada quando o homem careca decidiu atacar, mas Shen reagiu, partindo-lhe o nariz com a palma da mão. O tipo caiu para trás, atordoado. Rose estremeceu ao ouvir o estalar. O Barbado agarrou a lanterna e lançou-a a Kai.

– Arde, bruxo!

Kai esquivou-se. A lanterna aterrou num arbusto que logo se incendiou.

– É a minha vez. – Kai derrubou o tipo com um soco rápido.

– Está na hora de irmos! – alertou Rose, subindo para o cavalo que estava mais perto, que calhava pertencer a Kai, no instante em que as portas da Cripta se abriram e saíram mais homens. O trio cavalgou pelas ruas poeirentas e Rose olhou por cima do ombro.

– Estão a seguir-nos!

Kai piscou o olho a Shen.

– Está na hora de pores o teu cavalo do deserto à prova, primo.

– A *Storm* passou a vida a cavalgar sob o céu – zombou Shen. – O teu cavalo é que deve estar enferrujado.

– *Bah!* O *Victory* está há anos à espera para esticar as patas.

– Vão mesmo competir para ver qual é o cavalo mais rápido? – indagou Rose. – Este não é o momento.

Ignoraram-na ambos.

– Um nome não faz o vencedor – contrapôs Shen. – Não há, sob o sol, cavalo mais rápido do que a *Storm*.

– Já veremos isso. – Kai deu uma palmada na garupa de *Victory* que, sabe-se lá como, cavalgou ainda *mais* depressa.

– Kai! – guinchou Rose. – Vai mais devagar!

Atrás deles, Shen deu um grito e, pouco depois, *Storm* acompanhava *Victory*, enquanto ambos os homens riam tanto que Rose mal se ouviu gritar:

– Parece-me um empate! Parabéns a ambos!

– A corrida mal começou – bradou Kai. – O meu cavalo é capaz de

galopar a noite toda.

– Não vou matar a *Storm* só para provar o seu valor – gritou Shen de volta. – Fazemos uma corrida até à próxima ponte e, quando eu ganhar, podes curvar-te diante da *Storm* e beijar-lhe os cascos. – Dito isso, partiu, levantando uma nuvem de pó.

– Nem pensar! – disse Kai, rindo enquanto o perseguia. E, embora o vento assobiasse nos ouvidos de Rose e ela tivesse de se agarrar com toda a força para não cair, também deu por si a rir.

Depois de uma hora de corrida, Shen e *Storm* destacaram-se e chegaram à ponte primeiro. Segundos depois, foi a vez de *Victory*, carregando Kai e Rose no seu dorso, esbarrar neles, quase atirando *Storm* ao rio.

– Cuidado! – gritou Shen. – Perdeste. Ao menos porta-te como um perdedor digno.

– Isso não existe – contrapôs Kai. – E esta corrida estava adulterada desde o início. O *Victory* teve de carregar duas pessoas. Da próxima vez ganho eu.

– Da próxima vez atiro-te ao rio, Kai.

– Parem com isso – pediu Rose, cansada. – Está escuro. Vamos continuar.

Os bruxos ficaram em silêncio enquanto a lua se erguia sobre eles, salpicando-os com a sua luz prateada. Seguiram em frente até chegarem a Hollyfort.

– Podemos passar a noite aqui – sugeriu Shen, que estava à procura de flechas pintadas nas portas. – Parece ser um local seguro. E os cavalos precisam de descansar.

– Tal como eu – disse Kai, depois de bocejar. – E estava capaz de comer um boi.

Rose olhou a medo para as ruas escuras.

– Não causem sarilhos desta vez. As portas podem não ter marcas, mas isso não significa que não haja Flechas aqui. – Algo se agitou ali perto. – Vejam! – exclamou ela. – Há qualquer coisa a mover-se naqueles arbustos!

Kai ficou tenso. Shen já tinha um punhal na mão. O arbusto soltou um rosnado e, depois, uma enorme mancha branca saiu disparada e lançou-se a *Victory*. O cavalo recuou com um relincho e quase derrubou Kai e Rose. A mancha que se transformara numa besta tentou morder os calcanhares de Kai.

– Raios – praguejou Kai. – É um lobo!

Shen desatou a rir.

– Acho que está tudo bem – anunciou ele, guardando o punhal. – A menos que a *Elske* também tenha uma gémea.

– *Elske*? – Rose ficou boquiaberta. – És tu?

A loba estava demasiado ocupada a rosnar a Kai para prestar atenção a Rose.

– Já que conhecem esta besta raivosa, não podiam pedir-lhe que me deixasse em paz? – ciciou ele. – Senão vou desmontar e espetar-lhe um

punhal.

– Nem te atrevas! – Rose desmontou. – Pronto, pronto, querida – disse enquanto se ajoelhava. – Está tudo bem. Encontraste-me.

A loba parou de rosnar e encostou o focinho à saia de Rose, sujando-a ainda mais. Rose sorriu enquanto a acariciava. Ter *Elske* ali fazia-a sentir-se mais perto de Wren.

– Porque é que me seguiste até aqui?

– A Wren deve ter-lhe pedido que olhasse por ti – explicou Shen. – Está a proteger-te.

– Tentando matar-me? – perguntou Kai, olhando desconfiado para a besta.

Shen sorriu.

– Talvez.

– O desdém que sente por ti só prova que é excelente a julgar pessoas. – Rose pôs-se de pé e sacudi as saias. – Viajaremos mais seguros com ela..., se bem que seremos um pouco menos discretos.

– Um pouco! – resmungou Kai. – Manda-a embora.

– Não – retorquiram Shen e Rose em unísono.

– A loba fica – acrescentou Rose. – Se tiveres algum problema com isso, podes ir-te embora.

Kai fez beicinho, mas não disse nada. O assunto estava resolvido.

– Há uma estalagem ali mais adiante. – Shen apontou para um edifício alto ao fundo da rua. A luz de velas brilhava suavemente através das janelas e havia uma placa de madeira por cima da porta que dizia *The Straggler's Rest*. – A *Elske* terá de se esconder no exterior enquanto entramos, mas depois podemos arranjar maneira de a meter lá dentro.

Conseguir um quarto no Straggler's Rest acabou por se revelar uma dor de cabeça.

– Lamento, mas nas últimas semanas de verão estamos sempre cheios – disse o estalajadeiro com um sorriso perlado que contrastava com a pele escura. – Mas talvez vos consiga arranjar qualquer coisa. – Assobiou para chamar a atenção de outro homem que parecia ser o cozinheiro e que também servia às mesas. – Todrick, o quarto do sótão está em condições de receber hóspedes?

Todrick torceu o nariz.

– Tirámos os morcegos esta manhã. Bom, grande parte deles. Eu peço à Marianna que vá lá acima abrir a janela e arejar o espaço.

O estalajadeiro virou-se para o trio.

– Vão ficar um pouco apertados. – Apontou para o Kai. – Principalmente com ele. Mas é o melhor que posso fazer.

– Agradecemos – disse Shen.

– Não tem outro quarto? – Rose corou. – Tenho a certeza de que eles os dois não se importam de partilhar, mas uma ra... *senhora* precisa de alguma privacidade.

O estalajadeiro limitou-se a encolher os ombros.

– É tudo o que tenho, menina. Somos a última estalagem em quilómetros. Há uma mais sofisticada em Ellendale, se quiserem tentar lá a vossa sorte...

– Ellendale? – A voz de Rose elevou-se uma oitava. – Não, não. Creio que ficaremos aqui. Partiremos aos primeiros raios da manhã. Somos músicos ambulantes, sabe, e fomos contratados por... – Deu voltas à cabeça, tentando lembrar-se de uma família nobre que vivesse mais a sul. – Pelo lorde Shannon e pela família. Em Golders Glen.

– Se saírem bem cedo, chegam a Glen ao anoitecer – informou Todrick.

– Mas levem bastante comida. Não há nada até lá.

– Exceto o vale da Erva Venenosa – murmurou o estalajadeiro. – Mas é melhor evitá-lo. Os que lá entram já não saem os mesmos.

– Se é que chegam a sair – acrescentou Todrick num tom ominoso. – O ar nessa zona afeta a mente.

Rose e Shen entreolharam-se.

– Mas isso agora não importa – disse o estalajadeiro. – Vão ficar com o quarto no sótão ou não? O jantar é por minha conta.

Kai esfregou as mãos de contente.

– Vamos comer.

Rose suspirou. Era só por uma noite. E, ali em Hollyfort, ela não era a rainha, mas sim uma artista ambulante, a salvo de olhares curiosos e de línguas afiadas. E, além disso, preferia dormir numa cama, protegida por dois guerreiros experientes, do que dormir lá fora, onde qualquer pessoa podia tropeçar neles.

– Aceitamos – disse ela com um sorriso. – E ficamos muito gratos.



Depois do jantar, Todrick conduziu-os ao quarto no cimo de uma escada rangente.

– Entrem vocês os três – disse ele, à porta. – Não cabemos todos.

– Oh! – exclamou Rose depois de entrar e quase bater com a cabeça numa viga mais baixa. A cabeça de Kai roçava no teto.

Havia uma pequena janela com vista para a praça da cidade e uma bacia suja a um canto. O resto do exíguo espaço era ocupado pela cama. Todrick despediu-se da porta.

– Se precisarem de aliviar a bexiga durante a noite, têm um balde debaixo da cama, e a latrina fica lá atrás.

– Maravilhoso – disse Rose. – Gratos pela sua hospitalidade.

Todrick mirou-os com curiosidade.

– Bom... Então, boa noite. – Assim que ele fechou a porta, Kai encostou o chicote a um canto e deixou-se cair na cama. As molas do colchão rangeram

quando ele se esticou, com os dedos a roçar ambas as bordas do colchão.

– Estou a reclamar a cama! – exclamou ele com a cara na almofada.

– Nem penses! – indignou-se Rose, agarrando a outra almofada para lhe dar com ela na cabeça.

Kai riu e virou-se.

– Quero ver-te obrigar-me a sair daqui com esses braços minúsculos e fraquinhos.

Rose esbugalhou os olhos, ofendida.

– Permite-me. – Shen lançou-se para a cama. O colchão repinchou e Kai aterrou no chão com estrondo.

Rose riu a bandeiras despregadas. Kai levantou-se com o chicote na mão, esticou-o e fê-lo estalar entre os punhos.

– Primitivo, vais arrepender-te do que fizeste.

Shen desviou-se a tempo.

– És demasiado lento, primo.

Kai sorriu ao recolher o chicote.

– Veremos.

– Já chega! – Rose colocou-se entre eles. – Comportem-se! Não podemos dar-nos ao luxo de chamar a atenção de ninguém. – Aclarou a garganta. – *Eu* durmo na cama. Com a *Elske*. Vocês podem ficar com as almofadas.

– Que generoso da tua parte, rainha. – Kai agarrou numa almofada e estendeu-se no chão aos pés da cama. – O deserto é mais confortável do que isto – resmungou, descalçando as botas com dois golpes firmes.

– E por falar na *Elske*... – disse Shen, aproximando-se da janela. – Devia ir buscá-la.

Rose foi colocar-se ao lado dele, consciente da proximidade.

– Vou lá para baixo e espero que o movimento de clientes acalme. Depois, saio discretamente e trago a loba para cima. – Lançou um olhar ameaçador a Kai. – Tu ficas aqui. No chão.

Kai acenou-lhe.

– Não te preocupes com a virtude da tua rainha. Se ela fizesse o meu género, já a teria seduzido.

– Desculpa? – Rose atirou o cabelo para trás. – Isso quer dizer o quê?

– Nada de pessoal. – Kai mostrou-lhe um sorriso lupino. – Nunca diria que faria o teu género, mas já vi como olhas para o meu primo e, sejamos sinceros, eu sou uma versão mais atraente e maior.

Shen colocou-se sobre Kai, com a bota a pairar sobre a braguilha.

– Dizias?

Kai riu e rolou para o lado.

– Vocês os dois estão tão tensos. Deve ser de todo esse desejo reprimido.

– Fez um esgar. – Qualquer pessoa com olhos percebe o que se passa. Não deixem que a minha presença vos impeça de fazer qualquer coisa a esse respeito.

Rose ficou indignada e perdeu momentaneamente a capacidade de falar. Shen olhava para todo o lado menos para ela e as suas bochechas assemelhavam-se a dois tomates maduros.

– A *Elske* – conseguiu Rose dizer, por fim. – Devias...

– Certo. Vou agora mesmo. – Shen saiu a correr como se o quarto estivesse a arder.

Rose encostou-se ao parapeito da janela enquanto Kai ria às gargalhadas.

– Isto foi mais divertido do que lutar com ele – declarou. – Devias acabar com o desespero do meu primo. Ou o deixas meter-se na tua cama ou lhe dizes que isso nunca vai acontecer. Não podes cozê-lo assim em lume lento.

Rose ficou tensa.

– Não sabes do que falas. E *volto* a recordar-te que sou a tua rainha.

– Então guardarei os meus conselhos para quem os aprecie – murmurou Kai ao fechar os olhos. – Boa noite, rainha. – Pouco depois, dormia profundamente e os seus roncos ecoavam pelo minúsculo quarto.

Quando Shen regressou, uns minutos mais tarde, carregava *Elske* contra o peito, enrolada na sua capa, com o focinho e a cauda de fora.

– Trouxeste-a ao *colo* até aqui? – perguntou Rose.

Shen fechou a porta com o pé.

– Pensei que, se alguém me perguntasse alguma coisa, eu podia dizer que eras tu.

Rose olhou para a loba quando ele a pousou no chão.

– *Eu?*

Elske saltou de imediato para a cama e enroscou-se.

– Bom, o meu plano era dizer que tinhas torcido o tornozelo a caminho da casa de banho e... – Calou-se.

– E me crescera uma cauda? – brincou Rose.

Shen esfregou a nuca.

– Bom, agora ela já cá está. – Olhou para o primo que ressonava. – Ele parece um burro moribundo.

– Devia estar exausto. – Rose bocejou e sentou-se na cama. – Foi um dia longo.

– E como te sentes em relação ao Barron? E à Wren? E, bom, em relação a tudo? – Shen acomodou-se ao lado dela, mas endireitou logo as costas assim que as molas rangeram.

Rose desejou que não houvesse um lobo na sua cama. Ou um bruxo irritante no chão. Ou um enorme abismo de coisas por dizer, e por fazer.

– Acho que ainda estou em choque – admitiu ela. – Não quero pensar muito na Wren nem no que ela pode estar a enfrentar em Gevra porque isso me assusta demasiado. E, neste momento, não me posso dar ao luxo de sentir medo, Shen. Tenho de ser forte.

Shen virou-se para ela e levantou-lhe o queixo com o dedo.

– Rose, és a pessoa mais forte que conheço.

A jovem contemplou-lhe os olhos escuros como a noite. Sem pensar, inclinou-se e pressionou os lábios contra os dele. Shen primeiro ficou tenso, mas depois beijou-a de volta, puxando-a para si. Rose suspirou de prazer quando ele deslizou a língua para dentro da sua boca e sentiu que o seu corpo podia irromper em chamas...

Então, *Elske* rosnou e o momento desvaneceu-se. Rose afastou-se, demasiado consciente daquilo que a rodeava: a loba na cama e um homem a dormir no chão! A roncar! Não, espera. Ele não estava a rressonar. Estava a *rir*.

– É só isso? – indagou Kai que, entretanto, se sentara e os mirava. – Não deixem que vos impeça de continuar.

Rose enterrou a cara nas mãos. Ainda bem que tinha *Elske*.

– *Rose, és a pessoa mais forte que conheço* – imitou Kai. – É uma boa frase de engate!

Um segundo depois, Shen tinha o joelho pressionado contra o peito de Kai e o punhal encostado à sua garganta.

– Primo ou não, derramo o teu sangue aqui mesmo.

Kai arqueou uma sobrancelha.

– Porquê? Tu é que tinhas a língua na boca dela.

– Shen, está tudo bem – disse Rose, por entre os dedos. A culpa era dela. Não o devia ter beijado. Não ali, nem naquele momento. – Guarda o punhal.

Shen inclinou-se para trás e pôs-se de pé.

– Não me lembrava de seres tão irritante – comentou ele enquanto guardava o punhal na bota.

Os olhos de Kai dançaram iluminados pelo luar.

– Muita coisa mudou desde que saíste de casa, priminho. – Dito isso, virou-se e, segundos depois, estava novamente a roncar.

Rose fitou-o.

– Nunca conheci ninguém que adormecesse tão depressa.

– Também devíamos dormir um pouco – aconselhou Shen, passando a mão pelo cabelo. – Amanhã vai ser um grande dia. – Contornou Kai e foi deitar-se do outro lado da cama, onde tirou as botas e se estendeu no chão.

– Toma, aceita ao menos a almofada – ofereceu Rose, lançando-a antes de se enroscar na cama com *Elske* aos seus pés.

– Dorme bem, Rose – desejou Shen.

– Boa noite, Shen.

Rose deslizou lentamente até à beira da cama e, como que por acaso, deixou cair a mão. Ficou ali a pender por instantes até que sentiu o toque quente de Shen ao entrelaçar os dedos nos dela. Beijou-os e ela sentiu esse calor percorrer-lhe o corpo.

Pouco depois, o bruxo soltou-a e Rose percebeu que adormecera. Observou-o sob a luz da lua. Era belo e parecia em paz. Então, *Elske* soltou um gás e Rose apanhou um susto tão grande que quase saltou da cama. Deslizou de volta para o centro do colchão e adormeceu. Esperava-os um

grande dia.



A noite caiu sobre Grinstad, e Wren ainda não recebera a resposta do rei Alarik à troca que propusera. Os soldados tinham-na trancado numa divisão do quarto andar do palácio, onde esperava impacientemente desde manhã. Podia ser uma prisioneira de Gevra, mas a sua cela era bastante luxuosa.

O aposento era quase do mesmo tamanho do quarto de Rose em Anadawn. Do teto com cornija pendia um candelabro de cristal e as paredes estavam adornadas com um papel azul-marinho que brilhava ligeiramente sob a luz tremeluzente. Os móveis dourados eram tão ornamentados que, ao início, Wren perguntara-se se podia sentar-se, já que o sofá e as cadeiras, que condiziam, estavam repletos de almofadas com borlas cor de marfim e prateadas. A cama quadrada e dourada ocupava o centro do quarto e tinha dossel. O edredão era tão fofo como uma nuvem de verão e suportava pelo menos umas dez almofadas a condizer e, claro, uma manta de pele.

Wren revolvera o armário e descobrira que estava repleto de roupas luxuosas, capas de pele e cachecóis macios, além de um varão cheio de vestidos de veludo e rendas que fariam Rose contorcer-se de inveja. A quem pertenceriam?

Uma enorme janela tinha vista para as montanhas Fovarr, cujos picos irregulares atravessavam as nuvens mais baixas, e os vales estendiam-se sob sombras profundas. As bestas deambulavam e uivavam à Lua enquanto os notibós cruzavam o céu. E, ainda assim, apesar da névoa gelada que se agarrava às torres do palácio Grinstad, no quarto sentia-se uma calidez surpreendente. Era uma pena que não tivesse nada para fazer. Wren manchou

o tapete branco com as suas botas enquanto esperava pela decisão de Alarik.

Não era ingênua ao ponto de pensar que Banba estava por perto e a desfrutar do mesmo luxo que ela. Precisava de sair daquele quarto e vê-la. A sua paciência esgotava-se a cada hora que passava, com os olhos colados na maçaneta, a desejar que girasse. Contudo, o soldado posicionado do outro lado estava em silêncio. Nem sequer teria dado conta que ele lá estava se o seu lobo não roncasse tão alto.

Começou a sentir comichão nos dedos, mas, sem a sua fonte de magia, não tinha poder. Tor confiscara-lhe a bolsa com a areia, e o resto estava no saco, que deixara no pátio. Procurara por todo o quarto qualquer coisa que pudesse usar – um novo tipo de terra –, mas o rei estava dois passos à frente dela. Não havia flores na cómoda. Não havia lenha na lareira. Abriu a janela e meteu a cabeça lá fora. As paredes do palácio eram suaves ao tato e não havia hera a cobrir a pedra.

– Bem que podiam tentar plantar qualquer coisa neste bloco de gelo gigantesco – murmurou ao fechar a janela. Virou uma vez mais a sua atenção para o armário, revolvendo os vestidos à procura de um botão de ferro ou de uma pregadeira. – Muito esperto, o grande brutamontes. – Atravessou o quarto e foi bater na porta com os punhos. O lobo que dormia ganiu, assustado. – Se não vais deixar-me sair, ao menos dá-me de comer! Estou faminta!

Sentou-se no chão e esticou as pernas. Para sua surpresa, o jantar chegou pouco depois. Talvez afinal até tivesse algum poder ali. A cozinha mandara um delicioso estufado de vaca, com uma pequena colher e sem faca. Wren voltou a bater na porta.

– Este estufado está sensaborão. Podem trazer-me algum tempero?

Uns minutos mais tarde, depois de Wren ter praticamente lambido o prato, a porta abriu-se ligeiramente e entrou um pequeno saleiro. Wren agarrou-o com um sorriso ao ver a sua tonalidade rosada. Idiotas. Aquilo era sal de rocha, puro como no dia em que fora extraído. Ali, na sua luxuosa cela, era mais valioso do que o ouro.

Pôs de lado o seu novo pedaço de terra enquanto trocava de roupa. Tinha a túnica feita em pedaços e as calças estavam imundas. Se ia meter o nariz pelo palácio de Grinstad, seria do seu interesse tentar passar despercebida. Era melhor parecer-se com uma nobre e não com uma ladra. Escolheu um vestido cor de turquesa e, ao vesti-lo, admirou as contas prateadas que decoravam o decote. Era simples, mas belo. Mas a quem pertenceria? Era impossível que servisse a Anika, com as suas curvas generosas, e, ainda que fosse dela, Wren duvidava que a irascível princesa partilhasse a sua roupa com os convidados. Ou com os prisioneiros.

Fez uma trança e lavou a cara. Depois guardou o saleiro no bolso e bateu uma vez mais à porta.

– O que foi agora? – perguntou o soldado, irritado.

– Podes levar o meu prato – disse Wren num tom altivo. – Não esperas

que durma num quarto a tresandar a comida, pois não?

O soldado resmoneou uma imprecação em gevrânês.

– Eu *ouvi* isso! – exclamou Wren. – Isso não é maneira de falar a uma hóspede de honra. Sou uma rainha, sabes?

– És uma prisioneira – corrigiu o guarda.

– Na verdade, isso ainda não foi decidido. – O soldado não respondeu. – Se não lebares já este prato, vou meter a cabeça fora da janela e gritar até toda a gente no palácio acordar e terão de *te* culpar. Pelo amor das estrelas, não estou a pedir um pónei! Basta meteres a mão cá dentro e tirares o prato.

A chave girou na fechadura. Assim que a porta se abriu, Wren soprou o sal que tinha na palma da mão e lançou um encantamento. O soldado caiu ao chão. O lobo acordou sobressaltado, mas Wren estava preparada para a besta. Segundos depois, estava enroscado ao lado do seu dono e dormiam ambos, roncando em perfeita sintonia.

A jovem sacudiu as mãos e saiu do quarto.

– Isto foi demasiado fácil.

Wren ficou aliviada por encontrar o resto do corredor vazio. Acelerou o passo até ao fundo do corredor e abriu caminho pelas traseiras do palácio, onde encontrou as escadas dos empregados. Desceu um andar e depois outro. Os ronc das bestas escoavam por todo o palácio, parecendo aumentar de volume à medida que ia descendo. Wren não sabia onde ficavam as masmorras, mas pressentia que, se continuasse a descer, acabaria por encontrá-las.

Quando uma série de passos reverberaram pela escada na sua direção, Wren deu meia-volta e escondeu-se no primeiro andar. Encostou-se à parede, ocultando-se por entre as sombras enquanto procurava uma alternativa às escadas. Escutou mais passos algures atrás dela, acompanhados pelo clique-claque de garras no mármore.

Afastou-se do soldado e da sua besta e contornou a esquina tão depressa que se desequilibrou. Deteve-se e levou a mão ao peito para acalmar o coração. A luz da lua caía sobre ela como se fosse um rio de prata derretida que enchia o palácio com um brilho onírico. Wren olhou para cima, onde a conhecida cúpula de vidro deixava ver o céu estrelado.

Oh!

Estava no cimo de uma escadaria a olhar para o mesmo pátio que a maravilhara umas horas antes. Algo mudou sob a ténue luz que a fez inclinar o queixo para baixo e sustar a respiração. Viu uma mulher sentada ao piano. Era muito mais velha que Wren, com os braços muito magros e o rosto macilento. Vestia um roupão negro e o seu cabelo loiro e comprido brilhava como uma pérola. Tinha os dedos pousados nas teclas do piano, mas não tocava uma única nota. Olhava para o piano com o olhar perdido e tão assombrado que Wren estremeceu. Era como se estivesse congelada.

E o mais estranho era que, apesar de os soldados de Alarik estarem espalhados pelo pátio, nenhum deles olhava para a mulher. Nem sequer as

bestas pareciam reconhecer a sua presença. Seria ela um fantasma oriundo da imaginação confusa de Wren? Foi então que lhe ocorreu que aquela podia ser a mãe de Alarik, a solitária rainha Valeska.

Wren tentou aproximar-se um pouco mais, mas sentiu uma mão apertar-lhe o braço.

– O que raio fazes aqui? – sussurrou-lhe Tor ao ouvido. Wren engoliu o arquejo enquanto ele a afastava do corrimão e a guiava até um canto.

– Quem é a mulher sentada...

– Wren, isto não é Anadawn – sussurrou ele, furioso. – Se fores apanhada a bisbilhotar pelo palácio, cortam-te a cabeça.

A jovem pestanejou. Tor ocupava todo o espaço e sentia o calor do corpo dele contra o seu.

– Bom, não estava a planear ser apanhada. – Olhou para as mãos dele na sua cintura e sentiu cada centímetro do seu toque abrasador. – Como sabias onde eu estava?

Tor afastou as mãos e pousou uma delas na espada.

– Encontrei o teu saco no pátio e ia devolver-to quando encontrei o Ulrich deitado no chão.

Wren mordeu o lábio.

– Devia estar exausto.

– O que estás a tentar fazer, Wren? Queres provocar o Alarik? Ou é comigo que estás a brincar?

– Estrelas, Tor, estou a tentar perceber se a minha avó ainda está viva – atirou a jovem. – O que esperavas que eu fizesse? Que ficasse no quarto como uma idiota enquanto aquele cretino arrogante me faz perder tempo e... me ignora?

– Sim – respondeu Tor por entre dentes. – *Sim*.

Wren soprou o ar.

– Então é óbvio que não me conheces.

– Não demorei a encontrar-te, pois não?

– Ganhaste no jogo das escondidas, Tor – disse Wren com secura. – E que tal jogarmos novamente?

Ele apoiou-se contra a parede, prendendo-a no canto. Wren empurrou-o, mas o peito dele era como uma rocha, impossível de deslocar.

– *Sai da minha frente.*

– A masmorra está cheia de bestas.

– Tenho a minha magia.

Tor percorreu-lhe o corpo com o olhar. Wren cruzou os braços.

– Nunca encontrarás...

O soldado meteu a mão no seu bolso esquerdo e fechou os dedos em volta do saleiro.

– Ora – disse ele. – Isto parece-me familiar.

Wren pressionou a mão contra a dele, mantendo-a no bolso.

– Não faças isso.

Os olhos de Tor centraram-se nos dela e depois nos seus lábios. Wren captou esse momento de fraqueza. Elevou-se na ponta dos pés e roçou o nariz no dele. A mão livre do soldado encontrou a dela. Afastou Wren.

– Isto não é um jogo que possamos jogar em Gevra.

Wren deixou cair a mão.

– E alguma vez foi um jogo?

– Diz-me tu. – Fitou-a enquanto lhe tirava o sal do bolso. – Nunca aprendi as regras.

Wren viu-o guardar o saleiro e teve vontade de o esbofetear.

– Presumo que agora as regras sejam as tuas.

Foram interrompidos por um rugido grave e depois pelo som de passos que se aproximavam. Wren recuou, colando-se à pedra. Tor entrou mais no canto e cobriu o corpo dela com o seu, fechando-os ali. O soldado aproximou-se mais. Wren fechou os olhos e encostou a cabeça ao peito de Tor, escutando o bater do seu coração. Ele pousou o queixo nela, os seus lábios roçando o cocuruto da sua cabeça.

Ficaram assim até os passos desaparecerem. Wren podia ter ficado ali mais tempo, mas ele afastou-se e as tréguas acabaram.

– Vai para a cama, Wren. Pelo bem de ambos.

Depois de a adrenalina se esvaír, Wren começava a sentir-se exausta. Franziu o sobrolho e olhou para a esquerda e depois para a direita.

– Estou perdida.

Tor suspirou.

– Eu sei.

Acompanhou-a até ao quarto andar, onde Ulrich e o seu lobo continuavam a dormir à porta do quarto. Wren saltou por cima dele e parou antes de entrar.

– Tor – chamou ela. – Quando irá ele tomar uma decisão?

Tor apontou para o interior do seu opulento quarto.

– Não percebeste? Já a tomou. – Voltou a encará-la e uma sombra horrível deslizou pelos seus olhos. – Quando ele vier pedir-te ajuda, espero, pelo teu bem, e pelo dele, que recuses.

– Porquê? – perguntou Wren, a medo.

O rosto de Tor transformou-se em pedra enquanto fechava a porta.

– Confia em mim – pediu ele do outro lado. – Se não puderes fazer mais nada, pelo menos faz isso.

A chave girou na fechadura e os seus passos afastaram-se, deixando Wren a pensar nas suas últimas palavras. O saco que ele fora devolver estava sobre a cómoda. Revolveu o interior à procura da areia, mas desaparecera. O capitão Tor Iversen tinha-lhe tirado todos os grãos de areia. O resto das suas coisas continuavam ali, incluindo o espelho. Wren tirou-o e viu o seu desalinhado reflexo.

– Grande rainha me saíste! – murmurou ao pousá-lo no toucador. Não era a primeira vez nesse dia que pensava em Rose do outro lado do mar

Sombrio, e perguntou-se como teria a sua irmã reagido à sua deserção. Enviaria um pelotão para a buscar ou confiaria que a irmã trataria daquele problema? Wren esperava que Rose se concentrasse em Barron e nos problemas mais perto de casa.

Meteu-se na cama, tentando ignorar o sentimento de culpa por ter abandonado a irmã. Na escuridão da noite, com o vento de inverno a assobiar na janela, Wren sentiu-se uma tola. Tor tinha razão. Assim que se oferecera a Alarik Felsing na sala do trono, os olhos dele tinham-se iluminado como as estrelas polares. Aquele elegante quarto não era um gesto de boa vontade, era uma mensagem. Estava a dizer-lhe que se acomodasse.

Alarik ia ficar com Wren, agora que a tinha ali. Mas o que planeava fazer com Banba? A incerteza sobre o destino da anciã embalou-a até adormecer. Seguiu-a até às profundezas dos seus pesadelos, onde gritava pela avó, até que um gelo amargo a rodeou e a congelou, osso a osso, alento a alento.



Rose encontrava-se no cimo da torre oeste de Anadawn a olhar para uma poça de sangue que pertencia a Glenna. A vidente estava morta, mas havia caras a fitá-la no líquido carmesim. Não, não eram caras. Era um retrato. Rose pegou-lhe e limpou o sangue com a manga. Era um quadro a óleo das suas antepassadas Ortha e Oonagh, que a fitavam com os seus olhos cor de esmeralda. Oonagh era a única com uma expressão zangada, vingativa. Rose passou o dedo pelo retrato, fazendo o vidro estalar.

– Não seremos como vocês – escutou-se dizer. – A Wren e eu seremos diferentes.

Uma tábua do soalho rangeu atrás dela. Virou-se e viu a irmã de pé na escuridão. As paredes gemeram ao desmoronarem-se à volta delas; a torre rachava-se como um ovo. O céu estendeu-se sobre elas com uma massa de nuvens negras e uma gota de chuva aterrou na bochecha de Wren e transformou-se em sangue.

– Wren? – chamou Rose, hesitante. – Estás bem?

A irmã lançou-se a ela e empurrou-a da torre. Rose gritou ao cair, e o mundo girou cada vez mais depressa à medida que o pátio parecia elevar-se para ir ao seu encontro. A escuridão explodiu na sua mente e, das suas profundezas, surgiu o sussurro de uma voz familiar. *Quebra o gelo para quebrares a maldição...*

– Toca a acordar, rainha.

Rose sentou-se de repente e bateu com a cabeça contra qualquer coisa dura. Escutou uma imprecação murmurada e, à medida que os seus olhos se

adaptavam à luz da manhã, deu-se conta de que dera uma cabeçada no nariz de Kai.

Do outro lado da cama, onde se encontrava a calçar as botas, Shen ria até às lágrimas.

– Que grande guerreiro bruxo nos saíste – zombou ele. – Uma rainha adormecida ia-te deixando a ver estrelas. Eu disse-te para não a acordares.

Rose esfregou a testa, tentando afastar o horror do seu pesadelo. Fitou ambos os bruxos com o sobrolho franzido.

– Há quanto tempo estão acordados?

– Há horas – respondeu Kai, com voz fanhosa enquanto pressionava o nariz. – Desde que aquela maldita loba começou a morder-me o cabelo. – Fulminou *Elske* com o olhar. A loba estava enroscada junto à porta. – Mas *alguém*... – Virou a cabeça na direção de Shen – ... insistiu que te deixássemos dormir.

– O quê? – Rose levantou-se da cama. – Que horas são?

– O dia acabou de nascer. Precisavas de descansar – explicou Shen, atando o cabelo com a tira de couro. – E estavas a falar enquanto dormias – acrescentou com um piscar de olho. – Queríamos ouvir.

– Oh, não! – Rose empalideceu. – E o que dizia eu?

– *Oh, Shen!* – exclamou Kai com voz fina. – *Porque não me disseste que eras primo do homem mais atraente de Eana? Quem me dera poder beijá-lo.*

Shen atravessou o quarto num segundo para esmurrar o ombro do primo.

– Nem acredito que somos família.

– A sério, que foi que ouviram? – perguntou ela, rezando para não ter gritado em sonhos. Ou, pior, ter-se posto com piropos para Shen. Oh, morreria de vergonha!

– Disseste o nome da Wren umas quantas vezes, mas falavas sobretudo de comida – replicou Shen, e Rose percebeu a diversão na voz dele. – A determinada altura, parecia que estavas a fazer a lista dos teus alimentos preferidos. Chocolate, queijo, doce, pão, tartes de groselha...

– Estou faminta – admitiu Rose, aliviada. – Acham que podíamos tomar um chá antes de seguirmos viagem?

– Oh, por quem és, rainha, toma o teu chá. – Kai revirou os olhos. – Para quê apressar-nos para desenterrar um reino com pessoas encurraladas sob as areias do deserto?

– Uma boa chávena de chá dá energia para o resto do dia – argumentou Rose, calçando-se e parando para fazer uma festa a *Elske* antes de procurar a escova do cabelo. – Toda a gente gosta de chá. Aposto que até *tu* gostas.

– Detesto – declarou Kai. – A menos que seja cortado com uísque.

– Claro – disse Rose. Ocorreu-lhe um pensamento e pousou a escova. – Como foi que o Reino Beijado pelo Sol sobreviveu tanto tempo sem provisões?

– Porque sabemos como sobreviver – replicou ele. – O Reino Beijado pelo Sol tem milhares de anos, rainha. É tão velho como Eana, a primeira

bruxa. Foi erigido com magia antiga. – Aproximou-se da janela e semicerrou os olhos como se pudesse ver o reino a tremeluzir para lá do horizonte. – Sempre foi capaz de desaparecer, de se esconder, quando era necessário. De tempestades do deserto, dos seus inimigos.

– De mim – murmurou Shen, que passava o dedo pelo anel de rubi que pendia do seu pescoço.

Kai enrugou a testa.

– Há dezoito anos passou-se qualquer coisa de errado. O reino escondeu-se, mas não conseguimos fazê-lo aparecer. Era impossível encontrar-nos. Perdemos o vento, o Sol, o horizonte. O deserto transformou-se no nosso céu, na nossa terra, no nosso mundo. – A voz dele tornou-se distante, e Rose viu nos olhos vidrados de Kai o mesmo pesar que tomava conta de Shen sempre que falava da sua infância no deserto. – No entanto, a magia que nos manteve sob a areia também nos mantinha vivos. No Reino Beijado pelo Sol há um lugar chamado Salão da Abundância, uma câmara que nos oferece tudo o que precisamos: água, comida, armas, uísque...

– E a luz do sol? – perguntou Shen. – Não precisavam dela para treinar?

Rose preparava-se para fazer a mesma pergunta. Sabia que os guerreiros recarregavam a sua energia com a luz do sol. Era a fonte da sua magia, a raiz da sua energia.

– Também nos proporcionava isso – disse Kai. – Nos dias de treino, quando visitava o salão, ele enchia-se com uma radiante luz solar. As paredes e o teto reluziam com tal intensidade que fazia doer os olhos. Mas eu não me importava. Ficava no centro da sala, com os braços estendidos, a reunir toda essa energia. – Afastou-se da janela. – Mas não era a mesma coisa. O nosso povo merece sentir o verdadeiro sol nos seus rostos.

Shen escondeu o anel sob a camisa.

– Iremos encontrá-lo.

Kai fez um aceno de cabeça a Rose.

– Assim que a rainha terminar de tomar o seu chá, certo?

– Abdico do meu chá – apressou-se Rose a dizer. – Tomamos o pequeno-almoço pelo caminho.



Shen conseguiu encantar o pessoal da cozinha para que lhe dessem um pão, queijo e doce para o caminho. Estavam a tirar discretamente a *Elske* do quarto, quando, nas escadas, uma das criadas reparou na enorme loba e soltou um grito capaz de acordar toda a cidade.

– É um cão grande, não é? – comentou Rose, dando umas alegres palmadinhas na cabeça de *Elske*. – Mas é muito dócil.

A loba rosnou à criada, que desapareceu a correr. No exterior, *Elske* saltitou entre *Victory* e *Storm*, como se desafiasse os cavalos a atreverem-se a

partir sem ela.

– A loba vai atrasar-nos – resmungou Kai, fulminando-a com o olhar. – E eu não vou carregá-la.

– Ela é bem capaz de te ultrapassar – contrapôs Rose, que ia sentada à frente de Shen. Depois da loucura do dia anterior, era reconfortante e familiar estar novamente montada num cavalo com ele. E preferia ir a pé e descalça a viajar com Kai. – Afinal de contas, a *Elske* alcançou-nos. E, mesmo que fique para trás, ela é uma excelente farejadora.

Kai revirou os olhos e picou *Victory* para que avançasse a meio galope.

– Muito bem. Desde que partamos, pouco me importa que criatura selvagem viaje connosco.

Cavalgaram em silêncio. O sol da manhã aquecia-os enquanto deixavam Hollyfort para trás, avançando em direção às planícies a sul de Eana. Após várias horas, Rose escutou o som de água a correr e avistou a ponte de Whitestone.

– Estamos quase a chegar. Segundo o mapa da Thea, viramos à esquerda ao chegar ao rio e seguimos o seu curso até ao vale da Erva Venenosa.

– Ah, sim, o vale com *ervas venenosas* – comentou Kai. – Parece uma excelente ideia.

– Essas lendas são uma idiotice – declarou Rose, dobrando o mapa. – A Thea nunca nos enviaria para um lugar perigoso.

Árvores frondosas elevavam-se por cima das suas cabeças à medida que se adentravam no campo onde a erva alta lhes chegava aos joelhos e umas flores de pé alto se esticavam para os saudar, cada uma maior, mais colorida e brilhante que a anterior.

– Porque ficou o estalajadeiro tão nervoso ao falar deste lugar? – Rose enrugou a testa enquanto olhava em redor. – Sei que tem um nome estranho, mas não me parece lá muito venenoso.

– As aparências iludem – alertou Shen. – Mantenham-se atentos.

Rose manteve os olhos fixos nas árvores mais afastadas, à procura de uma torre entre elas, mas não havia nada além de ervas, flores e do vento, que lhe sussurrava ao ouvido. Pensou novamente no seu pesadelo e os seus pensamentos desviaram-se para Wren, do outro lado do mar Sombrio. Rose esperava que a irmã estivesse bem e que o seu sonho fosse apenas uma expressão da ansiedade que sentia. O suor escorreu-lhe pelo pescoço e começaram a doer-lhe as pernas.

– Falta muito? – perguntou Kai. – Estamos há horas aqui e parece tudo igual. – A voz dele vibrou, lembrando uma vespa zangada. – Cada passo que damos e que nos afasta do deserto é um passo na direção errada.

– Cala-te. De certeza que estamos quase lá. – Rose esfregou os olhos para tentar ver melhor, mas o ar parecia estar a ficar nebuloso. Ou seria a sua visão? Pestanejou e sentiu as pálpebras pesadas.

– O que foi que disse o estalajadeiro? – balbuciou Shen. – Qualquer coisa sobre o ar no vale da Erva Venenosa?

Rose tinha dificuldade em lembrar-se.

– Ele disse alguma coisa?

Shen deitou a cabeça no ombro dela.

– Dói-me a cabeça...

Rose virou-se e viu Kai meio caído no cavalo a murmurar:

– Um uísque, dois uísques, mais três uísques...

– Oh, não! – disse ela quando o mundo começou a andar à roda. Fechou os olhos. – Estamos a ser envenenados.

Ambos os homens estavam prestes a perder a consciência. Em pânico, Rose agarrou as mãos de Shen e apertou-as com força, lançando uma onda de magia curativa para a sua corrente sanguínea. Shen endireitou-se e voltou a si.

– Uau – disse ele. – Parecia que estava bêbedo.

– Kai – disse Rose, apanhando o nome antes que se esquecesse dele. – Temos de ajudar o Kai.

Shen guiou *Storm* até junto de *Victory* para que Rose agarrasse a mão do guerreiro, que pendia flácida. Enviou outra explosão de magia curativa quando o seu próprio corpo começava a desfalecer. Kai sentou-se direito e a cor regressou às suas bochechas. Olhou para Rose e sorriu.

– Eu sabia que estavas desejosa de me dar a mão.

A jovem abateu-se contra o peito de Shen que a agarrou pela cintura.

– Rose? – chamou ele, preocupado. – Estás bem?

– Só... preciso de... um momento... – respondeu ela, de olhos fixos no céu azul. Prosseguiram viagem. A jovem sentia como se estivesse a flutuar num lago, com o vento a fazer-lhe cócegas. – Oh... vejam que pássaros tão bonitos.

– Parece que está a ficar maluquinha – comentou Kai. – É uma pena não poder curar-se a si própria.

Rose pôs-se a rir.

– São tão brilhantes – disse, e esticou a mão para apanhar um deles.

Nas profundezas da sua mente afetada, Rose sabia que havia qualquer coisa de especial naqueles pássaros, mas não era capaz de se lembrar o quê. Fechou os olhos, pensativa, *pensativa*. E foi então que lhe ocorreu – e gritou-o ao mundo.

– AVESTRELADAS!

Sentou-se direita, tentando libertar-se do poder do veneno. Os campos tinham trocado as flores por árvores que formavam uma frondosa floresta onde as aves de peito prateado faziam voos picados, voando depois por entre os ramos.

– É um bando deles – exclamou ela, ofegante. – Vejam!

– Rose, tens razão – concordou Shen. – Se a floresta está cheia de avestreladas então é porque as videntes estão por perto.

Rose tentou sorrir, mas as suas pálpebras ameaçavam fechar-se e o esforço de as manter abertas era esgotante.

– Segue aqueles pássaros! – ordenou Kai ao seu cavalo.

Os pássaros revoltavam por cima deles, guiando-os para as profundezas da floresta onde o seu canto se assemelhava ao repicar do vento. Seguiram-nos por entre as árvores. Rose sentia-se tão cansada. A sua vontade era enroscar-se em *Storm* e dormir.

– Mantém-te acordada, Rose – disse a voz de Shen ao seu ouvido. – Estamos quase lá.

– *Mmm* – murmurou ela. – Cheiras bem.

Shen riu.

– Duvido. Já levamos dois dias de viagem.

– Para mim cheiras sempre bem – disse Rose, com uma gargalhadinha.

– Sim, ela está mesmo envenenada – comentou Kai.

Passado algum tempo, a voz de Shen voltou a escutar-se.

– Senta-te, Rose. Olha. Estamos na orla da floresta.

Com grande esforço, a jovem abriu um olho. Já tinham deixado o vale da Erva Venenosa para trás. As árvores tinham-se afastado para revelar uma bacia de pedra cortada nas profundezas da terra. À sua volta viam-se várias cascatas que se precipitavam para piscinas cristalinas das quais se elevava uma bruma prateada. Lá dentro, nove torres de pedra cobertas de hera erguiam-se até ao céu, e à volta delas planavam centenas de avestreladas.

Rose ficou encantada ao ver aquilo.

– Encontrámos as torres!

– Algo aqui assusta os cavalos – constatou Kai, interrompendo aquela sensação de surpresa. Os cavalos tinham estacado na linha do bosque e recusavam-se a continuar.

– Então deixa-os aqui. – De súbito, Rose não foi capaz de esperar mais. Queria sentir os borrifos daquelas cascatas na cara, mergulhar numa das piscinas de água cristalina e limpar o que restava do veneno da sua pele. Desmontou e correu na direção das torres.

– Rose! Espera! – Shen saltou do dorso da *Storm* e correu atrás dela.

– Pelo amor de Eana – resmungou Kai enquanto saltava do seu cavalo e os seguia.

Rose mal tinha dado dez passos quando o solo cedeu sob os seus pés. Num instante estava a caminhar sobre um monte de folhas e no seguinte estava a mergulhar num buraco negro na terra. Shen lançou-se para ela e esticou a mão para a segurar, mas o buraco alargou-se e engoliu-o também. Aterraram no solo duro com um ruído surdo e seco, quando Kai começou também a cair.

– Oh! – exclamou Rose ao sentar-se. Sabia que devia estar preocupada, mas não conseguiu evitar uma gargalhada. – Fomos apanhados!

Escutaram um farfalhar por cima das suas cabeças. Rose levantou a cabeça e viu um ancião com uma capa azul-escura que os fitava. A jovem acenou-lhe.

– Olá.

O homem franziu o sobrolho.

– Estão atrasados.



Estava a nevar quando Wren acordou. Durante a noite, uma grossa camada de gelo acumulara-se sobre a janela, selando-a por completo. O mundo lá fora era nebuloso e branco e o frio da manhã infiltrava-se pelas paredes e deixava-lhe o nariz dormente. Puxou o cobertor de pelo até ao queixo, pensando em Banba que congelava algures. A sua avó era uma mulher resistente – a vida em Ortha tratara disso –, mas os seus ossos tinham-se tornado quebradiços com a idade, e os joelhos doíam-lhe quando fazia frio. Wren tinha de a libertar; não havia tempo a perder.

Uma aia chegou logo depois, transportando uma bandeja com o pequeno-almoço, composto por pão de centeio, salmão fumado e ovos mexidos. Sem sal. Wren perguntou-se se Tor teria alertado a cozinha para o seu subterfúgio da noite anterior e ficou irritada porque esse pensamento a magoou. Tinha de se recordar que o soldado gevrânês não lhe devia lealdade, mas, ainda assim, esperava que ele não se esforçasse tanto por lhe estragar os planos. A aia pousou a bandeja sobre a cómoda e deixou Wren a comer sozinha e em paz enquanto lhe preparava o banho na divisão adjacente.

Wren devorou o pequeno-almoço em dez dentadas. Em seguida deambulou até à casa de banho, que cheirava a canela e a cravinho, e contemplou a montanha de bolhas de sabão com alguma surpresa.

– Recomendaria um vestido mais quente, majestade – disse a aia ao mesmo tempo que pendurava uma fofa toalha branca. – Prevê-se uma tempestade de neve. Podeis escolher qualquer um dos vestidos e peles que estão no vosso armário. E também lá encontrará botas quentes. Se precisar da

minha ajuda para escolher alguma coisa...

– Como te chamas? – quis saber Wren.

A aia pestanejou.

– Klara.

– Por que razão és tão amável comigo, Klara?

Klara sorriu com timidez.

– Ordenaram-me apenas que a ajudasse a preparar-se.

– Entendo – disse Wren. Se fosse tola, acreditaria que era uma convidada e não uma prisioneira no palácio de Grinstad. Alarik estava a ser simpático com ela, o que só piorava a inquietude que se agitava no seu peito. Desviou-se e deixou a aia sair. – Agora ocupo-me eu disto. Obrigada, Klara.

A aia saiu dos aposentos, levando a bandeja consigo. A porta fechou-se com um ruído seco e a chave rodou na fechadura, deixando Wren sozinha com as suas suspeitas. Meteu-se na banheira, tentando ignorar a cacofonia longínqua dos rugidos das bestas do reino que despertavam para mais um dia. Esfregou cada centímetro do corpo até a sua pele recuperar o tom rosado e o odor a canela. Depois, ataviou-se com um vestido de veludo vermelho e combinou-o com uma capa de mesma cor e com um capuz tão grande que podia esconder nele toda a cabeça. Enquanto a atava em volta do pescoço, mirou-se ao espelho. Tinha um aspeto tão gevrânês que ficou impressionada.

– Outro palácio – murmurou. – Outro papel para representar.

Uma pancada na porta sobressaltou-a. Voltou-se e viu uma militar alta e loira à porta do seu quarto. Era mais ou menos da idade de Wren, com os ombros largos, cara redonda e olhos cinzentos e atentos. Apertava o botão do punho da espada com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos.

– Cuidado com essa coisa – alertou Wren, apontando para a reluzente espada. – As encantadoras não são assim tão assustadoras, sabes? Sobretudo as que não têm areia.

A soldado engoliu em seco.

– O rei mandou chamá-la.

Wren pegou na saia e atravessou o aposento.

– Finalmente!

A soldado guiou Wren por lanços de escadas atrás de lanços de escada, penetrando cada vez mais nas profundezas do palácio de Grinstad, até que alcançaram um túnel que se estendia por baixo da própria montanha. A pedra depressa se transformou em rocha. Viu estalactites que caíam do teto como lágrimas geladas, ao passo que as estalagmites se elevavam do solo irregular para as abraçar. O ar sob o palácio era tão frio que Wren teve de abraçar o próprio corpo para se manter quente. Os leopardos das neves caminhavam ao lado delas e patrulhavam a rede de pequenas celas onde os prisioneiros enregelados permaneciam agachados.

Wren sentia um aperto no estômago de cada vez que espreitava para uma das celas, à espera de ver Banba. Um prisioneiro lançou-se a ela quando passou e um dos leopardos atirou-se a ele e abocanhou-lhe os dedos ossudos.

A jovem ciciou à besta e enxotou-a com a capa.

– Para trás, animal malvado!

O leopardo arreganhou-lhe os dentes ao recuar. O prisioneiro gemeu ao retirar-se para um canto da cela, levando a mão ao peito.

Continuaram a andar. A montanha rangia e a água gelada formava poças aos seus pés. Por fim, depois do que lhe pareceu uma eternidade, Wren avistou a avó, agachada ao fundo da sua cela. O seu cabelo branco e curto brilhava sob a ténue luz de uma tocha e Wren sentiu um formigueiro na ponta dos dedos quando a sua magia interior reconheceu outra da sua espécie. Banba tinha as mãos acorrentadas atrás das costas para a impedir de usar os seus poderes de tempestade. Vê-la tão encolhida e pequena e a tremer fez com que a raiva voltasse a tomar conta dela, mas foi o desespero que a fez lançar-se contra as barras.

– Banba! – exclamou, e o grito ecoou pelo túnel. – Estás bem?

A anciã levantou a cabeça e os seus olhos verdes brilharam na escuridão. Pestanejou uma vez e depois outra, como se Wren fosse uma aparição que desejasse acoossá-la.

– Wren? – gemeu. – Mas não pode ser o meu passarinho...

– Sou eu, Banba. Sou a Wren. – A emoção apertou a garganta da jovem. A sua avó podia estar enregelada, mas estava viva. Estava *ali*, a poucos metros de Wren. – Vim salvar-te.

– Não, só pode ser um truque... – Banba ergueu-se com as pernas trémulas. Vestia ainda a túnica castanha e as calças, e tinha apenas uma fina capa de lã a cobrir-lhe os ombros. Arrastou-se até Wren e, como estava acorrentada, movia-se com dificuldade e a pender para um dos lados. A sua neta estendeu os braços por entres as barras.

Uma espada passou tão perto de Wren que por pouco não a feriu. A jovem fulminou a soldado com o olhar.

– Afasta essa coisa de mim.

A soldado levantou a espada e apontou-lhe a afiada extremidade ao queixo.

– Podes olhar, mas não podes tocar.

– Diz quem? – atirou Wren.

– O rei Alarik – respondeu a soldado.

Wren rangeu os dentes.

– Onde está esse filho da mãe sem coração?

– Está à sua espera. Venha. – A soldado apontou com a cabeça para o mesmo caminho que as levara até ali. Wren sentiu o medo aquecer-lhe as bochechas. Banba não era o destino; era simplesmente parte da viagem – uma paragem cruel a caminho de Alarik. Ele desejara que Wren visse primeiro a sua avó, aprisionada. Para que soubesse o que estava em jogo. – Já viu a bruxa – disse a soldado com impaciência. – Agora temos de ir.

Mas Wren parecia pregada ao chão, com o coração tão apertado que lhe doía.

– Wren, escuta-me! – Banba pressionou a testa às barras e a saliva acumulou-se nas extremidades dos lábios gretados. – Não sei o que te passou pela cabeça para vires aqui, nem como sobreviveste, mas não faças nenhum acordo com o rei gevanês. É melhor que nem fales com ele.

– Está tudo bem, Banba. Agora estou aqui. Vou salvar-te. – Wren ignorou o aviso da soldado e meteu os braços por entre as barras para esfregar os ombros da avó. Estavam tensos e tão frios como o próprio gelo. – Já chegámos a um acordo. – A voz de Wren cedeu, mas obrigou-se a sorrir. Não queria que Banba se preocupasse com ela. – Vou tirar-te daqui.

– Rapariga tola. – Banba abanou a cabeça com violência e com os olhos muito abertos. – Tens de sair daqui o mais depressa possível. Esquece-me, passarinho. Vai para casa, para o trono. A tua irmã precisa de ti.

Wren inclinou-se para trás, surpreendida com a aspereza na voz da avó. De repente, sentiu-se como uma menina rebelde que fora apanhada a roubar mel das colmeias de Ortha.

– É o *nosso* trono, Banba. Não significa nada sem ti. – Encostou a testa às barras até os seus narizes quase se tocarem. – A Rose e eu não conseguimos sem ti. Precisamos de *ti*. *Eu* preciso de ti.

– O preço da minha liberdade é demasiado elevado – argumentou Banba. – Não o pagarei. E tu também não o deves fazer. – Os ombros dela começaram a tremer, e Wren deu-se conta, horrorizada, que a avó estava com medo. Nunca vira Banba – sempre imprudente – a acobardar-se diante do que quer que fosse, a tremer como tremia naquele momento. – Escuta-me bem, passarinho. Há uma escuridão que se agita em Gevra. O vento pesa por causa dela e parece magia antiga. Magia *corrompida*. – Olhou para a direita e para a esquerda, e pronunciou por entre dentes o resto do seu aviso. – Sinto-a quando durmo, Wren. Escuto-a quando acordo. Está na montanha. Treme sob os meus pés.

– É o gelo, Banba. – Wren tentava a todo o custo aquecer a avó, devolver-lhe ao menos um pouco do conforto que ela lhe dera quando era criança e tinha pesadelos nas noites ventosas. – Está a brincar com a tua mente. Não há bruxas em Gevra. Foi por isso que o rei te trouxe para cá. Ele quer aprender magia; quere-la para si.

A soldado pousou a sua mão pesada no ombro de Wren.

– *Vamos*.

– O rei está a brincar com coisas que não compreende – disse Banba. – Com coisas que deviam permanecer enterradas. Não podes ficar aqui, Wren. Tens de fugir!

Wren afastou a mão da soldado, desapertou a sua capa e passou-a por entre as barras. A soldado voltou a desembainhar a espada, mas Wren lançou-lhe um olhar tão irado que a espada ficou imóvel a meio do caminho.

– É apenas uma capa, pelo amor das estrelas! Ela precisa de se aquecer. – Wren colocou a capa sobre os ombros da avó e atou-lha ao pescoço. – Tenta manter-te quente – aconselhou antes de se afastar. – Voltarei para te buscar

assim que puder.

Banba gritou-lhe que desse meia-volta e se fosse embora, mas Wren ignorou o pedido e manteve os olhos fixos no chão enquanto se adentrava na montanha. Agora que sabia que Banba estava viva, e cheia de medo, estava mais determinada do que nunca em tirá-la dali. Quanto antes.

As tochas foram escasseando e o mundo ficou progressivamente mais escuro e mais frio. Wren batia o dente e sentia os dedos dos pés tão dormentes que começou a tropeçar.

– A-a-a-ainda f-f-falta m-m-muito? – balbuciou.

A soldado apontou para duas lobas com olhos dourados que a observavam na escuridão.

– Estás atrasada. – A voz ameaçadora de Alarik ecoou pelo túnel. Uns passos mais à frente, Wren viu-o de pé atrás das lobas e flanqueado por dois soldados. Nenhum deles era Tor. O rei estava novamente vestido de preto. – Mandeí chamar-te há uma hora.

Wren fulminou-o com o olhar.

– Não sou um cão que obedece às tuas ordens.

– Oxalá fosses... – disse, divertido. – Pedia ao capitão Iversen que te domasse. – Passou os olhos pelo vestido dela e depois dirigiu um olhar acusador à soldado. – Ela não está a usar capa porquê?

A soldado engoliu em seco.

– Deu-a, majestade. Tentei impedi-la.

Alarik inclinou a cabeça.

– Qual das duas tem a espada, Inga?

– Tenho uma pergunta melhor – interrompeu Wren, pondo-se corajosamente diante da trémula soldado antes que ele a esfolasse viva. – De onde vieram todos os elegantes vestidos e as capas de pele que estão no meu quarto?

Alarik virou-se para Wren.

– Presentes não desejados. Não penses mais nisso.

A jovem ficou intrigada.

– Ah, então foste recusado por uma namorada? Não posso dizer que fique surpreendida.

– Garanto-te que não tenho interesse em namorar – contrapôs o rei.

Wren fitou-o como se não acreditasse.

– Deve ser difícil amar alguma coisa com esse bloco de gelo no peito.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Tal como para ti deve ser difícil comportares-te com essa língua viperina na boca.

Wren cruzou os braços. Pouco lhe importava o que pensava o rei, mas a discussão aquecera-a.

– Agora que pusemos as cordialidades de lado, que raio fazemos aqui em baixo?

Alarik deu um passo para o lado e revelou uma porta estreita com as

dobradiças enferrujadas.

– Entraremos os dois sozinhos. Depois falaremos sobre os pormenores do nosso pacto. – Pressionou a palma da mão contra a madeira, olhando para ela por cima do ombro. – A menos, claro, que desejes voltar atrás no nosso acordo.

– Bom, depende – replicou Wren, duvidosa. – Estás a planear matar-me aí dentro?

Ele riu.

– Garanto-te, Wren, faria um grande espetáculo se planeasse matar-te.

– Essa é a tua ideia de elogio?

– Sim.

– Não admira que tenhas sido rejeitado pela tua namorada.

– Não fui rejeitado.

Wren agitou a saia.

– Se o dizes.

Alarik virou-se para a porta e fechou os olhos por instantes, como se estivesse a preparar-se para o que estava do outro lado. Depois abriu a porta e entrou. Wren seguiu-o, deixando os soldados no túnel. A porta fechou-se atrás deles. A sala era pequena e escura e tinha uma vela solitária a iluminar o teto baixo com sinelos. Sob os pingentes de gelo estava uma grossa laje sobre a qual jazia um cadáver.

Wren levou a mão à boca. O cadáver pertencia ao príncipe Ansel. O corpo do jovem encontrava-se diante dela, com uma expressão plácida, como se estivesse a dormir. Todavia, a ferida um pouco acima do coração revelava a terrível verdade. Wren vira-o dar o seu último suspiro com os seus próprios olhos, vira o sangue sair-lhe pela boca como uma fonte quando Willem Rathborne lhe lançara um punhal. Ansel estava morto. Estava morto há bastante tempo. Wren recuou aos tropeções. Alarik agarrou-a pelos ombros, equilibrando-a.

– O que é isto? – disse a jovem. Não era capaz de tirar os olhos do príncipe morto, das suas bochechas de porcelana, das pestanas claras, dos caracóis loiros. – Porque me trouxeste aqui?

O rei aproximou os lábios da orelha de Wren e o seu hálito era frio como a água que pingava do teto.

– Eis o nosso novo acordo, bruxa. Executarás o feitiço que a tua avó se recusou a fazer. Se conseguires, libertá-la-ei, e podem regressar juntas a Eana.

Wren voltou-se e encarou o rei, horrorizada.

– Estás louco? O teu irmão está *morto*, Alarik.

– Eu sei – disse ele, com calma. – Quero que o devolvas à vida.



– Solta-nos, velho louco! – Kai tomou balanço e saltou contra a parede de barro.

Rose observava-o com alguma curiosidade.

– Sabes que não conseguiremos sair daqui até que eles o permitam, certo?

– Ninguém prende o Kai! – rugiu ele antes de voltar a saltar.

Ao lado dela, Shen suspirou e disse:

– Deixa que ele logo se cansa.

Rose sacudiu a saia depois de se levantar. Agora que tinham deixado para trás o vale da Erva Venenosa, os seus efeitos estavam a desaparecer. Sentia-se mais calma e a vontade absurda de rir daquele problema já tinha passado.

– Desculpe – chamou ela num tom polido. – Podia fazer o favor de nos libertar? Creio que constatará que sou muito importante.

– Boa tentativa – zombou Kai.

Um minuto depois, uma escada de corda desenrolou-se diante do nariz de Rose. Ela mostrou um sorriso convencido a Kai antes de começar a subir. A vista era maravilhosa.

Havia dezenas de avestreladas pousadas nas frondosas árvores em redor que juntavam os seus melodiosos chilreios ao tilintar distante das cascatas. Para lá da névoa, Rose conseguia ver um pouco melhor as torres em ruínas. Pareciam elevar-se do vale rochoso como se sempre tivessem estado ali.

O ancião esperava-a sobre a erva. Por baixo do capuz do seu manto azul,

Rose viu que a sua pele era pálida e bastante enrugada e que o cabelo branco se estendia até se misturar com a barba comprida e áspera. Tinha o nariz afiado e uns olhos perspicazes que combinavam com a névoa argêntea que os rodeava.

– É ela! – exclamou, dirigindo-se à mulher ao seu lado. – A rainha Rose está aqui. Previ a visita da rainha e ela veio! E *tu* tiveste a coragem de duvidar de mim, Meredia.

A mulher usava a mesma túnica azul-escura. Tinha a pele bronzeadas, olhos cor de avelã e um queixo voluntarioso. Usava o cabelo branco solto e coberto pelo capuz. Embora a sua cara não tivesse rugas, havia qualquer coisa de antigo nela.

– Temos sempre de duvidar do que diz o céu, Fathom – disse ela, com serenidade. – Sabes disso tal como eu.

Atrás deles estava um rapaz com a pele pálida e vestido com uma simples túnica branca. Parecia ser um ano ou dois mais velho que Tilda, mas o cabelo loiro rapado e os enormes olhos azuis faziam-no parecer um bebé gigante.

– Mas disseste que seriam *duas* rainhas.

– Insignificâncias – argumentou Fathom, agitando a mão.

O rapaz franziu o sobrolho.

– E não devíamos fazer uma vénia àquela que está aqui?

– Oh, sim! – exclamou Fathom. – Boa ideia, Pog!

– Obrigada, Pog – disse Rose com um sorriso.

Os videntes fizeram uma reverência no preciso instante em que Shen e Kai emergiam do buraco no solo. Meredia pegou num pau e espetou-o em Shen.

– E os acompanhantes da rainha, Fathom? Não me lembro de os mencionares.

– Ei! – Shen tirou-lhe o pau das mãos e partiu-o ao meio.

– São bruxos guerreiros. – Pog apontou para Kai, que começava a desenrolar o seu chicote. – Não é óbvio?

Fathom enrugou a testa.

– Os pássaros voltaram a esconder-me segredos.

– Porque te esqueces de os alimentares.

Fathom fulminou o rapaz com o olhar.

– Sim, obrigado, Pog, já chega.

– Hmm. – Meredia fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, estavam brancos e nebulosos, como se um nevoeiro lhe tivesse coberto as íris. Virou-se para Kai e, com uma voz profunda, como se estivesse em transe, disse: – *Kai Lo do Reino Beijado pelo Sol, os teus punhos encerram grande poder. Mas dentro de ti há uma escuridão que debes combater.*

Pestanejou e a bruma desapareceu. Kai deixou escapar uma gargalhada desconfortável.

– Acho que alguém andou a inalar demasiado veneno das ervas.

Meredia enrugou os lábios e Rose fez uma nota mental para tentar descobrir o que queria ela dizer com aquelas palavras que tinham deixado Kai tão inquieto.

– E eu? – pediu Shen, dando um passo em frente. – Não tem nenhuma rima de boas-vindas para mim?

– Procuramos que não se transforme num hábito – explicou Fathom de modo enfático. – Mas, às vezes, a Meredia gosta de se exibir.

– Bom, tu é que começaste – disse Pog.

O ancião fulminou-o com o olhar.

– Não tens uma cama para fazer algures? Uma latrina para limpar?

Meredia inclinou a cabeça ao aproximar-se de Shen.

– Shen Lo... – disse ela, lentamente, como se extraísse o nome dele do éter. – O teu coração está dividido em dois.

Kai arqueou as sobrancelhas.

– Então, ele *está* apaixonado pela outra rainha!

Shen deu-lhe uma cotovelada no estômago.

– A tua casa é o teu coração – esclareceu Meredia. Franziu ainda mais o sobrolho enquanto a estranha neblina voltava a cobrir-lhe os olhos. – Mas vejo um pé em cada mundo. Um futuro que se bifurca, onde ambos os caminhos estão nebulosos. É difícil de ver...

– Então, deixe de olhar – sugeriu Kai, com impaciência. – Ninguém quer saber do futuro dele.

Meredia arqueou uma sobrancelha.

– Ai sim, Kai Lo?

– Pare com isso. – Kai virou-se para Rose. – Podemos ir ao que interessa?

– Talvez seja melhor – disse Rose. – Lamento, mas não temos muito tempo. Viemos pedir a vossa ajuda.

Meredia baixou o queixo e mostrou um pequeno sorriso a Rose.

– A nossa prometida rainha bruxa regressou por fim. É uma honra recebê-la em Amarach, majestade. E claro que estamos à sua disposição.

– Entrem – convidou Fathom. – O Pog ocupar-se-á dos vossos cavalos.

– E a loba? – indagou Pog.

– Que loba? – Fathom olhou para o arvoredor, onde *Victory* e *Storm* pastavam.

– A que está na minha cabeça. – Pog olhou em redor, temeroso. – *Vejo-a*.

Fathom suspirou, cansado.

– Lembras-te do que falámos na aula da semana passada, Pog? Sobre a diferença entre a imaginação e a premonição?

– Mas...

– Pog – ralhou Fathom. – Se queres ser um bom vidente, tens de permitir que te ensinem.

– Na verdade, há mesmo uma loba – interrompeu Rose, sentindo pena

do rapaz. – Chama-se *Elske*, e não te fará mal, Pog. Podes alimentá-la quando ela chegar e depois trá-la até mim.

Meredia fez um esgar.

– Então, também não viste a loba, Fathom?

– Oh, cala-te, Meredia. Sabes muito bem qual é a primeira regra do vidente: *não se vangloriar*. – Fathom estendeu a mão a Rose. – Cuidado com as folhas, majestade. O bosque está cheio de armadilhas.

Rose aceitou a mão do ancião, mas, assim que se tocaram, ele ficou tenso. Enquanto os olhos de Meredia se cobriam de névoa, os de Fathom cobriam-se de gelo.

– *Quebra o gelo para libertar a maldição. Mata uma gémea para salvar a outra.*

Rose afastou a mão ao escutar as palavras que já tinham sido pronunciadas por Glenna. Ainda não fazia ideia do que significavam, mas, com Wren em Gevra, e o seu estranho sonho na noite anterior, as palavras de Fathom serviram apenas para a deixar ainda mais preocupada.

O gelo nos olhos do vidente desvaneceu-se, mas ele parecia inquieto.

– Mas não é isso – murmurou ele. – Não foi por isso que vieram.

– Estamos aqui para encontrar o Reino Beijado pelo Sol – explicou Rose, antes que Fathom pudesse ter outra visão e envolvê-los a todos numa maré de pânico. Seria melhor tratarem do que tinham ido ali fazer e lidar com os problemas um de cada vez. – Poderiam ajudar-nos?

Os videntes entreolharam-se.

– Venham – disse Fathom. – Faremos o nosso melhor.



Enquanto Pog ia buscar os cavalos, Rose, Shen e Kai seguiram os videntes pelo vale das torres em ruínas. O solo estava repleto de arbustos frondosos, de trepadeiras e de musgo; as avestreladas revolteavam entre as cascatas e salpicavam-nos enquanto avançavam. As torres tinham uma altura incrível, mas Rose deu-se conta de que a maioria estava em abandono.

– Quantas pessoas vivem aqui? – perguntou ela, enquanto avistava um goivo cor de laranja a crescer por entre as rachas da uma torre.

– Éramos centenas – respondeu Meredia. – Mais que suficientes para encher todas as torres e os bosques circundantes. Mas agora somos menos de vinte. Os restantes estão a dormir. Preferimos levantar-nos ao anoitecer para ler os padrões das avestreladas. É à noite que são mais potentes.

– E suponho que usem o vale da Erva Venenosa para não serem descobertos – disse Kai.

Meredia sorriu.

– A maioria dos viajantes nunca entra no bosque.

O rapaz inchou o peito.

– Bom, é evidente que não pensaram num par de valentes guerreiros do deserto.

– Nem na curandeira que achou conveniente ajudá-los a não desmaiarem – comentou a vidente com os brilhantes olhos cor de avelã.

– E ainda não me agradeceram – disse Rose, enquanto paravam diante de uma das torres. Foi aí que Meredia os deixou, antes de se dirigir para a seguinte a fim de alertar a cozinheira da sua chegada.

Fathom empurrou a porta de madeira que abriu com um rangido queixoso. A sala no rés do chão da torre estava quente e cheirava a sálvia. Havia um tapete puído no chão de pedra e mais estantes – e livros – do que Rose alguma vez vira. Uma escada em espiral abraçava a parede de pedra e ascendia até perder de vista, onde umas luzes azuis e prateadas tremeluziam em nichos distantes, iluminando o seu caminho até ao céu. *Luzes eternas*. Rose sorriu ao pensar em Wren. Desejou que a irmã também ali estivesse para ver aquele lugar.

Fathom deteve-se com um pé no primeiro degrau.

– Sigam-me – pediu. – Temos de visitar a Reserva Celestial.



A Reserva Celestial fazia justiça ao seu nome. A sala mais alta da torre estava pintada de maneira a fazer lembrar o céu noturno, com cada estrela tremeluzente marcada por uma gema. Ali em cima, as paredes estavam cobertas por mais estantes, exibindo todo o tipo de artigos, incluindo relógios com a forma de árvores e montanhas, pássaros cristalinos que chilreavam quando alguém lhes tocava, jarras rachadas e cálices cheios de pó, conjuntos de chá antigos, uma fila de conchas gigantes, caixas atrás de caixas contendo ganchos de cabelo, brincos sem par, ampulhetas cheias de areia de diferentes cores e centenas de pergaminhos empoeirados.

O chão estava coberto por uma série de tapetes e por enormes almofadas. Enquanto Rose examinava a bizarra coleção de tesouros de Fathom, o vidente aproximou-se de um relógio perto da janela – que presidia à sala como uma segunda lua – e rodou os ponteiros. Escutou-se um leve ruído, como um tiquetaque, quando o relógio se acertou.

– Já está – murmurou. – Agora já deve dar.

Fathom reclinou-se numa das almofadas e observou o céu imaginário.

– E agora procuramos o Reino Beijado pelo Sol. Um lugar perdido nas areias de Eana.

– Será que ele pensa que são estrelas de verdade? – perguntou Shen em voz baixa.

– É bem provável – respondeu Kai, sem se dar ao trabalho de sussurrar.

– A mente daquele velho está em ruínas, tal como estas torres. Não devíamos ter vindo.

Fathom traçou uma constelação com o dedo.

– Para saber como encontrar o reino, temos de descobrir primeiro como se perdeu. – A sua mão acelerou o movimento e franziu o sobrolho. – Este teto representa os movimentos das avestreladas em anos passados. E às vezes precisamos de visitar o passado para ver o futuro.

Só nessa altura é que Rose se deu conta de que o teto se movia. As gemas estavam a mudar de lugar, criando padrões no céu.

– O tempo é escorregadio. – Fathom apontou para um enorme relógio lunar. – É por isso que, para encontrar o que procuramos, temos por vezes de o ajustar.

Rose e Shen trocaram um olhar duvidoso, mas dessa vez ninguém interrompeu o velho vidente. Limitaram-se a esperar e a contemplar as estrelas com o mesmo entusiasmo, até que, depois do que que lhes pareceu uma eternidade, Fathom se sentou muito direito.

– Um mapa! – gritou. – Sim, é exatamente isso que precisam!

Kai cruzou os braços.

– Para dizeres isso não era necessário tanto suspense. É impossível fazer um mapa do deserto.

Fathom fez estalar a língua.

– Não é um mapa do terreno, mas sim um mapa do coração. – Levantou-se com dificuldade e aproximou-se das estantes. – Não, não. Não é isto – disse ele, enquanto revolia a sua vasta coleção de pergaminhos. – Isto também não. Hmmm. Oh! Já nem me lembrava que tinha isto! Credo, isto é *bolor*? Não importa. Onde *está* esta maldita coisa? – Lançou uma esfera de vidro por cima do ombro e Shen atirou-se para o lado para a apanhar antes que se estatelasse no chão. – Bem apanhado – elogiou Fathom, sem olhar para trás. – Claro que eu já sabia que isso ia acontecer.

Shen fulminou a nuca do ancião com o olhar. Rose percebia pela posição de Kai que este se preparava para atacar o velho vidente.

– Sê paciente – ralhou, embora ela própria começasse a impacientar-se.

Às tantas, Fathom deu um salto para trás.

– Ah! Claro! O mapa não está na Reserva Celestial. – Soltou uma risadinha. – Está lá em baixo, na secção de cartografia da Biblioteca Lunar! – Acenou-lhes enquanto saía da sala. – Não demoro!

Kai sentou-se numa das almofadas.

– Proponho roubarmos tudo o que aqui está e vermos quanto conseguimos obter no mercado.

– Não vamos roubar os videntes – contrapôs Rose, enquanto passava distraidamente os dedos pelas prateleiras. Parou, de súbito, quando estes começaram a formigar. Pegou num pente de ouro para o examinar.

– Mas se o Fathom soubesse que o íamos roubar, já teria tentado impedir-nos – argumentou Shen.

Rose fitou-o, desapontada.

– O teu primo é uma má influência.

Kai riu.

– Nunca tinha conhecido um vidente. São todos assim?

– A irmã da minha avó era vidente. – Rose estremeceu ao recordar a pobre Glenna, a vidente que Rathborne mantivera trancada na torre oeste de Anadawn. Recordou como ele lhe cortara o pescoço e a deixara a sangrar nos braços de Rose. – Não era como os videntes daqui, mas estava no limite da loucura de uma maneira diferente.

Também se lembrou de Celeste. Wren estava convencida de que Celeste era uma vidente. A própria sempre o negara, mas, ultimamente, os seus pesadelos tinham-se tornado mais vívidos. E Rose começara a reparar que havia mais avestreladas em Anadawn, que se reuniam no telhado sobre o quarto de Celeste. Se as suspeitas de Wren estivessem corretas, Rose esperava que aquele não fosse o futuro da sua amiga. A viver numa torre distante, rodeada de veneno, cada vez mais mergulhada nas suas visões ao ponto de não distinguir o futuro do presente.

Rose pousou o pente. Continuou a observar as prateleiras, e o formigueiro nos dedos intensificou-se. Estacou, dessa vez atraída por um espelho de mão. Era prateado e estava emoldurado por uma delicada fila de safiras. Assim que os seus dedos se fecharam em redor da pega, o espelho soltou uma faísca e lançou uma descarga de energia até à sua mão. A jovem gritou.

– O que foi? – quis saber Shen, girando nos calcanhares.

– Nada, eu... piquei-me. – Rose não quis contar ao Shen acerca da estranha descarga de energia, não fosse ele também pensar que ela estava a perder o juízo.

Nessa altura, a porta abriu-se e Fathom entrou. Rose afastou-se da prateleira. O vidente agitou o dedo.

– Tenha cuidado no que toca, majestade. Alguns desses objetos mordem.

– Encontrou o que procurava? – perguntou ela.

Fathom mostrou um pergaminho amarelado que trazia na mão.

– Venham ver.

Shen afastou-se da janela e atravessou a sala em apenas quatro passadas. Kai pôs-se de pé e esticou a mão para o pergaminho, mas Fathom afastou-o do seu alcance.

– Creio que devia ser a rainha a desenrolá-lo.

Com o coração acelerado, Rose pegou no pergaminho e assim fez. Susteve a respiração... e depois soltou o ar num enorme suspiro. O pergaminho estava em branco, com exceção de um único rabisco preto ao centro.

– Não há aqui nada.

– Escuta-me bem, sua velha passa – disse Kai, agarrando Fathom pelos colarinhos e elevando-o do chão. – Isto para nós não é uma brincadeira. Para de nos entreter com adivinhas e começa a dizer-nos alguma coisa que faça sentido.

Rose entregou o pergaminho a Shen.

– Kai! Solta-o já! – exclamou, puxando-lhe um braço. – É uma ordem da tua rainha!

Kai atirou Fathom para o chão. Este levantou-se com uma impressionante elegância e sacudiu a túnica.

– O teu temperamento será a tua perdição, Kai Lo – disse ele.

– Desculpe – pediu Rose ao mesmo tempo que compunha a túnica do ancião. – Estamos todos tão exaustos e vir aqui foi... – Calou-se quando o pergaminho começou a brilhar nas mãos de Shen.

– Rose? – chamou ele, com os dedos a tremer. – Estás a ver isto?

– Sim – disse ela. – Sim, estou a ver.

O rabisco de tinta estava a espalhar-se, desenhando um mapa do deserto mesmo diante dos seus olhos.

– É o Olho de Balor! – exclamou Shen, surpreso. – E... olha, as Cavernas Douradas!

Rose e Kai juntaram-se a Shen enquanto o mapa continuava a revelar-se. As linhas cruzaram o pergaminho até ocuparem cada centímetro. O mapa brilhava com mais intensidade e, de repente, no centro, apareceu um enorme escaravelho vermelho.

Rose arquejou.

– O que raio é isso?

Shen levou a mão ao peito, como se alguma coisa dentro dele tentasse sair.

– É isso! – exclamou com voz áspera. – É a localização do Reino Beijado pelo Sol.

Fathom levantou a cabeça e olhou para Shen como se estivesse a vê-lo pela primeira vez.

– Ah! – disse, e esfregou os olhos. – Como foi que não vi isso antes? *Tu* és a chave para encontrar o deserto.

Shen encarou o vidente.

– Eu?

Kai recuou.

– *Ele?*

– O Shen? – sussurrou Rose, incrédula.

O ancião assentiu. Depois, inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.



Nas profundezas das montanhas nevadas, Wren encontrava-se no exterior da câmara que encerrava o corpo do príncipe Ansel e tentava recuperar o fôlego. Estivera apenas cinco minutos na sala, mas parecera-lhe uma vida inteira. Ainda podia ver o rosto sem vida de Ansel e ouvir o resto do pacto de Alarik a reverberar na cabeça. Tens três dias para trazer o meu irmão de volta à vida. Três dias para reparares o que destruíste em Anadawn.

Wren não fazia ideia se era possível, se alguma vez tinha sido tentado. Ainda assim, com a possibilidade de salvar Banba a flutuar entre eles como nuvens de vapor, olhara o rei Alarik nos olhos e dissera-lhe, *Sim, farei o que me pedes. Sim, salvarei o teu irmão.*

A esperança brilhara nos olhos de Alarik. Ou talvez fosse o desespero que aumentara o brilho dos seus olhos azuis. *Então, até amanhã, bruxa.* Com um aceno brusco de cabeça, o rei saíra da sala, deixando Wren sozinha com o corpo do príncipe e a perguntar-se que raio acabara de prometer.

Alarik e os seus guardas já tinham desaparecido. No túnel escuro restavam apenas Wren e Inga.

– O rei ordenou-me que a levasse de volta ao seu quarto – disse a soldado. Talvez fosse imaginação de Wren, mas pareceu-lhe que ela falava num tom mais suave. – Vai congelar aqui em baixo.

A jovem afastou-se da porta, consciente de que perdera a sensibilidade nos dedos e na ponta do nariz. E havia ainda a questão do *defunto* príncipe que jazia do outro lado da porta, a poucos metros de ambas.

– Vamos sair daqui.

Apressaram-se pelo mesmo caminho que as levava até ali, Wren acelerando ainda mais o passo à medida que se aproximava da cela da avó. Banba estava sentada no chão, de pernas cruzadas e a capa vermelha sobre os seus ombros mais parecia uma poça de sangue. Havia alguma cor nas suas bochechas e já não tremia. Wren ajoelhou-se junto às barras.

– Já sei o que o rei quer de mim, Banba.

A anciã levantou a cabeça.

– Não o faças.

– É possível? – indagou Wren, ignorando a advertência na voz da avó. – Há alguma maneira de trazer o Ansel de volta à vida? Ouvi histórias de feitos semelhantes. Quando era criança, contaste-me certa vez que...

– Já chega! – A velha bruxa lançou-se para a frente e chocou contra as barras com tanta força que a cela tremeu. – A questão não é *se pode* ser feito, a questão é *se deve* ser feito. Se te eduquei como deve ser, passarinho, então já sabes a resposta a essa pergunta.

– Três dias – insistiu Wren. – Tenho três dias para trazer o Ansel de volta à vida. Diz-me apenas como devo fazê-lo. Por favor.

A expressão de Banba era impassível.

– As bruxas de Ortha não brincam com a morte. Essa é uma porta que deve permanecer fechada, pois, uma vez aberta, não podes impedir a escuridão de entrar. Roubar-te-á tudo – explicou ela num tom sério. – De que te serve teres um corpo quando já vendeste a alma?

Wren não estava preocupada com a sua alma. Preocupava-a o gelo que se acumulara nas pestanas da avó e no tom de azul que começava a pintar-lhe os lábios.

– Então, é possível... – concluiu ela, lendo entre as linhas da repreensão da avó. – Há uma maneira.

Banba desviou o olhar para Inga, que permanecia atrás de Wren. Baixou a voz até que a neta se teve de esforçar para ouvir por cima do pingar da água gelada.

– Algumas coisas não valem o preço, passarinho. Ou o sangue. Aproveita os três dias para fugires deste lugar infernal.

Banba afastou-se das barras, levantou o queixo e chamou a atenção de Inga.

– A minha neta está a tremer. Leva-a de volta antes que congele. O teu rei não vai gostar se ela acabar nesse estado.

– Banba! – exclamou Wren, mas a sua avó já estava a recuar para o canto mais escuro da cela.

– Já disse tudo o que tinha a dizer-te, Wren. Não quero voltar a ver-te aqui.

Incitada pelas palavras da velha bruxa, Inga pôs-se em ação e puxou Wren para longe da cela.

– Voltarás a ver-me! – gritou Wren. – Vou tirar-te daqui! E regressaremos a casa!

Wren rodeou-se com os braços, irritada com a teimosia da avó, enquanto Inga a conduzia para fora da masmorra. Tinha a certeza de que Banba tinha o segredo de que necessitava para trazer Ansel de volta à vida, tal como sabia que ela nunca lho revelaria. Preferiria morrer congelada no coração daquela montanha do que pôr a alma de Wren em perigo.

– A alma é *minha* – murmurou a jovem, enquanto subia a escadaria. – Posso fazer com ela o que quiser.

De volta aos seus aposentos, Wren ficou surpreendida ao encontrar a lareira acesa. Um delicioso calor espalhava-se pelo quarto, e não demorou a recuperar a sensibilidade nas mãos e no nariz. Inalou a calidez, esperando com isso aliviar a dor que sentia no peito. Contudo, à medida que a manhã repleta de neve se transformava numa tempestuosa tarde, a incerteza continuou a devorá-la.

Em Ortha, não havia nada que Banba não fizesse por Wren. No inverno, quando a comida escasseava, ela enchia o prato de Wren primeiro do que o seu, oferecendo-lhe os melhores vegetais dos poucos que tinham, o melhor pedaço de carne, às vezes o único. À noite, envolvia-a na sua capa mais quente e ria-se por entre dentes enquanto ameaçava lutar contra o vento que uivava por entre as rachas da sua pequena cabana.

Um dia, deixaremos de sofrer estes invernos, passarinho, prometia a Wren. *E terás toda a calidez e luxos que mereces.*

Com a mão da avó sobre o ombro para a guiar, Wren encontrara o caminho até esse luxo, mas agora Banba não estava ali para o desfrutar. Continuava a tremer, continuava a lutar para conseguir ocupar o seu lugar no mundo. Não era justo. Era insuportável. Se Banba não a ia ajudar a ressuscitar o príncipe Ansel, então teria de arranjar outra maneira. Sentou-se ao toucador e passou as mãos pelo cabelo.

– Antepassados, por favor, ajudem-se a pensar nalguma coisa para sairmos deste maldito lugar.

Todavia, a sala permaneceu em silêncio, com exceção do vento que uivava nas janelas. Wren deixara os seus antepassados em Eana, juntamente com a irmã. E o seu bom senso.

Quando chegou a hora do jantar, estava faminta. Serviram-lhe um estufado de galinha com vegetais de inverno que se desfaziam na boca. Para surpresa de Wren, o cozinheiro decidira presenteá-la com uma sobremesa e, ao lado do estufado, vinha uma grossa fatia de bolo de cenoura e um copo generoso de espumante gelado.

Bebeu este último de um só trago, esperando que atenuasse os contornos afiados da sua ansiedade. As bolhas subiram-lhe de imediato à cabeça, pois a bebida era mais forte do que aquela que provara em Eana. Sentindo-se atordoada e com os membros pesados, sentou-se diante da lareira e devorou o bolo com as mãos, lambendo depois os dedos para não deixar escapar nem uma migalha.

Wren estava tão hipnotizada pelo açúcar e pelas chamas, já para não

falar no espumante que lhe dançava na cabeça, que nem se deu conta de que Tor estava de pé junto a ela, repetindo o seu nome.

– Wren. Wren? *Wren*.

A jovem levantou a cabeça e pestanejou. O soldado começou aos poucos a ficar com os contornos mais nítidos, os ombros largos sob a farda azul-marinho e os maxilares cerrados.

– Tor – disse ela, confusa. – O que fazes aqui?

– Disseste que sim. Porquê?

Wren pôs-se de pé.

– Sim? – repetiu ela, cambaleando um pouco. – Sim a quê?

Tor estendeu a mão e agarrou-a pelo cotovelo, puxando-a para o calor do seu corpo.

– Disseste que sim ao Alarik.

– Ah! – Wren compreendeu. Ele estava a referir-se ao acordo que fizera diante do cadáver de Ansel, a impensável promessa que Banba se recusara a fazer. Isso explicava a expressão atormentada, a linha dura dos seus lábios, como se ela já tivesse feito algo imperdoável. – Ele tem a minha avó acorrentada – declarou ao mesmo tempo que recuava para o encarar. – Claro que disse que sim.

Tor passou a mão pelo maxilar.

– Estrelas, Wren. Que raios te passou pela cabeça?

– Passou-me pela cabeça que não queria que a minha avó morresse em Gevra. – A jovem cruzou os braços, indignada. – Que faria qualquer coisa para a salvar. E é o que farei.

Tor abanava a cabeça.

– Não podes brincar com os mortos, Wren. Não sou bruxo e até eu sei isso.

– É o Ansel – disse Wren, recorrendo ao seu nome para acalmar a camada de nervos que sentia. Se personalizasse o pedido do rei, se relacionasse o feitiço com o príncipe e não com a obscuridade do ato em si, então não lhe pareceria tão aterrador. Tão imperdoável. – É apenas o Ansel.

Tor franziu a testa.

– O Ansel está morto.

– Por enquanto.

– Não, Wren. – Voltou-se para a lareira, olhando para as chamas como se estivesse a rever a cena que levava à morte do príncipe. – É demasiado tarde.

Wren observou as sombras no rosto de Tor e sentiu a distância entre eles como se fosse um abismo de gelo. As coisas tinham sido tão diferentes na biblioteca de Anadawn, quando não tinham conseguido tirar as mãos um do outro. Agora parecia-lhe que Tor estava distante e que o fantasma de um príncipe morto preenchia o espaço entre eles.

Wren queria desesperadamente fazê-lo desaparecer. Queria regressar ao momento da morte de Ansel e eliminar a dor que teimava em não deixar os

olhos de Tor. Mais uma razão para encontrar o feitiço.

– Não queres que ele volte? – perguntou ela. – Se houvesse uma maneira de o fazer, isso não melhoraria tudo? – As chamas bailavam sobre a pele de ambos, iluminando a expressão atormentada do soldado. Wren sentiu o seu anseio, a ferida profunda do seu arrependimento e odiou ser a sua causadora. Alcançou a mão dele. – Deixa-me tentar compor as coisas. Posso...

– Não podes. – Olhou para os seus dedos, flácidos entre os dela. – Nem sequer pensei nele, Wren. Quando o Rathborne lançou aquele punhal, eu só pensei em ti.

– Lamento.

Afastou-se dela.

– Um soldado gevrânês depende do seu instinto.

Fora isso que matara o príncipe Ansel. O seu instinto levava-o a saltar para a frente de Wren sem a menor hesitação, segundos depois de a sua gabarolice ter colocado Ansel em perigo.

– Sei que devia ter sido eu. O punhal era para mim. – Wren aproximou-se das chamas e virou a cara para esconder a vergonha nas suas bochechas. – Eu sei que desejarias tê-lo salvado.

– Não. – A cama rangeu quando Tor se abateu sobre ela. – Mesmo neste momento, não o desejo.

A surpresa remeteu-a ao silêncio.

– Acho que isso só torna as coisas piores – prosseguiu Tor. – Carrego a morte do príncipe Ansel comigo a cada momento do dia. Mas não sou capaz de... – Calou-se e abanou a cabeça. – A alternativa... Não consigo pensar nisso... Em qualquer caso, teria sido a minha ruína.

Wren sentiu um aperto no coração. Atravessou o quarto e foi sentar-se ao lado dele, aliviada por ele não se ter afastado. Encostou a cabeça ao ombro do soldado.

– Não quero discutir contigo, Tor.

Ele virou-se para a mirar, e a tormenta nos seus olhos era tão violenta que Wren sentiu que podia cair nela.

– Então diz-me que não o farás.

– Não me obrigues a mentir-te.

Tor fechou os olhos.

– Será a *tua* ruína, Wren.

– Então, estaremos ambos perdidos – murmurou. – A escolha é minha, Tor. Vou tentar.

Tor engoliu a ira que sentia, assentiu e pôs-se de pé. Depois aproximou-se da porta e pegou num saco que deixou cair com um ruído seco sobre a cómoda.

– O rei envia-te isto – disse num tom rígido. – Desejava-te sorte, mas também não te quero mentir.

Segundos depois já tinha desaparecido e girado a chave na fechadura, trancando Wren uma vez mais naquele quarto. A jovem aproximou-se da

lareira e ouviu os passos dele que se afastavam. O quarto parecia mais frio sem ele, mas não podia dar-se ao luxo de se concentrar na desaprovação do soldado. Tinha de confiar nos seus próprios instintos. E, quer fosse essa a sua intenção, ou não, Tor dera-lhe outra razão para levar o seu plano avante. Se conseguisse devolver o príncipe à vida, não só salvaria a avó da morte, como salvaria Tor do arrependimento que o consumia por dentro, dia após dia. E se o preço de tal liberdade era um pedaço da sua alma, então esse era outro pacto que estava disposta a fazer.

Aproximou-se da cómoda, onde o seu espelho decorado com joias brilhava com a luz da lareira. Wren abriu o saco que Alarik lhe enviara, na esperança de encontrar um presente qualquer, mas um odor repugnante provocou-lhe um vômito. Apertou o nariz enquanto espreitava lá para dentro, vendo uma cauda cor-de-rosa enrolada sobre si própria.

Argh. Um rato morto.

O que raio estava Alarik a fazer?

Wren fez uma careta ao despejar o saco. Caíram seis ratos mortos e um bilhete.

A prática faz a perfeição.
Alarik



Assim que Shen passou o mapa para as mãos de Rose, as linhas começaram a desaparecer. Ela devolveu-lho, em pânico, e viu as linhas aparecerem uma vez mais.

– Seria melhor copiá-lo para um suporte mais permanente? – sugeriu ela. Mas isso também não era possível porque, surpreendentemente, o escaravelho vermelho, que Shen tinha a certeza de que representava o Reino Beijado pelo Sol, não parava de se mover. Podia estar perdido, mas não estava imóvel.

– Talvez isso aconteça por seres do deserto – sugeriu Rose, tentando dar sentido ao que acontecia. – É por isso que o mapa responde ao teu toque.

No entanto, também não era essa a explicação, porque, quando Kai arrancou o mapa das mãos do primo, as linhas voltaram a desaparecer. A jovem viu a sombra da ira no rosto dele enquanto olhava para o pergaminho amarelado, desejando que funcionasse com ele.

– Que coisa tão caprichosa, hã? – murmurou Kai. – É uma sorte ter-te encontrado pelo caminho, priminho. – Obrigou-se a rir, mas Rose não deixou de reparar na rigidez nos ombros dele e na frieza do seu olhar.

Tentou não pensar no aviso de Meredia. *Kai Lo do Reino Beijado pelo Sol, os teus punhos encerram grande poder. Mas dentro de ti há uma escuridão que debes combater.* Depois de ter anunciado de forma dramática que Shen era a chave para o reino perdido no deserto, Fathom não deu mais explicações.

– Têm o mapa e a chave. Que mais precisam?

Começara a remexer na barba, cada vez mais evasivo, e Rose suspeitou

que Fathom já não tinha mais nada a acrescentar sobre o mapa ou sobre Shen. Ainda assim, era mais do que suficiente para os ajudar na sua missão. Quando deixaram a Reserva Celestial, o vale estava mergulhado na escuridão e as avestreladas voavam sobre eles como estrelas fugazes. Decidiram passar ali a noite e partir ao amanhecer, animados pela promessa do vidente de que tinha um chá especial de ervas que neutralizava os efeitos dos vapores venenosos do vale.

Partilharam uma refeição com Meredia e Fathom numa pequena sala iluminada por velas, sob a Reserva Celestial, com as paredes de pedra cobertas por belas tapeçarias que mostravam as torres em todo o seu esplendor. Pog corria de um lado para o outro a preparar os quartos. O jantar estava insípido, mas reconfortante, composto por uma sopa rica acompanhada por pão e por grossas fatias de queijo de cabra. Kai pediu um copo de uísque e disseram-lhe que não havia nada disso em Amarach. Os videntes abstinham-se de beber álcool para não obstaculizar o seu dom.

– É melhor não dizer nada à Celeste – comentou Shen, entre colheradas de sopa. – Ou nunca aceitará o seu destino.

O olhar de Rose desviou-se para a janela. Viu o topo de cada torre ganhar vida à medida que os videntes chegavam com velas para ler o céu.

– Mas, de que serve ler o futuro se estão todos reunidos aqui? – perguntou Rose. – Conseguem ajudar alguém?

– Quando há pessoas que precisam de ajuda, nós ajudamos – respondeu Meredia. – Nesses casos, enviamos mensagens e rezamos para que sejam ouvidas. E, claro, as avestreladas encontram sempre o seu caminho até novos videntes para os guiar até ao seu dom. Agora que o trono de Eana voltou a pertencer às bruxas, presumo que aparecerão mais.

Fathom pousou a colher.

– Assim que o país acalmar, claro – comentou ele ominosamente. – Vimos uma rebelião que agita os céus.

– Nós vimo-la nas ruas – declarou Kai ao alcançar mais uma fatia de queijo. – Nada que uma pequena guerra não possa controlar.

Rose lançou-lhe um olhar admoestador.

– Infelizmente, o que viram é verdade. O Edgar Barron está a criar um movimento que procura tirar-me, e à minha irmã, do trono. – Sentia-se um pouco culpada por ter deixado Thea sozinha em Anadawn a enfrentar a crescente rebelião, mas Rose não demoraria a regressar.

– O Barron usa o medo das pessoas como arma – disse Meredia. – Não há nada mais perigoso do que um homem cheio de ódio com o dom da oratória.

– Razão pela qual não nos podemos demorar muito na nossa missão – retorquiu Rose num tom grave. – Assim que recuperarmos o Reino Beijado pelo Sol e reunirmos um novo exército de bruxos, regressarei de imediato a Anadawn para mostrar a Edgar Barron a verdadeira força do trono. E quando a minha irmã regressar de Gevra, faremos juntas uma nova digressão real. –

Olhou em redor da mesa. – De certeza que viram que ela regressa sã e salva, não é?

O silêncio que se seguiu foi tão gélido como as expressões dos videntes, mas nenhum disse nada sobre Wren. Quando Rose insistiu que lhe dessem uma resposta sobre a sua irmã, Meredia limitou-se a franzir a testa e a dizer que ela se afastara demasiado do seu alcance.



Ao contrário da estalagem Straggler's Rest, as Torres de Amarach tinham quartos em abundância. E, embora isso significasse que Rose, Shen e Kai podiam ter um quarto só para si, aninhados lado a lado na maior das torres, a jovem detestava ver todos aqueles quartos vazios enquanto subiam a escada em caracol. Noutros tempos, antes da guerra com o nome da sua mãe, todos aqueles quartos tinham estado ocupados por videntes e bruxas, jovens e menos jovens, que tinham antevisto o mesmo futuro promissor. Rose esperava que, em breve, as Torres de Amarach voltassem a encher-se e que todos os rumores sobre rebelião e escuridão fossem coisa do passado.

Ainda aborrecido com a falta de uísque, Kai desejou-lhes boa noite num tom seco e deixou Shen e Rose sozinhos no corredor.

– Achas que ele está bem? – perguntou Rose assim que o bruxo guerreiro fechou a porta. – Não fez pouco de nenhum de nós ao jantar e esteve sempre de sobrolho franzido.

Shen encolheu os ombros.

– Talvez sempre tenha sido assim temperamental.

– Ou talvez seja por causa do mapa – sussurrou Rose. Não era capaz de esquecer a cara que Kai fizera ao descobrir que o mapa não respondia ao seu toque. – Acho que tem inveja de ti.

Shen levou a mão ao cinturão, onde guardara o pergaminho.

– Então, que se roa de inveja. Logo lhe passará.

Rose mordeu o lábio inferior.

– Preocupas-te demasiado. – Shen esticou a mão e colocou-lhe um caracol de cabelo atrás da orelha. Os seus dedos demoraram-se na bochecha da jovem. – Vai descansar. Eu estou aqui ao lado, caso precises de alguma coisa.

Rose encostou a cara à mão dele. Durante um momento de loucura, quis convidar Shen para o seu quarto e passar a noite a beijá-lo. Mas, num vale repleto de videntes, Rose não arriscaria a sua reputação a fazer uma coisa tão inapropriada para a realeza. Além disso, estava imunda. Por muito que desejasse Shen, estava desesperada por um banho. E Pog prometera-lhe que teria um banho à sua espera assim que chegasse ao quarto.

– É melhor entrar antes que o banho arrefeça – disse, afastando-se dele. – Boa noite, Shen.

– Aprecia o teu banho. – O seu olhar demorou-se nela. – Aposto que não será tão bom como um mergulho no Olho de Balor.

Rose corou ao recordar o banho de ambos no deserto.

– Mantém o mapa por perto, e talvez possamos visitá-lo de novo – sugeriu ela, sem conseguir evitá-lo.

Shen sorriu ao aproximar-se do seu quarto.

– Já sei com o que sonharei esta noite.



A banheira não era tão luxuosa como aquela que tinha em Anadawn, mas a água estava quente, perfumada e cheia de espuma. Retirada toda a poeira e sujidade daqueles últimos dois dias, Rose voltou a sentir-se ela própria. Ou, pelo menos, o mais parecido com uma rainha que poderia esperar, uma vez que estava tão longe do seu trono.

Assim que a água arrefeceu, saiu da banheira. Pog deixara uma toalha macia na cómoda, ao lado de uma embalagem de creme facial e de um espelho de mão. Rose sorriu, grata pela sua consideração. Secou-se e vestiu a camisa de noite antes de pegar na escova de cabelo.

Levantou o espelho e sobressaltou-se com o choque que sentiu nos dedos. Só nessa altura reparou nas safiras que o emolduravam. Era o mesmo que vira na Reserva Celestial! Mas o espelho parecia nublado. Soprou-lhe, e depois usou a manga para o limpar. De repente, o vidro começou a brilhar, lançando uma suave luz azul pelo quarto. Rose arquejou quando um reflexo lhe pareceu ganhar vida. Todavia, o rosto ao espelho não era o seu.

Pertencia a Wren.



Wren observava os ratos mortos com alguma repulsa. Não enviara areia com os pequenos animais. Alarik podia estar satisfeito com o acordo, mas isso não significava que confiasse nela.

Franziu a testa ao pegar no primeiro rato. Estava rígido e frio e a cauda pendia-lhe da palma da mão. Sem saber por onde começar, e sem terra que a ajudasse, curvou os dedos em volta do roedor e tentou um encantamento. As palavras chegaram-lhe à mente antes de formigarem na ponta da sua língua.

– *Da morte à vida, um feitiço te lanço, acorda do teu eterno descanso.* – As chamas crepitaram na lareira. Lá fora a tempestade uivou. Wren olhou para o rato. – Vá lá, pequeno imbecil. Toca a acordar!

Não resultou. Era um feitiço totalmente novo. Nunca tentara nada parecido com a sua magia de encantamento e não tinha nada para dar em troca. Pegou noutro rato e segurou um em cada mão. Ocorreu-lhe outro feitiço, oferecendo um corpo pelo outro, mas nenhum dos roedores se mexeu. Estavam tão mortos naquele momento como quando o gato da cozinha os apanhara.

Wren aproximou-se da porta e pediu a Inga que lhe trouxesse um pouco de sal. E, já agora, que lhe trouxesse mais espumante fresco. Não obteve resposta. Ficou furiosa. Teria de trocar umas palavrinhas com o rei. Cansada e frustrada (depois de dez encantamentos fracassados), Wren lançou um dos ratos para as chamas e ficou a vê-lo arder. Num ataque de desespero, ajoelhou-se e reuniu um montinho de cinzas. Virou-se para os outros ratos, oferecendo a cinza em troca do feitiço. Outro fracasso.

– O que posso eu fazer com seis corpos sem sangue? – murmurou, enquanto caminhava pelo quarto. O que podia uma encantadora fazer sem terra? Alarik teria tido melhor sorte se fizesse um acordo com uma curandeira.

Wren pensou em Rose e sentiu-se culpada. A sua irmã nunca se aventuraria na magia negra e nunca iria contra os desejos de Banba. Mas, para começar, ela também nunca teria viajado até Gevra. Era demasiado cautelosa, demasiado...

Uma luz azul tremeluziu perto de Wren. Deu meia-volta e inspecionou a cómoda à procura de um rato que se mexesse. Mas os cinco roedores que restavam continuavam mortos. Preparava-se para se afastar quando reparou noutra faísca azul. Sentiu um formigueiro na ponta dos dedos – era a magia presente no seu corpo a acordar ao reconhecer outra parecida. Estacou. A luz não provinha dos ratos. Era o espelho de mão que brilhava. Susteve a respiração enquanto o observava. Havia alguém a fitá-la no interior do espelho.

– Wren? – disse a cara de Rose ao espelho. – És mesmo tu?

– Rose? *Onde* estás? – Wren pressionou os dedos contra o vidro, tentando entender o que via. O espelho começou a tremer e o reflexo da sua irmã deformou-se sob o seu toque. Nesse momento, levantou-se uma rabanada de vento que agitou o cabelo de Rose. Parecia vir do interior do espelho. – Oh, não! – gritou Wren quando o vento saiu do espelho e também a atingiu. Rodeou-a e empurrou-a por um túnel uivante. Num segundo estava de pé no seu quarto, em Gevra, e no segundo seguinte foi tomada pela horrível sensação de que estava a cair – não, a *despençar* – pela terra. O quarto rodopiou e transformou-se num borrão. Ela susteve a respiração quando as montanhas cobertas de neve de Gevra se desvaneceram sob os seus pés e diante dela apareceu um novo mundo.

O vento parou de soprar de maneira abrupta e Wren deu por si de joelhos num solo duro. Tinha o espelho junto aos pés. Não, não era o seu espelho, era o gémeo do seu espelho. As safiras continuavam a brilhar, mas agora com menor intensidade. Pôs-se de pé com pernas trémulas enquanto observava o pequeno quarto iluminado por velas.

– Rose? – chamou ela, a medo. – Estás aqui algures?

– Wren? Para onde foste? – disse a voz de Rose no espelho. – Espera. Oh, não! Aquilo é *neve*? – Olhou em redor, boquiaberta. – Estou em Gevra? É bom que não esteja em Gevra!

Wren pegou no espelho.

– Bom, ao menos tu sabes onde estás. Isto não é Anadawn. – Passou de novo o olhar pelo parco quarto. – Estás na digressão real?

– De certa forma. – Rose deteve-se. – Estou em Amarach. Ou, pelo menos, *estava*.

– O quê? – Wren agarrou o espelho de mão e escutou, em silêncio, enquanto a irmã lhe contava os acontecimentos dos últimos dias: como o deserto cuspira o primo de Shen e como o seu súbito encontro em Ellendale

pusera em marcha uma viagem para sul, até um vale venenoso e até às Torres de Amarach. Onde Wren se encontrava naquele momento. A jovem correu até à janela para tentar ver o vale dos videntes, mas, na escuridão da noite, conseguiu ver apenas o topo das torres, que brilhavam como velas. E, sobre elas, as avestreladas cruzavam o céu como uma magnífica chuva de meteoritos.

– Wren! Estás a ouvir-me?

– Desculpa – disse Wren, segurando o espelho para que pudessem voltar a ver-se. – Queria ver como era. Há anos que ninguém vinha aqui.

– Wren! Concentra-te! Por todas as estrelas, pensei que estivesse morta. Primeiro, desapareces no meio da noite...

– Eu deixei-te um bilhete – interrompeu Wren. – E a *Elske*.

– Podes ao menos dizer-me qual é o teu plano? – Rose olhou em redor do quarto. – Vejo que conseguiste entrar no palácio de Grinstad. Mas como diabos conseguiste que te dessem um quarto tão bonito? Quero dizer, *vejam* só estas peles. E este candelabro!

– E agora quem é que precisa de se concentrar? – disse Wren. – Pode ser bonito, Rose, mas não deixa de ser uma prisão. – Explicou resumidamente como chegara a Grinstad incólume, mas, ao contrário de Rose, Wren passou por cima de muitos pormenores. – Então, eu e o Alarik fizemos um acordo – concluiu ela de forma vaga. – Só tenho de o ajudar com... uma coisa... e depois ele permitirá que eu e a Banba regressemos a casa.

Rose franziu o sobrolho.

– Desde quando tratas o rei Alarik por tu? E que tipo de acordo?

Wren agitou a mão.

– É só um pequeno... encantamento.

– Continua...

– É complicado – retorquiu Wren. – Mas não te preocupes, tenho tudo controlado. – Por cima dela, um bando de avestreladas giravam pelo céu como um pião prateado. Assobiou baixinho. – Ainda não acredito que encontre este lugar.

– Claro que encontrei. E também vou encontrar o Reino Beijado pelo Sol. E é por isso que temos de trocar de lugar – disse Rose, tensa. – Por muito que aprecie a decoração, não quero passar nem mais um minuto em Gevra. – Começou a tocar no espelho com os dedos. – Como é que esta coisa estúpida funciona?

– Espera! – gritou Wren, quando lhe ocorreu uma ideia. – Dá-me dois minutos. Preciso de terra.

– Wren... – A voz de Rose ecoou no interior do espelho quando Wren o lançou para cima da cama.

– Não te preocupes! Volto já! – Saiu porta fora a toda a velocidade e correu para as escadas, seguindo uma série de luzes eternas até à base da torre. Abriu a porta e inspirou o ar fresco. A noite era húmida e cheirava levemente a musgo, muito diferente da prisão fria do palácio de Grinstad e das geladas

montanhas de Fovarr que se agigantavam sobre ele.

Wren saiu e chocou com um ancião que vestia uma túnica azul. Carregava um frasco com terra.

– Aqui estais – disse ele, oferecendo-lho à laia de boas-vindas. – Sabia que o Pog lhe daria o espelho. E que vós teríeis o seu gémeo.

Wren olhou para o frasco e depois para o homem.

– Quem é o senhor?

– Sou o Fathom. – Sorriu. – Esperava-vos.

– Não vou ficar.

– Bem sei – disse ele com suavidade.

Wren aceitou o frasco e girou-o diante do nariz.

– Terra – murmurou.

– Da melhor – disse o homem, orgulhoso. – Extraída dos sedimentos das nossas cascatas.

Wren enrugou a testa.

– Como é que... Ah, sim! Vidente.

O homem tocou na aba do nariz.

– Doze safiras por doze minutos.

– Hã?

– O espelho – esclareceu ele. – Quando a última safira deixar de brilhar, a troca é revertida.

– Ah! – Wren encostou o frasco ao peito. – De onde saíram os espelhos?

O homem deu um passo atrás e, sob a luz ténue do luar, os seus olhos brilharam como se fossem avestreladas.

– Os espelhos pertenceram às irmãs Avestrelada – disse. – Ortha mandou fazê-los numa altura em que a magia não era assim tão... limitada. – A barba agitou-se quando ele franziu o sobrolho. – Mesmo quando viajavam para longe uma da outra, as rainhas nunca se separavam. Até que...

– Se separaram por culpa de Oonagh – completou Wren. Não gostava de recordar Oonagh Avestrelada, a gémea que sucumbira à escuridão e que traía a irmã. – Conheço a história.

– Uma bruxa viajante trouxe o espelho para Amarach há muito tempo, juntamente com outros tesouros mágicos procedentes de Anadawn.

– Isso não é roubar?

Fathom riu.

– Prefiro pensar que os resgatou.

– Doze minutos – disse Wren, avançando para a torre. – Tenho de regressar.

O vidente inclinou o queixo.

– Avançai com cuidado, rainha Wren. Tanto dentro como fora. – Ao ver a expressão confusa de Wren, ele tocou no coração. – Existem algumas viagens das quais não podemos regressar.

Apanhada no brilho inquietante do seu olhar, Wren ficou sem palavras, mas isso pouco importava. O vidente girou nos calcanhares e desapareceu.

Wren tentou esquecer aquele aviso, mas parecia ter-se infiltrado dentro dela. Preparava-se para fechar a porta da torre quando viu uma familiar mancha branca entre os arbustos.

– *Elske!* – gritou. – És tu, querida?

A loba saiu do matagal e correu para a jovem, derrubando-a para lhe lambe a cara. Wren riu às gargalhadas e depois sentou-se e coçou-lhe as orelhas.

– O que fazes aqui fora? – indagou ao mesmo tempo que afastava a loba. – És uma princesa. Mereces uma cama como deve ser.

A loba acompanhou a passada de Wren enquanto esta subia as escadas a correr. Desacelerou o passo ao ouvir uma porta a ranger e, semicerrando os olhos, viu uma figura na escuridão. *Elske* rosnou. O homem tinha a mão na maçaneta da porta ao lado do quarto de Rose e a orelha encostada à madeira como se estivesse à escuta.

– Quem és tu? – perguntou Wren.

O homem deu meia-volta à velocidade de um raio.

– Rainha – disse ele, soltando uma gargalhada forçada. – Pensei que já estivesses a dormir.

– Ah! – exclamou Wren. – És o primo idiota do Shen.

Elske rosnou uma vez mais.

Kai pestanejou e depois voltou a encostar-se à porta.

– Espera. Tu és a outra. – Fitou-a. – O que fazes aqui?

– Estou só de passagem – retorquiu Wren, agitando o frasco de terra ao mesmo tempo que se dirigia para o quarto de Rose. Depois deteve-se e virou-se para Kai. – Mas a pergunta que realmente importa é, o que fazes aqui fora a deambular às escuras?

– Vinha ver se o meu primo estava bem.

– Porquê? – perguntou Wren. – Que eu saiba, o Shen nunca teve pesadelos.

Kai abriu um sorriso, e que belo sorriso era...

– Sou muito protetor.

Wren semicerrou os olhos.

– Eu também.

– Certo, pois... ainda bem – gaguejou Kai.

– Sim. – Wren esperou que ele se retirasse. Pouco depois, ele afastou-se do quarto do primo e regressou ao seu.

Assim que Kai desapareceu, a jovem virou-se para *Elske*.

– Ia meter-te na cama, querida, mas acho que talvez seja melhor dormires aqui fora esta noite e ficares atenta. – Olhou para a porta de Shen e escutou o seu ressonar. – Não sei qual era a ideia do Kai, mas tenho um mau pressentimento.

Elske baixou o focinho e rosnou suavemente em concordância. Wren beijou a cabeça da loba.

– Menina esperta.



Rose encontrava-se nos aposentos de Wren, no palácio de Grinstad, a olhar, furiosa, para o espelho de mão.

– Wren? – ciciou. – Wren! Onde estás?

O pânico na sua voz ecoou à sua volta. Minutos antes, a irmã estivera no espelho a fitá-la, a *falar* com ela, e agora tinha desaparecido, deixando-a sozinha. Em Gevra!

– Porque tens de ser tão exasperante? – resmungou ao pousar o espelho na cómoda. Foi nesse instante que reparou nos ratos mortos. Ocultou um grito ao afastar-se. Era aquilo que o rei Alarik enviava a Wren para comer? Ele era ainda pior do que Rose imaginara!

O seu estômago revoltou-se. Os ratos mortos provocavam-lhe náuseas. Para se distrair, resolveu explorar o quarto. Levou o espelho consigo, não fosse Wren regressar, e dirigiu-se para o armário da roupa.

– O que temos aqui? – murmurou ao abrir as portas. Arregalou os olhos ao deparar-se com a mais bonita coleção de vestidos que alguma vez contemplara. – Oh, céus!

Passou os dedos por uma sumptuosa estola prateada antes de a tirar do cabide. Pô-la sobre os ombros, apreciando a sua suavidade. *Que estranho*, matutou, enquanto se olhava ao espelho. *O rei alimenta a minha irmã com ratos mortos, mas veste-a como uma rainha.*

Por instantes, Rose perguntou-se como teria sido a sua vida, caso tivesse casado com Ansel e ido viver para o palácio de Grinstad. A julgar pelo que via, teria sido plena de roupa bonita e de péssima comida. Mas, de certeza

que, como marido, Ansel a teria tratado melhor do que aquilo. Aproximou-se da janela e encostou a mão ao vidro gelado. Perguntou-se onde estaria o pobre príncipe enterrado e lamentou o facto de não poder deixar uma rosa na sua campa. Alegrava-a que ao menos o tivessem trazido para casa e que pudesse descansar entre as suas queridas montanhas. Uma pancada na porta acordou-a daqueles pensamentos.

– Wren? Estás aí?

Rose escondeu-se atrás das cortinas e espreitou a medo para a maçaneta da porta. *Por favor, não abras. Por favor, não abras. Por favor, não abras.*

Outra pancada.

– Sou eu, o Tor. Posso entrar?

Rose arquejou. Wren não mencionara o capitão Iversen! O que fazia ele a bater-lhe à porta a meio da noite? Que outras informações lhe ocultara a irmã? Ocorreu a Rose que devia dizer alguma coisa antes que ele irrompesse pelos seus aposentos.

– Um momento! Estou a trocar de roupa para o jantar! – Olhou para o relógio e estremeceu.

– Jantar? – disse Tor. – À meia-noite?

– Deitar! – apressou-se Rose a corrigir. – Eu queria dizer, trocar de roupa para me deitar! Não entres! Não estou decente!

Tor ficou em silêncio durante algum tempo. Depois escutou-se um golpe suave quando o soldado encostou a testa à porta.

– Wren, não pareces tu.

Oh, não! Ele *sabia*. Rose empalideceu, escondendo-se atrás das cortinas. Olhou para o espelho. Que estava Wren a fazer para demorar tanto? Ia matar a irmã. Com cuidado, Rose saiu do seu esconderijo e preparou-se para enfrentar o soldado gevrânês.

– Tor...

– Sei que estás zangada pelo que disse há pouco – continuou ele. – Não quero discutir contigo.

Rose encostou-se ao parapeito. Ele *não* sabia. Ainda.

– Mas não posso ficar calado enquanto fazes isto. Não devia ter-te dado esses ratos. – Soltou uma imprecação em voz baixa. – Não está certo. Não é *natural*. O Alarik não está no seu juízo, Wren. A dor afeta-lhe o bom senso.

Rose ficou imóvel. Ele devia estar a referir-se ao acordo que Wren mencionara. Mas o que podia ser tão terrível ao ponto de deixar Tor assim tão incomodado? Esperou que ele prosseguisse.

– O Ansel está morto. Se o trouxeres de volta, isso não porá fim ao fascínio que o Alarik tem por ti, muito pelo contrário. Será apenas o início. Ele nunca te deixará partir.

Rose empalideceu. O acordo era *esse*? Wren prometera trazer o Ansel de volta à vida? Agitou o espelho, tentando desesperadamente chamar a irmã. Teria Wren perdido a cabeça? Era sequer possível *fazer* tal coisa? A única bruxa que se atrevera a fazer magia proibida fora Oonagh Avestrelada. Ao

recorrer à magia de sangue, com sacrifícios humanos e animais, Oonagh perversera a sua alma e o destino de todos os bruxos e bruxas.

Rose olhou para os ratos mortos e sentiu um arrepio na espinha. De repente, aquilo fazia muito mais sentido.

– Eu sei que não queres ouvir isto agora, mas gosto demasiado de ti para te ver percorrer este caminho. – Tor falava em voz baixa e num tom resignado. – Quando estiveres preparada para falar, eu estarei aqui. Podemos resolver isto. Juntos.

Por fim, afastou-se da porta. Rose ficou a olhar para a maçaneta enquanto os passos dele se afastavam. Logo depois, a voz de Wren elevou-se do espelho.

– Boas notícias! Falei com o Fathom – disse ela, como quem diz «olá». – Ele diz que mudaremos de lugar assim que a última safira se apagar.

Rose olhou para a última gema que tremeluzia e depois fulminou o reflexo da irmã com o olhar.

– Então, serei rápida. NEM penses, seja lá em que circunstância for, tentar um feitiço de ressurreição.

Wren ficou boquiaberta.

– Foram os ratos mortos que me denunciaram?

Rose continuou.

– Já esqueceste o que aconteceu a Oonagh Avestrelada quando se virou para os sacrifícios humanos? Não podes brincar com a morte, Wren. É proibido.

Wren fechou os olhos com força.

– Não preciso desse sermão agora.

– Bom, acabaste de perder um discurso muito comovente do Tor.

A última safira piscava.

– Promete-me que não o farás – pediu Rose, desesperadamente. – Tem de haver outra maneira de salvar a Banba. Por favor, Wren.

Wren abriu a boca para responder quando o vento se elevou do espelho. Rose guinchou no instante em que a corrente de ar saiu do espelho e a rodeou. O mundo inclinou-se e transformou-se em borrões azuis, brancos e prateados. O tapete sob os seus pés deu lugar a uma pedra dura ao aterrar em Amarach.

– Wren? – Agarrou o espelho de mão, mas a sua irmã já ali não estava. Viu apenas o seu próprio reflexo apavorado e emoldurado por doze safiras que já não brilhavam.



Assim que Wren regressou ao seu quarto no palácio de Grinstad, desviou o cabelo dos olhos e guardou o espelho na sacola. Sorriu ao pousar o frasco de terra na cómoda.

– Foi uma bela aventura.

Mesmo depois de dezoito anos a viver como bruxa, continuava a maravilhar-se com as infinitas possibilidades da magia e do incrível poder das bruxas antes de Oonagh Avestrelada ter amaldiçoado a irmã e dividido o seu dom em cinco ramos diferentes.

Wren soltou um suspiro e, com ele, o nó de ansiedade que lhe apertava o estômago. Estava grata por ter tido a oportunidade de falar com a irmã, mas teria dispensado o sermão final. Claro que Tor se tinha intrometido e avisara Rose. Mas Wren não podia pensar nele naquele momento. Ou na irmã. Ficara aliviada quando a safira deixara de cintilar, impedindo-a de fazer uma promessa que não iria cumprir.

Ainda assim, não se teria importado de ficar com ela em Amarach, acordando com o Sol a elevar-se atrás das torres perdidas antes de partirem juntas em busca do Reino Beijado pelo Sol. Porém, os fios do destino tinham-na puxado para norte, e, naquele instante, tinha de se concentrar em sair de Gevra, com Banba. E, com ou sem a aprovação de Rose, havia apenas uma maneira de o fazer.

Wren prometera ressuscitar o príncipe Ansel e *essa* era uma promessa que planeava cumprir. Sentou-se ao toucador e tirou um punhado de areia do frasco. A terra brilhava com uma cor âmbar sob a luz da lareira e desprendia

um sussurro de magia antiga que ela sentia na pele. Wren sorriu. Aquela terra era boa, era *poderosa*, alimentada pelas cascatas de Amarach.

Pôs um rato morto diante dela e lançou um pouco de areia sobre o seu corpo imóvel. Conjurou um novo encantamento, desejando que a criatura regressasse à vida. A terra brilhou antes de desaparecer, mas o rato nem sequer estremeceu.

Wren bufou e alcançou mais um pouco de terra.

– Levanta-te, roedor inútil! – Outro feitiço, mais pequeno e curto. Nada. Gemeu de frustração enquanto procurava outro. E depois outro, e outro. Os minutos transformaram-se em horas e, aos poucos, as chamas apagaram-se na lareira. A paciência de Wren começava a esgotar-se e, para piorar a situação, um frio penetrante começava a infiltrar-se do exterior.

– Isto é uma perda de tempo – murmurou, abatendo-se na cadeira. Devia ter percebido que não ia ser fácil. Precisava de qualquer coisa mais do que um punhado de areia e uma boa rima para arrancar um espírito das garras da morte e animar o seu rígido corpo. Se não era capaz de despertar um mísero rato dos mortos, como ia conseguir ressuscitar o príncipe Ansel?

Inclinou a cabeça para trás e gemeu. Assim que Alarik percebesse que ela não fazia ideia do que estava a fazer, lançaria toda a sua raiva contra Banba. Fizera um acordo impossível com um homem impossível e, quanto mais tempo permanecesse sentada no seu quarto, a olhar para aqueles ratos mortos, mais apertado sentia o nó que ele lhe atara ao pescoço. Pôs-se de pé e caminhou pelo quarto para se manter quente. Lá fora, o vento uivava e as montanhas rangiam como uma casa velha.

Há uma escuridão que se agita em Gevra, disse a voz de Banba na sua cabeça. *O vento pesa por causa dela, e parece magia antiga. Magia corrompida.*

O estômago de Wren contorceu-se. Talvez fossem os ratos mortos ou a fúria da tempestade, mas o medo começava a lançar raízes no seu interior. Sabia que se o deixasse crescer este diminuiria a intensidade da sua magia e os encantamentos tornar-se-iam impossíveis de fazer. Precisava de voltar a ver Banba e suplicar-lhe que revelasse o segredo da magia da morte antes que a sua própria incompetência as destruísse a ambas.

Foi buscar uma estola de pelo branco ao armário e lançou-a pelos ombros para se manter quente, depois tirou outro punhado de areia do frasco e escondeu-o no interior de um lenço. Bateu à porta com urgência e, quando esta se abriu, lançou a terra a Inga que caiu no chão, adormecida.

Wren passou por cima do corpo da guarda e saiu para o quarto andar do palácio de Grinstad. Percorreu de novo o caminho até à masmorra, descendo um lanço de escadas e depois outro. O eco dos seus passos perdia-se no uivo áspero da tempestade que batia os seus punhos gélidos contra as janelas. Estavam cheias de neve e nos tremeluzentes corredores pairava um silêncio aterrador. Os soldados que estavam de guarda dormiam nos seus postos e as bestas roncavam aos seus pés. Era mais tarde do que Wren pensara.

Pouco depois, alcançou o último lance da enorme escadaria do átrio. Deteve-se para admirar a magnífica cúpula de vidro e o céu branco. Por instantes, Wren sentiu que estava encurralada entre um conto de fadas e um pesadelo. Olhou para baixo para examinar o átrio e estacou com o pé no último degrau.

A mulher de branco estava de volta. Devia ser a rainha Valeska. Tal como da última vez, estava sentada ao piano de cristal, tão imóvel como uma estátua de mármore. Os dedos pálidos e finos repousavam sobre as teclas sem as pressionar. Wren apoiou-se no corrimão de vidro e, na ponta dos pés, passou para o degrau seguinte, na esperança de ver a cara da mulher.

O que fazia ela ali, noite após noite, sentada ao piano? Wren desceu mais um degrau e depois outro. Planeava contorná-la a caminho da masmorra, mas, à medida que se aproximava, não era capaz de desviar os olhos da dor que via no rosto dela. Da estranha imobilidade. Da...

A mulher levantou o queixo e fitou Wren, que estacou. A velha rainha esticou um dos seus compridos braços como se fosse atravessar Wren com a ponta do afiado dedo.

Alertado pelo repentino movimento, um tigre das neves que dormitava levantou a cabeça do seu canto. Wren girou nos calcanhares e tratou de subir as escadas a toda a velocidade, mas não levantou bem o pé e tropeçou num degrau, lançando o braço para a frente para amparar a queda. Agarrou-se ao corrimão de vidro e gemeu quando a extremidade afiada lhe cortou a palma da mão. Pôs-se de pé rapidamente e deixou uma mancha de sangue para trás enquanto corria em direção ao patamar.

Se a rainha gritasse ou o tigre decidisse persegui-la, não só perderia a terra recém-adquirida como possivelmente a própria vida. Correu para o quarto a arfar, saltou por cima de Inga e trancou-se nos seus aposentos. Fechou os olhos e esperou, mas não apareceu ninguém. O tigre das neves não a seguira.

O quarto estava quase às escuras, pois o lume estava reduzido às últimas brasas. Tirou a estola e descobriu que estava suja de sangue. Lançou-a para um canto do quarto e aproximou-se de um castiçal para examinar a palma da mão. A ferida era profunda, mais ou menos do tamanho de uma amêndoa e sangrava profusamente. Wren estremeceu ao pensar no incriminatório rasto de sangue que se estendia do átrio até ao seu quarto. Deixou-se cair na cama.

Desejou que Rose estivesse com ela. Não apenas porque sentia a falta dela, mais do que julgara possível, mas também porque Rose era uma curandeira. Agora teria de se tratar sozinha. Virou-se para o toucador à procura de um pano para atar a ferida. Os ratos mortos tinham um aspeto estranho sob aquela luz, com o pelo branco manchado de terra. *Terra desperdiçada*, cogitou, com amargura. E começavam a tresandar. Torceu o nariz enquanto revolia a gaveta do cimo, deixando a mão esquerda com a palma para cima e ainda a sangrar. Sem querer, tocou com o dedo mindinho num dos ratos, e sentiu um choque de calor.

Wren estacou. Os dedos da mão ferida formigavam. Tal como o próprio sangue... Wren pestanejou, para ter a certeza, mas não havia dúvida. O seu sangue *brilhava*. O seu estômago deu uma volta enquanto tentava perceber que brilho vermelho era aquele que emanava da sua pele. Centrou a sua atenção no rato morto que jazia ao seu lado; os seus bigodes brancos, a cauda cor-de-rosa enrolada, mas a sua mente estava muito longe dali, nas Torres de Amarach, e a voz na sua cabeça não lhe pertencia. Era a de Rose.

Já esqueceste o que aconteceu a Oonagh Avestrelada quando se virou para o sacrifício humano? Não podes brincar com a morte, Wren. É proibido.

Wren olhou para a mão ferida e sentiu a magia a formigar. Se através do sacrifício humano se obtinha uma magia mais poderosa, capaz de derrubar um império de bruxas, então o que poderia fazer uma única gota de sangue? E não se tratava apenas sangue humano, mas de sangue de bruxa. O *seu* sangue.

De repente, a resposta tornou-se óbvia.

– Magia de sangue – sussurrou Wren, recordando o que Glenna, a velha vidente, lhe dissera antes de morrer. Há mil anos, Oonagh Avestrelada recorrera à magia de sangue para ficar mais poderosa que a irmã Ortha. Começou com sangue de animais, mas com o tempo começara a usar sangue humano. *Sacrifícios humanos*.

Wren sentou-se muito direita ao recordar-se que Banba lhe dissera qualquer coisa parecida, na masmorra.

Algumas coisas não valem o preço, passarinho. Nem o sangue.

Nem o sangue.

Wren olhou para o rato morto e em seguida para a sua própria mão ferida. Seria de facto possível? Poderia usar o seu próprio sangue?

Sabia que devia ser possível. Por isso a sua avó parecera tão assustada. Nem Banba se atreveria a realizar o mesmo tipo de magia que pervertera a alma de Oonagh. Preferira morrer a tentar um feitiço proibido.

– Que velha tão teimosa – murmurou Wren. – Uma vez não fará mal. – E não era que planeasse seguir as pisadas de Oonagh e sacrificar seres vivos. Iria usar apenas um pouco do seu sangue e tentar perceber se resultava. De certeza que não faria mal. De qualquer maneira, já lhe pertencia.

Lá fora a tempestade não dava mostras de querer abrandar. A janela agitava-se na moldura. Era como se as próprias montanhas tremessem de medo. Wren também tremia. Cerrou a mão ferida e elevou-a sobre o rato, vendo o sangue pingar por entre os dedos e aterrar no pelo branco, manchando-o de vermelho.

– Da morte à vida, um feitiço te lanço, acorda do teu eterno descanso.

Por momentos, o vento parou de uivar, como se prestasse atenção. Wren sentiu o coração bater mais devagar e uma estranha calma a percorrer-lhe o corpo até se começar a sentir embriagada. Observou o sangue a cair, gota a gota, mas não sentia qualquer dor. O pelo do rato começou a brilhar e Wren sentiu um aperto na garganta.

– Toca a acordar, pequenito.

Só se deu conta de que estava a sustentar a respiração quando sentiu os pulmões a arder. Lá fora, o vento voltou a levantar-se, e sacudiu a janela. As montanhas gemeram como se sentissem dor e as últimas brasas tremeluziram na lareira. À medida que a escuridão se estendia como um manto pelo quarto, algo impossível aconteceu. Foi um instante tão breve e fugaz que Wren por pouco não o perdia.

A cauda do rato mexeu-se. Uma vez. E depois outra. O sangue no seu pelo desapareceu, revelando a sua cor branca. Um segundo depois abriu os olhos escuros e brilhantes.

Wren fitou-os.

– Levanta-te – sussurrou.

O roedor pôs-se de pé, ziguezagueando pelo toucador como se tivesse bebido demasiado espumante fesco. Cautelosamente, Wren pô-lo no chão e viu-o cambalear pelo tapete. Seguiu-o, ignorando o sangue que continuava a pingar-lhe da mão. A magia borbulhava dentro dela, pulsando como um segundo coração. Estava vivo. Wren sentia-se triunfante. Até que, de repente, já não se sentia assim. O rato caiu no meio do tapete, estremeceu uma vez e morreu. Wren deixou-se cair de joelhos enquanto a magia abandonava o seu corpo. Notou um estranho vazio, como se uma parte dela – o coração, os pulmões – tivesse desaparecido também. Sentiu náuseas e correu para a lareira, vomitando o jantar. Vomitou e vomitou, esperando que o incômodo passasse. Quando passou finalmente, olhou para baixo e, em lugar da comida, encontrou cinzas.

Cuidado com a maldição de Oonagh Avestrelada, a rainha bruxa perdida, sussurrava o vento. A maldição corre em sangue novo... vive em novos ossos.

Wren examinou a mão na escuridão. A ferida estava a coagular e a palma começava a arder. A sensação de vazio não a abandonara, mas era mais suportável, como a dor de uma nódoa negra. Estaria aquela maldição a lançar raízes dentro dela? Ou seria apenas o mal-estar associado à magia proibida, por tê-la visto funcionar diante dos seus olhos?

Sim, pensou Wren, tentando convencer-se. *Só pode ser isso.*

Tomada por uma nova onda de determinação, pôs-se de pé e virou-se para os outros ratos que jaziam no toucador. Já o tinha feito uma vez. Só tinha de o repetir, mas melhor. Afinal, a prática levava à perfeição. Não se deu tempo para questionar a decisão que acabara de tomar e passou a unha pela ferida, fazendo sair mais sangue. Quando voltou a pegar na palavra, a sua voz era nítida e forte. O encantamento preencheu a sala como um vento feroz, rivalizando com a tempestade que rugia nas montanhas. O segundo rato acordou com um chiado decidido. Wren sorriu.

– Bem-vindo ao mundo dos vivos, pequenote.



Rose dormiu envolta na sua estola de pele prateada e agarrada ao espelho para o caso de Wren voltar a contactá-la. Porém, as safiras não voltaram a brilhar. Durante toda a noite, deu voltas e mais voltas na cama, atormentada por pesadelos com aqueles asquerosos ratos mortos que flutuavam em rios do sangue de Wren. Estava convencida de que a irmã não faria o que Alarik lhe pedira.

Não o faria. Não *podia*. Wren devia conhecer os riscos. Afinal de contas, Oonagh perdera tudo ao enveredar por esse tipo de magia. E também amaldiçoara todas as bruxas e bruxos ao quebrar o seu poder em cinco ramos.

Quando o Sol nasceu e inundou o seu quarto com uma luz dourada, Rose tinha a certeza de que Wren faria a coisa certa. Acabaria por encontrar outra maneira de salvar Banba e de regressarem a casa. O facto de, não só estar viva, como instalada num aposento tão luxuoso, mostrava a sua capacidade de encantar quem quer que fosse para conseguir o que desejava, mesmo sem magia. E agora que tinha terra de Amarach para a ajudar, ficaria bem. Tudo correria bem. Ainda assim, Rose decidiu manter o espelho por perto.



Durante o pequeno-almoço, composto por papas de aveia com mel e nozes, Rose contou a Shen o que se passara com os espelhos e como Wren e ela tinham trocado de lugar.

– Eu disse-te que ela estava bem – retorquiu ele, depois de receber a notícia com uma calma surpreendente. – Embora me sinta ofendido por ela nem sequer me ter ido cumprimentar. É suposto sermos os melhores amigos.

Rose enrugou o nariz.

– Eu não diria que *prometer* trazer de volta o irmão morto do rei que te quer matar seja estar «bem», mas ao menos está viva.

Kai esboçou um sorriso de esguelha.

– Que cara é essa? – atirou Rose, ao ver a expressão dele.

– Vocês as rainhas bruxas estão sempre metidas em problemas.

Rose fulminou-o com o olhar.

– O único problema que tenho agora és *tu*.

– Tenho estado a portar-me bem, rainha – argumentou Kai. – Mas ainda tens o Barron e os seus Flechas com que te preocupar. E um reino enterrado para encontrar. A tua irmã está em Gevra a brincar com magia proibida e depois, claro, há ainda a questão de com quem irás casar se pretenderes aliarte com uma nação mais forte antes que o rei Alarik declare guerra...

– Já chega – interrompeu Shen.

– Uma coisa de cada vez – disse Rose. – Hoje procuramos o Reino Beijado pelo Sol.

Kai levantou a caneca de chá na qual não tocara.

– Bebo a isso. Ainda que seja este chichi quente de cavalo de que vocês parecem gostar tanto.



Rose agradeceu aos videntes a sua hospitalidade enquanto Shen e Kai foram buscar os cavalos aos estábulos. *Elske* manteve-se perto dela. A loba devia ter chegado durante a noite. Antes do pequeno-almoço, Rose encontrara-a à porta do seu quarto a olhar fixamente para a porta do quarto de Kai.

– Espero voltar a ver-vos – disse Rose, sorrindo para cada vidente. – Serão sempre bem-vindos a Anadawn.

Fathom pegou-lhe nas mãos e Rose ficou tensa, à espera de que ele fizesse mais algum aviso funesto, mas os olhos dele mantiveram a sua calidez.

– Caso precise de mais alguma coisa, agora sabe onde nos encontrar.

– Suponho que me verás chegar – disse Rose.

– Claro – garantiu Pog com um sorriso. – E à loba. Afinal, eu tinha razão.

– Cala-te, Pog – ralhou Fathom. – Ninguém gosta de exibicionistas.

Meredia riu.

– Esperamos que encontre o que procura, rainha Rose.

A jovem tirou a estola prateada que trouxera do palácio de Grinstad. Quisera muito ficar com ela, mas Shen opusera-se. Por um lado, era demasiado quente para o deserto, e, por outro, era demasiado chamativa.

Adeus, pequeno luxo, pensou ao mesmo tempo que a oferecia a Fathom.

– Pensei que talvez gostasse de a juntar à sua coleção.

– Ah, um arminho prateado! – Aceitou a estola e enterrou a cara no pelo – Era mesmo o que me faltava.

Meredia e Pog entreolharam-se e contiveram uma gargalhada enquanto Fathom colocava a pele sobre ombros e rodopiava.

– O que é que acabaste de dizer sobre os exibicionistas? – zombou Meredia.

Fathom fez-lhe cócegas no nariz com a extremidade da estola.

– A inveja não te fica bem.

– Têm mesmo de levar a loba? – perguntou Pog agachando-se diante de *Elske* para a afagar. – Tomaríamos bem conta dela. Sempre desejei ter um melhor amigo.

Fathom parou de rodopiar e resmungou:

– E eu sou o quê? Uma bota velha?

– Deixava-a contigo se pudesse, Pog. O deserto não é lugar para uma loba gevranesa – disse Rose. – Mas não creio que ela ficasse. É muito leal.

– Levem a loba – aconselhou Meredia. – O vosso caminho está cheio de perigos.

Rose engoliu em seco.

– Está a falar dos Flechas?

– Do Barron e de outros. – Meredia franziu ainda mais o sobrolho ao observar Rose, os seus olhos desviando-se para um lado e para o outro como se seguisse uma aura invisível. – Está nublado...

Rose queria saber mais, mas Shen e Kai chegaram com os cavalos. O primeiro estendeu-lhe a mão para a ajudar a montar e acomodar-se à frente dele. *Elske* pôs-se de pé e uivou como se estivesse a dizer-lhes que também estava pronta.

Rose fez um aceno de cabeça aos videntes.

– Uma vez mais, muito obrigada.

Os videntes fizeram uma vénia.

– Boa viagem, rainha Rose.



Atravessaram uma vez mais o vale da Erva Venenosa e, graças ao chá de ervas especial de Fathom, não foram afetados pela confusão mental que tinham experimentado na primeira travessia. Era quase meio-dia quando chegaram à Ponte da Pedra Branca. Rose tirou o mapa de Thea da bolsa e Shen levou a mão ao cinturão para se certificar de que o seu mapa continuava ali, como fizera a cada dez minutos desde que tinham partido.

Rose franziu o sobrolho, tentando traçar uma rota até ao deserto de

Ganyeve, que ficava no coração de Eana. Não queria voltar à Ponte Final, mas o extremo sul de Eana era tão estreito que não via como contorná-lo.

– Podemos cavalgar a toda a velocidade – sugeriu Shen, inclinando-se para espreitar por cima do ombro da rainha. – Saímos do caminho e atravessamos as colinas. Temos comida de sobra.

– E cavalos dispostos a cavalgar – acrescentou Kai. – Quero a desforra.

– Muito bem – concordou Rose enquanto dobrava o mapa. – Mas espera até eu... SHEN!

Os cavalos atravessaram a ponte e saíram da estrada antes de galoparem pelas planícies cobertas de erva a uma velocidade tão vertiginosa que Rose tinha dificuldade em respirar. O terreno era selvagem e silvestre e as gargalhadas do trio misturavam-se com o vento à medida que avançavam para norte, em direção ao deserto.

Depois de horas a cavalgar e quando o Sol começava a pôr-se, chegaram a Thornhaven, uma cidade de comerciantes, e desaceleraram o passo, cautelosos, para não chamarem demasiado a atenção. Há muito tempo que *Elske* ficara para trás, mas Rose sabia que ela não demoraria a aparecer, um pouco empoeirada e cansada da longa viagem. Preparava-se para sugerir que parassem em Thornhaven para descansar e esperar pela loba quando avistou algo que a deixou assustada: uma seta pintada na porta da taberna. E outra na porta do ferreiro. E outra na do cocheiro. E outras apareceram ao longo da rua empedrada. Havia flechas desenhadas em quase todas as portas. Shen ficou tenso.

– Thornhaven é um bastião dos Flechas. Não esperava ver outro tão depressa.

– Nem num lugar tão central – comentou Rose, inquieta. Sentiu a picada de cada uma daquelas flechas como se estivessem a perfurar-lhe a pele. Cada uma representava alguém, ou quicá uma família inteira, que a odiava e à sua irmã, e aquilo que elas defendiam. Edgar Barron estava a ganhar terreno. Os seus seguidores atraíam outros para a causa, o que fazia com que cada passo longe do palácio de Anadawn parecesse maior que o anterior.

Mantém-te firme, Thea. Não demorarei a voltar para casa.

– E se lhes derrubássemos as portas? – sugeriu Kai.

Rose lançou-lhe um olhar furioso.

– Mantém a cabeça baixa e não atraias a atenção de ninguém – ordenou ela, tapando a cabeça com o capuz. O seu coração endurecera ao ver todas aquelas flechas, todo aquele ódio. – E quando regressarmos a Anadawn, com o nosso novo exército de bruxas e bruxos do deserto, não esquecerei o nome de todas as cidades e vilas que decidiram revoltar-se contra nós.

– A vingança fica-te bem, rainha – comentou Kai, com aprovação. – Eu sabia que tinhas algum fogo dentro de ti.

Shen agarrou-a com mais força enquanto atravessavam Thornhaven. Nem quando voltaram ao caminho, com a noite a cair sobre eles em volutas de pó cinzentas e azuis, ele a soltou.

Cavalgaram até muito depois da meia-noite, quando pararam para descansar na orla de um bosque, longe dos olhares odiosos dos Flechas. Trataram dos cavalos antes de se sentarem para comer o pão e o queijo que Pog lhes preparara.

– Partimos de madrugada – disse Shen, consultando o mapa sob o luar. O Reino Beijado pelo Sol estava a mover-se uma vez mais. O jovem traçou a esfera vermelha com o dedo. – Está a desviar-se para sul. Se tudo correr bem, devemos encontrá-lo amanhã ao meio-dia.

Rose deitou-se sobre um monte de musgo, tentando ficar confortável. O acampamento era demasiado desconfortável para o seu gosto, mas não fazia sentido queixar-se. Utilizou a bolsa como almofada, o que a deixou um pouco mais confortável, mas a noite era fria e não parava de bater o dente. Era naqueles momentos que se lembrava que estava muito longe de Anadawn e das suas responsabilidades. Esperava do fundo do coração que tudo aquilo valesse a pena.

– Lamento – disse Shen, agachando-se ao lado dela. – Devia ter-te incentivado a ficares com aquela estola.

– É agora que te ofereces para dormir ao lado dela para a manteres quente? – gritou Kai, que estava a fazer flexões num ramo ali perto.

Shen ficou tenso.

– Esquece – aconselhou Rose, pondo-lhe a mão no braço. – Não vale a pena.

O jovem engoliu a fúria e fitou-a.

– Ele até tem razão. Se quiseses, eu posso dormir...

Foi interrompido por um uivo triunfal quando *Elske* entrou na clareira e se dirigiu de imediato para Rose. A loba lambeu-lhe a cara antes de se enroscar ao lado dela e afastar Shen.

– Que maravilha! – exclamou Rose, rindo. – O meu cobertor chegou. Acho que, afinal, dormirei muito confortável.

Kai soltou uma risadinha ao descer do ramo.

– Que tal é perder para uma loba, primo?

Shen lançou-se ao primo, agarrando-o pela cintura. Caíram ambos ao chão, esmurrando-se e pontapeando-se e, dessa vez, Rose não os separou. Virou-se para *Elske* e encostou-se à loba para se manter quente.

– Homens – disse ela com um suspiro.

A loba uivou em concordância e adormeceram quase ao mesmo tempo.



Na manhã seguinte, não muito depois do nascer do sol, atravessaram a orla do Ganyeve. Shen desenrolou o mapa e centrou a sua atenção no escaravelho vermelho enquanto avançava pelo deserto. Rose nunca acreditou que fosse possível os cavalos do deserto cavalgarem ainda mais depressa, mas, assim

que os seus cascos tocaram na areia, foi como se tivessem ganhado asas.

Passaram horas sob o calor abrasador, o escaravelho ziguezagueando pelo mapa como se tentasse evitá-los. E depois, por fim, quando se viram próximos do coração do deserto, deixou de mover-se.

– Estamos perto – disse Shen, levantando a cabeça e apontando para oeste. – É por ali.

– Porque esperamos? – perguntou Kai, antes de picar *Victory* para que galopasse mais depressa.

– E a *Elske*? – perguntou Rose, perscrutando as dunas à procura da loba branca. – Voltou a ficar para trás!

– Não demorará a alcançar-nos – respondeu Shen. – Não podemos parar agora, Rose. Estamos quase lá!

Continuaram a galopar e a euforia tomou conta deles. Quando Shen parou *Storm* na crista de uma duna, Rose olhou por cima do ombro e viu que a esperança brilhava no rosto dele, tão pura e luminosa como o sol que incidia sobre eles.

– É aqui – declarou, olhando freneticamente em redor. – O mapa diz que é aqui.

Kai desmontou.

– Bom, e agora, rapaz-maravilha?

Havia qualquer coisa na voz dele – era mais do que impaciência – que não agradou a Rose. Shen desmontou também.

– Não entendo – retorquiu ele, agitando o mapa. – Entramos como?

– Dá cá isso – ordenou Kai, e arrancou-lho das mãos.

Shen lançou-se a ele, mas Kai passou-lhe uma rasteira. Shen caiu de joelhos e soltou uma imprecação. O anel de rubi que usava em volta do pescoço ficou à vista.

Rose arquejou e apontou para ele.

– Shen! O teu anel está a brilhar!

O jovem fechou a mão em redor do anel e o brilho vermelho atravessou-lhe a pele, como se viesse de dentro dele.

– Está encantado – murmurou. – Sinto-o.

De repente, a areia começou a zunir. A cadência aumentou, como se fosse uma ária, até que o próprio vento se juntou a ela. Parecia estar a chamá-los, a dar-lhes as *boas-vindas*. Shen estendeu a mão livre.

– Dá-me o mapa.

Desta vez, Kai obedeceu. Rose saltou do cavalo e juntou-se a eles em volta do pergaminho. Enquanto a areia entoava o seu cântico com cada vez mais intensidade, apareceram novas palavras na superfície.

O coração na lâmina de uma mão do deserto

Porá o seu reino a descoberto.

Rose franziu a testa.

– Os bruxos e as suas malditas rimas... – resmoneou Kai.

– A lâmina de uma mão do deserto – murmurou Shen, tirando o punhal

da bota. – Quando a Banba me encontrou a vaguear pelo deserto, eu tinha um punhal e um anel... – disse, mais a si próprio do que a Rose e a Kai. Virou o punhal e revelou uma pequena reentrância na base do punho.

– O rubi – disse Rose, compreendendo o significado. – O rubi deve ser o coração. Tal e qual como no mapa. E o teu punhal... é a lâmina!

– Continuo sem entender – confessou Kai.

Shen ignorou-o. Libertou o anel do colar e introduziu o rubi na abertura na base do punhal.

– Encaixa.

A areia começou a tremer e a melodia elevou-se, até Rose mal conseguir ouvir-se a si própria.

– E agora? – bradou.

Como se possuído por um antigo espírito mágico, Shen caiu de joelhos e cravou o punhal na areia, até ao punho. Instalou-se um momento de quietude absoluta e os três entreolharam-se, expectantes. E depois, a areia agitou-se com tanta violência que Rose caiu de costas.

– Afastem-se! – gritou Shen, puxando o punhal antes de a ajudar a levantar-se.

Saltaram para os cavalos e afastaram-se do abismo que se abria diante deles. A areia agitava-se com tanta força que se elevava em todas as direções, queimando-lhes a pele e deixando-lhes os olhos a arder. O solo gemia ao abrir-se e o buraco ficava cada vez maior. Galoparam ao longo do abismo e os cavalos relinchavam assustados enquanto a areia caía sobre si mesma.

Rose gritou quando uma enorme e brilhante cúpula emergiu do precipício e se elevou da areia como uma bolha iridescente. Brilhava com tanta intensidade sob o sol que só passados alguns minutos é que ela percebeu que havia uma *cidade* dentro dela. Não, não era uma cidade. Era um reino!

Quando a imponente cúpula assentou no deserto como se sempre ali tivesse estado, tremeluziu até desaparecer e revelou uma enorme muralha de pedra e dois portões vermelhos. Para lá dos portões, Rose avistou centenas de telhados vermelhos e dourados que tremeluziam com o sol. Por fim, a areia parou de se agitar, a música desapareceu e tudo ficou em silêncio.

Rose estava tão surpreendida que não era capaz de falar. Atrás de si, Shen respirava ruidosamente. Agarrou-lhe a mão e apertou-a.

– Lar doce lar – disse Kai com um sorriso triunfante. Depois incitou o cavalo para que avançasse. – Vamos, suas lesmas.

Rose ficou ainda mais surpreendida quando os portões vermelhos se abriram sozinhos. Do outro lado viu bonitos edifícios de arenito e caminhos sinuosos ladeados de arbustos do deserto e de flores brancas. E, no centro, no cimo de uma pálida escadaria, erguia-se um palácio dourado. Antes de conseguirem aproximar-se viram-se rodeados por pessoas.

– Sinto o vento na cara!

– Vejam o Sol! O céu!

– Finalmente! Finalmente!

Saíram dos seus lares a chorar de alegria enquanto levantavam o rosto para o sol. As crianças gritavam e riam, aproximando-se dos portões enquanto as pessoas elevavam as mãos para o céu e choravam. Um por um, os habitantes do Reino Beijado pelo Sol olharam para Rose, que acabava de cruzar os portões. Ajoelharam-se e encostaram as testas à areia. A jovem corou.

– Oh, isso não é preciso – apressou-se ela a dizer. – Por favor, levantem-se.

Atrás dela, Kai riu.

– Vou gostar disto.

Uma anciã pôs-se de pé.

– Bendito seja o céu! – gritou ela. – O príncipe herdeiro regressou!

Ao seu redor, os outros disseram:

– O príncipe herdeiro salvou-nos!

– Mil vivas ao príncipe herdeiro!

Rose enrugou a testa.

– Acho que todo este tempo sob a areia os deixou confundidos – murmurou a Shen. – Sou uma rainha, não um príncipe.

Nesse momento, as portas do palácio dourado abriram-se e um homem de aspeto régio com uma camisa de seda vermelha e calças pretas e largas desceu as escadas a correr. Era alto e ágil, tinha a pele bronzeada e o cabelo preto e comprido apanhado no cimo da cabeça. Usava uma estreita tira dourada na testa e, embora Rose nunca o tivesse visto, havia uma certa familiaridade no ângulo do seu queixo. Tinha os olhos castanhos fixos em Shen.

– Eis que chegou o príncipe herdeiro! – gritou ele, abrindo os braços para lhe dar as boas-vindas. – Pensei que este dia nunca chegaria.

Rose virou a cabeça e o sangue abandonou-lhe as bochechas.

– De que raio estão eles a falar?

A multidão afastou-se para deixar o homem passar e este deteve-se diante deles. Sorriu a Shen, revelando uma covinha na bochecha esquerda.

– Bem-vindo a casa, Shen Lo. Sentimos a tua falta.

Rose quase caiu da *Storm*. Atrás dela, Shen ficara tão imóvel que a jovem se perguntou se ele ainda respirava.

– Ah! – disse Kai, inclinando-se para a frente no seu cavalo. – Pois. Esqueci-me de mencionar que és o príncipe herdeiro do Reino Beijado pelo Sol.

Rose voltou-se e olhou para o primo de Shen.

– *O quê?*

O homem virou-se nesse momento para Kai e, por breves instantes, o seu sorriso desapareceu.

– Bem-vindo a casa, filho. Fizeste um bom trabalho.

– Obrigado, pai – retorquiu Kai, baixando o queixo.

Talvez fosse imaginação de Rose, mas podia jurar que vira uma sombra

cruzar o rosto dele.



Na manhã seguinte, depois de um copioso pequeno-almoço composto por bolos de canela, *bacon* e ovos escalfados na perfeição, Wren escolheu um vestido violeta adornado com uma suave pele cinzenta. A tempestade acalmara ao amanhecer, pouco depois de ela se ter deixado cair na cama, com os olhos inchados pelo cansaço depois de uma noite de feitiços de sangue.

Um rato guinchou por baixo do toucador enquanto ela apertava os botões do corpete. A sua magia relampejou em resposta e uma torrente de calor atravessou-lhe o corpo.

– Bom dia, meu pequeno milagre.

O rato fez um ruído satisfeito. Wren sorriu. Estava perfeito, com exceção de uma pequena rigidez nas patas traseiras. O mais importante era que continuava vivo. Os outros ratos tinham durado apenas alguns minutos após o encantamento, mas aquele sobrevivera toda a noite. Era um bom augúrio.

Retirou o pano com que atara a mão e examinou a palma. Uma crosta cobria o corte. O seu estômago agradecera o pequeno-almoço, o *bacon* conseguira eliminar o sabor as cinzas que permanecera na sua boca. Enquanto fazia a trança ao espelho deu-se conta de que se sentia melhor do que nunca. Se aquele era o preço de um pequeno sacrifício de sangue, então não se importaria de o pagar. Pouco depois, Inga assomou a cabeça.

– Vejo que sobreviveu à tempestade, majestade – comentou ela, com uma simpatia pouco habitual – Gostaria de dar um passeio?

Wren fitou-a.

– É alguma espécie de truque?

Para sua surpresa o soldado sorriu.

– Acho que caiu nas boas graças do rei. Ele ordenou-me que a levasse a apanhar um pouco de ar fresco.

– Tal como uma das suas lobas – comentou Wren, mas não deixou passar a oportunidade de esticar as pernas. Se ao aceitar ajudar o rei tinha diminuído o desdém que ele sentia por ela, aproveitaria de bom grado os benefícios. Tirou uma capa comprida do guarda-roupa e disse adeus ao rato. – Venho ver-te mais tarde, pequenito.

Wren acompanhou a passada de Inga e apreciou a sensação de passear, em vez de ser empurrada contra a sua vontade. Ajudava o facto de Inga não se recordar do encantamento do sono que Wren lhe lançara na noite anterior.

– Então, o que há para ver por aqui? E não me digas o pátio das bestas. Já fiz o *tour* dessa atração.

Inga olhou-a de soslaio, e Wren ficou surpreendida ao perceber como o soldado era jovem. Talvez até mais nova do que ela. Perguntou-se se, à semelhança de Tor, fora para ali treinar quando tinha apenas 12 anos.

– Podemos dar um passeio em redor do lago – sugeriu Inga. – As bestas não vão para lá. – Estremeceu ao recordar. – Não desde que a princesa Anika tentou ensinar o *Borvil* a patinar no gelo. Quase morreram os dois. O rei ficou lívido.

Wren arqueou as sobrancelhas, tentando imaginar um urso polar gigante a esquiar no lago gelado. Não se conteve e riu. Inga também soltou uma gargalhada.

– Na altura tão teve graça nenhuma.

Atravessaram o pátio interior, onde as bestas dormitavam sob o sol da manhã. Lá fora o vento era cortante, mas como estava bem agasalhada mal o sentia. Havia uma frescura no ar de Gevra que Wren apreciava. Deixava-a mais alerta, mais concentrada. Caminharam pelo perímetro do enorme lago, onde as lebres brancas entravam e saíam dos arbustos, sacudindo a neve acabada de cair. Ali fora, Wren mal escutava os rugidos do palácio. Ouvia apenas o vento que assobiava pelas montanhas.

– Isto aqui é muito bonito – elogiou Wren. – E digo-o como prisioneira.

– Com sorte, não sereis prisioneira durante muito mais tempo – disse Inga. – O rei Alarik não tem esse hábito.

– De fazer prisioneiros ou de os manter vivos? – quis saber Wren.

A jovem soldado encolheu os ombros.

– Ambos.

– Fantástico. – Wren esfregou as mãos e desejou ter calçado luvas. Aproximaram-se de um banco de ferro coberto de neve fina. Por baixo do banco viu um par de patins. Levantou-os pelos atacadores e admirou as lâminas prateadas. – Com isto podia tirar um olho a alguém.

Inga ficou tensa e levou a mão à espada.

– Não o *teu* olho – apressou-se Wren a acrescentar. – Posso calçá-los? Parecem mais ou menos do meu tamanho.

A soldado arqueou as sobancelhas.

– Creio que pertencem à princesa Anika.

– Tenho a certeza de que ela não se importará se eu os calçar – mentiu Wren. – Ela parece ser do tipo de pessoas que gosta de partilhar, não achas?

Inga fez um ar aflito.

– Alguma vez patinou?

– Não, mas o conceito é-me familiar – respondeu Wren. – Um impulso. Equilíbrio. Não deve ser assim tão difícil, pois não?

O silêncio de Inga foi resposta suficiente. Wren encarou-o como um desafio. Sentou-se no banco e descalçou as botas, substituindo-as pelos patins. Estavam-lhe um pouco apertados, mas serviam. Pôs-se de pé, oscilando perigosamente enquanto avançava pela erva gelada. Inga estendeu a mão para a ajudar.

– Eu sou capaz – disse Wren. – É como caminhar. Bom, é mais como arrastar os pés.

– Mas o gelo...

– Será conquistado – retorquiu a rainha, passando com toda a cautela para o lago gelado. – Não te preocupes, Inga. Sou rápida a aprender.

A soldado não parecia convencida.

– Leve o tempo que precisar. Ao início o gelo pode ser...

Mas Wren já estava a deslizar para longe dela. O gelo sibilava sob as lâminas. Tinha de se concentrar em não levantar os pés e em pressionar a ponta dos patins à medida que alargava as passadas, inclinando-se para um lado e depois para o outro. Esticou os braços para o lado, procurando equilibrar-se.

– Estás a ver? – gritou ela por cima do ombro. – Eu disse-te que tinha um dom natural!

– Não vá muito para o centro! – alertou Inga. – É onde o gelo é mais fino!

– Não te preocupes – disse Wren. Tentou fazer uma pirueta e por pouco não caiu. – Sou leve como uma pena!

Agachou-se um pouco para ganhar velocidade. O gelo estalava sob os seus pés e o vento gelava-lhe a ponta do nariz, mas Wren pouco se importava. Sentia-se livre. Rodopiou e caiu, rindo ao pôr-se de pé. Ardiam-lhe os joelhos, mas ignorou a dor e continuou.

– Já chega! – gritou Inga, passado algum tempo. – Temos de regressar ao palácio!

– Uma última volta! – disse Wren, afastando-se mais, não fosse a soldado querer apanhá-la. – Começo a apanhar-lhe o jeito.

Fez uma pirueta perfeita, gritou de alegria e fez outra e outra, afastando-se cada vez mais para o centro do lago. Quando o gelo rachou sob ela já era demasiado tarde. Olhou para a fissura que parecia uma teia de aranha e depois olhou para Inga. A soldado estacou, pálida.

– SOCORRO! – gritou Wren assim que o gelo cedeu. Respirou uma

última vez antes de mergulhar na água gelada. O lago era tão frio que ficou paralisada. As suas pernas pesavam uma tonelada e os patins eram como dois pedregulhos atados aos tornozelos. Afundou-se ainda mais naquele abismo glacial. Um único ponto de luz assinalava o buraco através do qual tinha caído. Parecia cada vez mais longe e o fundo cada vez mais perto.

Com os pulmões a arder, Wren tocou com os pés no fundo rochoso, agachou-se e impulsionou-se para cima, tentando chegar à superfície com os braços levantados como se pretendesse agarrar-se àquele fio de luz. Era demasiado longe e, de súbito, estava novamente a afundar-se. Deu aos braços e às pernas, lutando contra o peso nos pés, tentando desesperadamente impulsionar-se para cima.

Então, uma mão qualquer encontrou a sua na escuridão. Era forte e segura, e puxou-a para cima, para a luz do sol. Estava salva. Wren atravessou a superfície e engoliu o ar. As mãos moveram-se depressa do seu pulso para os sovacos. A jovem arranhou o gelo enquanto alguém a arrastava pela superfície do lago. Depois soltaram-na e ela ficou de gatas a arfar e a tremer.

Através do cabelo emaranhado que quase lhe tapava a cara conseguiu ver um par de botas negras. Gatinhou até elas, pois temia voltar a cair. As botas recuaram, um passo, depois outro, afastando-a do meio do lago. Conduzindo-a até à margem, até um local seguro. Só quando os seus dedos tocaram na erva gelada é que se sentou no chão e tirou o cabelo da cara.

Alarik Felsing observava-a com um olhar tão brilhante como o sol. Tinha as mãos um pouco azuis e as mangas do casaco encharcadas. Quando falou, não foi com ela.

– Pedi-te que a levasse a passear, Inga, não que a afogasses.

– Foi o que fiz, majestade. Tentei, mas ela queria patinar, e caiu e depois eu...

– Ficaste paralisada – disse Alarik, furioso. – Num momento crucial.

Wren fitou-o, incrédula.

– Foste *tu* que me tiraste da água?

Ele inclinou a cabeça.

– Preferias que te tivesse deixado lá em baixo?

– Não. Eu... – Wren abanou a cabeça. Tremia de frio e o seu cérebro ainda não descongelara. – Eu... fiquei surpreendida, apenas isso.

– Fizeste uma promessa – lembrou Alarik. – E planeio que a cumpras.

Wren levantou o queixo.

– Eu também.

– Ótimo. – Mostrou-lhe os caninos num sorriso rápido e deu um passo atrás, revelando Inga, com a cara vermelha e a chorar, atrás de si. – A rainha está a ficar azul. Leva-a para dentro e aquece-a. É o teu último aviso, Inga. Não voltes a desiludir-me. – Afastou-se sem olhar para trás e disse: – Amanhã mandarei buscar-te. É bom que estejas pronta, bruxa.



Rose não era capaz de parar de olhar para Shen.

Shen Lo, um príncipe? O seu Shen Lo, que se vestia como um bandido e ria como um pirata, que irrompia em palácios e beijava a noiva de outra pessoa no dia do seu casamento? Como podia isso ser?

Shen não tinha resposta para as perguntas dela. Nem para as suas. Estava boquiaberto com aquela novidade e, pela primeira vez, o guerreiro permaneceu em silêncio. Após o dramático anúncio feito pelo pai de Kai, foram guiados até ao coração da cidade. Para um lugar que estivera encerrado sob as areias do deserto durante dezoito anos, o Reino Beijado pelo Sol era extraordinariamente verdejante. O labirinto de ruas estreitas e caminhos de paralelepípedos de arenito estava flanqueado por treliças com enormes flores amarelas e vermelhas, assim como por frondosos arbustos do deserto salpicados de pequenas flores brancas. Os edifícios eram feitos de arenito que brilhava suavemente com a luz do sol e cobertos por pontiagudos telhados de telha vermelha.

Rose sentia a magia a vibrar na estrutura da cidade. Era antiga e poderosa, mais forte do que alguma vez sentira em Anadawn. Ou até em Ortha. Acariciava-lhe as bochechas com uma brisa invisível. Emocionou-se ante a sua presença e deixou que a acalmasse enquanto abriam caminho pela multidão ali reunida.

Desmontaram dos cavalos junto à escadaria do palácio. Assim que Shen pôs os pés no chão, o pai de Kai passou-lhe os braços pelos ombros e afastou-o de Rose para poder sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido. Kai saltou de

Victory e seguiu-os com as mãos nos bolsos enquanto os espectadores se reuniam em volta das escadas e esticavam os pescoços para verem o príncipe herdeiro.

Rose observava o pai de Kai com um despeito crescente, notando uma vez mais a tira dourada em redor da sua cabeça. Ele podia ser o governador do Reino Beijado pelo Sol, mas aquele território encontrava-se no interior do *seu* deserto e, como rainha de Eana, merecia mais respeito. Ainda não tinha recebido sequer um cumprimento.

Passou a mão pelo cabelo e desejou estar a usar a sua coroa. Ou qualquer coisa mais digna do que um vestido sujo. Assim toda a gente saberia quem ela era.

– Que carranca, rainha – comentou Kai, atrás dela.

Rose fulminou-o com o olhar.

– Não era o que esperava.

– Então espera até entrares no palácio da Luz Eterna. – Uma sombra atravessou o rosto de Kai, mas desapareceu tão depressa como apareceu. – Ou, melhor dito, o palácio da Luz Eterna do *Shen*.

– E agora quem é que está a fazer uma carranca? – murmurou Rose.

Permaneceram em silêncio enquanto subiam os degraus. De ambos os lados da escadaria viam-se intrincadas estátuas douradas, incluindo um escaravelho com olhos de jade, um escorpião gigante, um dragão que rugia e oito cavalos do deserto elevados nas patas traseiras que pareciam prestes a ganhar vida; e Rose perguntou-se se, com a magia certa, isso seria possível.

O pai de Kai parou no cimo das escadas e voltou-se para encarar a multidão. Levantou o braço, elevando também o de Shen que continuava confuso e olhava para a cidade como se não acreditasse que estava ali diante deles, que, depois de tantos anos, tinha finalmente encontrado a sua casa.

– Não só o nosso príncipe herdeiro voltou para nos desenterrar, mas também acabou de me informar que a mulher ao seu lado é a rainha de Eana – anunciou o pai de Kai. – Veio dar-nos as boas-vindas de volta ao sol!

Só nessa altura é que olhou para Rose, abrindo um enorme sorriso. Não fez uma vénia. A jovem tentou não mostrar a irritação que sentia e juntou-se a eles, subindo os restantes degraus entre estrepitosos aplausos. Voltou-se para o povo do Reino Beijado pelo Sol, que saltava de alegria, e ofereceu-lhes um aceno monárquico. As pessoas acenaram de volta.

Olhou de soslaio para Shen.

– Estás bem?

Ele engoliu em seco.

– Eu... não sei.

Kai permaneceu no degrau mais abaixo.

– E então, príncipe, não vais dizer nada aos teus queridos súbditos?

Shen arregalou os olhos, em pânico e virou-se para Rose.

– Digo o quê?

– Nada – respondeu Rose, aliviada por poder assumir uma vez mais o

controle. – Eu dirigir-me-ei aos meus súbditos. – Tossicou. – Saudações, povo do Reino Beijado pelo Sol – gritou. – Sou a rainha Rose Valhart, e viajei desde o meu trono no palácio de Anadawn, também em nome da outra rainha, a minha irmã gémea Wren, para vos dar as boas-vindas à nossa terra. Estou muito feliz por vos termos encontrado vivos e de boa saúde depois de todos estes anos. Nos próximos dias e semanas descobrirão que este país mudou para melhor. As bruxas estão agora sentadas no trono de Anadawn e sob o nosso reinado a magia é bem-vinda a todo o país.

– Exceto no território dos Flechas – comentou Kai por entre os dentes.

Rose ignorou-o.

– Juntos recuperaremos a antiga glória dos nossos antepassados e faremos com que todos os bruxos e bruxas voltem a apreciar a luz do sol, não apenas aqui, mas em qualquer canto de Eana.

A multidão aplaudiu.

– Obrigado, rainha Rose – disse o tio de Shen, baixando o queixo. – É uma honra recebê-la aqui, no nosso reino. – A Rose não passou despercebida a maneira como ele pronunciou «nosso», com um tom de voz um pouco mais áspero.

Com um movimento rápido do pulso, e uma pitada de areia que lhe caiu por entre os dedos, a estátua do dragão dourado abriu a boca e rugiu. A multidão bateu palmas e deu vivas. Então, isso queria dizer que o tio de Shen era um encantador, e bastante habilidoso, notou Rose, quando as portas do palácio se abriram atrás dele. Deteve-se, à espera de Shen, mas este adiantou-se para entrar ao lado do tio.

– Vamos, rainha – disse Kai, rodeando-a com o braço. – Está na hora de te mostrar o que é um palácio de verdade.



Por muito que Rose detestasse admiti-lo, o palácio da Luz Eterna eclipsava a grandiosidade datada de Anadawn. O *hall* de entrada era mais pequeno, mas muito mais extravagante. As paredes estavam forradas a folha de ouro e repletas de joias, ao passo que do teto pendia o maior candelabro que ela alguma vez contemplara. Os ladrilhos eram de quartzo brilhante e a cada passo que dava sentia que estava a pisar um tesouro raro. Para onde quer que olhasse tudo brilhava e tremeluzia. Enormes vasos de porcelana com orquídeas do deserto decoravam a entrada, onde se viam mais estátuas de animais do deserto. No centro daquele grandioso *hall* havia uma fonte dourada onde a água límpida se acumulava num tanque cristalino. Shen parou para o admirar.

– Aqueles que seguem o Protetor podem ter a sua chama eterna, mas o reino do deserto está construído em redor da Fonte Perpétua. Foi uma das muitas dádivas ofertadas ao nosso povo para garantir que sobrevivíamos aos

rigores do deserto – explicou orgulhosamente o tio de Shen. – Nunca secou em todos estes anos. As suas águas correm por toda a cidade.

Shen passou a mão pela água e viu as gotas deslizarem pelos dedos.

– Lembro-me de brincar nesta fonte.

Rose inclinou-se para observá-la e foi de imediato salpicada com água. Guinchou e deu um salto para trás. Logo depois escutou-se uma gargalhada musical.

– Espero que te lembres de mais do que apenas da fonte, Shen Lo! – Uma rapariga da idade de Shen contornou a fonte. Vestia uma bonita túnica azul-violeta e calças a condizer e no cabelo preto e comprido exibia dois ganchos de jade. Acompanhava-a uma rabanada de vento, o que fazia dela uma tempestade.

– Lei Fan, sabes que não usamos magia no *hall* de entrada – ralhou o tio de Shen.

O coração de Rose caiu-lhe ao chão enquanto tirava o cabelo molhado da cara. Quem seria aquele bonita Lei Fan? E porque parecia tão feliz por ver Shen?

– Tens de aprender a esconder melhor as tuas emoções – comentou Kai, dando-lhe uma cotovelada. – É a minha irmã mais nova. Prima do Shen. Não tens nada com que te preocupar.

Rose sentiu-se aliviada.

– Não sei do que falas.

Kai riu.

– Vi a tua expressão, rainha. – Fez um beicinho exagerado. – Buá! Buá!

Rose Fulminou Kai com o olhar enquanto Shen abria os braços.

– Lei Fan! És mesmo tu?

– Já não te lembravas da minha estonteante beleza? – Lei Fan riu quando Shen a levantou do chão e a rodopiou. – Tivemos saudades tuas, Shen!

Rose permanecia de lado, tentando sorrir. Sentia-se estranha, como se estivesse do lado de fora de uma bola de vidro a olhar para um lugar onde não pertencia, para uma pessoa que mal conhecia. Nesse momento ocorreu-lhe que também mal conhecia o próprio Shen Lo.

– Senti a falta de todos vocês – disse ele, ao pousar a prima no chão, e Rose sentiu um aperto no coração ao dar-se conta do anelo na voz dele. – Já me tinha esquecido de tanta coisa..., mas lembrava-me das vossas caras. – Virou-se para o tio. – Da sua voz, tio Feng. – E depois de volta para Lei Fan. – Da tua gargalhada, Lei Fan. – Piscou o olho a Kai. – Do teu ego, primo. – Soltou uma gargalhada e o som elevou-se até ao teto. – Lembro-me de correr pelas ruas desta cidade, tentando encontrar um escaravelho. De dar massas recheadas aos cavalos até eles ficarem doentes. De ouvir ralhetes por nadar nesta fonte... – Girou nos calcanhares como se procurasse qualquer coisa. – E do odor a fruta caramelizada feita pela anciã que tomava conta de nós. Chamávamos-lhe «Avó Lu»... – Calou-se e fez uma expressão triste. – O que lhe aconteceu?

– Porquê essa cara triste, rapaz? – cacarejou uma voz. – Achavas que eu tinha *morrido*? – Uma enrugada anciã emergiu de um corredor lateral e aproximou-se deles com a ajuda de uma bengala. Tinha a pele bronzeada e o cabelo branco apanhado num coque. A cara estava sulcada por rugas, mas os olhos castanhos brilhavam. – Porque haveria eu de fazer uma coisa tão estúpida?

– Avó Lu! – gritou Shen com uma alegria infantil que Rose não lhe conhecia. – Pensei que não voltaria a vê-la!

A avó Lu agitou o dedo conforme se aproximava.

– Shen Lo, seu maroto! Estiveste demasiado tempo longe de casa.

Virou-se para Rose e arqueou as sobrancelhas.

– Mas estiveste na companhia da realeza. És muito parecida com a tua mãe, rapariga. Conheci a Lillith, há muitos anos. Os olhos dela pareciam esmeraldas. E tinha um sorriso bonito como uma orquídea. – A avó Lu agarrou-se com ambas as mãos à bengala e tentou fazer uma vénia a Rose. Gemeu quando as suas costas estalaram. – Isto é o melhor que consigo – explicou. – A minha coluna não é tão jovem como o meu coração.

– Não tem importância – assegurou Rose, correndo para a amparar.

– Então, agora és rainha – disse a avó Lu. – Estou desejosa de ver se és merecedora do título.

Shen fez um esgar.

– Continua a mesma avó Lu de sempre.

Rose sorriu e gostou de imediato da anciã.

– Espero deixá-la orgulhosa... Senhora Lu?

A avó Lu deixou escapar uma gargalhada.

– Oh, eu não gosto de títulos. Senhora isto. Senhor aquilo. Rei Pomposo. Bah! Chama-me avó Lu, como toda a gente.

– A avó Lu é quem *realmente* manda aqui – disse Lei Fan, piscando o olho. – Tomou conta de nós quando éramos crianças. O meu pai só usa a coroa como adorno.

Feng lançou um olhar furioso à filha.

– Hoje pareces determinada a menosprezar-me, Lei Fan.

A jovem sorriu de orelha a orelha.

– Alguém tem de te manter na linha, pai.

– Agora alguém o fará – murmurou Kai.

Feng franziu ainda mais o sobrolho. Shen não os ouvia. Estava demasiado ocupado a abraçar a sua ama.

– Avó Lu, está tal e qual como me recordava. Diga-me, ainda faz as peras caramelizadas mais deliciosas de todo o Reino Beijado pelo Sol?

A avó Lu inchou de orgulho.

– De toda Eana, rapaz. Podes apostar que sim! Vamos para a cozinha. Posso fazer-te umas quantas agora.

– Ia gostar muito – disse Shen, ansioso. Olhou para Feng. – Se o tio não se importar?

– Shen Lo, és o príncipe herdeiro! – gritou Lei Fan. – Podes comer as peras caramelizadas que te apetecer.

Feng aclarou a garganta e esboçou um pequeno sorriso.

– Aconselho-te a não comer muitas. Guarda espaço para o teu banquete de boas-vindas, esta noite.

Shen bateu palmas, encantado.

– Nunca me fizeram um banquete de boas-vindas.

Nem a mim, pensou Rose, detestando a amargura que sentia.

Shen deu o braço à avó Lu e dirigiram-se para a cozinha. Rose ficou a vê-lo afastar-se com uma sensação de vazio nas entranhas.

– Shen! – chamou antes de conseguir conter-se. Ele olhou por cima do ombro e, por segundos, foi como se nunca a tivesse visto e não soubesse o que ela fazia ali. Rose tossicou e enrolou a saia entre os dedos. Queria que ele a convidasse para a cozinha, não só por desejar provar as melhores peras caramelizadas de Eana, mas para poder sentir que fazia parte daquela sua nova vida.

– Ah! – disse ele, enrugando a testa. – Lei Fan, é possível arranjar um quarto onde a Rose se possa refrescar? E ela vai precisar de um vestido para o jantar.

– Sim, vou precisar de um vestido – disse Rose, fingindo que era isso que queria. – Se não te importares.

Lei Fan enrugou os lábios e mirou Rose dos pés à cabeça.

– Não sei se tenho alguma coisa digna de uma rainha.

– Se estiver limpo já será uma melhoria – retorquiu Rose, com um sorriso cálido.

Lei Fan sorriu também e aceitou o desafio.

– Nesse caso, vem comigo.



Um dia depois de Alarik ter tirado Wren das águas geladas do lago, mandou chamá-la, tal como prometera. Depois do pequeno-almoço, a jovem foi uma vez mais guiada pelas gélidas catacumbas e percorreu os túneis estreitos e escuros até avistar Alarik, que a esperava com as mãos atrás das costas. O rei estava vestido de preto, como era seu costume, e os seus olhos brilhavam como diamantes na escuridão. As suas lobas estavam sentadas uma de cada lado e observavam Wren com a mesma intensidade.

– Alguma queimadura do gelo? – perguntou Alarik, à laia de saudação.

Wren mostrou-lhe um sorriso tenso.

– Quem precisa de todos os dedos dos pés?

Ele soltou uma gargalhada pouco comum.

– Imagino que tenhas recebido o meu presente, na outra noite.

– Sim, obrigada. Sempre desejei um *bouquet* de ratos mortos.

– E ainda dizem que eu não sou atencioso.

– Não imagino porquê – contrapôs Wren.

– E os nossos amigos peludos revelaram-se úteis? – Lá estava aquela avidez na voz dele, tão subtil que a jovem quase não se apercebia. Alarik estava esperançoso, quase desesperado. Queria que aquilo funcionasse tanto como ela. Talvez até mais.

Encontravam-se à porta da câmara que guardava o corpo de Ansel, rodeados pelos soldados do rei e, claro, pelas suas bestas. Wren ficou aliviada por não ver Tor. Não queria ter de se preocupar com a desaprovação dele, uma vez que já estava preocupada com o seu feitiço – e com o que aconteceria

depois, se tivesse êxito. Ou, pior, se fracassasse. O rei fitava-a e Wren deu-se conta de que se esquecera de responder.

– Muito úteis – replicou, pensando no rato no seu quarto, ainda vivo e cheio de energia. – Embora não me importasse de ter um pouco mais de liberdade.

– Porquê? Para poderes afogar-te novamente no meu lago?

Wren fulminou-o com o olhar.

– Foi um acidente.

– Que necessidade tens de mais liberdade? Não te alimento bem? – argumentou. – O meu cozinheiro prepara-te o mesmo que a mim. – Apontou para o luxuoso vestido e depois para a decadente capa atada ao seu pescoço. – Não usas a melhor roupa que Gevra tem para oferecer?

– E sou constantemente seguida pelos teus melhores soldados. – Wren apontou para Inga, que pairava junto ao seu ombro. Tornara-se muito mais rígida desde o desafortunado acidente no lago, recusando-se a fazer conversa com Wren e opondo-se à mínima sugestão de outro passeio. – E trancada no meu quarto, sem nada ou ninguém para me entreter.

Alarik fingiu fazer beicinho.

– Queres que envie um lobo para te fazer companhia?

– Preferia a chave da minha porta.

– Ainda não a mereceste, bruxa – disse ele, encostando a mão à porta. – Aqui está a tua oportunidade.

Alarik empurrou a porta, entrou e manteve-a aberta para ela passar. Wren respirou fundo para ganhar coragem e entrou atrás dele, deixando os soldados e as suas bestas do outro lado, à espera. A câmara que continha o corpo do príncipe Ansel estava ainda mais fria do que Wren se recordava. Rodeou o tronco com os braços e tentou resistir ao arrepio que lhe percorreu a espinha.

– Tem de ser assim – explicou Alarik ao observá-la. Na estreita câmara eram obrigados a estar quase colados um ao outro. Os seus braços quase se tocavam. – O frio preserva o corpo.

Wren baixou o queixo. Sabia-o, mas isso fazia com que tudo aquilo fosse ainda mais estranho. O príncipe parecia sereno... em paz, como se não quisesse ser perturbado. Os dedos de Wren começaram a tremer. Engoliu o nó de medo que lhe apertava a garganta e tentou ignorar a imoralidade daquele momento.

– Estás nervosa – comentou Alarik.

– Não estou.

– As tuas mãos tremem.

Wren fechou-as em punhos.

– Para de olhar para as minhas mãos.

– Então despacha-te e faz qualquer coisa com elas. – Meteu a mão no bolso do casaco e tirou uma pequena bolsa de couro que pousou na laje de mármore, junto ao pé esquerdo de Ansel. – É areia negra da costa de Sundvik,

a sul.

Wren olhou para a bolsa, mas não a alcançou.

– Para o teu feitiço – disse Alarik. – É a melhor terra de Gevra.

Wren virou-se para o encarar. O rei não fazia mesmo ideia da gravidade do que lhe estava a pedir. Acreditava que seria simples. Que uma pitada de areia e umas palavras bonitas chamariam o espírito do seu irmão do além e voltariam a metê-lo no seu corpo.

Alarik franziu o sobrolho.

– Não é assim? Tinha a impressão de que...

– Tens uma faca? – interrompeu Wren. – Ou a tua espada. Também servirá.

O rei semicerrou os olhos.

– Planeias trespassar-me na minha própria masmorra?

– Não. – Wren fez uma pausa. – Quero dizer, era capaz de pensar nisso se soubesse que podia fugir...

– Encantador. E isso um dia depois de te ter salvado a vida.

Wren riu.

– Ambos sabemos que me terias afogado com as tuas próprias mãos se não precisasses de mim.

Ele não o negou.

– Para quê uma faca?

– Porque a tua areia, por mais especial que seja, não chega para fazer o feitiço que me pediste. – Levantou a palma da mão e mostrou-lhe a ferida. – Tenho de usar sangue.

Alarik olhou para a mão dela durante algum tempo. A sua expressão era inescrutável.

– Quanto sangue? – perguntou ele, por fim.

– Não sei – confessou Wren. Tentara não pensar muito nisso. Ressuscitar um rato era um feito, mas suspeitava que o custo de ressuscitar um humano fosse bem mais elevado. – Talvez devêssemos trazer um dos teus lobos que...

– Não – respondeu com aspereza. – Não faremos mal às bestas.

– Mas...

– Eu disse que *não*. – Arreganhou os dentes. Não era um sorriso, era uma ameaça. – As bestas de Gevra são minhas irmãs. Não lhes farei mal.

Wren hesitou.

– Não sei quanto sangue será necessário...

– Então, teremos de descobrir. – Alarik levou uma vez mais a mão ao interior do casaco de onde tirou um pequeno punhal. Wren estendeu a mão para o alcançar, mas ele afastou-o. – Mais depressa o entregava à tua avó.

– Este feitiço vai requerer *alguma* confiança – disse Wren. – A menos que queiras que congelemos aqui, com o teu irmão.

Alarik passou o dedo pelo punhal.

– Confesso que sempre me imaginei a morrer de uma forma mais

valerosa.

– Eu imagino um urso polar a comer-te – disse Wren. – De quantas dentadas precisaria? Duas? Talvez três?

– Ias gostar disso, tenho a certeza – retorquiu Alarik, divertido.

Wren olhou para o príncipe Ansel, tão imóvel.

– Existe a probabilidade de isto correr mal. Nunca ressuscitei um humano.

– Foi o que imaginei.

– Não é uma boa ideia – prosseguiu Wren. Quando mais olhava para o príncipe Ansel, menos segura se sentia. Porquê perturbar a paz que ele encontrara na morte? E tudo para o trazer de novo para aquele inferno coberto de neve, onde ninguém o apreciava. – Quero dizer, do ponto de vista moral.

– Deixa a questão da moralidade comigo.

Ela lançou-lhe um olhar de soslaio.

– Porque tu és um grande pilar.

O rei irritou-se e Wren ficou com a sensação de que o tinha ofendido.

– Prometi que faria tudo o que estivesse em meu poder para trazer o Ansel de volta – disse Alarik num tom cortante. – E a promessa de um gevrânês fica gravada no ferro. Não se quebra com facilidade. – Fez uma pausa e depois continuou. – Embora, se Tor Iversen tivesse mantido a sua promessa de proteger o Ansel com a sua vida, tu e eu não estaríamos nesta situação.

Wren olhou para o chão e pensou na angústia de Tor quando a visitara na outra noite. A morte de Ansel assombrava-lhe todos os pensamentos, e mesmo assim não se arrependia de a ter salvado. A recordação dessas palavras envolveu-lhe o coração e apertou-lho com força.

– Então, eu estaria morta.

– E Gevra estaria melhor assim – replicou Alarik.

Wren nem sequer estremeceu.

– E a quem prometeste?

– À minha irmã – respondeu ele. – Foi a única maneira de meter a Anika no navio e tirá-la do teu país antes que a sua ira a matasse.

Wren não teve de puxar muito pela cabeça para recordar a ira da princesa. Ver Wren na sala do trono no dia em que chegara fora o suficiente para acordar a raiva de Anika.

– Mas, na verdade, faço isto mais pela minha mãe do que pela Anika – acrescentou ele. – Ela não ficou bem após a morte do meu pai. E agora isto... – Apontou para o irmão sem olhar para ele. – Temo que esta perda seja o fim dela. O Ansel era o seu preferido.

– Entendo porquê – disse Wren.

Não era uma farpa. Na verdade, apesar de ser uma pessoa odiosa e da sua escandalosa falta de charme, começava a perceber que Alarik se preocupava com outras coisas, além da guerra e da chacina. A lealdade para com a família conduziu-o àquele momento, a tremer nas profundezas das

montanhas Fovarr, a depositar todas a sua esperança numa bruxa capaz de o trespassar com uma espada se tivesse a mínima oportunidade de o fazer.

– Não conheci o Ansel durante muito tempo – continuou ela –, mas ele sempre foi simpático comigo. Parecia-me uma pessoa atenciosa, boa e gentil.

– E voltará a ser tudo isso.

Wren mordeu o lábio inferior.

– Não sei se será assim tão simples.

– Nenhum ato de grandeza é simples, Wren Greenrock.

A jovem pensou na sua própria trajetória até ao trono, como escalara a muralha do palácio e raptara a própria irmã com o objetivo de pôr as mãos na coroa de Eana.

– Farias qualquer coisa pelo Ansel – disse ela em voz baixa. – Tal como eu faria qualquer coisa pela Banba.

– Quer-me parecer que temos mais em comum do que pensávamos.

Wren levantou a cabeça, irritada.

– Não somos parecidos em *nada*.

– Neste momento, somos. – Alarik colocou o punhal entre os dentes e começou a enrolar a manga.

– O que estás a fazer? – perguntou Wren, receosa.

– Não faz sentido estragar mais um bom casaco. – Pegou no punhal e apontou a ponta à palma da sua mão. – Precisas de sangue, não é verdade?

Wren arregalou os olhos.

– Queres usar o *teu*?

– Não me assusta o derramamento de sangue – contrapôs ele. – O Ansel é meu irmão. Devo ser eu a fazer o sacrifício.

Wren olhou para o rei e este fitou-a de volta.

– Há algum problema?

– Não. Não sei. – Franziu o sobrolho. – Podemos tentar dessa maneira. – Usar o sangue de Alarik era muito semelhante ao que Oonagh fizera: usar o sangue de outros para os seus feitiços. Mas, afinal de contas, era para o irmão dele. E fazia-o por vontade própria. Talvez assim fosse mais fácil.

Alarik deslizou a ponta do punhal pela mão. Uma pérola carmesim apareceu à superfície e percorreu-lhe os dedos. Caiu entre eles com um sonoro *splash*. Wren agarrou-lhe a mão e puxou-a para si.

– Não o desperdices – ciciou.

– Há muito mais, garanto-te.

A inesperada calidez da mão de Alarik fez Wren dar-se conta de que estava a tocar-lhe. Pele com pele. Afinal de contas, o rei de Gevra não era feito de gelo.

– Ainda assim, não queremos ser descuidados.

Alarik sorriu.

– Então, não queres que eu sofra.

– Não quero que o meu *feitiço* sofra – esclareceu Wren. – Por isso, podes tirar esse sorriso irritante da cara.

– Estás a pensar começar ainda hoje? Ou isto é apenas uma desculpa elaborada para me dares a mão?

Wren soltou-lhe a mão e limpou os dedos à capa.

– Controla-te – atirou. – E, sim, começarei assim que te calares.

O rei arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada. *Filho da mãe convencido*. Wren inclinou-se sobre Ansel e desatou o gibão do príncipe, revelando o brilho perlado da sua pele.

– Aproxima-te mais. – Colocou cautelosamente a palma ensanguentada de Alarik sobre o peito de Ansel. – Deixa-a ficar assim.

O rei permaneceu imóvel como uma estátua. Fechou os olhos e franziu ligeiramente o semblante. Wren não percebia se isso se devia ao desconforto ou ao facto de estar a tocar no corpo morto do irmão, sabia apenas que a atitude despreocupada dera lugar à inquietude... quase ao nervosismo. Com cautela, pousou a mão sobre a de Alarik. Os seus ombros tocavam-se e Wren sentiu o seu odor pela primeira vez. Era subtil, como fumo de lenha no inverno. Sentiu o familiar formigueiro nos dedos.

– O que é isto? – sussurrou. – Esta estranha calidez.

Wren mandou-o calar.

– É a magia, idiota. Agora para de me distrair.

Fechou os olhos, inspirou pelo nariz e expirou pela boca. Alarik desacelerou a respiração para que fluísse ao ritmo da dela. O resto do mundo desvaneceu-se, até restar apenas a magia de Wren, que lhe faiscava nas veias e o sangue de Alarik que a guiava até ao coração gelado de Ansel. Tal como praticara na noite anterior e na noite antes dessa, concentrou-se no seu objetivo e pronunciou o encantamento.

– *Com sangue e palavras este feitiço reluz, chamo a tua alma de volta à luz.*

A voz de Wren ecoou em cada canto da sala e, no silêncio que se seguiu, escutou-se apenas o gotejar de água. O cansaço tomava conta dos seus sentidos e teve de resistir à vontade de se sentar e de recuperar o fôlego. Não sabia se o feitiço estava a resultar, mas *algo* parecia estar a acontecer. Sentia-o na maneira como a magia parecia sair dela. Inspirou e elevou a voz.

– Ansel – chamou. – *Com sangue e palavras este feitiço reluz, chamo a tua alma de volta à luz.*

Pressionou a mão de Alarik enquanto a sua cabeça começava a andar à roda. A intensidade da sua magia aumentou, latejando como um segundo coração.

Sim, sussurrou uma voz dentro dela. *Continua*.

– *Com sangue e palavras este feitiço reluz, chamo a tua alma de volta à luz!* – gritou Wren.

Tremiam-lhe os ombros, ou seria Alarik que tremia? O rei soltou um gemido. Wren inclinou-se para ele ao mesmo tempo que ele se inclinava para ela, o corpo de um segurando o do outro. Wren conseguiu entoar o feitiço uma última vez e, quando as palavras escaparam da sua boca, também exalou um

último suspiro. A última descarga de energia, de magia, acompanhou-o.

Retirou a mão e abriu os olhos. A câmara rodopiava. Alarik usara a mão livre para se apoiar à mesa, a outra ainda encostada ao peito do irmão. Tinha os olhos fechados e a dor contraía-lhe cada músculo da cara. Havia sangue por todo o lado e as manchas reluziam como chamas.

Wren tentou alcançar-lhe o braço ao cair para trás, pois a sala rodopiava cada vez mais depressa. Alarik levantou a cabeça.

– *Wren.*

A voz dele soou longínqua. A jovem sentia como se estivesse a cair por um túnel. Não conseguia ver bem nem respirar como devia ser. Desequilíbrio-se, mas Alarik inclinou-se e agarrou-a pela cintura. Empurrou-a contra a parede e segurou-a por baixo dos braços para evitar que rachasse a cabeça contra a laje de mármore. Wren tentou falar, mas da sua boca não saiu uma única palavra. As suas pernas começavam a ceder.

Alarik pressionou a testa contra o ombro dela e gemeu quando deslizaram ambos para o chão e a escuridão tomou conta deles. Wren afundou-se nela durante uma eternidade, esperando que alguma coisa preenchesse o vazio que a consumia por dentro. Um novo alento. Magia antiga. O que quer que fosse. O rei permaneceu apoiado no ombro dela, as suas cabeças encostadas e os peitos a elevarem-se e a descerem em uníssono enquanto o lento gotejar da água gélida os atraía com suavidade de volta à consciência.

Wren foi a primeira a acordar. Um par de pernas balançavam perto dela. Logo depois escutou uma voz, aterradora pela sua familiaridade.

– Bom dia, minha flor!

Wren levantou a cabeça e viu o príncipe Ansel sentado na borda da laje de mármore. Acenava-lhe.

– Creio que o nosso casamento já não tarda!



Rose seguiu Lei Fan até ao coração do palácio da Luz Eterna. O sol inundava os corredores abobados e os ladrilhos de quartzo brilhavam com remoinhos de cor. A prima de Shen parou a determinada altura, levantou a cara para as janelas e absorveu a luz como se fosse uma flor.

– Tive saudades do calor do sol – disse em voz baixa. – Pensei que não voltaria a senti-lo.

Rose dera-se conta de que o palácio estava desenhado para que a luz penetrasse em todas as salas e corredores, em todos os cantos e ranhuras. Devia ter sido horrível viver durante tantos anos sem ela, por isso esperou que Lei Fan a saboreasse.

Pouco depois chegaram a uma porta ornamentada com raios de sol talhados na sua superfície. Lei Fan mostrou um sorriso envergonhado a Rose.

– Peço desculpa pela desarrumação. Não esperava visitas hoje. Bom, nem hoje nem nunca. – Fez uma pausa. – E muito menos de uma rainha.

Rose sorriu também e apontou para a lama nas mangas.

– Só se tu desculpares o estado do meu vestido.

– Combinado. – Lei Fan abriu a porta e Rose observou o interior do quarto. Havia túnicas azuis, verdes e vermelhas espalhadas pelo chão, brincos de ouro e ganchos com rubis dispersos sobre elas como se fossem confetes. Viu mais peças de roupa amontoadas junto ao armário, que ocupava uma parede inteira. As restantes estavam decoradas com belos murais que retratavam o nascer do sol no deserto. No centro do quarto havia uma cama de dossel, desfeita, e, sobre ela, um gato preto dormitava sob um raio de sol.

Abriu um olho com escasso interesse.

– É o *Shadow* – apresentou Lei Fan enquanto o gato voltava a adormecer. – Florescemos ambos no caos.

– Olá, *Shadow* – cumprimentou Rose, mas o gato já ressonava.

Lei Fan lançou uma rabanada de vento que empurrou o rio de roupas para um lado enquanto atravessava a divisão.

Ah, pensou Rose enquanto a seguia. *Isso explica a desarrumação.*

Lei Fan abriu o armário e do seu interior fluíu um mar de vestidos.

– Tem de haver aqui alguma coisa suficientemente elegante – murmurou ao mesmo tempo que revolia a pilha de sedas e linhos.

– Eu não sou esquisita – mentiu Rose, virando-se para o espelho. Estremeceu ao ver o seu reflexo. Tinha a pele queimada pelo sol e o cabelo parecia um ninho de ratos. As olheiras denunciavam a sua exaustão.

– A-ha! – Lei Fan voltou a atravessar o quarto com uma seda vermelha na mão. – Experimenta isto. – Estendeu-o a Rose antes de mergulhar noutra montanha de roupa. – Agora, o que vou *eu* vestir?

Enquanto Lei Fan examinava e descartava vestido atrás de vestido, Rose não demorou a experimentar a seda vermelha. Ao contrário dos vestidos estruturados a que estava habituada, aquele era solto e fluído, com mangas ondulantes e um decote generoso. Tentou puxá-lo para cima, inibida.

– Vesti isto bem?

Lei Fan desviou o olhar da confusão.

– Sou um génio! Eu sabia que o vermelho te ficaria bem.



O jantar foi um acontecimento pequeno e familiar, servido no pátio interior do palácio, onde as paredes estavam decoradas com calêndulas amarelas e jasmim. As estrelas do deserto bailavam sobre eles e o luar iluminava-os com um suave brilho prateado.

Depois de um banho que durara uma hora, Rose vestira o bonito vestido de seda vermelha de Lei Fan e voltara finalmente a sentir-se ela própria. Aquele breve descanso permitira-lhe ver as coisas com outros olhos e a centrar-se noutros assuntos. Agora que tinham encontrado o Reino Beijado pelo Sol, voltara a pensar em Barron e na rebelião que minava o coração do seu país. Quanto mais depressa reunisse o seu exército e regressasse ao seu trono em Anadawn, mais seguros ficariam.

Por enquanto, Rose manteria a boca calada. Aquela noite pertencia a Shen. O resto viria depois. Sentou-se entre Lei Fan e a avó Lu, enquanto Kai, que parecia amuado, e Feng, que estava impecavelmente vestido, ocupavam os lugares à sua frente. Shen, que não voltara a ver desde que fora para a cozinha com a avó Lu, estava sentado à cabeça da mesa, exibindo uma nova túnica cinza-esverdeada e calças escuras. Para tristeza de Rose, ele mal se

apercebera da sua chegada e não tecera nenhum comentário acerca do seu vestido.

– É um pouco estranho estar sentado à cabeceira da mesa – comentou Shen, agitando-se na cadeira e dando um gole no vinho. – Não estou habituado.

– A cadeira não é confortável? – perguntou Feng. – Mantive-a quente na tua ausência. – Riu alto da sua própria piada antes de passar o dedo na faixa dourada que usava na testa. – Suponho que também devia devolver-te isto.

– Pertenceu ao teu pai, Gao – disse a avó Lu com um sorriso. – Era um rei tão belo. E tinha um sorriso magnífico!

– Sinto muita falta do seu sentido de humor – declarou Feng. – O Gao tinha o dom de me fazer cuspir o vinho em jantares de família. Sabia escolher o melhor momento do jantar para contar uma piada e me apanhar desprevenido. – Sorriu ao alcançar o copo de vinho. – Nunca pensei que fosse sentir falta disso, mas sinto. Penso nele todos os dias.

– Então terei de trabalhar nas minhas piadas – disse Shen. – Para o deixar orgulhoso.

A avó Lu esticou o braço e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Ele já o está, certamente.

Rose queria dizer a Shen que as piadas dele já eram muito divertidas, que todos os dias a fazia rir, mas o momento estava a passar e ela sentia-se fora daquele círculo.

– Uma coisa eu sei – acrescentou Feng. – O meu irmão haveria de querer que o seu filho usasse a Coroa do Caminhante Solar.

Shen abanou a cabeça.

– Não preciso de coroa, tio. Alegra-me estar de volta.

– O nosso povo espera ver-te com ela – insistiu Feng, trocando um olhar com Kai que foi demasiado rápido para Rose interpretar. – Afinal de contas, agora que o príncipe herdeiro regressou, não podemos escondê-lo.

– Se mais ninguém quer usá-la, então eu ofereço-me como voluntária – disse Lei Fan, e convocou uma rabanada de vento que a arrancou da cabeça do pai. Agarrou-a e colocou-a, torta, na sua. – E que tal? – Sorriu. – O que acham?

A avó Lu esfregou os olhos e depois fingiu-se surpreendida.

– Quem é esta nova rainha que vejo diante de mim?

Rose soltou uma risadinha.

– É de facto muito atraente.

Shen sorriu-lhe do outro lado da mesa e o coração de Rose acelerou. Contudo, antes de conseguir perguntar-lhe como tinha sido a sua tarde ou dizer-lhe como estava encantador com a túnica nova, o olhar dele desviou-se para Lei Fan.

– Costumavas usar o cabelo assim, quando eras pequena – disse ele, e apontou para as duas tranças decoradas com fio de ouro. – Continua a ficar-te bem.

– Lei Fan, a Coroa do Caminhante Solar não é um brinquedo – interrompeu Feng. – Devolve-a ao Shen. Já!

– Só queria experimentá-la – murmurou Lei Fan. Tirou-a e entregou-a a Shen.

Kai bebeu um gole de uísque enquanto via a coroa passar pela mesa com um interesse que deixou Rose incomodada.

Shen aceitou a coroa e, por instantes, Rose pensou que iria deixá-la de lado, mas, então, ele pô-la na cabeça. Algo se contorceu dentro dela. Não sabia se eram ciúmes ou medo, sabia apenas que aquela fina tira dourada atava Shen a um lugar a que ela não pertencia e oferecia-lhe um futuro do qual ela não fazia parte.

– Tenho mesmo de a usar durante um jantar de família? – indagou. – Sinto-me um pouco ridículo.

– Não tanto como um príncipe que mal pôs o pé no seu próprio reino – comentou Kai por entre goles de uísque.

– Que príncipe tão belo – elogiou a avó Lu com um enorme sorriso. – Pareces-te muito com o teu pai.

Por fim, Shen olhou para Rose.

– E então? – disse, envergonhado. – O que achas?

– Fica-te muito bem – replicou ela, embora ainda não pudesse acreditar que estava a ver Shen com uma coroa.

– Agora que isto está resolvido, estou faminta – declarou a avó Lu, fazendo sinal a um dos criados. – Tragam a comida antes que eu ponha sal na coroa e a coma.

Em vez de vários pratos, os criados trouxeram enormes travessas para partilhar. Havia uma montanha de verduras cozinhadas com malaguetas, uma sopa rica e uma enorme galinha fumegante servida com gengibre e cebolas. Todas as travessas desprendiam um aroma delicioso e volutas de fumo. Os vegetais estavam tão picantes que Rose ficou com lágrimas nos olhos. Esvaziou o copo de vinho para acalmar a língua antes de se servir de outra travessa.

– Demasiado picante para ti, rainha? – Kai fez um esgar ao voltar a servir-se.

– É delicioso, mas um pouco picante, não? – disse Rose, olhando em redor. Contudo, mais ninguém parecia aflito. Shen já estava a servir-se pela segunda vez. – Nunca provei nada assim.

– Cultivamos as nossas próprias malaguetas na horta do palácio – disse Feng, muito orgulhoso. – Passei anos a aperfeiçoar o seu toque picante.

– Com a minha ajuda – interveio a avó Lu. – Sussurro às malaguetas quando estão todos a dormir. E elas crescem bonitas e picantes graças a mim.

– Surpreende-me que consigam cultivar o que quer que seja – comentou Rose, tentando chamar a atenção de Shen para que pudessem partilhar dois dedos de conversa –, a viverem sob o deserto durante dezoito anos.

– Tal como todas as coisas que vivem no deserto, o Reino Beijado pelo

Sol é resiliente. É capaz de sobreviver onde a maioria não seria capaz – retorquiu Feng, um pouco na defensiva. – Não precisamos de ninguém, apenas de nós próprios.

Shen tocava no anel de rubi que usava à volta do pescoço.

– Lamento ter demorado tanto tempo a encontrar-vos. Não sabia que tinha a chave. – Franziu o sobrolho. – Não sabia nada.

– Eras muito pequeno quando perdemos o nosso céu – disse a avó Lu, servindo-se de mais sopa. – Não te podes culpar.

– Mas, o que aconteceu? – Shen tocou no anel como se este pudesse sussurrar-lhe o seu passado. – Não me lembro. Num momento estava aqui com a minha família e, no momento seguinte, estava sozinho no deserto.

A avó Lu empurrou o prato da sopa para o lado e recostou-se na cadeira.

– Depois do assassinio do rei Keir e da rainha Lillith... – Calou-se para fazer um aceno de cabeça a Rose, em sinal de respeito. – ... Anadawn entrou em guerra com os bruxos e bruxas de Eana. Muitos deles ficaram satisfeitos com a contenda. Estavam zangados. Queriam recuperar o que os Valhart lhes tinham roubado, o que *continuavam* a roubar-lhes.

Rose pensou em Banba, a marchar para enfrentar toda a crueldade do exército de Rathborne, em Thea, a perder o olho na batalha, e em todos os outros que tinham perecido nessa altura. Não há muito tempo, vira os seus espíritos na floresta Lamentosa e ouvira os seus gritos em pesadelos.

– Mas a guerra de Lillith não era a nossa luta – disse Feng com frieza. – Durante centenas de anos, vivemos no deserto sem que os monarcas Valhart soubessem sequer da nossa existência. Tínhamos o nosso próprio sistema de governo, os nossos próprios reis. Por essa altura, tínhamo-nos separado de Eana. – Lançou um olhar significativo a Rose e ela não desviou o olhar. – Não queríamos que Willem Rathborne conhecesse a força dos nossos bruxos guerreiros, o poder das nossas tempestades, a celeridade dos nossos encantadores. Queríamos que nos deixassem em paz, como sempre tínhamos vivido. E por isso decidimos não nos juntar à batalha.

Shen irritou-se.

– Abandonaram as outras bruxas e bruxos? – Olhou para Feng e para a avó Lu. – Mas aqui havia milhares de pessoas. Podíamos ter mudado o rumo da guerra!

– Ou morrido com eles – contrapôs Feng.

– Não sabe isso – disse Shen. Olhou para Rose, que o fitou de volta e, por segundos, estavam unidos naquela ira.

– Falas tal e qual como a tua mãe, Shen Lo – disse a avó Lu, e suspirou. – A rainha Ai Li não foi capaz de ignorar o grito de ajuda das bruxas e bruxos. O teu pai e ela discutiram sobre o que deviam fazer. *Incessantemente*, devo acrescentar. No final, ela decidiu ir sozinha. Era uma das tempestades mais poderosas que alguma vez conheci. Ela acreditava que podia fazer a diferença.

– E o meu pai? – quis saber Shen, apertando os punhos sobre a mesa.

– O teu pai era um guerreiro formidável. Um rei formidável – respondeu

a avó Lu. – Ele ficou com o seu povo. Para os proteger. Para proteger o reino. Quando a tua mãe partiu, Gao pediu-lhe que nos escondesse, como tinha feito noutras ocasiões.

– O nosso reino moveu-se muitas vezes sob as areias – disse Feng, metendo-se na história. – Separado de Eana. Separado de Anadawn. – Olhou de novo para Rose e prosseguiu. – Mas sempre tivemos uma chave para o desenterrar. – Apontou para o anel de rubi que Shen usava ao pescoço. – A tua mãe deixou a chave com a pessoa que mais amava no mundo. No lugar mais seguro que lhe ocorreu.

Shen cerrou o punho sobre o anel, com os olhos cheios de medo. A vontade de Rose era apertar-lhe a mão, mas aquela não era a sua história. Estava novamente fora da bola de vidro, a olhar para dentro.

– Mas tu seguiste-a, Shen – contou a avó Lu com suavidade –, e ela não sabia. Perdeste-te no deserto e a chave perdeu-se contigo. – Olhou para as suas mãos, e Rose viu que tremiam. – Depois de a tua mãe ter morrido na guerra, a nossa única via de saída desapareceu.

Shen fechou os olhos e levou o punho à boca, como se estivesse a impedir-se de gritar pela mãe. A avó Lu prosseguiu.

– O teu pai acreditava que tinha perdido a mulher e o filho na guerra. A dor foi demasiada para ele. Mal durou um ano sob as areias antes de o coração falhar. Foi juntar-se à tua mãe, nas estrelas. – Abanou a cabeça e uma lágrima correu-lhe pela bochecha. – Durante todo este tempo, também pensávamos que estavas com eles. Como podia um rapaz tão pequeno sobreviver no deserto?

– A Banba encontrou-me – explicou Shen, paralisado. – Levou-me para Ortha. – Deixou cair a cabeça nas mãos. – E eu passei dezoito anos a usar este maldito anel ao pescoço.

– Não é culpa tua – disse Rose, interrompendo o silêncio antes que a sufocasse. – Como podias saber?

Kai clareou a voz.

– Até que é.

– Kai! – exclamou Lei Fan.

– O que foi? É verdade! Se ele não tivesse ido atrás da mãe...

– Era uma criança – interrompeu a avó Lu.

– Mas cresceu, não foi? E aqui está ele, muito amiguinho da rainha de Eana. – Kai elevou o copo vazio na direção de Rose. – Podia ter-nos procurado mais cedo. Podia ter-se esforçado mais. Toda a gente pensa que o ansiado príncipe herdeiro, o grande e acanhado Shen Lo, os salvou, mas fui eu que abri caminho pelo deserto até ter os pulmões e o estômago cheios de areia para salvar o nosso povo. E como *me* agradecem? – Olhou com má cara para a cabeça caída de Shen. – Não há uma coroa bonita para o Kai.

– Não te serviria – disse Lei Fan, usando uma rabanada de vento para lhe despejar as verduras no colo. – A tua cabeça é demasiado grande.

Kai bateu com o punho na mesa.

– Não é justo, e vocês sabem-no – resmoneou. – Nada disto é justo.

Shen levantou a cabeça.

– Não pedi nada disto.

Kai soltou uma gargalhada.

– Mas, mesmo assim, conseguiste-o, primo. É tudo teu.

– Já chega, Kai – disse Feng, com aspereza, e o seu filho remeteu-se ao silêncio, furioso.

Durante muito tempo, ninguém disse nada. E depois um criado entrou no pátio a correr.

– Ajudem-me! – exclamou, olhando para Feng e para Shen, não sabendo muito bem a qual se dirigir. – Está um lobo a uivar aos portões!

Rose pôs-se de pé.

– Eu trato disso.

– Vou contigo! – disse Lei Fan, levantando-se. – Nunca vi um lobo.

Rose esperou que Shen se erguesse também, mas ele voltou a concentrar-se na anciã como se nem tivesse visto Rose a pairar atrás do seu ombro.

– Conta-me mais, avó Lu – pediu ele. – Conta-me tudo.



Wren estava no cume das montanhas Fovarr e escutava a tempestade a gritar o seu nome. O sangue brilhava sob a sua pele, inundando-a de um poder cada vez maior. Projetava-se dela como uma melodia, e os fios carmesim da magia atravessavam o ar. Correu atrás deles pela serra nevada. Diante dos seus olhos, a maravilhosa cúpula do palácio de Grinstad brilhava como uma joia na escuridão.

Acordaste o príncipe do seu sono eterno, disse o vento com uma voz que, curiosamente, se parecia com a sua. Embora soasse um pouco mais antiga, mais obscura. *Que mais podes fazer, passarinho?* Ouviu o rugir distante das bestas do rei e sentiu que a sua magia se agitava em resposta. *Queres despedaçar as montanhas? Queres voar até à Lua?* Wren deu outro passo e quase pisou a cria de uma loba que dormia na neve. Levantou a mão sem querer e nela apareceu um punhal, prateado e brilhante. Deteve-se antes de o cravar na criatura.

– Não.

Porque não? perguntou o vento. *Deves tirar-lhe a vida. O sangue dar-te-á poder.*

Wren tentou livrar-se da faca e deu-se conta de que estava coberta de sangue. Olhou para baixo e, subitamente, a boca sabia-lhe a cinzas. Em vez da cria, viu uma pessoa enrolada aos seus pés. Rose fitou-a, tinha sangue na boca e a sua mão tapava uma facada no peito. Wren gritou, mas a tempestade arrastou o som para longe. A montanha tremeu sob os seus pés e, algures atrás dela, uma avalanche percorria a pendente em direção a elas. Wren lançou-se

para a irmã, porém a neve já a tinha engolido.

O lençol de gelo rodeou as pernas de Wren, em seguida a cintura e ascendeu até lhe chegar à altura do peito, prendendo-a à montanha. A respiração congelou dentro dela e o sangue transformou-se em gelo nas veias. A magia extinguiu-se dentro dela enquanto fechava os olhos. Depois instalou-se o silêncio e o vento amainou até restar apenas o sussurro de uma voz antiga oriunda de um canto esquecido da sua mente.

Quebra o gelo para quebrares a maldição. Liberta-me para te libertares.

Wren acordou a gritar, mas o som da sua aflição perdeu-se no ribombar ensurdecedor. O Sol ainda mal tinha nascido e as bestas do palácio rugiam. O lustre abanava e o jarro de água na mesa de cabeceira estremecia. Saltou da cama e correu até à janela, mesmo a tempo de ver uma avalanche de neve descer a montanha, atravessar os portões do palácio de Grinstad e enterrar o jardim até às sebes. Depois ficou tudo imóvel.

Wren agarrou-se ao parapeito.

– *Algas malditas!*

Horas mais tarde, quando a camareira chegou para lhe preparar o banho, Wren estava junto à janela.

– O que se passou esta madrugada, Klara? Pensei que o teto fosse cair.

– Foi uma avalanche. – Klara encostou a jarra de água quente ao peito e os seus olhos revelaram medo. – Há muito tempo que não tínhamos uma tão grande. Deve ter sido provocada pela tempestade.

– E hoje passou-se mais alguma coisa de estranho no palácio? – perguntou Wren, pensando no príncipe Ansel, que estava, tanto quanto ela sabia, vivo na silva.

Klara franziu o sobrolho.

– Não estou a entender.

– Não importa – retorquiu Wren, supondo que a jovem não sabia nada do príncipe. Ainda. – Não deixes que te prenda.

Klara dirigiu-se para a casa de banho.

– Acenderei a lareira assim que o banho estiver pronto.

Alguns minutos mais tarde, Wren afundou-se no banho de espuma e deixou que a água quente dissolvesse os restos do pesadelo. Voltou a pensar em Ansel e tentou imaginar onde estaria o príncipe recém-ressuscitado naquele momento. Depois de, na manhã anterior, Wren ter recuperado a consciência na câmara da masmorra, conseguira apenas trocar umas breves palavras com Ansel – que pensava que ela era Rose –, antes de Alarik se ter sentado, aturdido. O rei saltara para junto do irmão com a agilidade de uma criança, abraçando-o e puxando-o para si como se temesse que o feitiço pudesse quebrar-se a qualquer instante.

Wren observara aquele gesto com um misto de inquietude e incredulidade. Enquanto Alarik abraçava o irmão, ela examinou Ansel à procura de qualquer sinal de... bom, de falta de naturalidade. As suas costas

pareciam um pouco mais tensas e o sorriso demasiado rasgado. Depois, claro, havia a questão de ele pensar que Rose era a sua querida noiva e que estavam prestes a casar-se. Era como se não se recordasse da fatídica boda onde acabara morto. Contudo, Wren não teve oportunidade de dar voz a essas preocupações, pois, assim que se pôs de pé, Alarik lembrou-se de que ela também estava ali e mandou-a embora.

Wren não o culpava por isso. Queria certamente tirar a máscara de cruel indiferença e ser um irmão, não um rei. E não podia – *não devia* – fazê-lo diante de Wren. Por isso, ela fez o que lhe ordenou e saiu da câmara perante os olhares curiosos dos soldados, que tinham esperado na escuridão.

– O príncipe está vivo – informara ela, engolindo o resto da verdade: *por enquanto*.

Mais tarde, depois de voltar aos seus aposentos, abriu a pequena janela e vomitou um estômago cheio de cinzas até lhe doerem os pulmões. Quando as suas pernas cederam, meteu-se na cama, assolada por pesadelos, até àquele momento. Ainda se sentia exausta e notava o estranho vazio no estômago. Era como se alguém tivesse metido a mão na sua caixa torácica e lhe tivesse roubado um punhado de órgãos.

Depois do banho, Wren mirou-se ao espelho, à procura de alguma prova do que fizera com Alarik nas gélidas catacumbas, mas, com exceção de umas ligeiras olheiras, estava na mesma. Escovou o cabelo e aplicou creme facial, beliscando as bochechas para ganhar alguma cor. Aproximou-se do armário e ficou gelada ao ver um rato morto no chão.

– Merda. – O seu pequeno milagre estava novamente morto. Wren pegou na criatura e lançou-a ao fogo. Tentou não pensar no príncipe Ansel enquanto escolhia um vestido. Se ele tivesse sofrido o mesmo destino do rato, de certeza que Alarik já estaria a bater à sua porta, a exigir que repetisse o feitiço. Ou a sua cabeça numa bandeja. Mas o quarto andar do palácio de Grinstad estava em silêncio.

Wren escolheu um vestido azul-escuro com uma saia folgada, vestindo-o pela cabeça e atando-o na cintura. O lume já aquecia o quarto e toda aquela preocupação com Ansel estava a deixá-la demasiado quente e com as palmas das mãos a suar. Abriu a janela e inspirou um pouco do ar gélido da montanha ao mesmo tempo que contemplava os seus picos cobertos de neve. Avistou ao longe uma ave negra que voava no céu de marfim. Quando se aproximou, o seu peito prateado quase a cegou sob o sol da manhã. Sabia que era uma avestrelada mesmo antes de esta pousar no parapeito, mas isso não evitou que se afastasse dela.

– Carpa putrefacta! Que fazes aqui?

Gritou quando alguém bateu à porta do seu quarto. Inga assomou a cabeça e agitou um cartão.

– Para si, majestade.

Wren quase correu até à porta para lho tirar das mãos. Arregalou os olhos ao lê-lo. Era um convite para o pequeno-almoço... de *Anika*. A princesa

saberia de Ansel? Teria convidado Wren para lhe agradecer pessoalmente? Ou tratar-se-ia de outro assunto? Wren olhou para a avestrelada no parapeito e engoliu em seco. Não ansiava por partilhar a primeira refeição do dia com a azeda princesa gevrana, mas preferia o carácter imprevisível de Anika à monotonia daquelas quatro paredes, onde os seus pensamentos eram demasiado ruidosos. E, além disso, estava desesperada por saber notícias do príncipe Ansel.

Calçou os sapatos e dirigiu-se para o corredor, deixando que Inga a conduzisse até à sala de jantar. Era uma câmara comprida e estreita com janelas enormes com vista para os jardins de Grinstad, que incluíam um impressionante pátio flanqueado por arbustos, um labirinto de buxo e o lago congelado que quase matara Wren. Graças à avalanche daquela manhã, estava tudo tapado com neve.

– Bom, foste rápida – disse uma familiar voz maliciosa. – Deves ter escorregado pelo corrimão para chegares aqui tão depressa. Estás assim tão desesperada por companhia?

Anika estava sentada numa das extremidades da mesa de vidro esmerilhado. Tinha o cabelo carmesim afastado da cara num engenhoso coque que fazia com que as maçãs do rosto tivessem um aspeto ainda mais severo. Usava um vestido preto que lhe salientava as curvas e a sua raposa de estimação, a mesma que levava consigo para Eana, estava enroscada à volta do seu pescoço. Contudo, não foi o incomum cachecol da princesa que chamou a atenção de Wren, mas a pessoa que estava sentada perto dela.

– Celeste? – Pronunciou o nome como se fosse uma imprecisão. – O que raio fazes aqui?

Celeste arqueou as sobrancelhas.

– Isso não é maneira de saudar uma amiga, pois não?

Wren olhou de uma para a outra, tentando perceber o que raios se passava. A inesperada presença de Celeste explicava a avestrelada no parapeito de Wren, mas, para lá disso, não estava a entender.

– Suponho que a Celeste estava preocupada contigo – comentou Anika. – Tem estado a viajar no navio do irmão e decidiu passar para nos cumprimentar. Diz que teve saudades minhas e, embora tenha a certeza de que seja verdade, uma vez que sou adorável, creio que ela queria mesmo era assegurar-se de que não te tínhamos matado. – Mostrou um sorriso a Celeste. – Eu disse-te que ela estava bem.

– Estou a ver que sim – retorquiu Celeste, que estivera a olhar atentamente para Wren, sem dúvida à procura de sinais de maus-tratos. – E muito bem vestida.

– Apesar dos meus pedidos, não me deram nem um par de calças – disse Wren.

Anika fez beicinho.

– Pobre rainha. – A sua raposa levantou a cabeça e arreganhou os dentes. Wren fulminou ambas com o olhar.

– Então, convidaste a Celeste para vir aqui, como se não tivesses já deixado bem claro que odeias todos os eanos, e depois decides chamar-me para tomar este magnífico pequeno-almoço com ela? – Wren apontou para a montanha de panquecas, ao lado de uma jarra de xarope de ácer e de uma taça com frutos silvestres. Também havia uma travessa com *bacon*, salsichas e ovos mexidos. – Em vez de, oh, não sei, a trancares num aposento no quarto andar e pores um soldado a guardar a porta para ela não poder sair.

Anika riu como uma hiena.

– A tua ignorância é hilariante. Sabes, há uma diferença *crucial* entre tu e Lady Celeste Pegasi.

Wren ocupou o lugar à frente de Celeste.

– Por favor, esclarece-me – pediu, enquanto mordiscava uma fatia de *bacon*.

– A Celeste não matou o meu irmão.

Wren perdeu o apetite e pousou o *bacon* no prato.

– Eu não matei o teu irmão, Anika.

– *E* ela é muito divertida – prosseguiu Anika, como se não a tivesse ouvido. – Aprecio a sua companhia.

Celeste sorriu a Wren por cima de uma pilha de panquecas.

– Tenho esse efeito nas pessoas.

– Não em mim – contrapôs Wren.

– Isso é porque tens o péssimo hábito de fazer coisas estúpidas. E depois cabe-me a mim ter de te repreender.

Wren cruzou os braços.

– Foi isso que vieste aqui fazer? *Repreender-me*?

Celeste sacudiu uma migalha na mesa.

– Claro que não. Vim tomar o pequeno-almoço com a Anika. E saber como estavas, claro. A Anika é que teve a ideia de te convidar.

Wren conhecia Celeste suficientemente bem para saber que a amiga estava a mentir. A ruga no nariz traía os seus verdadeiros sentimentos. Estava preocupada com Wren, mais do que antes. Celeste alcançou uma panqueca.

– Então, Wren, que tens feito desde a última vez que te vi?

– Oh, um pouco disto, um pouco daquilo. Já alguma vez ficaste a ver a neve a cair durante horas e horas? É extraordinariamente aborrecido.

– Ela fez um acordo com o Alarik – interveio Anika. – Ao início, eu fui contra, mas ele convenceu-me a dar-lhe uma oportunidade de se redimir.

Wren olhou de soslaio para a princesa, supondo pelo seu tom casual que ainda não devia saber de Ansel. Que estranho.

– Sim? – Celeste meteu um fruto silvestre na boca. – Que tipo de acordo?

Anika empurrara Wren para território perigoso. Não seria boa ideia falar do feitiço a Celeste.

– O Alarik concordou em libertar a Banba – respondeu Wren num tom vago. – Só tenho de... ajudá-lo primeiro numa tarefa.

Celeste pousou o garfo.

– Que tipo de tarefa?

Wren tossicou.

– Continua – incitou Anika. – Ou preferes que seja eu a fazer as honras?

A jovem lançou-lhe um olhar furioso. Estava prestes a responder quando a porta da sala de jantar se abriu e o príncipe Ansel entrou, poupando-lhe o trabalho.

– Bons dias! Sinto o doce odor do xarope de ácer? Ah! Querida irmã, vejo que aprecias o pequeno-almoço com a minha futura noiva. – Abriu um sorriso tão grande que era possível contar-lhe todos os dentes. – Acho que vocês as duas vão ser as melhores amigas.

Anika gritou. A raposa sibilou. Celeste pôs-se de pé e brandiu a faca da manteiga.

– Esse tipo de tarefa – disse Wren, recostando-se na cadeira.



Os passos de Rose ecoaram na escuridão enquanto corria pelas ruas vazias de Ellendale. As chamas lambiam-lhe os calcanhares ao mesmo tempo que as flechas sibilavam junto às suas orelhas. Ouvia Barron a chamá-la. Volta, bruxinha. Tenho uma flecha especial para o teu coração pútrido. O ar explodiu em redor de Rose. As chamas elevaram-se da calçada e atacaram-na. Tropeçou nos seus próprios pés, mas, quando caiu, os seus joelhos aterraram na neve. Sentiu o frio percorrê-la. Levantou a cabeça e, no meio da tempestade, viu a irmã diante dela.

Wren, gritou Rose, com um enorme alívio. *Ainda bem que estás aqui.*

Contudo, a sua irmã gémea não respondeu, limitando-se a sorrir enquanto levantava um punhal e o enterrava no coração da irmã.

Rose acordou com um grito atravessado na garganta. Respirou com dificuldade e alcançou o copo com água na mesa de cabeceira. Esvaziou-o, na tentativa de apagar a imagem da irmã a apunhalá-la no coração assim como o medo crescente de que, nas montanhas de Gevra, Wren estivesse a transformar-se em Oonagh e a maldição das gémeas encontrasse um novo corpo na sua irmã.

Para com isso, disse Rose com os seus botões. *Foi apenas um sonho.*

E não era vidente. Graças aos céus. Olhou para o relógio e percebeu que só dormira vinte minutos. Estava surpreendida por ter conseguido sequer adormecer. A inquietação de Rose não tinha nada que ver com o quarto que lhe fora dado, pois era bastante luxuoso. A cama tinha almofadas suficientes e sedas coloridas que oscilavam com a brisa do deserto. Lei Fan emprestara-lhe

um suave pijama de linho e *Elske* dormitava aos seus pés. Era quase meia-noite e o palácio da Luz Eterna estava em silêncio. Ainda assim, Rose não era capaz de se aquietar.

Shen não viera ver como ela estava. Rose tinha tanta certeza de que ele viria que passara horas vestida. Escovara o cabelo enquanto esperava por ele sentada no toucador. Depois na mesa. No assento sob a janela. Passeara pelo quarto enquanto os minutos se transformavam em horas e, mesmo assim, nada. Não se apercebera o quanto se habituara à sua atenção. Em Anadawn, Shen estava sempre por perto, acompanhando-a em passeios pelo jardim, trazendo um livro para ler ao lado dela na biblioteca, perguntando-lhe como estava, elogiando-a e oferecendo-lhe apoio quando precisava.

Enquanto Rose permanecia na cama, a olhar para o teto, repreendeu-se por tomá-lo como garantido. Mostrara-se tão reticente a abrir um espaço para ele no seu futuro e agora, ali estava ela, no reino dele, onde não havia lugar para ela. Mas talvez fosse melhor assim. Que fazia ela a fantasiar com um rapaz? Tinha coisas mais importantes em que pensar. Como tirar Wren e Banba de Gevra (porque era evidente que a sua irmã estava metida em problemas). E lidar com os Flechas (que estavam a revelar-se um problema maior do que Rose acreditara inicialmente). E governar Eana, pelas estrelas! Era uma mulher ocupada. Era uma *rainha*. Não uma leiteira apaixonada. Quanto mais depressa voltasse para Anadawn, melhor.

Ouviu uma pancada na porta. Rose sentou-se na cama.

– Quem é?

A porta abriu-se, e Shen entrou, ainda com a roupa do jantar.

– Esperava que ainda estivesse acordada.

– Estava a começar a adormecer – mentiu Rose.

Shen fechou a porta e a Rose secou-se-lhe a boca ao dar-se conta de que, por fim, estavam juntos e sozinhos numa divisão. Longe de olhares indiscretos. Ali não havia videntes. Nem Kai. Apenas Rose e Shen. A jovem olhou para a loba que dormia ao fundo da sua cama. Bom, *quase* sozinhos. Shen observou-a, por instantes.

– Esta cama é grande o suficiente para te perderes nela.

– Lembra-te o dia em que me raptaste da minha cama, em Anadawn? – perguntou Rose, contendo um sorriso. – Não te ponhas com ideias.

Shen abanou a cabeça ao mesmo tempo que se aproximava.

– Tenho muitas ideias, mas raptar-te dessa cama não é uma delas.

Rose corou e puxou o lençol para cima.

– Como estás? Este dia foi...

– Demasiado. – Shen apontou para a cama. – Posso sentar-me?

– Claro – respondeu ela, e deu umas palmadinhas no espaço ao seu lado.

Shen passou a mão pelo cabelo ao ocupar o lugar que ela lhe indicou. Já não estava a usar a coroa e, embora não soubesse explicar porquê, Rose ficou aliviada.

– É difícil acreditar que isto é real – admitiu ele. – Não deixo de pensar

que é um sonho e que, a qualquer instante, vou acordar na floresta nos arredores de Thornhaven. Sinto... Não sei...

– O quê? – quis saber Rose, consciente da dor na cara do jovem.

Ele inspirou ruidosamente.

– Não deixo de sentir que é culpa minha eles terem ficado presos durante tanto tempo. Devia ter percebido, Rose. Devia ter feito alguma coisa.

– Eras uma criança, Shen. Não te podes culpar. O que importa é que agora os encontraste. Salvaste-os.

Shen abanou a cabeça.

– Mas nunca recuperarei esses anos. Anos em que podia ter estado aqui com a minha família. E eles também nunca os recuperarão. – Olhou para as mãos. – E ninguém parece ressentido. Passámos a noite a jogar às cartas. O Feng partilhou histórias sobre ele e o meu pai quando tinham a nossa idade. E foi bom. Foi *normal*. – Rose tentou não mostrar que estava magoada pelo facto de Shen não a ter convidado. – O Kai lançou algumas farpas, mas acho que até isso me pareceu normal – prosseguiu. – E, para te ser sincero, fico satisfeito. Creio que ficaria mais incomodado se de repente comesse a tratar-me como... – Calou-se.

– Como um príncipe?

Shen riu, com algum pesar.

– Isso ainda me soa estranho. Nem sequer sei o que fazer com esse título. – Fitou-a, com os olhos a brilhar. – Acho que começo finalmente a compreender o que tu e a Wren devem sentir a toda a hora.

Rose pegou-lhe na mão.

– Não te preocupes. Quando estivermos de volta a casa, em Anadawn, resolveremos isto juntos.

Shen inclinou a cabeça.

– Rose – disse com suavidade. – Eu estou em casa.

A jovem temera no mais fundo do seu ser que ele dissesse aquilo, mas escutar as palavras foi como apanhar com um balde de água fria.

– Sim, claro que esta é a tua casa – apressou-se a dizer. – Ou, pelo menos, uma delas. Um lugar que podes visitar sempre que desejares. Mas fica tão longe de Anadawn. E temos tanto para fazer lá. Temos de elaborar uma estratégia contra o Barron e os Flechas antes que reúnam mais adeptos e temos de garantir que a Wren regressa de Gevra inteira. – Forçou uma gargalhada. – Sabes como ela consegue ser imprudente.

Shen não estava a rir. Olhava para as mãos deles, entrelaçadas sobre a cama.

– *Tu tens de fazer todas essas coisas, Rose. Tu és a rainha de Eana, como me recordaste tantas vezes.* – Libertou os dedos dos dela com um sorriso tão triste que lhe quebrou o coração. – Não posso andar sempre atrás de ti. Sei que nunca fiz parte do teu destino. E está tudo bem, porque agora compreendo o meu. Preciso de estar aqui. Este é o meu lugar.

O teu lugar é junto a mim, cogitou Rose, mas deteve-se antes de

pronunciar as palavras em voz alta. Ardiam-lhe os olhos e desviou o olhar.

Shen acariciou-lhe a bochecha.

– Vais ficar bem sem mim. És mais forte do que pensas.

Rose susteve a respiração e encostou-se à mão dele. O mundo à sua volta desapareceu e ficaram os dois sozinhos naquela cama, Shen a acariciar-lhe a face, os seus lábios prestes a tocarem-se...

– Preciso de ti ao meu lado, Shen – sussurrou ela. E dizia-o do fundo do coração. Fechou os olhos à espera de sentir os lábios deles nos seus, mas Shen afastou-se.

– Não posso, Rose. Lamento.

A rainha abriu os olhos e corou ao ver o arrependimento a brilhar no olhar de Shen. Afastou-se dele com toda a dignidade que conseguiu reunir.

– O que quero dizer é que preciso de ti por causa dos Flechas – declarou ela, aclarando a voz. – Todos os bruxos e bruxas do Reino Beijado pelo Sol são bem-vindos, mas os guerreiros interessam-me em particular, por razões óbvias. – Esboçou um sorriso estudado. – Será uma forma maravilhosa de juntar os soldados de Anadawn e os bruxos e dar assim poder a todo o país, não achas? E, claro, quando o Barron vir o impressionante poder do nosso exército deporá de imediato as armas. Só um louco lutaria contra nós.

Shen franziu o sobrolho.

– As pessoas deste reino viram o sol pela primeira vez em dezoito anos. Há crianças aqui que nunca tinham visto o céu. Não posso apressá-los para uma batalha.

– Mas disseste que nos ajudariam – lembrou Rose, recordando a conversa que tinham tido há poucos dias nas margens do rio, às portas de Ellendale. Parecia ter sido há uma eternidade. – Disseste que *nos* ajudariam.

– Não ouviste a avó Lu esta noite? A minha mãe morreu a lutar numa guerra que não era sua.

– A tua mãe era uma bruxa – afirmou Rose, esforçando-se por não levantar a voz. – Queria defender as suas irmãs e irmãos bruxos. Tal como eu agora preciso que me ajudes a defendê-los dos Flechas.

Ele continuava a abanar a cabeça.

– Se ela tivesse ficado, o reino não se teria perdido. Ela não teria morrido. Não entendes? O meu pai escondeu este lugar para o manter a salvo da guerra.

– Mas o príncipe agora és tu – disse Rose, desesperada. – Irão dar-te ouvidos.

– Não os obrigarei a lutar, Rose.

Shen levantou-se.

– Então, vais ficar sentado e deixar que o Edgar Barron reúna um exército contra Anadawn? Não queres saber de mim e da Wren? – perguntou, desviando as cobertas. – Não queres saber das bruxas de Ortha? Do teu próprio país?

Shen começou a andar de um lado para o outro.

– Claro que tudo isso me importa. Mas preciso de tempo para perceber tudo isto. Já não é assim tão simples. Sou um líder. Tenho de pensar no que é melhor para o meu reino. Tu devias compreender isso.

– O que eu *compreendo* é que o teu reino fica no *meu* deserto, Shen – disse Rose com os dentes cerrados. – Compreendo que, como tua rainha, estou a pedir um sinal de lealdade.

Shen estacou.

– E eu estou a dizer-te como teu *amigo*... – Fez uma pausa, e a palavra flutuou entre eles como uma nuvem de tempestade. – ... que preciso de estar aqui.

Rose pôs de lado os seus sentimentos. Depois de tudo o que tinham passado, ele sabia que aquela palavra era a que mais a magoaria.

– Anadawn precisa do apoio do Reino Beijado pelo Sol, Shen. Não é um pedido. É uma ordem. – Arrependeu-se assim que pronunciou as palavras, mas não podia retirá-las. Tinha marcado a sua posição e agora tinha de a defender.

Os olhos de Shen faiscaram.

– Não te devo nada, Rose. E o meu reino também não. O Feng falou-me de um tratado que foi assinado pelos nossos antepassados há muito tempo. E esse tratado dá-nos soberania e permite-me tomar as minhas próprias decisões.

– Estás a falar do quê? – perguntou Rose, num tom acalorado. – Nunca ouvi falar desse tratado.

– Também nunca tinhas ouvido falar deste reino até me conheceres – recordou Shen. – Talvez existam algumas coisas que desconheças.

– Estás a ser injusto – atirou Rose.

– E tu estás a ser egoísta – devolveu ele. – Este reino não te pertence. E eu também não.

Rose recuou como se tivesse sido atingida. Shen saiu e bateu com a porta com tanta força que *Elske* acordou com um grunhido. Quando o eco dos seus passos se desvaneceu, Rose enterrou a cara na almofada e chorou.



De manhã, Rose estava decidida. Ia para casa. Já tinha feito o que a levara ali e, com a rebelião a agitar-se em Eana, cada minuto longe de Anadawn contava. Vestiu novamente o seu vestido manchado, guardou a escova de cabelo e o espelho na sacola e preparou-se para abalar com *Elske*.

Levaria *Storm*. Shen podia ao menos emprestar-lhe o seu cavalo, já que não lhe oferecia a força do Reino Beijado pelo Sol. O *seu* reino, recordou a si própria. Segundo um qualquer tratado antigo, no qual ela nunca pusera os olhos, Shen Lo não lhe devia nada. Nem a sua lealdade. Nem o seu coração. Que tola fora ao dar-lhe o seu.

Elske caminhava ao lado de Rose enquanto ela percorria os corredores do palácio, banhados pelo sol. A porta do quarto de Lei Fan abriu-se quando ela ia a passar e a tempestade saiu, envergando um pijama amarelo-claro.

– O que fazes a pé tão cedo?

– Podia perguntar-te o mesmo – disse Rose.

Shadow saiu do quarto e roçou-se na perna de Lei Fan. Esta abriu os braços e inclinou a cabeça para trás.

– Quero absorver o máximo de sol possível– disse ela. – Já me tinha esquecido de como é maravilhoso. – Como se concordasse, *Shadow* deitou-se de costas e ronronou de contentamento ao sentir os raios de sol no pelo. Era óbvio que *Elske* não o assustava e a loba limitou-se a fitá-lo com curiosidade.

Rose observou como a luz dançava no rosto de Lei Fan e voltou a pensar na enorme mudança que o reino e a tempestade estavam a viver.

– Alegra-me que possas finalmente apreciar o sol – disse ela. – Fico feliz por ti, e pelo teu gato, e pelo teu reino. E... – Embargou-se-lhe a voz – E pelo Shen. – Clareou a voz. – Mas tenho assuntos urgentes para tratar em Anadawn. Por favor, agradece por mim ao teu pai a sua hospitalidade. Tenho mesmo de ir andando.

Lei Fan abriu muito os olhos.

– Vais-te embora? Agora? Mas ainda ontem chegaste!

Rose fez um sorriso tenso.

– O dever chama-me.

– Mas ainda nem sequer viste a cidade! – exclamou Lei Fan. – E esta noite é o Festival do Sol Dançante! Tens de ficar pelo menos para isso.

– Nunca ouvi falar desse festival... – comentou Rose, com curiosidade.

– Mas não importa. O meu país precisa de mim.

Lei Fan franziu a testa.

– O Shen falou-me do horrível Barron e dos seus Flechas.

Rose pestanejou, surpreendida.

– Nós damo-nos bem – explicou Lei Fan. – O Shen sabe que pode confiar em mim.

– Bom, tenho de regressar precisamente por causa desse assunto, antes que o meu país seja tomado por eles – explicou Rose, com franqueza. – Pensei que o Shen seria meu aliado, neste país, mas ele prefere pensar noutros assuntos.

– É provável que esteja preocupado com a cerimónia de hoje à noite – explicou Lei Fan, sabendo do que falava. – Outra razão para ficares um pouco mais! É o festival mais mágico do ano. E, agora que temos o nosso céu de volta, podemos celebrá-lo *finalmente*. Por favor, não te vás embora dessa forma tão amarga. Sei que o meu primo iria detestar.

Rose apertou as asas da sacola. Se ficasse mais um pouco, talvez Shen e ela tivessem a oportunidade de voltar a conversar. Por mais zangada que estivesse, sabia que o dia anterior tinha sido esmagador para Shen. Tinham ambos dito coisas que não sentiam. Talvez hoje fosse diferente. Talvez ele

agisse mais como o Shen que ela sempre conhecera. E, além disso, era de uma terrível má educação ir-se embora sem se despedir.

– Fica mais uma noite – implorou Lei Fan. – Podes ir embora amanhã, se não estiveres demasiado cansada de tanto dançar. Não te arrependers, prometo.

Rose olhou para o vestido manchado e amarrotado.

– Achas que podias emprestar-me outro vestido?

Lei Fan convocou uma rajada de vento que escancarou a porta do quarto de par em par e assustou *Shadow*, que soltou um miado furioso antes de fugir pelo corredor.

– Entra no meu empório.



Antes de pôr de lado as preocupações, Rose enviou uma carta a Thea, garantindo-lhe que não demoraria a chegar, e outra a Fathom, perguntando-lhe sobre o tratado que Shen mencionara na noite anterior. Sabia que não mudaria nada entre eles, mas, como rainha de Eana, Rose tinha de investigar, pelo seu povo e pelo Reino Beijado pelo Sol.

Passou o resto do dia na companhia de Lei Fan, experimentando vestidos e petiscando comida deliciosa. Ficou maravilhada com todas as divisões do palácio, incluindo o Salão dos Tesouros, que continha de tudo, desde jarras de porcelana pintada a gigantescas tapeçarias de seda tecidas com fios de ouro e prata, móveis ornamentados e cálices repletos de joias. Havia joalharia antiga e livros de feitiços, rubis do tamanho de punhos e opalas de todas as cores. Na cozinha, descobriu cinquenta ervas e especiarias das quais nunca tinha ouvido falar e a biblioteca estava cheia de bonitos livros de arte, poesia e literatura.

– E aqui é a armaria – anunciou Lei Fan, desviando uma parede inteira de «cabelos de anjos» num dos pátios inferiores para mostrar uma estreita porta de madeira.

Rose ficou boquiaberta ao entrar. Do teto pendiam centenas de machados e de espadas com as lâminas a brilhar. Também viu chicotes e bastões, armaduras de ouro, de prata e de bronze, e uma secção de arcos e flechas com pontas de aço. No centro da sala havia uma mesa com punhais organizados por tamanho.

– Nunca imaginei que as armas pudessem ser tão belas – comentou Rose ao passar o dedo pelo cabo de couro de uma espada de dois gumes.

– Os ferreiros do Reino Beijado pelo Sol orgulham-se muito do seu trabalho – disse Lei Fan. – Acreditam que na batalha, tal como na morte, deve haver sempre honra e respeito. – Tirou um punhal com diamantes incrustados da mesa e segurou-o pela extremidade. – Se vão apunhalar-te no coração, mais vale que seja com uma lâmina assim tão brilhante, não achas?

Rose lembrou-se do pesadelo em que vira Wren a pairar sobre ela na neve, com uma sede de sangue no olhar. Pestanejou para afastar aquela recordação.

– Nunca pensei nisso assim. Embora preferisse que não me apunhalassem.

Lei Fan abriu uma gaveta escondida e tirou dois ganchos cor de âmbar afiados como lâminas.

– Estes são os meus preferidos. Pertenceram à mãe do Shen, a rainha Ai Li. Era uma poderosa tempestade, mas também sabia lutar. Foi o próprio Gao que a treinou e, quando casaram, ele ofereceu-lhe estes ganchos. – Suspirou ao guardá-los. – Não se lembrou de os levar para a guerra. Embora, também não sei se teriam feito muita diferença.

– Parece-me que era muito corajosa – disse Rose, pensando em Shen, que tinha claramente herdado a coragem da mãe. Rose nunca o tinha visto fugir de uma luta, nem esperado que ele alguma vez o fizesse. Não era capaz de compreender porque o fazia *agora*. De que servia ter uma armaria repleta das melhores armas de Eana se não estavam dispostos a lutar pelo seu país? Pelo seu povo?

– Rose? – Lei Fan acenou diante da cara de Rose. – Estás bem? Ficaste tão calada.

Rose afastou a frustração que sentia e sorriu a Lei Fan.

– Vamos preparar-nos para o festival? Tinhas razão, ainda bem que decidi ficar.



– Estou morto de fome! – declarou o príncipe Ansel ao entrar na sala de jantar, ignorando a faca da manteiga que Celeste lhe apontava. Sorriu ao ver Wren. – Bom dia, minha flor! Estás radiante como sempre.

Wren viu Ansel aproximar-se dela e sentiu-se angustiada. A pele dele tinha um estranho tom acinzentado e o branco dos olhos estava amarelo. Podia jurar que no dia anterior ele tinha um aspeto mais humano.

– Que festim! *Oooh*, isso é xarope de ácer? Adoro!

Abateu-se na cadeira ao lado de Wren, mergulhou cinco fatias de *bacon* no jarro do xarope e meteu-as todas na boca. Anika, que ainda parecia em choque, conseguiu pronunciar uma palavra.

– Ansel?

– Sim, querida irmã? – A cabeça caiu-lhe para o lado por instantes antes de voltar a endireitá-la com um estalido doentio.

Anika agarrou-se às costas da cadeira.

– Acho que vou desmaiar. – A raposa arreganhou os dentes a Ansel, saltou para o chão e foi esconder-se debaixo das saias dela.

– Calma – disse Wren, tentando seguir o seu próprio conselho. – Respira. Está tudo bem.

– *Bem?* – repetiu Anika, inalando a palavra. – Olha a pele dele. O sorriso! Quase lhe vejo as amígdalas!

Celeste pousou a faca da manteiga e inclinou-se sobre a mesa para ver melhor o príncipe.

– Não compreendo. De *onde* vieste?

Ansel sorriu de novo e deixou entrever o pedaço de *bacon* que estava a mastigar.

– Celeste, essa não é uma conversa apropriada para o pequeno-almoço. – Baixou a voz e inclinou a cabeça para o lado enquanto falava. – A minha mãe e o meu pai amavam-se muito e, com o tempo, e debaixo das cobertas, claro, esse amor resultou no Alarik, na Anika e em mim.

– Porque é que ele se comporta assim? – indagou Anika.

– Porque não é ele – respondeu Celeste. – O verdadeiro Ansel está morto. O que quer que isto seja... não é natural. – Por instantes, pareceu disposta a saltar por cima da mesa para estrangular Wren, mas depois recostou-se na cadeira e cruzou os braços. – O que é que fizeste, Wren? *E como o fizeste?*

– É uma longa história.

– Então é melhor começares já.

Wren preferia comer o próprio punho a contar a Celeste que usara magia de sangue, que era proibida. Não se ia declarar culpada de um dos piores crimes que uma bruxa podia cometer. Ou acreditar nas fatídicas palavras que Glenna lhe sussurrara em Anadawn. *Cuidado com a maldição de Oonagh Avestrelada, a rainha bruxa perdida. A maldição corre em sangue novo. Vive em novos ossos.*

– Hora do chá! – Ansel alcançou o bule e encheu a sua chávena até esta transbordar, não se detendo nem quando o líquido a ferver lhe chegou ao colo. – Lembras-te do chá que tomámos em Eana, Rose? Eu disse-te que aqui também poderíamos tomar chá. Temos tudo o que precisas. – Segurou o bule distraidamente enquanto o vapor se elevava das suas pernas em forma de volutas. – É por isso que ficaremos juntos para sempre. E sempre e sempre e...

– Ansel, pousa o bule. – Wren teve de lho arrancar das mãos.

– É um truque – disse Anika, afastando-se da mesa. – É algum tipo de maldição. Amaldiçoaste-o! – Apontou um dedo acusador a Wren. – Farei com que te enforcuem.

Wren levantou as mãos.

– Calma, Anika, não te precipites.

Celeste levantou-se da mesa e aproximou-se da princesa antes que esta se lançasse a Wren.

– Não é um truque, Anika – declarou, colocando as mãos nos ombros agitados da princesa. – Ela simplesmente não sabia o que estava a fazer. – Celeste fulminou a amiga com o olhar. – É raro saber.

Wren mordeu a língua. Irritava-a que Celeste tivesse razão.

– Não importa – disse Anika. – Vou falar sobre isto com Alarik. *Já.*

– Referes-te ao Rei Belo Adormecido? – cacarejou Ansel. – Está lá em cima a dormir como um urso polar. Passámos a noite acordados, a conversar como papagaios, mas o nosso querido rei das bestas não foi capaz de acompanhar a minha passada. Ah! – Abriu muito os olhos amarelos até as íris

flutuarem dentro deles. – Acreditam que eu não preguei olho?

– Sim – disse Celeste num tom monocórdico.

A raposa de Anika rosnou aos pés dela. Ansel rosnou-lhe de volta e a raposa fugiu assustada.

– Raposa atrevida. – Ansel riu e esticou a mão para se servir de mais xarope, mas, acidentalmente, bateu com o dedo mindinho na jarra. Wren ficou horrorizada quando o dedo caiu na travessa do *bacon*, mas o príncipe nem sequer pestanejou.

Wren engoliu a bÍlis que lhe chegou à garganta e, enojada, esticou a mão para o dedo.

– Deixa-o – ciciou Celeste. – Só vais piorar a situação.

Anika passou a mão pelo cabelo, desfazendo o coque.

– Queres dizer que o Alarik já *sabe* disto? – perguntou ela, irada.

Celeste abanou a cabeça, incrédula.

– O que te levou a fazer uma coisa tão estúpida?

– Fi-lo pela Banba – explicou Wren, na defensiva. – Não tive escolha. O Alarik prometeu à Anika que arranjaría uma maneira de trazer o Ansel de volta. Para que pudessem ser novamente uma família.

– Mas não assim! – guinchou Anika. – Pelo grande *Bernhard*, o dedo acabou de cair! Se a nossa mãe descobre, se percebe no que se transformou o seu querido Ansel, cai para o lado! Ela já mal come e dorme. Raramente sai do quarto. *Isto* vai ser o fim dela!

– Ela não descobrirá – apressou-se Celeste a garantir. – Vamos conter a situação. E depois vamos resolvê-la.

– Mas como? – gemeu Anika.

Celeste lançou um olhar de fúria a Wren.

– Leva-o daqui. Depressa.

Wren levantou-se e agarrou o príncipe pelo braço.

– Que tal um passeio, Ansel?

O jovem pôs-se de pé e derrubou a cadeira. Meteu uma panqueca no bolso enquanto Wren o arrastava para longe da mesa e em direção ao corredor. Estava ainda a tentar perceber o que podia fazer com o príncipe ressuscitado quando Tor contornou uma esquina e deu de caras com o par. Estacou e ficou de queixo caído ao ver o príncipe.

– Tor! É impressão minha ou estás ainda mais alto? – Ansel espetou o dedo no peito de Tor e depois apertou-lhe o nariz. – Apanhei-te!

Tor semicerrou os olhos enquanto assimilava a aparência de Ansel. Cerrou os maxilares ao mesmo tempo que olhava para Wren por cima da cabeça do príncipe e a sua expressão de horror deu lugar a algo muito pior. Traição.

– Não posso crer que fizeste isto.

Wren agitou-se, incomodada.

– Para ser sincera, eu também não.

– Porquê essa cara, Tor? – Ansel tirou a panqueca do bolso e agitou-a. –

Talvez uma pequena panqueca te anime.

Tor passou a mão pelo cabelo e esforçou-se por manter um tom calmo.

– O Alarik sabe...

– Sim – disse Wren. – Mas está a dormir.

Ansel continuava a agitar a panqueca como se fosse um lenço.

– Quando casarmos, *tens* de acenar desta maneira, querida! Vamos chamar-lhe o Aceno da Panqueca! O povo vai adorar!

Wren agarrou-lhe o braço e baixou-o.

– Ansel, por favor, guarda a panqueca. – Virou-se para Tor. – Explicarei tudo mais tarde – disse-lhe, com urgência na voz. – Mas agora preciso da tua ajuda. A rainha Valeska pode ficar a saber disto a qualquer instante. A Anika já teve um ataque e, para ser sincera, não a culpo.

Tor inclinou a cabeça.

– E culpas quem, Wren?

Wren detestava a acusação que via nos olhos dele.

– Eu conserto isto. Ajuda-me apenas a levá-lo para o meu quarto antes que a coisa piore.

– E quando o Alarik acordar?

– Atravessarei essa ponte quando lá chegar – retorquiu Wren, empurrando-os pelo corredor. Estremeceu ao pensar no que a esperava, e a Banba, se não arranjasse uma maneira de compor aquilo. E depressa.



A Lua ia alta no céu quando o ar do deserto começou a vibrar de emoção. Rose ficara surpreendida com a hora tardia a que começava o festival, mas Lei Fan explicou-lhe que era costume dar início à celebração à meia-noite, para poderem dançar e apreciar o festim até ao nascer do sol.

– E depois – continuou Lei Fan, que estava a arranjar o cabelo ao espelho –, quando o sol nascer, envolverá o Shen Lo com os seus raios dourados e transformá-lo-á no novo rei solar.

Um rei, pensou Rose, enquanto apertava a tira de seda em volta da cintura. Ainda mal se tinha habituado ao facto de Shen ser um príncipe.

– Mas, se acreditavam que o Shen estava morto, por que razão o teu pai não se tornou rei?

– Não podes ser coroado rei sem a bênção do Sol. – Lei Fan enrugou o nariz enquanto torcia uma parte do cabelo para fazer um nó intrincado. – É por isso que fazemos o festival. O meu pai governou como regente, à espera do dia em que fôssemos novamente desenterrados.

– E depois o Shen regressou a casa. Ele não devia estar à espera disso.

Lei Fan sorriu.

– O nosso verdadeiro rei regressou com o sol. O meu pai nunca foi um verdadeiro rei. Embora ele goste de pensar que é. Adora mandar em toda a gente. Especialmente em mim. – Revirou os olhos. – A sério, surpreende-me a facilidade com que ele entregou a Coroa do Caminhante Solar. A avó Lu costumava brincar dizendo que ele dormia com ela. – Os olhos da jovem brilharam ao encontrarem os de Rose ao espelho. – Não, não! – exclamou,

abanando a cabeça. – Estás a pôr mal essa parte! Espera, eu ajudo-te. – Levou a tira de seda ao ombro direito de Rose e atou-a num bonito nó. – Pronto! Agora está perfeito.

Rose exibia um vestido da cor do fogo. Ao mover-se, a diáfana seda mudava de cor, primeiro era de um vermelho pronunciado e depois tornava-se cor de âmbar, antes de se tornar ocre e açafrão e tinha fios dourados iridescentes que o faziam brilhar sob a luz das velas. O modelo tinha um corte atrevido que lhe deixava o ombro esquerdo descoberto. Ajustava-se na cintura com uma fita e caía até aos pés com uma miríade de cores.

Lei Fan insistiu em pintar os lábios de Rose de vermelho e maquilhara-lhe os olhos com uma sombra dourada, para depois os delinear a preto. Afastara o cabelo da cara com dois ganchos com rubis, e o resto caía pelas costas. De repente ouviu-se um gongo. Rose sentiu as vibrações sob os pés.

– Vamos – incitou Lei Fan, dando-lhe a mão. – Vai começar!

Os encantadores do Reino Beijado pelo Sol tinham estado ocupados. As estátuas douradas estavam vivas, e os cavalos relinchavam elevando-se nas patas traseiras uma e outra vez. O dragão batia as suas asas metálicas, ao passo que o escaravelho e o escorpião andavam para a frente e para trás como se dançassem. Compridas mesas de madeira, iluminadas por luzes eternas, gemiam sob pesadas travessas de comida e generosas jarras com vinho, enquanto, de cada lado do pátio, se assavam dez porcos que giravam lentamente em espetos.

Os tambores rugiam pelo pátio, tocando ao ritmo de uma orquestra composta por instrumentos de corda que Rose nunca tinha visto, e que pareciam tocar sozinhos. As crianças tinham recebido pandeiretas e riam e tocavam com entusiasmo.

– Há tanta magia aqui que quase posso saboreá-la! – exclamou Rose, enquanto desciam as escadas. Submersa no esplendor do Reino Beijado pelo Sol era difícil preocupar-se com Edgar Barron e com os seus Flechas, que pareciam a um mundo de distância. Na verdade, Rose tinha dificuldade em preocupar-se fosse com o que fosse.

Ao passar por uma encantadora loira que afinava um par de flautas flutuantes, Rose reparou que, embora a maioria das pessoas no reino se parecessem com Shen e a sua família, com a pele dourada, cabelo escuro e olhos escuros, também havia bruxas e bruxos com a pele muito pálida, como a dela, assim como outros cuja pele era semelhante à de Thea e de Celeste.

Nenhum deles estava minimamente interessado em Rose. Ou não a reconheciam ou pouco se importavam que ela fosse a rainha de Eana. Afinal de contas, aquela noite não era dedicada à governante de Eana, mas sim ao rei do Reino Beijado pelo Sol. E Rose começava a perceber que essas eram duas coisas muito diferentes.

– Empadas Solares! – Lei Fan correu atrás de um criado que carregava uma travessa repleta de fumegantes pastéis recheados. – São as minhas preferidas!

Rose mordeu uma empada e fechou os olhos, encantada. Estava recheada de carne e de especiarias e um pouco de caldo correu-lhe pelo queixo, mas era tão delicioso que ela não se importou.

– Então, quer dizer que gostas dos manjares do festival. – Rose abriu os olhos e ali estava Shen, mesmo ao seu lado. Estava a usar a Coroa do Caminhante Solar, um pouco inclinada, uma camisa preta e calças igualmente pretas. Olhava para Rose como se esta fosse um manjar do festival, o que a fez sentir-se atordoada.

– Ah, Shen... Olá – gaguejou, apressando-se a limpar o caldo do queixo. Percorreu-a com o olhar.

– Gosto do teu vestido.

– Obrigada – disse Rose, sentindo-se estranhamente zozza. – Gosto da tua... coroa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Pensei que tinhas sentimentos complicados sobre esta coroa.

– Oh, por favor! Sabes que aprecio coisas bonitas. E é impossível negar que essa coroa é uma obra de arte.

– Só a coroa? Não a pessoa que a usa? – insistiu Shen.

– És ridículo – argumentou Rose, mas estava tão feliz por as coisas terem voltado ao normal que não conseguia evitar sorrir.

– Então, é uma trégua? – perguntou Shen, inclinando-se para ela.

Rose mordeu o lábio inferior, pensativa.

– O que gostarias que fosse?

Shen aproximou os lábios da orelha dela para lhe sussurrar qualquer coisa e Rose susteve a respiração ao senti-lo tão perto. Então, o gongo voltou a soar.

– Prestem atenção – ciciou Lei Fan. – Aí vem Daiyu, a nossa melhor contadora de histórias.

Uma anciã com um vestido comprido aproximou-se das escadas e subiu-as até que todos os presentes no pátio pudessem vê-la. Bateu palmas a pedir silêncio.

– Bem-vindos ao Festival do Sol Dançante! – disse. – Esta noite reunimo-nos para celebrar o regresso do nosso príncipe herdeiro... – Fez uma pausa quando a multidão deu vivas, e Rose sorriu quando o orgulho brilhou nos olhos de Shen. – Para celebrar o regresso do Sol e honrar a origem do nosso grande reino.

A contadora de histórias pôs as mãos no ar e duas bruxas juntaram-se a ela nos degraus. Rose observou, boquiaberta, como uma delas criava um relâmpago com as mãos e o lançava no ar, onde se transformou num fogo crepitante.

– É a minha tutora – sussurrou Lei Fan, animada. – As suas habilidades como tempestade são inigualáveis.

A outra bruxa, uma encantadora, começou a manipular o fogo, dando-lhe vários formatos. Daiyu voltou a pegar na palavra.

– A nossa história começou há mil anos, quando Eana, a primeira bruxa, era jovem e o mundo ainda não se tinha formado. Eana desceu das alturas no seu falcão de cauda verde, deixando o seu amor querido, o Sol, sozinho no céu. – Rose maravilhou-se quando as chamas se transformaram numa mulher sobre um enorme pássaro. – Depois de anos de busca incansável, o falcão aterrou no mar e, com o toque mágico de Eana, transformou-se na estrutura do país que conhecemos hoje.

Rose bateu palmas, fascinada, quando as chamas se estenderam, pintando o mapa de Eana no céu. Os olhos de Shen brilhavam tal como os dela. A voz de Daiyu tornou-se sombria.

– Com o coração partido, o Sol observava a sua amante de longe, à espera do dia em que ela decidisse aterrar. E quando o fez, ele estava tão comovido pelo amor entre ambos que desceu para lhe dar um beijo de despedida. – As chamas tornaram-se mais brilhantes, provocando lágrimas nos olhos de Rose. – Mas a sua paixão era tão grande que queimou a própria terra e criou o deserto de Ganyeve. Depois, o Sol regressou ao céu e Eana desistiu da sua eternidade para se transformar numa bruxa mortal nesta nova terra. Sabia que um dia morreria e que o Sol continuaria a viver. Passaram muitos anos e o país cresceu para acomodar outros. Eana tomou amantes e teve muitos filhos, que herdaram a sua magia. Viveu e amou em liberdade, como sempre desejara, mas todas as manhãs levantava-se para ver o sol nascer. Nesses momentos de calma, quando o resto do mundo continuava a dormir, o coração doía-lhe pelo seu grande amor.

Com tanta suavidade que Rose chegou a pensar que o tinha imaginado, Shen roçou a sua mão na dela. A jovem mirou-o de soslaio, mas ele olhava para a contadora de histórias.

– E depois, um dia, o céu ficou negro. – De repente, as chamas reduziram-se até assumirem o tamanho de um grão de pimenta. O pátio ficou quase às escuras. – Quando Eana olhou para o céu, viu que a lua se tinha posto à frente do sol, bloqueando a luz. Era a primeira manhã da sua nova vida em que não via o seu amor e, por isso, ajoelhou-se no jardim e chorou. No local onde as suas lágrimas caíram, nasceram orquídeas brancas.

Shen entrelaçou os dedos nos de Rose. Ela fechou os olhos, perdida na história e no toque dele.

– Um homem aproximou-se dela e perguntou-lhe porque chorava. Havia qualquer coisa de familiar na voz dele. Quando Eana levantou a cabeça, gritou, mal conseguindo acreditar nos seus olhos. Pois, diante de si, estava o próprio Sol, transformado em homem e usando uma faixa de ouro resplandecente.

As chamas irromperam uma vez mais e, nessa ocasião, transformaram-se na alta figura de um homem. E, embora Rose não pudesse distinguir o seu rosto no fogo, percebeu de imediato que era belo. Radiante.

– «Não suportava mais estar longe de ti», disse o Caminhante Solar, ajudando Eana a levantar-se e abraçando-a. «Vim para estar contigo. E,

enquanto permanecer aqui, não haverá luz no mundo. A minha irmã, a Lua, ocultará a minha ausência. E, enquanto ela o fizer, eu ficarei.» Eana deleitou-se com o regresso do seu verdadeiro amor. Deu as boas-vindas à noite e, nela, mostrou-lhe os grandes prazeres da mortalidade: comeram, dançaram e, quando se foram deitar, amaram-se, por completo, de uma nova maneira.

As chamas separaram-se e transformaram-se em duas pessoas, que logo se entrelaçaram. Por instantes, a imagem de Eana e do seu amante foi tão íntima que Rose teve de desviar o olhar. Shen olhou-a nos olhos e, com os dedos, acariciou-lhe um ponto delicado no pulso e na palma da mão.

– Durante algum tempo, o mundo permaneceu às escuras. Eana e o seu amante viveram na sua sombra, onde ela deu à luz os seus filhos, todos abençoados com magia antiga – prosseguiu Daiyu. – Todavia, a luz é tão eterna quanto o amor. O Caminhante Solar sabia que teria de abandonar a forma humana e regressar à sua casa nos céus. E, pelo bem do mundo e da terra que ela tinha cultivado, Eana sabia que teria de o deixar partir. Quando o Sol se despediu dela com um último beijo, deixou-lhe um presente de despedida. Um anel de rubi que brilhava com um coração de fogo. Era um símbolo do seu amor eterno e a chave daquilo que daria aos seus filhos.

Surpreendido, Shen soltou a mão de Rose para apertar o anel sob a camisa.

– Aos seus filhos, o Sol ofereceu uma cidade que sempre os protegeria. Uma cidade que poderia mover-se pelo deserto e esconder-se quando ameaçada. Uma cidade que sustentasse o seu povo. E assim, pouco tempo depois de Eana ter sido formada a partir dos ossos encantados de uma ave, nasceu o Reino Beijado pelo Sol. – As chamas formaram um arco pelo pátio e desenharam a forma do reino onde se encontravam.

A multidão levantou as mãos como se desejasse tocar-lhe.

– Os filhos de Eana e do Caminhante Solar são os nossos antepassados – disse a contadora de histórias com orgulho. – O Sol está no nosso sangue e, assim, podemos sobreviver nas areias agitadas. Viver sobre elas e sob elas. Fomos abençoados pela luz dourada do sol e esta noite dançamos e comemos em sua honra. – Juntou as mãos e apontou para Shen. A multidão afastou-se em seu redor. – O nosso príncipe herdeiro usou o rubi de Eana para nos desenterrar da areia e, agora que regressou, tomará o seu lugar legítimo no trono, como rei!

A multidão gritou de alegria. A contadora de histórias moveu o dedo e Shen dirigiu-se para ela sem olhar para trás. Subiu as escadas e virou-se para contemplar o seu povo enquanto as chamas bailavam sobre a sua cabeça. Rose levou a mão ao peito para acalmar o coração que batia acelerado.

– Em nome do meu pai, Gao, e da minha mãe, Ai Li, e de todos os grandes reis e rainhas antes de mim, prometo honrar o nosso reino – proclamou Shen. – Prometo proteger-vos dos perigos e das provações. Prometo que dormireis sempre sob as estrelas e que despertareis para ver o sol elevar-se no céu.

Rose olhou incrédula para Shen Lo. Ele falava como um rei. Tinha o *aspeto* de um rei. Ele *era* um rei.

Quando parou de falar, o fogo de artifício explodiu no céu e banhou toda a gente com uma luz dourada. E, enquanto se escutavam mais palmas e vivas, Rose percebeu com uma repentina e dolorosa certeza, que Shen Lo nunca mais voltaria a Anadawn.



A festa durou horas, mas não houve tempo para voltar a abordar o tema do exército de Shen. Rose encontrou consolo na comida, e serviu-se duas vezes de carne de porco assada com torresmos, esparguete e beringela. Tinha a certeza de que não era capaz de comer nem mais uma garfada quando foi servida a fruta caramelizada de que Shen tanto gostava. Havia peras, maçãs e bagas de espinheiro branco.

– Vá lá – incitou a avó Lu, amontoando algumas no prato de Rose. – Tens de provar a minha especialidade.

Rose meteu uma baga de espinheiro branco na boca e ficou maravilhada quando o açúcar endurecido estalou sob os seus dentes antes de dar lugar à acidez da baga.

– Estás a ver? – disse a avó Lu, orgulhosamente. – Uma sinfonia de sabor.

Depois do festim, veio o baile. Rose nunca se movera de forma tão despreocupada. Sem par, sem passos e sem decoro, com a música apenas como guia. Sentia-se como um pião enquanto a saia rodopiava à sua volta e mudava de cor sob a luz tremeluzente das chamas. Os tambores eram o eco do seu coração e ria às gargalhadas como se apenas as estrelas a vissem dançar.

Mas não eram apenas as estrelas. Rose sentia que também Shen a observava. O jovem encontrava-se de pé a um canto do pátio, a vê-la dançar, mas, em vez de se sentir envergonhada, ela sentia-se atrevida e bela. Fitando-o, sacudiu o cabelo e agitou a anca, deixando que o jovem a contemplasse. Queria que ele se juntasse a ela, que dançassem até já não conseguirem manter-se de pé, mas, quando decidiu aproximar-se dele, Feng apareceu e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Shen olhou para o céu. O amanhecer aproximava-se. Estava quase na hora de ocupar o seu lugar como rei.

Rose sentiu qualquer coisa junto às pernas, olhou para baixo e riu.

– *Elske!* Também te queres juntar à festa? – Mas a loba tinha a cauda para baixo. Puxou-lhe a saia como se quisesse levá-la a algum lado. – *Elske*, para com isso! Vais rasgar-me o vestido!

Nessa altura, alguém passou junto a Rose e por pouco não a derrubou. *Elske* ficou com o pelo eriçado. Era Kai. Rose franziu o sobrolho. Onde ia ele com tanta pressa?

A música parou e Shen apareceu no cimo das escadas do palácio. Assim

que a primeira pincelada do amanhecer cruzou o céu do deserto, o fogo de artifício estalou uma vez mais. O céu brilhou como o ouro quando o Sol começou a elevar-se.

Rose esperara que fosse Feng a coroar Shen, mas não o via em lado nenhum. Em vez dele, foi Daiyu que se aproximou com um cetro dourado nas mãos.

– Shen Lo, sob a luz do sol nascente, e rodeado pelo amor do teu povo, honra-me entregar-te o Cetro do Sol, que te distingue agora e para sempre como Rei Solar. E assim, sob a luz de um novo dia, unimo-nos para te perguntar, aceitas o teu solene destino?

Shen pegou no cetro e voltou-se para se dirigir ao seu povo, mas, o que quer que fosse dizer, foi afogado por um grito. Um dos fogos explodira demasiado próximo do solo e irrompera em chamas. Estas tomaram forma, tal como no céu, mas desta vez eram bestas. E estavam rapidamente a multiplicar-se.

Instalou-se o caos quando as bestas de fogo se descontrolaram, lançando-se pelo pátio e queimando quem se atravessasse à sua frente. Rose tentou abrir caminho até Shen, mas o movimento da multidão impediu-a e empurrou-a para trás. *Elske* soltou um rugido estrepitoso e as pessoas em volta de Rose afastaram-se assustadas.

Nessa altura, avistou Feng ao fundo das escadas do palácio. Estava estranhamente imóvel, com exceção dos dedos, e murmurava furiosamente. Tinha os olhos fixos em Shen.

Rose seguiu-lhe o olhar e soltou um grito de alarme. A maioria das bestas convergia para Shen. Observou horrorizada enquanto ele corria escada abaixo e saltava sobre a balaustrada utilizando o Cetro do Sol para os afastar, mas a sua magia de guerreiro não era rival para aquelas criaturas raivosas. Gritou quando a sua camisa pegou fogo e arrancou-a rapidamente. Mas não foi o suficiente. Fez uma expressão de agonia quando as chamas lhe lambeiram a pele. E aproximavam-se mais bestas.

– Shen! – gritou Rose ao mesmo tempo que ele fugia do pátio. As bestas perseguiram-no, afastando-o do festival em direção às traseiras do palácio, onde as ruas estreitas serpenteavam para o centro da cidade. Rose pegou na saia e correu atrás dele, com *Elske* ao seu lado.

Shen levou a mão ao peito queimado enquanto virava à esquerda e se lançava por uma rua mais escondida, para evitar as chamas. Para grande alívio de Rose, as bestas afastaram-se.

Apressou-se a segui-lo, embora não fosse fácil. Shen precisava dela. Tinha de chegar até ele para o curar. Por fim, alcançou a estreita rua. Virou a esquina e o coração caiu-lhe aos pés ao ver o corpo de Shen estendido no chão. Antes de Rose conseguir alcançá-lo, Kai saiu das sombras e apanhou o cetro do chão.

– Que azar, primo – disse ele, levantando-o sobre a sua cabeça. – O teu destino termina aqui.

– NÃO! – gritou Rose.

Elske rugiu e lançou-se a Kai antes de cerrar as mandíbulas em redor do seu braço. Ele deixou cair o cetro e gritou. Apercebeu-se que Rose estava ali e os seus olhos brilharam de ódio.

– Tira a tua loba de cima de mim!

Rose ignorou-o e correu até Shen. Ajoelhou-se no chão e pousou as mãos no seu peito queimado.

– Está tudo bem – murmurou. – Estou aqui. Vou curar-te.

Soltou um suspiro trémulo enquanto permitia que a magia a inundasse. O caos à sua volta tornou-se uma coisa distante à medida que a sua mente acalmava e se concentrava apenas em Shen. As queimaduras eram profundas, e o coração que palpitava sob as suas mãos era débil, mas, com a suave vibração da sua magia, Shen começou a sarar. Lentamente.

Rose não sabia quanto tempo tinha passado a tentar remendar-lhe a pele, mas, quando os seus olhos se abriram, ela quase desmaiou de alívio.

– Estás acordado!

– Rose? – gemeu Shen. Tentou sentar-se, mas Rose não permitiu.

– Shen, tenho de te dizer uma coisa...

Kai conseguiu afastar a loba.

– Aquela maldita loba atacou-me quando tentava salvar-te das bestas de fogo! – disse, mostrando o braço ensanguentado como prova. Só nessa altura é que Rose reparou nos três criados atrás dele. – Tive de chamar ajuda porque *ela* não a afastava de mim!

Rose enrugou a testa.

– Não foi isso que...

Kai falou por cima dela.

– Felizmente já tratámos das bestas de fogo. Agora temos de lidar com essa loba ameaçadora.

Elske uivou quando apareceram mais criados que a apanharam numa rede.

– Parem! – gritou Rose, correndo para a ajudar. – Ela salvou o rei! Deixem-na em paz!

– Acho que a rainha inalou demasiado fumo – gritou Kai. – O que diz não faz sentido.

Havia cada vez mais pessoas naquela estreita rua.

– Shen, tenho de falar contigo! – pediu Rose, aflita.

– Silêncio. Deixem-me passar – ordenou a avó Lu, usando a sua bengala para abrir caminho. Lei Fan vinha logo atrás e lançou uma rabanada de vento quente.

Rose perdeu-se no meio da multidão. Levaram Shen e *Elske* e deixaram-na completamente sozinha, com o vestido chamuscado e a recordação de Kai sobre Shen, com ódio a brilhar-lhe no olhar.



– Achas que ele está a ficar pior? – perguntou Wren, ansiosa, andando de um lado para o outro.

– Sim – respondeu Tor, que estava encostado ao toucador com os braços cruzados diante do peito. – Acabou de lhe cair o polegar.

O príncipe Ansel, *o Morto-Vivo*, encontrava-se sentado na cama dela e parecia não dar por falta do dedo. Estava demasiado ocupado a olhar para Wren com adoração.

– A minha Rose! – cantarolou.

– Wren. Chamo-me Wren.

– Que linda alcunha! Se és uma carriça, eu posso ser uma águia? – Ansel começou a crocitar.

Wren suspirou.

– Fiz asneira.

Tor arqueou as sobrancelhas.

– *Asneira* é um eufemismo. Trouxeste o Ansel do mundo dos mortos.

Wren gemeu. Depois de o terem escondido no quarto dela, tapado com o casaco de Tor, tinham perdido a manhã a tentar que o príncipe se parecesse mais consigo próprio. Wren passara horas a encantá-lo para que se recordasse de diferentes partes da sua vida – incluindo a sua morte –, mas a sua magia parecia não ter efeito no príncipe. Tor até se dera ao trabalho de ir à biblioteca buscar os livros de poesia preferidos de Ansel, recitando-os em vão para o príncipe que continuava com o olhar perdido.

– Isto é um desastre. O Alarik não tardará a acordar.

Tor virou-se para o príncipe.

– Ansel, lembrás-te dos movimentos que te ensinei com a espada quando eras criança? Queres praticá-los?

– Exercitar a memória – murmurou Wren. – Boa ideia.

No entanto, a proposta deixou Ansel indiferente.

– Lamento, mas não temos tempo, Tor. Estou prestes a casar. – De repente ficou rígido, com se alguém tivesse carregado no botão de pausa.

Wren olhou para os olhos azuis do príncipe, ignorando o tom amarelado que os rodeava.

– Sabes onde estás, Ansel?

– Estou com o meu amor, no início da nossa vida em conjunto – respondeu o príncipe.

– Refiro-me *literalmente*– esclareceu Wren.

– Estou *literalmente* a viver num estado de pura felicidade.

Tor abriu outro livro.

– Talvez um poema ajude...

– Excelente ideia! – exclamou Ansel, pondo-se de pé e rodopiando no salto da bota. Perdeu o equilíbrio e quase caiu na lareira, mas Tor alcançou-o mesmo a tempo. – Irei compor uma obra-prima agora mesmo! – prosseguiu Ansel, como se nada tivesse acontecido. – *Oh, Rose, tão bela e elegante. Só de olhar para ela fico arfante! Sem ela os meus dias são tristes e... e...*

– Amargos? – sugeriu Wren.

– Amargos! – gritou Ansel. – *E os seus olhos verdes são como...* – Calou-se, à procura de outra palavra.

– Espargos? – propôs Tor.

– Sim! Genial! – exclamou Ansel. – *Os seus olhos verdes são como espargos!*

Wren fulminou Tor com o olhar e o soldado riu. Ansel prosseguiu.

– *Quando olho para a Rose, o meu coração palpita porque o seu sorriso... o seu sorriso...*

– Brilha mais que uma pepita – sugeriu Tor.

Ansel virou-se para Wren.

– Sim – concordou, deliciado. – *É exatamente* isso.

Mas Wren olhava para Tor, que tossicou e disse:

– Acho que já chega de poesia por agora.

Ansel ofereceu a mão a Wren.

– Dançamos, meu raio de sol?

– Vamos a isso – respondeu Wren, cedendo ao absurdo na esperança de que pudesse ter algum efeito. – Dancemos. – Pôs-se de pé, demasiado consciente da atenção de Tor enquanto Ansel lhe punha a mão na cintura e ela apoiava a sua no ombro dele. O príncipe ficou imóvel a olhar para ela. Wren arqueou as sobrancelhas. – Não íamos dançar?

– Estamos a dançar, meu amor.

– Ansel, estamos parados.

– Ah, culpa minha.

– Vá, temos de nos mexer. Assim. Isso mesmo. É agradável, não achas?

– Oh, sim. Queres que cante qualquer coisa? – propôs Ansel.

– Não, por favor – respondeu Wren.

Demasiado tarde. O príncipe começou a entoar uma antiga canção gevranesa sobre lobos. Era lenta e inquietante e ele era muito desafinado. Wren olhou para Tor.

– Por favor, ajuda-me.

O soldado riu. Wren virou-se para Ansel e fechou os olhos, tentando encontrar uma maneira de aquele momento – que ameaçava poder durar uma eternidade – ser suportável. Então, aconteceu algo inesperado.

Tor começou também a cantar em voz baixa e afinada, juntando-se a Ansel e reconduzindo a melodia a um ritmo mais agradável. Wren mostrou-lhe um sorriso grato enquanto ele avançava para o verso seguinte. Por instantes, Wren observou o soldado a cantar, e ele ficou a vê-la dançar. Os três uniram-se num estranho momento que, afinal, não foi assim tão insuportável.



Pouco depois da dança com Ansel, que não teve qualquer efeito na memória do príncipe (embora Wren tenha acabado com vários dedos dos pés pisados e Ansel tenha perdido dois dos seus), Tor foi chamado para tratar de um assunto importante. A avalanche daquela manhã tinha deixado a estrada até Grinstad sob escombros e ele tinha de reunir uma equipa de soldados para a desimpedir.

– Virei ver-te mais tarde – prometeu ele antes de fechar a porta. Wren escutou o resto da despedida através da madeira. – Aguenta.

– Traz-me uma garrafa de espumante fresco! – gritou a jovem. – Ou cinco!

– Assim poderemos brindar à nossa perfeita união! – bradou Ansel.

– Chiu! – Wren voltou-se para o príncipe. – Fala baixo!

– Não se pode silenciar o amor, Rose.

Wren encostou-se à cómoda.

– Preciso de um milagre.

– Um milagre – repetiu Ansel, anuindo. – Acho que sei onde queres chegar, meu amor. Concordo. *Devíamos* ter um bebé.

– Isto não está a resultar – disse Wren, e depois gemeu. – Não posso consertar-te, Ansel. Nem sequer sabes quem eu sou.

– Claro que sei. És a minha querida Rose. E és tão bela e encerras tanta luz que até fazes este quarto brilhar.

– Isso não é verdade – retorquiu Wren com impaciência.

Ansel apontou para os pés dela.

– Repara.

Wren olhou para baixo e constatou que os seus pés estavam, de facto, a brilhar. Agachou-se para tentar perceber de onde viria aquela estranha luz azul e viu que provinha da parte inferior da cómoda. Não, não era da cómoda. Era da sacola que ela escondera debaixo da cómoda. Era o espelho de mão! Wren apressou-se a tirá-lo da sacola e descobriu que as safiras brilhavam.

O vidro tremeluziu na sua mão e a cara de Rose apareceu no espelho. Estava suja de areia e terra e havia pânico nos seus olhos.



Rose não encontrava Shen em lado nenhum. Enquanto o Sol se elevava sobre o deserto de Ganyeve e o festival acabava, a rainha regressou ao palácio da Luz Eterna. A manhã brilhava através das janelas e ela percorria os corredores gritando o nome de Shen. Deteve alguns criados e ordenou-lhes que a levassem à presença do seu rei, mas estes limitaram-se a fazer uma vénia e a dizer que o monarca não queria ser incomodado.

Aquela recusa só confirmava o que ela já supunha: que não tinha nenhum poder ali. Para o povo do Reino Beijado pelo Sol, Rose não passava de uma estranha. O deserto seguia as suas próprias regras e não respondia perante ela.

Foi ao quarto de Lei Fan, mas a prima de Shen não estava ali. Viu apenas *Shadow*, que a fulminou com o olhar do cimo do armário. Rose não fazia ideia onde ficavam os aposentos de Kai, mas nunca se atreveria a ir lá sozinha. Não era capaz de esquecer a imagem dele, com os olhos cheios de raiva e loucura, enquanto brandia o cetro dourado sobre Shen, pronto para lançar um ataque mortal.

Chegou à ala leste do palácio e percorreu outro corredor dourado, gritando até ficar rouca. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, uma porta abriu-se ao fundo do corredor e apareceu a cara de Shen.

– Rose? Porque gritas?

Rose correu pelo corredor e abraçou Shen.

– Estás vivo! Oh, graças às estrelas!

Shen soltou uma gargalhada.

– Claro que estou vivo. Na verdade, já sobrevivi a muito pior. Quem haveria de dizer que os feitiços de fogo podiam correr tão mal? Os encantadores já deviam estar um pouco enferrujados.

Rose afastou-se dele.

– Shen, isto não tem graça. Por pouco não morrias! Se eu não estivesse lá para te curar, tu...

O jovem monarca parecia perplexo.

– Estás a falar do quê? O Kai levou-me à curandeira do palácio quando regressámos. Ele próprio te dirá – declarou, apontando para o fundo do corredor. – Foi chamar o Feng.

Rose olhou em volta, à espera de ver a enorme figura de Kai a percorrer o corredor.

– Tenho de falar contigo. A sós. Posso entrar?

Shen arqueou as sobrelanceias enquanto voltava a entrar no quarto e Rose seguiu-o, fechando a porta. Os aposentos dele eram ainda mais luxuosos do que os dela. As almofadas douradas eram decoradas com borlas e nas paredes viam-se tapeçarias de seda.

Rose voltou-se para Shen.

– Foste atacado esta manhã. Estas bestas de fogo... não foram um acidente, mas sim uma tentativa de homicídio.

Shen enrugou a testa.

– Estás a ser um pouco dramática, não achas?

– O Kai e o Feng tentaram matar-te. Eu vi. – Ao perceber a expressão de descrença de Shen, a sua voz subiu uma oitava. – O Feng estava a controlar as bestas de fogo. Guiaram-te até àquele beco. O Kai estava lá, à tua espera. Ele deixou-te inconsciente, Shen. Preparava-se para te matar com o teu cetro quando a *Elske* e eu chegámos.

Shen franziu ainda mais o sobrolho.

– Não – respondeu, lentamente. – O Kai salvou-me das bestas de fogo. Mas eu inalei demasiado fumo e desmaiei.

– Isso não é verdade – declarou Rose.

– Ele trouxe-me de volta ao palácio.

– Só porque não foi capaz de terminar o trabalho.

Os olhos de Shen encheram-se de preocupação. Não por si próprio, mas por ela.

– Estás exausta, Rose. O que dizes não faz o menor sentido. O Kai é meu primo. Se queria matar-me, para quê trazer-me à curandeira? – Antes de Rose conseguir responder, ele prosseguiu. – E teve muito tempo para me matar a caminho do deserto.

– Ele precisava de ti para desenterrar o reino – argumentou Rose, a desesperar. – Eras tu a chave, já te esqueceste? Ele não conseguia pôr o mapa a funcionar, e até isso o deixou furioso! Ainda te lembras do que a Meredia disse sobre ele? – Rose agarrou-o pelos braços para tentar trazê-lo de volta à realidade. – Ela disse que ele tinha de lutar para resistir à escuridão que havia

dentro dele. Bom, não o fez! E foi o pai dele quem deixou escapar aquelas bestas de fogo!

Shen pôs as mãos sobre as dela para as retirar com suavidade. Mirou-a com pena.

– A magia ainda é uma coisa nova para ti, Rose. Não entendes que às vezes se pode descontrolar.

Rose espetou-lhe o dedo no peito.

– Foste tu que me disseste que tinha tudo que ver com a intenção, estás lembrado? Quando a minha magia acordou no Olho de Balor, foste *tu* que disseste que acontecera porque eu desejava muito curar-te. Bom, isso não significa que aquelas bestas de fogo foram enviadas por alguém que desejava muito fazer-te mal?

Shen afastou a ideia.

– Terá sido alguém que estava muito bêbado e quis contribuir para a festa.

– Ou alguém que queria matar-te – insistiu Rose. – Alguém que beneficiaria se tu saísses de cena. Como... Oh, não sei, uma pessoa na linha de sucessão do trono do Reino Beijado pelo Sol!

De repente, a expressão de Shen mudou, e a preocupação deu lugar à suspeita.

– Já percebi o que estás a fazer – disse ele, afastando-se de Rose. – Queres virar-me contra eles. Queres-me do teu lado para que possamos regressar juntos a Anadawn. É a única coisa que desejas desde que chegámos.

Rose recuou, como se tivesse levado uma bofetada.

– Estou a tentar proteger-te. Curei-te. – Resistiu à vontade de o empurrar e, em vez disso, encostou a mão ao peito dele. – Não notas que fui eu?

Por um milésimo de segundo, a expressão de Shen suavizou-se e ela acreditou que ele tinha finalmente visto a razão. Mas logo depois ele desviou o olhar.

– Sei que precisas do meu exército. Mas tentar intrometer-te entre mim e a minha família não é a melhor maneira de conseguires o que queres.

Rose tirou a mão do peito do jovem.

– Que tipo de monstro pensas tu que eu sou? Ouviste o que acabaste de dizer?

A expressão de Shen era imperturbável.

– Pensei que te conhecia, mas talvez o Kai tenha razão. Talvez não passes de uma rainha mimada que só pensa em si própria. Ele avisou-me que isto iria acontecer. Disse que tentarias virá-lo contra mim. Mas eu não acreditei e defendi-te – disse ele com tristeza. – E agora a única coisa que estás a fazer é a provar que ele tinha razão.

Rose cerrou os punhos e cravou as unhas na palma das mãos.

– Claro que te disse isso! Ele sabe que o vi. Vai tentar impedir-me de te contar a verdade! Se fores estúpido ao ponto de acreditares nele, então a Coroa do Caminhante Solar não estará na tua cabeça durante muito mais

tempo.

Shen contrapôs:

– Não és tu que decides quem usa a coroa aqui, Rose, e não suportas isso, não é verdade? Detestas que eu já não esteja subjugado a ti. E pensas que, se me contares mentiras sobre a minha família, conseguirás que deixe isto tudo para trás e volte a ser o Shen que te serve, que suspira por ti, que nunca será igual a ti.

– Sempre te considereei igual a mim.

– Ah, sim? – perguntou Shen. – Então, porque não querias que estivéssemos juntos?

– Porque tenho responsabilidades! – atirou ela. – E um reino para governar!

– Bom, agora também eu tenho.

Rose bateu com o pé no chão.

– Estás a ser infantil!

Shen esboçou um esgar.

– Diz a rapariga que acabou de bater com o pé.

Rose desejou ter um copo de vinho para lhe atirar à cara.

– Podemos discutir isto mais tarde. Mas agora preciso que acredites em mim. Estás em perigo aqui. Estamos ambos. Temos de sair daqui quanto antes.

– Aqui não me dás ordens.

– *Por favor*, Shen!

Ele encarou-a por instantes e franziu os lábios como se estivesse a pensar no seu pedido. Depois virou-lhe as costas.

– Vai para casa, Rose.

– Sem ti, não.

– Já te disse. Esta agora é a minha casa.

– Ao menos faz alguma coisa para te protegeres do Kai e do Feng – implorou Rose. – Voltarão a tentar. Nunca fiques sozinho com eles. Não podes confiar neles.

– A única pessoa em quem não posso confiar é em ti. – Shen aproximou-se da porta e abriu-a. – Acho que já dissemos tudo o que havia para dizer.

Rose pestanejou para afastar as lágrimas e dirigiu-se para o corredor, estremecendo quando a porta se fechou atrás dela. Ficou sem fôlego enquanto corria de volta ao seu quarto, procurando Kai em cada esquina e sobressaltando-se com a sua própria sombra.

Já nos seus aposentos, trancou a porta e lançou os sapatos contra a parede. *Estúpido e arrogante*. Ia fazer com que o matassem! Por que não entendia que ela estava a dizer a verdade? Girou sobre si própria em pânico e o seu olhar foi pousar na sacola que deixara a um canto. Ocorreu-lhe um pensamento. Talvez houvesse outra pessoa capaz de o fazer ver a razão. Com dedos trémulos, Rose tirou o espelho de mão do interior da sacola e agarrou-o pelo cabo.

– Wren – sussurrou. – Por favor, Wren. Preciso de ti.
Passou um minuto. Depois, de súbito, as safiras começaram a brilhar.



Horrorizada, Wren escutou a irmã em silêncio enquanto esta lhe contava tudo o que acontecera no festival, assim como a discussão que tivera depois com Shen. Quando Rose terminou, tinha as bochechas molhadas pelas lágrimas e Wren fervia de raiva. Estava tão furiosa que, ao encostar a mão ao espelho, se esqueceu do príncipe morto-vivo que escondera no seu quarto, e deixou que o vento a levasse de Gevra até ao calor abrasador do deserto.

Aterrou sobre uns ladrilhos quentes num quarto tão brilhante que quase se viu obrigada a fechar os olhos. Mas não havia tempo a perder. Pôs-se de pé com o espelho na mão e abriu a porta do quarto. Depois saiu para o corredor e dirigiu-se para leste, seguindo as direções que Rose lhe dera. Deteve-se no magnífico *hall* de entrada para meter um punhado de orquídeas no bolso.

– Ei! – Uma anciã que carregava uma tigela com olorosos frutos aproximou-se dela com o sobrolho tão franzido que realçava ainda mais as rugas que lhe sulcavam a cara. – Essas são as flores sagradas do palácio da Luz Eterna!

Wren nem sequer pestanejou.

– Bom, agora são as flores sagradas do meu bolso.

– Que insolência. – A anciã semicerrou os olhos. – Não és a rainha Rose.

– E a senhora não é o Shen Lo – disse Wren, contornando-a. – O que significa que não me serve para nada.

– O Shen Lo sofreu um acidente – explicou a mulher, detendo-a com a bengala.

Wren olhou para baixo e, por um segundo, pensou em tirar-lha.

– Não foi bem isso que eu ouvi.

– O que foi que ouviste? – perguntou a mulher, desconfiada.

– Dizia-lhe, mas parece que é difícil saber em quem confiar por aqui.

A anciã emitiu um ruído afirmativo. Depois, para grande surpresa de Wren, ela estendeu-lhe a tigela com a fruta.

– Leva-lhe isto. São as suas preferidas.

Wren aceitou a tigela.

– É bom que não estejam envenenadas.

A anciã soltou uma gargalhada.

– Tão impertinente, a gevranesa!

Wren ficou tensa.

– *Não* sou de Gevra.

– Mas pareces. – A anciã tocou na manga de veludo do vestido de Wren.

– Assim já sei de onde veio a besta acorrentada no pátio.

– Obrigada pela dica – disse Wren, saltando por cima da bengala e continuando o seu caminho. – Não me esquecerei de lhe fazer uma visita.

A anciã riu ao vê-la afastar-se.

Quando chegou à ala leste, Wren assobiou, imitando o cantar de um pássaro, tal como ela e Shen costumavam fazer em Ortha quando queriam reunir-se. Pouco depois, abriu-se uma porta ao fundo do corredor e Shen Lo apareceu com o sobrolho franzido.

– Wren?

A jovem brandiu o espelho de mão ao aproximar-se.

– Quero trocar umas palavrinhas contigo!

Ele lançou as mãos para o céu.

– Não te envolvas, Wren. Isto é entre mim e a Rose. Ela não devia ter ido a correr fazer-te queixinhas só porque...

Wren lançou-lhe a tigela. Shen apanhou-a no ar e reuniu todos os frutos antes de caírem ao chão.

– Isto era mesmo necessário?

De súbito, Wren estava em cima dele. Atirou com a tigela ao chão e empurrou-o contra a parede.

– O que é que te deu? Não te dás conta de que o teu primo tentou matar-te?

– Não vou discutir isto contigo – afirmou Shen num tom seco.

– Então come uma peça de fruta e escuta-me – declarou Wren, furiosa. – A minha irmã tem os seus defeitos, mas não ia exagerar num assunto tão sério e, bem lá no fundo, tu sabes disso. – Shen permaneceu impassível enquanto ela prosseguia. – És a pessoa mais importante para ela. E estava tão preocupada contigo, que mal conseguia falar comigo. Disse-me que preferias cortá-la da tua vida a enfrentares a verdade acerca do teu tio e do teu primo.

– Está bem. Talvez ela não tenha mentido – aceitou ele. – Mas isso também não significa que tivesse dito a verdade. Ela está exausta, Wren. E assoberbada. Não sabe o que viu.

– Sabe que te curou. E ela não imaginaria uma coisa dessas. – Wren suspirou e soltou-o. – Eu sei que esperaste toda a tua vida por este momento, Shen. Por este lugar, por estas pessoas. Ortha pode ter sido em tempos a tua salvação, mas nunca foi o teu destino. Eu nunca tentaria impedir-te de o viveres. E a Rose muito menos. – A expressão dele suavizou-se e a voz de Wren também. – Mas só porque o Kai é o primeiro primo que te aparece, isso não significa que ele seja boa pessoa.

– Wren...

– A horrível verdade é que algumas pessoas fazem coisas terríveis para manterem o poder.

Shen soltou ruidosamente o ar pelo nariz.

– Mas não isto, Wren. Ele é meu *primo*, pelo amor das estrelas!

– E eu sou a irmã gémea da Rose e não foi assim há tanto tempo que escalámos a muralha de Anadawn para a raptarmos – lembrou-lhe. – Pensa em tudo o que eu estava preparada para fazer para ficar com a coroa. Carpa putrefacta, Shen, quase casei com o Ansel! – Estremeceu ao lembrar-se do príncipe morto-vivo no seu quarto. A manhã de Rose estava prestes a piorar.

Shen pressionou os lábios.

– Já me tinha esquecido disso.

– Estás a ver? – disse Wren.

– Ainda assim, isso não prova nada.

– Quando fui a Amarach, aqui há uns dias, apanhei o Kai a tentar entrar à socapa no teu quarto – contou Wren. – Percebi nessa altura que havia qualquer coisa de estranho nele, mas não fui capaz de perceber o quê. A ânsia nos olhos dele, a voz... Recordava-me a maneira como a Banba ficava quando falava de Anadawn. – Recuou uns passos. – Se mesmo assim não acreditas, vamos aos aposentos dele agora mesmo. Usarei um encantamento da verdade.

Shen fitou-a.

– O quê? – desafiou ela. – Estás com medo do que possas descobrir?

– Não – respondeu ele num tom pouco convincente.

Wren olhou para a safiras. Já tinham passado cinco minutos.

– Então leva-me ao quarto dele.

– O Kai foi procurar o meu tio – disse Shen. – Perdemo-lo na confusão. Deve estar com o Feng.

– O outro traidor. Ainda melhor. – Wren deu uma palmadinha nas costas de Shen. – Tu primeiro, majestade.

Com alguma relutância, Shen girou nos calcanhares e conduziu a jovem pelo palácio dourado até chegarem a um corredor onde ecoavam vozes distantes. Wren levou o indicador aos lábios e depois alcançou as pétalas que levava no bolso. Com dois encantamentos rápidos, enfeitiçou os seus passos, tornando-os mudos sobre a pedra. Com outro, silenciou as dobradiças da porta do quarto de Feng e abriu-a. O suficiente para verem os dois homens de pé, virados um para o outro.

– ... mais rápido! Aquele momento de hesitação quase nos denunciou –

disse uma voz mais áspera e mais madura que Wren presumiu pertencer ao tio de Shen.

– Devias ter enviado as bestas atrás da Rose – disse a voz de Kai. – Ao menos assim ela não se teria atravessado no meu caminho.

– Como podia eu imaginar que a loba lá estaria? – resmungou Feng. – Eu fiz a minha parte. Tal como combinámos.

Wren e Shen entreolharam-se no corredor. O jovem cerrou os maxilares com tanta força que pareciam prestes a partir-se. Estava finalmente a ouvir a verdade com os seus próprios ouvidos, mas, em vez de se sentir triunfante, Wren lamentou pelo seu melhor amigo.

Kai proferiu uma imprecação.

– Não voltaremos a ter uma oportunidade destas.

– Não até nos vermos livres da rainha – argumentou Feng. – Enquanto ele tiver uma curandeira como companhia, não conseguiremos acabar com ele.

– Estás louco? – ciciou Kai. – Não podemos matar a rainha de Eana! O nosso reino fica no seu deserto!

– Então, corremos com ela do reino – sugeriu Feng. – A areia que trate dela. Ou, melhor, trata tu dela e fazes com que pareça um acidente.

Wren retirou outro punhado de pétalas do bolso e o seu sangue ferveu com uma raiva renovada. A sua cabeça dava voltas, à procura de um feitiço que estropiasse aqueles dois traidores desalmados, mas Shen foi rápido como o vento e afastou-a da porta. Wren tentou libertar-se, mas ele tapou-lhe a boca.

– Silêncio – sussurrou. – O Kai é um guerreiro experiente. E o Feng é um dos encantadores mais poderosos que alguma vez conheci. Se nos apanharem, atacam.

Wren não voltou a falar até regressarem à ala leste. Apenas três das safiras brilhavam ainda. Shen encostou-se à parede e fechou os olhos com toda a força, como se quisesse fazer desaparecer tudo o que testemunhara.

– Fui um tolo.

– Lamento – disse Wren, apertando-lhe o ombro. – Sei que não era isto que esperavas.

Shen olhou para as botas e corou.

– Chamei-lhe mentirosa, Wren.

– Eu sei.

– E invejosa.

– Ela contou-me.

– E mimada.

Wren hesitou.

– Bom, ela é um pouco mimada.

O jovem passou as mãos pelo cabelo.

– Pu-la em perigo. A nós os dois.

– Ao menos agora sabes a verdade – disse Wren. – Este é o teu reino,

Shen. É deslumbrante, mas está infetado com veneno. Quanto mais depressa tratares disso, melhor.

Ele anuiu com uma expressão grave e Wren abraçou-o.

– Vai correr tudo bem. Aqueles que importam permanecerão ao teu lado.

Ela afastou-se e Shen massajou a nuca.

– Isto de ser rei...

Wren fez um esgar.

– Não é o que se imagina?

– Então, ainda estás em Gevra – disse ele, reparando no vestido da amiga. – Como está a Banba?

– Viva. – Wren tossicou. – E... o príncipe Ansel também.

– Espera. *O quê?*

A penúltima safira tremeluziu.

– Tenho de ir – disse Wren enquanto recuava para o corredor. Atravessou o *hall* de entrada em direção ao pátio onde encontrou *Elske* acorrentada à parede. Viu uma rapariga ajoelhada à frente da loba, oferecendo-lhe um pedaço de carne.

Sobressaltou-se ao ver Wren aproximar-se.

– Rose! Andava à tua procura. A tua loba acordou. Infelizmente, o meu pai mandou acorrentá-la, lamento. Mas ocorreu-me que ela devia ter fome. – Franziu o sobrolho. – Onde arranjaste esse vestido?

– Não tenho tempo para explicações – replicou Wren, contornando a rapariga e ajoelhando-se ao lado de *Elske*. Esmagou as últimas pétalas na mão e desfez um dos anéis da corrente. O resto caiu com estrépito. A rapariga deu um salto para trás.

– Isso foi magia de encantamento!

Wren encarou-a.

– Se o teu pai voltar a aproximar-se da minha loba, certificar-me-ei de que ela o come. – Abraçou *Elske* quando a última safira tremeluziu. – E, quanto a ti..., tem cuidado.

A rapariga abriu a boca para responder, mas Wren já tinha desaparecido, levada pelo vento através do espelho e de volta às montanhas nevadas de Gevra.



Rose fechou os olhos com força enquanto era puxada através do espelho até ao coração gelado do palácio de Grinstad. Agachou-se no tapete felpudo do quarto de Wren, à espera que o vento parasse de uivar. Quando isso não aconteceu, ela abriu um olho a medo. Oh! Era o vento de verdade que ululava nas montanhas. Rose estremeceu ao pôr-se de pé. Ainda estava a usar o vestido do festival, totalmente inapropriado para Gevra. E demasiado fino.

Olhou para as safiras que brilhavam. Não ia passar os onze minutos que restavam a bater os dentes. Sobretudo quanto tinha um armário cheio de luxuriantes casacos de pele. Atravessou o quarto e parou diante dele.

Sentiu os pelos da nuca a eriçar-se, mas não de frio. Havia magia ali... uma estranha magia. Rose enrugou o nariz enquanto perscrutava o aposento. E que cheiro estranho era aquele?

De repente, as portas do armário escancararam-se e do seu interior saiu uma pessoa.

– CUCU!

Rose guinchou e levou o espelho ao peito enquanto cambaleava para trás. Aquele era...? Não. Não era possível. A Wren não *podia*. Ela nunca...

– Apanhei-te! – cacarejou o príncipe Ansel. – Oh, minha flor, não te assustes! Sou eu e apenas eu! O teu adorado noivo!

Rose cambaleou.

– Oh, não! Não, não, não, não.

Wren tinha-o feito. Contra toda a razão e bom senso, usara a magia proibida para trazer Ansel de volta à vida. Ou qualquer coisa parecida com a

vida. A pele do príncipe tinha um estranho tom acinzentado e fedia. Rose viu quatro moscas a revoltar em redor da cabeça dele e correu a abrir a janela antes que vomitasse.

Resistiu ao desejo de meter a cabeça fora da janela e olhou uma vez mais para as safiras. Ainda restavam nove. Respirou fundo. Ia tudo correr bem. Era capaz de aguentar mais nove minutos naquele quarto com um Ansel morto-vivo. Só tinha de falar baixo, manter a calma e não fazer uma cena. Era mais do que capaz. Desde que ele não se aproximasse muito. Rose gritou ao sentir um toque no ombro. Ansel aproximara-se sem fazer barulho.

– Rose, minha querida, estás tão assustadiça! É nervosismo por causa do casamento?

Rose fitou-o, aflita. Ele não se recordaria mesmo de nada do que se passara na Cripta?

– Ansel – disse com suavidade. – O casamento foi cancelado. Não vamos casar.

Ansel riu alto e as suas gargalhadas pareciam o grasnar de uma águia.

– Que piada! Claro que vamos casar. Amanhã, creio. – Enrugou a testa. – Ou talvez depois de amanhã. Sabes, acho que perdi a noção do tempo. O amor deixa-me a cabeça confusa!

– Deve ser isso – confirmou Rose, afastando-se. Olhou para as safiras. Como é que ainda faltavam oito? Parecia-lhe estar naquele quarto há uma eternidade.

– Só consigo pensar no nosso casamento. – A cabeça de Ansel inclinou-se para o lado. Ele agarrou-a com ambas as mãos e nem pestanejou quando esta estalou ao voltar a encaixar-se. – A sério. É o único pensamento que ocupa a minha mente.

– Oh, Ansel. – Rose sentiu pena do pobre príncipe, ou daquela estranha versão dele, que esperava um dia que nunca chegaria. Sentou-se na cama e apontou para o espaço ao seu lado. – E se te deitasses e tentasses descansar?

– Sabes que não me lembro da última vez que dormi? – Ansel bocejou ao enroscar-se na cama. Caiu-lhe um dente da boca e Rose por pouco não gritou. – Esqueço-me de fechar os olhos.

A jovem alcançou a mão do príncipe e enviou-lhe uma descarga de magia curativa para a corrente sanguínea. Não sabia se funcionaria, uma vez que os seus poderes se destinavam aos vivos, mas ele relaxou o sobrolho e suspirou de forma pacífica.

TRUZ! TRUZ! TRUZ!

Rose pôs-se de pé ao mesmo tempo que a porta se escancarava, revelando Alarik Felsing, de olhos arregalados e a arfar.

– Ouvi-te gritar – disse ele enquanto recuperava o fôlego. – Onde está o Ansel? Sei que está aqui algures.

Rose olhou para o espelho. Ainda tinha cinco minutos. Fechou os olhos e desejou poder desaparecer. Preferia mil vezes a companhia de dez Ansel mortos-vivos do que do aterrador rei de Gevra. Alarik avançou pelo quarto e

viu o irmão deitado na cama. Voltou-se para Rose.

– O que é que lhe fizeste?

Rose reuniu a pouca coragem que lhe restava. *Pensa como a Wren. Fala como a Wren. Age como a Wren.* Encostou-se ao toucador.

– Calma – respondeu, cruzando os braços. – Ele está só a descansar.

O rei observou-a, reparando no vestido fino, brilhante como o sol e sujo de areia.

– Onde foste buscar esse vestido?

– Encontrei-o no guarda-roupa – disse ela antes de encolher os ombros.

Alarik fulminou o armário com o olhar como se o móvel o tivesse traído e depois afastou o pensamento que se formava na sua cabeça.

– E achaste que era uma boa altura para experimentares vestidos? – Apontou para Ansel, que olhava para o teto. – Estás a tentar seduzi-lo para que volte à normalidade?

Rose arquejou, sem conseguir evitá-lo.

– Como te atreves?

Alarik semicerrou os olhos e aproximou-se dela.

– Há aqui qualquer coisa de errado.

Estrelas! O rei de Gevra costumava aproximar-se assim tanto de Wren? Rose afastou-se.

– Deixa-me resolver esse mistério por ti – disse ela, tentando usar o sarcasmo típico de Wren. – O teu irmão morto-vivo é a única coisa errada aqui.

– O que é culpa tua – atirou ele. – Por isso, fala, bruxa. Que correu mal?

– Não sei – replicou Rose. – Talvez o facto de a Wren nunca ter feito magia proibida!

Rose estremeceu assim que pronunciou o nome da irmã. Wren passara um mês em Anadawn a fazer de conta que era ela e Rose não era capaz de aguentar três minutos na companhia do rei gevrânês. Alarik virou-se para ela à velocidade de um raio.

– Costumas falar na terceira pessoa?

Rose forçou uma gargalhada.

– Só quando estou ansiosa.

– Nunca te vi ansiosa.

– Mal me conheces – argumentou Rose, olhando para as safiras. Faltavam dois minutos.

Nessa altura, Ansel sentou-se na cama.

– Rose? Roooooose? O dia do nosso casamento já não demora!

Rose tinha de sair dali antes que se desse a troca. Na ausência de um plano, agarrou no espelho e correu porta fora. Os soldados do rei apanharam-na no corredor. Rápido como uma víbora, Alarik agarrou-lhe a mão e torceu-a. Rose gritou e tentou soltar-se, mas ele era mais forte. Pontapeou-o na canela, mas o rei nem sequer estremeceu. Estava demasiado ocupado a examinar-lhe a mão. Arqueou as sobrancelhas.

– O teu corte sarou.

– Sou uma bruxa – disse Rose, ainda a tentar soltar-se. – Agora, solta-me, seu malvado.

Alarik curvou os lábios num sorriso.

– Olá, Rose. Dava-te as boas-vindas a Gevra, mas não estou particularmente feliz por te ver.

Só uma das safiras brilhava e ela não tinha tempo para fugir. Alarik aproximou a cara da dela.

– Onde está a tua irmã? Que artimanha é esta?

– A única artimanha é a abominação que há neste quarto! – exclamou Rose dando expressão à raiva e ao medo que sentia. Já não valia a pena fazer de conta que era Wren, estavam prestes a ser apanhadas. – Pobre Ansel! Como pudeste fazer-lhe tal coisa? E não te atrevas a dizer que a culpa é da Wren. Sei que a obrigaste a fazer isto!

Alarik inclinou a cabeça para o lado.

– Pensei que a tua irmã é que era a tagarela.

Rose espetou-lhe o espelho no peito como se fosse um dedo.

– Solta a minha avó e a minha irmã. Raptaste uma das rainhas de Eana e sabes muito bem que isso é um ato de guerra.

– Foi para isso que aqui vieste, Rose? Para declarar guerra a Gevra? – Alarik mostrou-lhe os caninos. – Cuidado com aquilo que desejas.

Nesse momento, o espelho de mão tremeluziu. Quando o vento começou a reclamá-la, Rose lançou um olhar feroz ao rei.

– Não te atrevas a fazer mal à minha irmã, Alarik Felsing, ou terás de enfrentar toda a Eana e as suas bruxas e bruxos.

E, com uma rabanada de vento, desapareceu, e deixou o rei de Gevra a olhar boquiaberto para o espaço que ela ocupara até àquele instante.



Wren agarrou-se a *Elske* com toda a força quando o vento a puxou e o pátio começou a rodopiar. O frio invernal acariciou-lhe as bochechas ao regressar ao interior marmóreo do palácio de Grinstad. Pestanejou e viu-se acorada no corredor do quarto andar, com os braços à volta do pescoço da loba. Sorriu ao afastar-se de *Elske*.

– Conseguimos, meu doce.

– Na verdade, prefiro «majestade» – disse a voz de Alarik. Pairava sobre ela, exibindo um gibão azul-marinho e calças pretas. Os seus olhos azuis estavam raiados de sangue e tinha o cabelo louro despenteado, o que não era nada habitual nele. Observava o espelho de mão com grande desconfiança. – O que é isso?

– É um espelho.

Pressionou os lábios.

– Talvez prefiras que seja o *Borvil* a interrogar-te...

– Está bem, se queres os pormenores, é um espelho *mágico*. Tem o poder de me ligar à Rose, mas não dura muito.

– Presumia pelas cartas dela que era a rainha bem-comportada – disse Alarik. – Mas depois do nosso pequeno encontro agora mesmo, terei de rever a minha opinião. – Apontou para *Elske*. – Esse animal pertence ao capitão Iversen.

Wren afagou a loba.

– E agora está em casa. Onde pertence.

– Um final feliz – disse Alarik com secura. Entregou o espelho a um dos

seus soldados. – Já chega de conversa. Tens uma coisa que me pertence. – Virou-se e desapareceu no quarto dela.

Wren pôs-se de pé, resistindo à vontade de se atirar ao soldado e lhe tirar o espelho. Alarik regressou pouco depois de braço dado com Ansel, para que este não fugisse.

– Minha flor! – gritou o príncipe, e Wren reparou que lhe faltava um dente da frente. – Aqui estás tu! Cada minuto longe de ti parece-me uma eternidade!

Alarik fulminou Wren com o olhar.

– Não te dei autorização para o trazeres para aqui.

– Querias que fizesse o quê? Que o deixasse vaguear pelo palácio enquanto dormias? Já se cruzou com a Anika ao pequeno-almoço.

– Eu sei. Já se fartou de gritar comigo por causa disso. – Alarik franziu a testa. – Vem. Quero falar contigo onde não nos oiçam. – Assim que o rei se pôs em movimento, os soldados saíram de todos os cantos e rodearam-no como um batalhão. Wren seguiu-os, agradecida por ter *Elske* ao seu lado uma vez mais. Quase de imediato, voltou a pensar em Rose e em Shen, e na enorme majestuosidade do Reino Beijado pelo Sol. Shen podia ser rei, mas tinha inimigos dentro das suas muralhas. Wren esperava que ele soubesse o que estava a fazer. Ajudara-o o máximo que pudera naqueles doze minutos, mas agora tinha de lidar com um morto-vivo e com um rei furioso. Não podia preocupar-se com o melhor amigo nem com a irmã. Tinha de confiar que eles seriam capazes de tomar conta um do outro.

Para sua surpresa, Alarik conduziu-a até à zona dos aposentos reais do segundo andar. Havia soldados e bestas por todo o lado. A luz do sol inundava aquele piso, entrando através de vitrais, e iluminava os quadros nas paredes. Não eram as habituais imagens das grandes batalhas gevranezas, que se viam noutras divisões do palácio, eram óleos de paisagens: entardeceres nevados, cascatas, serras prateadas, um mar cristalino num dia sem nuvens, um vale esmeralda com flores amarelas e violetas.

– Deve ser o vale de Turcah – murmurou Wren. – É lindo.

Alarik estacou.

– Como sabes da existência do vale de Turcah?

Certa vez, Tor falara-lhe daquele lugar, um sítio que, segundo lhe dissera, era tão verde como os seus olhos, um paraíso que teria sido a sua salvação caso tivesse casado com Ansel e vindo para Gevra. Ela dissera-lhe que jamais iria para Gevra e, no entanto, ali estava ela, a passar o dedo num quadro do vale que, por um momento fugaz, representara a esperança para ambos. Ignorou o aperto no coração ao pensar numa vida com Tor, em que visitariam juntos esse vale.

Alarik, que apoiara a mão numa pesada porta de carvalho, observava-a com atenção. Ao lado dele, Ansel afastava as moscas que voavam à volta da sua cabeça.

– Parece querer saltar para dentro desse quadro – comentou o rei.

– Preferia estar lá do que aqui – admitiu Wren.

– Já somos dois – murmurou ele ao abrir a porta.

Wren seguiu-o até ao aposento e depois deteve-se, admirada.

– Espera. Isto é o *teu* quarto?

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Não te ponhas com ideias.

– Por favor. Preferia meter-me na boca do *Borvil*. – A porta fechou-se com um ruído surdo. Ali não havia soldados, apenas as lobas de Alarik, *Luna* e *Nova*, deitadas num tapete ao centro do quarto. As lobas puseram-se de pé quando viram Ansel e rosnaram de forma ameaçadora. Ele pôs-se de gatas e rosnou-lhes de volta.

– Calma, irmão. – Alarik afastou Ansel das bestas antes de as silenciar com uma ordem ríspida. Os animais deitaram-se no chão ao passo que Ansel se deitou na cama com os braços e as pernas afastadas como se fosse uma estrela.

Wren olhou em volta.

– Este quarto é muito...

– Elegante?

– Não. – Mas era, de facto, irritantemente elegante. A cama era enorme, mas simples, com uma cabeceira de madeira alta e trabalhada e uma coberta composta por várias peles prateadas. Viu uma pilha de livros na mesa de cabeceira. Wren teve de se conter para não os folhear e perceber o que lia ele à noite. Não sabia porquê, mas não era capaz de o imaginar a ler.

Nas três enormes janelas com vista para o pátio pendiam umas cortinas fulvas, enquanto as paredes cremes estavam adornadas com retratos que pareciam pertencer à família Felsing. Havia um retrato de Alarik com os irmãos, em pequenos, a patinarem numa pista de gelo, outro do seu pai, no seu fato de gala, sentado no trono ao lado de uma jovem rainha Valeska. A viúva era muito mais velha agora, mas era inconfundível. Reconheceu os enormes olhos verdes e o comprido cabelo perlado. Era a mulher que visitava o piano de cristal, noite após noite.

Avançou para observar o retrato oficial de Alarik, pendurado sobre uma ordenada secretária de madeira. Fora pintado no cume de uma montanha cheia de neve, vestido com uma farda militar azul-marinho e com a coroa prateada. Havia outro quadro mais antigo que o mostrava com os irmãos à janela. Riam os três. Contudo, não fora o sorriso sincero de Alarik que atraía Wren àquele retrato, mas sim o seu cabelo luminoso como o sol. Não havia nenhuma madeixa negra ao centro e os seus olhos ainda não tinham adquirido aquela famosa aspereza.

– Já terminou o teu interesse pela minha infância? – perguntou Alarik, impaciente. Estava no outro extremo do quarto, junto a uma arcada que levava a outra câmara. – Vem.

Desapareceu por ela. Wren deixou Ansel deitado na cama e estugou o passo atrás do rei. Entrou noutra divisão repleta de roupa de todas as cores e

estilos imagináveis. O rei tinha um guarda-roupa do tamanho do quarto de Wren, em Anadawn. Contudo, Alarik não a levava até ali para lhe mostrar as suas roupas. Baixou a voz até se transformar quase num sussurro.

– Diz-me, bruxa. O que raio fizeste ao meu irmão?

Wren fulminou-o com o olhar.

– *Eu?* Trouxemo-lo do mundo dos mortos. Os dois. Ou já te esqueceste dessa parte?

Alarik estremeceu ao recordar.

– Tentei avisar-te – prosseguiu. – Disse-te que nunca tinha feito aquele feitiço. Claro que haveria riscos...

– Já chega! – rosnou ele. – Não quero ouvir mais avisos ou desculpas. Transforma o meu irmão na pessoa que era antes. Não neste... fantasma ridículo.

Wren franziu o sobrolho.

– Sou bruxa, não faço milagres!

– Então é bom que aperfeiçoes a tua magia. A menos que tenhas perdido o interesse em salvar a tua avó.

– Idiota manipulador – atirou Wren, cerrando os punhos. – Fizeste-me uma promessa.

– Tu também *me* fizeste uma promessa – retorquiu ele, com a mesma violência. – E *tens* de a manter. – Apontou para a arcada. – Aquela *criatura* não é o meu irmão. É uma espécie de piada cruel.

– Fiz o melhor que sabia – insistiu Wren. – A minha intenção era boa.

Alarik depreciou as intenções da jovem.

– Tens dois dias. Se não encontrares uma maneira de o corrigir, seja com sangue ou com magia, a tua avó passará a noite depois de amanhã com as minhas bestas.

Lá fora, o vento soltou um uivo áspero, lançando neve contra as janelas. Alarik soltou uma impreciação.

– E agora isto. Mais uma maldita tempestade de neve. Não é normal, nem em Gevra!

Wren sentiu a mesma tempestade no seu interior. Espirais de pânico retorciam-se nas suas entranhas, e o medo impedia-a de ver uma solução. Fulminou o rei com o olhar e ele deu um passo na sua direção.

– Podes odiar-me quanto quiseses. Podes amaldiçoar-me se o desejares, mas *farás* o que te ordenei, Wren. – Ele estava tão próximo que conseguia ver-lhe a barba no queixo e perceber as circunferências azuis-escuras em redor das íris. – Entendido?

Ficaram a olhar um para o outro durante alguns minutos, com o peito agitado pela mesma raiva, até que, de repente, ele deu um passo atrás e, como se obedecessem a uma ordem não dita, as suas lobas entraram no quarto e mostraram os dentes a Wren.

– Agora, sai do meu quarto.



Nas masmorras do palácio de Grinstad, Wren ajoelhou-se junto às barras da cela da avó e chamou-a. Banba estava enroscada nas sombras, enrolada na capa vermelha que Wren lhe dera. Levantou a cabeça ao escutar a voz dela.

– Passarinho – disse ela. Tinha os braços acorrentados atrás das costas e as bochechas cada vez mais cavadas. Aproximou-se das barras. – Não – sussurrou, e as rugas da sua testa aprofundaram-se ao ver a cara de Wren. – Não, Wren. Diz-me que não o fizeste.

Wren hesitou.

– Banba, eu...

– Sinto a escuridão – interrompeu a sua avó. – Está colada em ti como uma segunda pele. É a mesma que aqui se move com o vento. Que vive nestas montanhas. – Inspirou. – Agora também se move dentro de ti.

Wren fechou os olhos. O vazio dentro dela dilatou-se e recordou-lhe o que fizera.

– Fiz um feitiço de sangue – confessou ela, envergonhada. – O Ansel regressou à vida.

A avó abanou a cabeça.

– Menina tola.

Wren encolheu-se.

– Mas não é o mesmo. Não está como era. Está convencido de que amanhã é o dia do seu casamento e que eu sou a sua noiva. Tem a pele cinzenta e a boca demasiado grande, e vão-lhe caindo partes do corpo... – Estremeceu. – Há qualquer coisa de errado nele.

– O que esperavas? – ralhou Banba. – O príncipe Ansel devia estar morto.

– Bom, agora não sei em que estado se encontra – disse Wren, desesperada. – Sei apenas que tenho de o consertar.

– Wren. Olha para mim.

Wren levantou o queixo e temeu o julgamento que veria nos olhos da avó. Há muito tempo, a jovem prometera a si própria que não voltaria a desapontar a avó, e ali estava Banba, a olhar para ela como se já não a conhecesse.

– Aquilo que fizeste não pode ser consertado. Nem com magia natural, nem com magia de sangue proibida. O jovem príncipe nunca voltará a ser o que era. É impossível. É algo que vai para além de qualquer magia, para lá dos limites do nosso mundo. Tens de o desfazer.

Wren enrugou a testa.

– O que queres dizer com «desfazer»?

Banba fitou-a com um olhar frio.

– O Ansel tem de morrer novamente, e permanecer assim.

– Algas malditas! Não posso matá-lo, Banba. O Alarik atira-nos às feras.

– Então, tens de convencer o rei que é a única solução. – A expressão de Banba era séria. – Enquanto houver magia de sangue dentro do príncipe, ele atrairá a escuridão para Grinstad. E nem o próprio rei estará imune.

Nessa altura, a montanha soltou um rugido assustador. Uma estalactite caiu do teto e estilhaçou-se no chão.

Wren olhou para os fragmentos.

– Porque tenho a horrível sensação de que tens razão?

Banba riu.

– Esse é o meu fardo eterno, passarinho. Ter razão. Mesmo quando desejava não ter.

Wren sentou-se nos calcanhares a olhar para Banba através das barras de ferro. Ver a sua avó, a única família que conhecera durante quase toda a sua vida e a bruxa mais forte que conhecera, a tiritar de frio e amedrontada, de joelhos na escuridão, dava-lhe vontade de gritar até ficar rouca.

– Parece que o mundo está a despedaçar-se à nossa volta – sussurrou.

– Talvez até esteja – disse Banba com um suspiro. Parecia impossivelmente velha. – Volta para o teu trono, Wren. A tua irmã precisa de ti. Eana precisa de ti. – Pôs-se de pé e virou as costas à neta. A sua respiração esforçada preencheu o silêncio e a escuridão. – Esquece essa ideia de salvar o príncipe. Não haverá redenção para nós aqui em Gevra. Nem para mim, nem para ti.

Pela primeira vez na sua vida, Wren não sabia o que dizer à avó. E, ainda que soubesse, Banba já pusera um ponto final na conversa. Enquanto a montanha gemia por cima das suas cabeças, Wren levantou-se e foi-se embora, deixando a avó sozinha na escuridão.

Certo dia, num passado não muito distante, antes de Wren ter partido para Anadawn, para fazer a troca que mudaria tudo, ela ajoelhara-se no chão da cabana de Ortha e vomitara até lhe doer o estômago.

E se eu não for capaz, Banba? perguntara, por entre vômitos. *E se for apanhada e nunca mais nos voltarmos a ver?*

A avó ajoelhara-se no chão junto a ela e apertara-a contra o seu peito para a confortar com palavras tão cálidas e seguras como o Sol. *Não há nada neste mundo capaz de nos afastar, passarinho. Destruirei estas escarpas se for preciso. Arrasarei o palácio branco. Apertara os ombros de Wren, transmitindo-lhe alguma força. Aconteça o que acontecer, prometo-te que teremos o futuro que nos prometeram. Tu e eu, Wren. Sempre.*

– Sempre – disse a jovem, enquanto subia a escadas para o quarto. – Aconteça o que acontecer.

Banba dissera-o com toda a sinceridade e Wren também.



Quando o vento parou de soprar em volta de Rose, a jovem estava ajoelhada no pátio do palácio. Levantou a cabeça e viu Lei Fan boquiaberta a olhar para ela.

– O que acabou de acontecer? – perguntou ela, agitando o que parecia ser um pedaço de carne.

Rose pegou no espelho e pôs-se de pé.

– Presumo que acabaste de conhecer a Wren, a minha irmã.

– Ela levou a loba. – Lei Fan soltou a carne que caiu ao chão. – Desculpa. Foi tudo tão rápido.

– Talvez seja melhor assim – disse Rose com um suspiro. Ia ter saudades da loba, mas o deserto estava a tornar-se demasiado hostil. *Elske* estaria mais segura em Gevra, onde pertencia.

Lei Fan apontou para o espelho.

– Vivi os últimos dezoito anos sob o deserto, mas nunca vi nada tão perturbador como uma pessoa a sair dessa coisa.

– Confia em mim. É ainda mais perturbador ser sugada para dentro dele. – Rose prendeu o espelho na faixa da cintura. – Por favor, não comentes isto com ninguém. O Kai sabe que eu e a Wren somos capazes de trocar de lugar, mas não sabe como. E eu gostava que continuasse assim.

Lei Fan enrugou o sobrolho.

– Não confias no meu irmão, pois não?

Rose hesitou.

– Tu confias?

Lei Fan riu.

– Conheço-o desde que nasci. Claro que não. – Deixou-se cair num banco de madeira ali perto e passou distraidamente os dedos pelo cavalo talhado no braço. – Adoro o meu irmão, mas sei como é ambicioso. Procura aceitação. Poder. Herdou isso do nosso pai. – Franziu o sobrolho. – Às vezes pergunto-me se as coisas seriam diferentes se a nossa mãe ainda aqui estivesse. Se o Kai deixaria de desejar coisas de que não precisa.

Rose sentou-se no banco ao lado de Lei Fan e tentou averiguar quanto sabia ela da venenosa avidez de Kai.

– É por isso que odeia o Shen?

Lei Fan não o negou.

– São ciúmes, na realidade. Tens de entender, estivemos anos e anos encurralados sob o deserto e o Kai queria desesperadamente ser o herói. Até falava disso durante o sono. – Baixou a voz e Rose inclinou-se para ela. – Continua a dizer a toda a gente que teve de escavar para sair daqui, mas quem achas que convocou o vento para o ajudar? Quem soprou montanhas de areia do seu caminho para ele conseguir sair?

– Foste tu. – Admirada, Rose arregalou os olhos. – Porque não disseste nada?

Lei Fan encolheu os ombros.

– A glória não me interessa. Só queria ajudar o meu reino. Acho que era a única que tinha esperança de que o Shen andasse por aí algures. Éramos tão próximos em crianças, e tive sempre o pressentimento de que ele continuava vivo e de que um dia voltaria.

Durante um momento passageiro, Rose quis contar a Lei Fan o que vira Kai e Feng fazer no festival. Contudo, por muito que Lei Fan gostasse de Shen, Rose não queria forçar a sua lealdade. Sobretudo, depois de Shen se ter virado contra ela com tanta violência.

– Ainda bem que nunca perdeste a esperança – disse Rose. – Nada é mais importante para o Shen do que a família. O teu apoio é muito importante para ele.

Lei Fan abriu um sorriso.

– Fico feliz que ele esteja de volta. A nossa sorte parece estar finalmente a mudar.

Rose sorriu também.

– Espero que continuemos a ser amigas, Lei Fan. Serás sempre bem-vinda em Anadawn.

– Gostaria de um dia visitar o teu reino – disse Lei Fan.

Rose levantou o queixo ao ouvir o seu nome na brisa. Shen chamava-a no interior do palácio.

– Dá-me licença – pediu ela, levantando-se do banco e estugando o passo na direção da voz.

O jovem rei andava de um lado para o outro junto à Fonte Perpétua com os músculos todos em tensão.

– Shen!

Virou-se ao escutar a voz dela. Alcançou-a em dez passadas rápidas e pegou-lhe nas mãos. Rose sentiu-se aliviada com aquele toque e com a suavidade na sua expressão.

– Devo-te um pedido de desculpas, Rose. Comportei-me como um idiota.

Rose olhou por cima do ombro, consciente de que havia criados por perto.

– Não devíamos falar aqui – lembrou ela, afastando-o da fonte. – Vem comigo.

De volta ao quarto da jovem, Shen fechou a porta e correu as cortinas, bloqueando o sol da manhã. Voltou-se com o rosto envolto em sombras.

– Tinhas razão, Rose. Acerca de tudo. A Wren e eu ouvimos o Feng e o Kai a conversarem no quarto do meu tio. Tentaram matar-me.

Rose sentou-se na beira da cama e o peso daquela terrível verdade abandonou finalmente os seus ombros. Wren tinha feito o impossível. Conseguira que Shen visse a razão.

– A minha intenção não era magoar-te.

Ele aproximou-se com um olhar suplicante.

– Perdoa-me, Rose. Nunca devia ter duvidado de ti. Desculpa as coisas horríveis que disse. A única coisa que via era tudo aquilo que sempre desejara desde criança.

– Ainda podes ter tudo isso – argumentou ela, e puxou-o para que se sentasse ao seu lado. – Mas não com o Kai. Ou com o Feng. Lamento que eles não sejam as pessoas que esperavas que fossem.

– Ao menos agora já o sei – retorquiu Shen com um olhar severo. – Posso proteger-me e ao meu reino. E a ti.

O alívio floresceu dentro de Rose ao ouvir aquelas palavras e, com esse alívio, veio a exaustão. Céus, estava tão cansada. Não dormia há uma eternidade e precisava desesperadamente de tirar aquele vestido sujo. O nó cravava-se no seu ombro e apertava-lhe a cintura.

– Shen? – perguntou, duvidosa. – Podias ajudar-me com o vestido?

Ele engoliu a saliva com dificuldade e desviou o olhar para o pescoço da jovem. Rose mostrou-lhe um sorriso tímido.

– A Lei Fan apertou o nó com tanta força que nunca conseguirei despi-lo sozinha.

De maneira respeitosa, Shen começou a desatar o nó.

– Assim? – perguntou, e a sua respiração fez cócegas no pescoço da jovem.

– Sim, obrigada. – Rose fechou os olhos, deleitando-se com a sensação dos dedos sobre a sua pele.

Os dedos do jovem estacaram sobre a sua clavícula.

– Acho que agora já está suficientemente solto.

Rose abriu os olhos. Fitou-o enquanto desfazia ela própria o nó. O tecido

deslizou e ela apanhou-o por cima do peito. O coração batia-lhe acelerado contra a palma da mão e, de súbito, já não estava cansada. Os dedos de Shen demoraram-se na sua pele. Depois deslizaram pela clavícula e pelo pescoço. Rose sentiu as bochechas a arder. Fechou os olhos e oscilou.

– Rose. – Shen acariciou-lhe a bochecha e passou o polegar pelos lábios da jovem. – Precisas de descansar.

– Preciso de *ti*, Shen. – As palavras saíram da sua boca antes de conseguir arrepender-se. O bruxo guerreiro susteve a respiração quando ela o puxou contra si e encostou os lábios aos seus.

Shen beijou-a com uma avidez que a fez arquejar. Rose abriu os lábios e rodeou-lhe o pescoço com os braços, deixando que o vestido caísse entre eles. O jovem percorreu-lhe as costas nuas com a mão e ela sentiu um arrepio. Gemeu contra a boca dele e o beijo tornou-se escaldante.

Naquele momento perfeito, com Shen Lo nos seus braços na escuridão, Rose pouco se importou se era uma rainha, que ele fosse o rei de uma terra perdida durante vários anos ou que existissem pessoas que queriam matá-los. Só conseguia pensar na boca de Shen contra a sua e nas suas mãos fortes a percorrer-lhe o corpo.

Interrompeu o beijo e inclinou-se para trás apenas o suficiente para o olhar nos olhos.

– Shen – disse ela. – Eu sei que agora se estão a passar muitas coisas...

Ele beijou-lhe a orelha.

– Passa-se apenas isto, Rose.

Encostou a testa à dele.

– Podemos fazer de conta que estamos no deserto? Só por uns instantes?

Ele sorriu.

– Estamos no deserto.

– Refiro-me a antes – disse ela, sorrindo também. – Podemos ser apenas a Rose e o Shen?

– Podemos ser quem tu quiseses – murmurou ele contra a pele dela. – És tu eu eu, Rose. Sem coroas. Sem reinos. Apenas nós.

– Apenas nós – repetiu Rose, deitando-se.

Shen inclinou-se para a beijar e o resto do mundo desapareceu até restarem apenas os dois. O tempo também se desvaneceu. Uma hora depois, que passara como um momento fugaz, Rose suspirou ao estender-se sobre a montanha de almofadas, sentindo-se mais em paz do que sentira nos últimos dias. Semanas. Meses. Estava deliciosamente cansada e com a pele a formigar em resposta ao toque dele. Ainda tinham tantas coisas para compreender, mas *aquilo* – o que tinha com Shen – era perfeito. Virou-se de lado a sorrir como um gato satisfeito. Fecharia os olhos por um segundo e depois pensariam num plano para lidarem com Kai e Feng. Juntos.

Shen passou-lhe o braço pela cintura e puxou-a para si.

– Descansa – disse, antes de a beijar no pescoço. – Estarei aqui quando acordares.



Rose acordou com o som de chuva torrencial a bater no telhado. Lá fora, o sol começava a pôr-se atrás de um véu de nuvens escuras. Sentou-se na cama e procurou Shen, que se encontrava de pé junto à janela a observar o céu revoltoso.

– Está a chover – disse Rose, tapando-se com a coberta. – Nunca chove no deserto.

– Pedi à Lei Fan que criasse uma tempestade.

Rose franziu o sobrolho.

– Porquê?

Shen voltou-se e estendeu-lhe uma carta com o selo real de Anadawn.

– Chegou isto para ti. A avestrelada quase me arrancou um olho quando atravessou a janela.

Rose levantou-se da cama e pegou na carta com mãos trémulas. Abriu-a e reconheceu de imediato a caligrafia de Thea.

Rose,

Espero que recebas esta carta. Ouvimos rumores de que o Barron está a reunir um exército a sul. Pretende atacar Anadawn dentro de uma semana. Vem depressa. Temo que o pior esteja para vir.
Thea

Levantou a cabeça e o pânico fez desaparecer o calor das suas bochechas.

– Shen.

Ele pegou na carta e cerrou os maxilares ao lê-la.

– Devias vestir-te.

Rose já estava a entrançar o cabelo para o afastar da cara.

– Quanto tempo demoras a preparar o teu cavalo? Temos de partir quanto antes.

Fez-se um segundo de silêncio.

– Não vou contigo, Rose.

A jovem irritou-se.

– Não digas disparates. Não posso deixar-te aqui com eles. E se voltarem a atacar-te?

– Falei com o capitão da guarda. – Shen fez estalar os dedos. – Vamos lidar com eles esta noite.

– Então, eu espero.

– Será mais seguro se não estiveres aqui.

– Seguro para quem? – indagou Rose. – Precisas de uma curandeira ao teu lado.

– Ficarei bem. E tu também. – Apontou para a missiva. – Anadawn precisa da sua rainha.

Os olhos de Rose encheram-se de lágrimas.

– Mas nem tu, nem a Wren estarão lá.

Shen mostrou-lhe um sorriso. Era tão triste que Rose teve de desviar o olhar.

– Estavas destinada a reinar, com ou sem nós. E a Wren não demorará a voltar, tenho a certeza.

– E tu?

Ele hesitou.

– Irei ver-te assim que as coisas por aqui tiverem acalmado. – Um relâmpago retumbou sobre eles e atraiu o olhar de Shen para a janela. – Vou deixar-te para que troques de roupa. – Apontou para uma travessa repleta de bolos. – Trouxe-te outra das especialidades da avó Lu. Leva-os para o caminho. – Atravessou o quarto, abrindo e fechando as mãos. Rose sabia que estava nervoso, mas não sabia se era pela despedida iminente, pela reunião dos Flechas ou pelo confronto com Kai e Feng. – Encontramo-nos no pátio. Não te esqueças da capa.



Continuava a chover quando Rose chegou ao pátio. Shen saiu das sombras e agarrou-a pela mão.

– Vem, por aqui – disse ele, puxando-a. – Vamos sair da cidade por um caminho mais discreto.

– Porquê todo este secretismo? – perguntou ao mesmo tempo que estugava o passo. – Ninguém quer saber o que eu faço. Deixaram isso bem claro.

– Não quero que ninguém te siga. Ou que avise os Flechas. – Rose sabia que ele estava a falar de Kai. Sentiu um aperto no estômago ao pensar que podia encontrá-lo numa daquelas ruas escuras. – Ele sabe que farei qualquer coisa para te proteger. O que significa que pode usar-te contra mim.

Um raio cruzou o céu e iluminou-o. Um trovão ribombou atrás deles enquanto avançavam pela cidade encharcada. Rose encontrou conforto naquele ruído da tempestade. Significava que Lei Fan estava a ajudá-los. E se a bruxa tempestade sabia que Rose corria perigo, então Shen devia confiar nela o suficiente para lhe contar o que se passara no festival.

Por fim, chegaram a uma porta estreita escondida dentro de uma treliça florida na muralha sul da cidade. Shen abriu-a e do outro lado ficava o deserto.

– A avó Lu falou-me deste lugar.

Rose sentiu um enorme alívio.

– Quer-me parecer que tens mais aliados do que traidores no palácio.

– Mais ou menos – retorquiu Shen, conduzindo-a para o deserto.

Storm estava à espera deles. Rose sorriu ao afagá-la.

– Outra aliada.

– Agora é tua – disse Shen.

– Só a estou a tomar de empréstimo – contrapôs Rose. – Ela estará à tua espera em Anadawn. Estaremos ambas à tua espera.

O sorriso de Shen era triste e Rose teve a terrível sensação de que não voltaria a ver aquela covinha perfeita. Ou aqueles olhos.

– Shen ... – Não sabia que mais dizer-lhe. Não queria despedir-se.

Shen emoldurou-lhe o rosto com as mãos e beijou-a. O capuz caiu-lhe quando lhe lançou os braços em volta do pescoço, com a tempestade do deserto a encharcá-los até aos ossos, mas pouco se importou. Ela beijou-o de volta, com avidez, enquanto um raio iluminava o céu e o seu coração batia com tanta força como os relâmpagos. Por fim, Shen afastou-se.

– Isto não é uma despedida – disse Rose, agarrando-se à capa do bruxo.

– Voltaremos a ver-nos. Em breve.

Ele soltou uma pequena gargalhada.

– Continuas a dar-me ordens, embora eu agora seja rei?

– Algumas coisas nunca mudam – respondeu ela, enquanto montava *Storm*. Virou-se para o mirar uma última vez. – Tem cuidado, Shen.

– Tu também – desejou ele, mostrando-lhe um sorriso enorme. – Vai ser a rainha que sei que podes ser. – Inclinou-se e sussurrou uma ordem a *Storm* e, antes de Rose conseguir dizer o que quer que fosse, a égua partiu a galope e guiou-a sob a agitada tempestade do deserto.



Wren vagueou pelos corredores do palácio de Grinstad, sem saber o que fazer com o príncipe Ansel. Apoiou-se no parapeito de uma janela do primeiro andar e, cativada pela beleza de Gevra, viu como o mundo mudava de cor do prateado para o branco. Ali até o vento era hostil e a bramosa tempestade era uma besta em si mesma. Absorta naqueles pensamentos, Wren podia jurar que tinha ouvido um grito distante. *Elske* pôs-se de pé e espetou as orelhas enquanto tentava perceber de onde vinha o som. Wren também o reconheceu.

Pressionou a testa à janela e observou o pátio coberto de neve e repleto de tigres das neves e de lobos. Tor caminhava entre eles com as mãos atrás das costas. A gola elevada do casaco podia protegê-lo do frio, mas, ainda assim, parecia um louco, a reunir aqueles animais no meio de uma tempestade.

– O que faz ele ali fora? – murmurou Wren. – Aquele idiota vai morrer de frio.

Elske uivou baixinho.

– Vamos. – Wren dirigiu-se para o jardim, com a loba ao seu lado. No vestíbulo, a cúpula de vidro estava coberta de neve fresca, escondendo o céu. Algumas das bestas deambulavam, nervosas. Os soldados também pareciam inquietos, como se temessem que o vento uivante fosse uma *banshee* que viesse raptá-los.

Wren teve de pressionar o ombro contra a porta do pátio e empurrar com todo o seu peso para conseguir movê-la. Quando por fim a abriu, o vento pegou-lhe pelas mangas e lançou-a para uma tempestade de neve tão gélida

que teve dificuldade em respirar. *Elske* caminhou atrás dela, suportando a trágica mudança de temperatura com uma impressionante elegância.

Tor continuava a caminhar de um lado para o outro, chamando a atenção de doze bestas soltas. Levantou um punho e os animais atiraram-se para o chão como se fossem peças de dominó. Um assobio curto e agudo pô-los de pé e um simples estalar de dedos fê-los atravessar a arena e voltar. Ao observá-lo no seu *habitat* natural, Wren esqueceu-se momentaneamente da tempestade. Parecia calmo e destemido diante daquelas temíveis presas. Tor controlava as suas bestas com a mesma confiança com que controlava a sua espada, e respeitavam-no por isso. Não, *amavam-no*.

Wren cingiu a capa ao tronco enquanto o seu corpo protestava contra o vendaval. Tor enfureceu-se quando ela se aproximou e levantou o queixo como se tivesse sentido o perfume dela no vento. Ou talvez tivesse sido o uivo de *Elske* que o tinha feito virar-se.

– Wren? – gritou ele, encostando a mão à testa à laia de pala. – És tu?

Wren acenou.

– ESTÁ AQUI ALGUÉM QUE GOSTARIA MUITO DE TE VER!

Tor virou-se para as suas bestas e gritou uma ordem. Elas levantaram-se de imediato e dirigiram-se para o redil pela orla do pátio. O soldado trancou a porta e encerrou-as lá dentro. Dirigiu-se então para Wren, avançando pela tempestade com uma facilidade pouco natural. *Elske* correu para ele e Tor derreteu-se ao vê-la e beijou-a na cabeça. Wren sorriu ante aquela cena. Depois o vento tornou-se ainda mais forte e açoitou-lhe a cara. Tor pôs-se de pé, rodeou-lhe a cintura com o braço e puxou-a para si enquanto a conduzia até uma cabana de madeira na outra extremidade do pátio.

– Aqui – disse, dirigindo-a para o interior. – Isto evitará que voes.

– Seria assim tão mau? – murmurou Wren, examinando a rangente cabana. Viu uma pequena lareira a um canto e canecas vazias sobre a mesa. Supôs que aquele fosse um local onde os soldados se refugiavam para descansar. O mau tempo devia tê-los empurrado a todos para o interior do palácio.

Enquanto a cabana tremia, Wren acomodou-se num banco diante da lareira apagada, desejando uma caneca de chá quente. *Elske* enroscou-se aos pés da jovem, aquecendo-lhos. O ar ali estava gelado, mas ao menos ali estavam resguardados da violenta tempestade e já não tinham de gritar para se fazerem ouvir.

– O que fazias aqui fora no meio de uma tempestade? – indagou Wren, esfregando as mãos para as manter quentes. – Podias morrer.

– Os animais estavam inquietos. O treino distrai-os. – Tor agachou-se junto à lareira e começou a abastecê-la de lenha. – Acredites ou não, gosto desta ferocidade. É a única altura em que consigo ouvir-me pensar. E lembra-me a minha casa.

– Então, lamento ter interrompido a tua paz. – Wren observou-o enquanto preparava a lareira.

– Procurei-te – disse Tor. – Não estavas no teu quarto.

– Pois não, estava no quarto do Alarik.

Ele franziu o sobrolho.

– Porquê?

– Ele foi buscar o Ansel – apressou-se Wren a esclarecer. Que outra explicação podia haver? – E agora tem o príncipe metido no guarda-roupa para que ninguém o descubra. – Olhou para as mãos. – O Alarik está furioso comigo.

– Bom, podes culpá-lo? – comentou Tor com um suspiro.

– Sim – replicou Wren com segura. – Fizemo-lo juntos. – Viu os músculos do pescoço de Tor ficarem tensos e prosseguiu. – Não planeei que o Ansel voltasse desta maneira, Tor. Se não acreditares em mais nada, acredita ao menos nisso. – Para seu horror, os seus lábios começaram a tremer. – Só queria compor as coisas. Por ele. Pela Banba. Por *ti*. Pensei... Pensei...

– Eu sei o que pensaste. – Ateou fogo à lenha com uma pederneira. – Mas algumas coisas não podem ser desfeitas, por muito que o desejemos. – Olhou-a por cima do ombro e a tempestade nos seus olhos era tão violenta como a que se agitava no exterior. – Ninguém pode fazer o tempo voltar para trás. Nem tu.

A suavidade na voz dele provocou-lhe pele de galinha. Se estivesse zangado, ela podia discutir com ele. Podia pontapear e vociferar. Mas não podia discutir com o medo na voz e no olhar dele. Medo por ela.

– Não sei como repará-lo – confessou. – Cometi um erro terrível e não há como voltar atrás. E agora a Banba pagará por isso. Se lhe acontecer alguma coisa... – Pressionou os punhos contra os olhos, tentando impedir as lágrimas de cair, mas foi em vão. – Não vou aguentar, Tor.

O banco rangeu quando ele se sentou ao lado dela e o calor e a proximidade do corpo dele provocaram-lhe uma pontada no coração.

– Vem cá. – Rodeou-a com os braços e puxou-a contra ele. Wren encostou o nariz à gola dele e sentiu o seu perfume alpino. – Respira. – Pressionou os lábios à cabeça dela. – É tudo o que podes fazer agora.

Wren fechou os olhos. O peito dele oscilava sob a sua bochecha e o ritmo estável da sua respiração acalmou o pânico que sentia. A sua vontade era enroscar-se e dormir ali, esquecer todos os problemas que a esperavam do outro lado da porta.

– Obrigada – murmurou. – Por este momento. Por esta amabilidade.

A jovem não se dera conta do quanto precisava daquilo, mas Tor percebera. E oferecera-lho, embora ela não o merecesse. Ou a ele. Tor beijou-lhe o cocuruto da cabeça.

– Obrigado por teres devolvido a minha loba.

Wren sorriu.

– Aposto que te deves estar a perguntar de onde veio.

– Sinto uma certa curiosidade.

– É uma história e peras. – Wren endireitou as costas e contou-lhe, não

apenas acerca do espelho e da loba, mas também o resto do seu dia, sobre a ameaça de Alarik e a sombria verdade que Banba lhe contara na masmorra, que, para conhecer a paz, Ansel teria de morrer novamente.

– Raios! – Tor deslizou a mão pelos cabelos. – Contaste ao Alarik?

– Claro que não.

– Não o faças – pediu ele num tom sombrio.

Wren desejou que a neve os encurralasse ali para não ter de voltar a enfrentar o rei Alarik.

– Estraguei o ambiente. Não falemos mais nisto.

Tor soltou uma gargalhada desconfortável.

– E que outro assunto nos resta?

Ela soprou o ar e olhou em redor da cabana à procura de inspiração.

– Fala-me dos teus animais. Faz com que pareça interessante.

Tor arqueou uma sobranceira, mas, em vez de fazer pouco daquele pedido, encostou a cabeça à parede.

– O que queres saber?

Wren pensou por instantes.

– Fala-me do Grande Urso. Aquele que aparece no escudo de Gevra.

– O *Bernhard* – disse Tor.

– O velho *Bernhard*. Por que razão veneram um urso?

Enquanto as chamas crepitavam, Tor fechou os olhos e começou a contar a história.

– Durante milhares de anos, em Gevra havia apenas bestas. Os lobos deambulavam pelos rios e pela costa enquanto os tigres da neve e os ursos polares viviam nas montanhas. Havia harmonia entre todas as criaturas, grandes e pequenas, até que um colonizador tentou conquistar a terra.

Wren observou os lábios de Tor enquanto ele falava, cativada pelo timbre da sua voz.

– A terra era rica em ferro. E os colonizadores apareciam amiúde para tentarem instalar-se.

– Deixa-me adivinhar – disse Wren. – As bestas comiam-nos.

– Pior – contrapôs Tor. – Algumas histórias relatam que os ursos aprenderam a arrancar a pele do corpo dos homens e deixavam-na na costa, como advertência a outros.

Wren fez uma careta.

– Lamento ter perguntado.

Ele riu e deu-lhe um pequeno toque no nariz.

– E agora chegamos ao *Bernhard*. Era o animal mais antigo e feroz. Todas as bestas se curvavam diante dele. Quando dormia, os seus roncos eram tão altos que ecoavam pelas montanhas de Fovarr e, quando estava zangado, o seu rugido abria fissuras nos fiordes. Alguns colonizadores do continente norte temiam-no. Outros desejavam capturá-lo. Mas nenhum conseguiu.

– Ainda bem – disse Wren.

Tor sorriu.

– E depois, um dia, um jovem sem coroa nem joias viajou até Gevra num barco feito com as suas próprias mãos. Chamava-se Fredegast Felsing. Em vez de tentar lutar com o Grande Bernhard, ele trouxe-lhe salmão e carne.

– Subornou-o. – Wren não conseguiu evitar sentir-se impressionada. – Bem pensado.

Ele riu novamente. Wren desejou poder engarrafar aquele som.

– Contra todos os prognósticos, o *Bernhard* e o Fredegast tornaram-se amigos. O Fredegast construiu uma casa na montanha e, com o passar do tempo, outros colonizadores juntaram-se a ele. A pedido de Fredegast, as bestas deixaram-nos ficar e, pouco a pouco, aprenderam a viver em harmonia. Quando o *Bernhard* morreu de velhice, Fredegast chorou durante dez dias e dez noites.

– Um pouco dramático – murmurou Wren.

Tor lançou-lhe um olhar admoestador.

– Ele estava de luto.

– Há melhores maneiras de o fazer.

– Tais como?

Wren encolheu os ombros.

– Não sei. Reprimir as emoções, retirar-se da vida ativa e praticar esgrima com a vingança como objetivo final.

Tor riu.

– Tens muito jeito com as palavras.

– Tu também, soldado. Prossegue.

Ele assim fez.

– Depois disso, as bestas curvaram-se diante de Fredegast e ele tornou-se o primeiro rei de Gevra. No dia da coroação, usou a pele do Bernhard como capa cerimonial.

– Espera lá. *O quê?* – gaguejou Wren. – Isso é *horrível!*

Tor não foi capaz de conter outra gargalhada.

– Era um gesto de homenagem!

– Tor!

Ele levantou as mãos.

– Estou a falar a sério.

– Então, se eu morrer neste inferno gelado, alguém irá usar-me como chapéu?

– Ninguém te vai usar como chapéu – contrapôs Tor com um sorriso de orelha a orelha. – Só o fazemos com os animais.

– Prometes?

E lá estava aquele sorriso, belo como o pôr do sol no inverno.

– Sim, Wren, prometo.

Ela cruzou os braços antes de se encostar à parede.

– Porque, depois de hoje, há a possibilidade de eu morrer aqui, e *não* quero que o Alarik Felsing me use como uma maldita capa.

– Wren – disse Tor, inclinando-se para ela. – Não vou deixar que

morras. Gosto demasiado de ti para permitir que isso aconteça.

Wren espetou o queixo.

– Prova-o.

O soldado emoldurou-lhe o rosto com as mãos e dirigiu o olhar para os seus lábios.

– Disseste-me certa vez que nunca me beijarias à frente da minha loba.

– Estou preparada para abrir uma exceção – sussurrou ela ao inclinar-se.

– E a loba está a dormir. – Sorriu ao morder-lhe o lóbulo da orelha.

Tor gemeu enquanto a beijava. Wren retribuiu o beijo, ofegante, faminta. Ele puxou-a para si até haver apenas calor entre eles. Mas mesmo assim não estavam próximos o suficiente. Wren puxou as saias para cima e passou uma das pernas sobre a de Tor que a agarrou com tanta força que Wren pensou que pudesse quebrar-se. O beijo intensificou-se, afogando a tempestade enquanto ela se movia contra ele.

Wren podia ter ficado naquela pequena cabana durante uma eternidade a beijar Tor até terem ambos esquecido o próprio nome, mas a tempestade enfureceu-se ainda mais e quando o lume se apagou e *Elske* acordou com um uivo, eles separaram-se.

– Devias voltar para o palácio – disse Tor depois de recuperar o fôlego.

– E eu devia ir ver como estão os animais.

– Sinto um novo apreço pelas tempestades – declarou Wren, antes de o beijar na bochecha. Deixou-se ficar mais um pouco, tentada a roubar outro beijo, mas Tor estava certo. Tinham ambos de estar noutros lugares. Levantou-se com relutância e, olhando uma última vez por cima do ombro, Wren regressou ao palácio para enfrentar a sua desesperada situação. Não ficou surpreendida quando *Elske* a seguiu, embora a jovem suspeitasse que o fizesse por ordem do seu dono e não por lealdade para com ela.

Wren subia as escadas quando ouviu música a flutuar pelo corredor. Seguiu o som até um salão no primeiro andar, onde encontrou Anika e Celeste a dançarem descalças em redor de um trio de violinistas. Soltavam gargalhadas estridentes enquanto levantavam as saias e moviam os pés. Celeste derrubou um jarro, o que fez Anika uivar de alegria. A princesa ria-se com tanta força que cambaleou em direção à lareira e chamuscou a bainha da saia. Celeste agarrou um jarro com água e encharcou-lha e ambas as jovens deixaram-se cair num dos sofás e riram muito. Os músicos pararam de tocar e entreolharam-se, alarmados.

– Continuem a tocar! – gritou Anika por entre soluços. – Não quero ouvir aquela maldita tempestade! – Olhou em redor. – *Diamond*! Onde estás, linda? – A sua raposa branca saltou para o seu colo e lambeu-lhe a bochecha.

Celeste alcançou uma garrafa de espumante gelado de uma mesa próxima e esvaziou-a quase de um só gole. Havia mais três garrafas vazias a rolar pelo tapete. Celeste dispôs-se a fazer rolar a garrafa vazia pela sala quando se deu conta de que Wren estava à porta.

– Continua a dançar, Anika! – exclamou Celeste, enquanto se levantava.

– Volto já! – Anika levantou-se e oscilou para a frente e para trás, dançando com a raposa.

Celeste atravessou a sala em passo rápido e fez sinal a Wren para que recuasse para o corredor.

– Aqui estás tu! – disse, quase sem fôlego. – Onde estavas? Desapareceste!

– Desculpa ter perdido a festa – disse Wren com segura na voz. – Tive um pequeno problema com um príncipe morto-vivo.

Celeste soprou um caracol dos olhos.

– Procurei-te por toda a parte.

– Caíste num tanque de espumante gelado pelo caminho?

– Oh, para com isso. Foi a Anika que bebeu quase todo. – Celeste pestanejou, reparando na loba sentada ao lado de Wren. – Essa é a *Elske*?

– Sim – respondeu Wren. – É uma longa história.

– A Rose está bem?

– Está ótima. Mas a *Elske* pertence aqui, com o seu dono – retorquiu Wren. – Como eu disse, é uma longa história.

Contrariada, Celeste pôs a curiosidade para trás das costas.

– Certo. De volta ao que me trouxe aqui.

– Para dançar com a Anika?

– Tu sabes porquê, Wren. Corres um grave perigo.

Wren revirou os olhos.

– Bom, isso é óbvio.

– É por causa do sonho que te contei – continuou Celeste com os olhos escuros muito abertos. – Não foi apenas um sonho, Wren. Na outra noite estive a estudar as avestreladas. Vieram ter comigo e pintaram a mesma visão no céu, mas mais nítida. Parecia mais próximo, não sei como. Vi-te presa numa parede de gelo. Estavas morta, Wren. *Congelada*. O teu coração já não batia.

Wren tentou engolir o nó de medo que tinha na garganta, mas estrangulou-lhe as palavras.

– Mais alguma informação que deva saber?

– Sim. O Barron e os seus Flechas aumentaram a sua base de apoio em Eana. A escaramuça com a comitiva real em Ellendale animou-os. A Thea enviou uma carta a dizer que estavam a tentar reunir um exército para marchar sobre Anadawn. O que significa que temos de regressar a casa. Já!

Wren recuou, invadida por um novo pânico. Mas isso não mudava as circunstâncias presentes.

– Abre os olhos, Celeste. Olha para o que tens à frente e não apenas para as estrelas. *Não posso* ir para casa. Depois do que fiz ao príncipe Ansel, o Alarik não me vai deixar sair daqui. Mata-me se tentar.

– CELESTE! – guinchou Anika. – ONDE RAIIO TE METESTE?

Wren afastou-se da amiga.

– Mas *tu* podes ir para casa. E devias fazê-lo. A Rose precisa de ti.

– Ela precisa de nós as duas! – Celeste agarrou Wren pelos ombros e puxou-a para trás até estarem cara a cara. – Escuta. O navio do Marino estará de volta ao porto daqui a dois dias. Rouba um cavalo. Esconde-te num barril de peixe se tiver de ser, mas vai ter comigo lá. Ele levanta âncora ao meio-dia.

– Mas a Banba...

– A Banba iria querer que o fizesses, Wren. – Celeste semicerrou os olhos, lendo a verdade nos de Wren. – Mas tu já sabes disso, não é?

– CELESTE! ESTOU ENTALADA DEBAIXO DA MESA! – As gargalhadas de Anika ecoavam pelo corredor.

– ESTOU A IR! – gritou Celeste.

– Celeste, ainda que estivesse disposta a deixar a Banba, sair daqui não vai ser tão fácil como entrar.

– Talvez. – Celeste lançou um olhar significativo a *Elske*. – Mas tu e eu sabemos que há alguém aqui que pode ajudar-te a fugir. Porque não lhe perguntas?



Nessa noite, depois de *Elske* ter regressado ao seu dono, Wren adormeceu embalada pela tempestade. Acordou numa montanha, com neve até aos joelhos enquanto caminhava pela crista pontiaguda. Aquela voz antiga apareceu novamente, elevando-se com as asas de um notibó. *Bem-vinda à escuridão, passarinho. Não debes temê-la.*

As nuvens moveram-se no céu. Um raio de luar iluminou a figura que estava diante de Wren. Tinha o cabelo escuro e comprido e a pele clara e usava uma capa carmesim debruada com pele branca.

– Quem és tu? – gritou Wren.

A gargalhada da jovem ecoou pelas montanhas. Voltou-se e atravessou Wren com os seus olhos esmeralda. *A pergunta é: quem és tu?*

– Espera. És algum tipo de visão? – Wren estugou o passo e tropeçou. – És... eu?

A mulher sorriu com os dentes de Wren. *Sou a escuridão que vive dentro de ti.*

Wren viu as mãos da mulher mudarem de cor e a pele a brilhar vermelha como o sangue no seu interior. Ocorreu-lhe um pensamento e expressou-o.

– Sabes como consertar o príncipe? Existe alguma maneira?

A mulher inclinou a cabeça. *Se houvesse, o que farias para o conseguir?*

– Qualquer coisa.

A mulher abriu um sorriso. *Serias capaz de matar?*

A neve caía à volta delas, mas, à medida que os flocos aterravam na pele de Wren, transformavam-se em gotas de sangue. Quando levantou a cabeça, a outra Wren tinha desaparecido. A noite era tão negra como a tinta e a lua ocultava-se atrás de um cobertor de nuvens.

O verdadeiro poder requer sacrifício, sussurrou o vento.



Rose cavalgou através da tempestade e até ser noite. O céu relampagueava e pintava as dunas de prateado enquanto a chuva caía sobre ela, encharcando-lhe a capa. Mal se apercebia do frio. Estava perdida na recordação do seu último beijo com Shen Lo, perguntando-se porque lhe parecera mais do que uma despedida temporária. Parecera-lhe definitiva.

Enquanto o Reino Beijado pelo Sol desaparecia na névoa, Rose vislumbrou o fim da tempestade de Lei Fan, um lugar onde a chuva desaparecia, o céu voltava a ficar azul-escuro e as primeiras estrelas do deserto brilhavam. Inclinou-se para a frente a fim de galopar mais depressa.

Escutou o som inequívoco de cascos atrás de si. Virou a cabeça e semicerrou os olhos na escuridão crescente. Reconheceu primeiro o cavalo e logo depois o cavaleiro. Era Kai. Rose sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Kai não usava camisa e o cabelo, solto, oscilava ao vento. Devia ter contornado a tempestade para conseguir apanhá-la.

Rose entrelaçou os dedos na crina de *Storm*.

– Mais depressa, querida!

No entanto, o cavalo de Shen estava exausto de cavalgar sob a chuva e os cascos ensopados enterravam-se na areia oscilante.

– Valhart mimada e introneta! – gritou Kai. – Estragaste tudo! Nem penses que vais fugir para o teu precioso palácio. Volta para trás e enfrenta-me!

Rose olhou por cima do ombro a tempo de o ver desenrolar o chicote com um ruído ensurdecedor. Cortou o ar antes de se enrolar em volta de Rose

e a arrancar do cavalo. A jovem gritou e caiu, aterrando de costas na areia. Kai saltou do cavalo e apoiou um pé de cada lado dos cotovelos da jovem. Ela tentou levantar-se, mas ele agachou-se e pressionou-lhe a cara contra a areia. Rose debateu-se, em pânico, e agarrou-lhe um punhado de cabelo que puxou com toda a força. O bruxo guerreiro soltou-a com uma impreciação e ela sentou-se de imediato e deu-lhe uma joelhada entre as pernas. Kai rugiu de dor.

Rose afastou-se dele e pôs-se de pé. Apanhou o chicote do solo e lançou-o para o mais longe que conseguiu.

Kai tirou um punhal do cinto e ergueu-se. Baixou a cabeça e atacou-a. Rose tentou correr, mas não era rival para um guerreiro enfurecido. Tropeçou na areia e levou as mãos à cabeça para se proteger, mas *Storm* saltou da duna e colocou-se entre ela e o guerreiro.

Kai atacou, atingindo *Storm* com o punhal. A égua soltou um relincho aterrador e caiu na areia.

– Cobarde sem carácter! – bradou Rose, ajoelhando-se ao lado da égua que tremia. – Ela estava apenas a tentar proteger-me!

– *Cobarde?* – perguntou Kai, contornando-a. – O cobarde é o Shen Lo. Escondido em Ortha durante todos estes anos quando podia ter andado à nossa procura! – Cuspiu para a areia. – Ele não merece ser rei! – Levantou o punhal sobre Rose. – Se não posso arrancar-lhe a coroa da cabeça, então acabarei com a sua amada.

Rose bradou quando ele desceu a lâmina, mas, nesse preciso instante, uma faca prateada passou junto a ela e arrancou o punhal da mão de Kai. Então, uma voz rouca atravessou o vento do deserto.

– Já esqueceste a tua honra, Kai Lo! – A avó Lu galopava na sua direção montada numa magnífica égua castanho-vermelhada. Brandiu a bengala no ar como se fosse uma espada, antes de apontar de modo acusatório à testa do guerreiro. – Dececionaste-me.

Rose pestanejou, tentando perceber se a avó Lu era uma aparição. Só podia ser uma espécie de miragem, porque não era possível que a idosa ama de Shen aparecesse assim, do nada, armada até aos dentes...

De seguida, a avó Lu saltou do cavalo, rodopiou pelo ar e pontapeou Kai no queixo, derrubando-o. Aterrou ao lado dele e começou a bater-lhe com a bengala.

– És. Melhor. Do. Que. Isto! – disse ela entre pancadas. – Fui eu que te treinei! Ensinei-te todos esses movimentos sofisticados! Mas não te ensinei todos os MEUS truques! – Com outro grito, usou a bengala para se lançar pelo ar, enrolando o corpo numa bola antes de cair com toda a força sobre o peito de Kai, deixando-o sem ar e aturdido.

– Para! – implorou ele. – Sabe que não retaliarei!

A anciã pôs-se de pé num piscar de olho.

– Kai Lo, eu sei o que tentaste fazer ao teu primo no festival – declarou, pairando sobre ele. – Não fiques aí deitado a fazer de conta que és um bom

homem!

– E também tentou matar-me! – gritou Rose, incapaz de se conter. Ao seu lado, *Storm* relinchou. – E à *Storm*! – apressou-se a acrescentar. – Feriu-a na perna!

– Chiba! – ciciou Kai.

A avó Lu fez girar a bengala e golpeou-o na bochecha.

– Devias ter vergonha de ter atacado a rainha Rose. E de teres ferido um cavalo do deserto! – Bateu-lhe na cabeça. – Não passas de um rapaz idiota.

Kai tentou dar uma sapatada na bengala, mas a anciã era mais rápida do que ele. A avó Lu deu-lhe outra bengalada na cabeça.

– Sou a mestra. Eu é que faço as regras.

Rose soltou uma risadinha. A avó Lu virou a cabeça.

– Isto não é um espetáculo. Cura essa égua e sai daqui!

Rose fez um aceno de cabeça e obedeceu. Não queria enfrentar a ira da anciã. Fechou os olhos, convocou a sua magia e começou a tratar da ferida de *Storm*. Quando terminou de a curar, a avó Lu ainda ralhava com Kai. Rose saltou para o cavalo, olhou para o experiente bruxo guerreiro e em seguida para a anciã.

– Fica bem sozinha?

A avó Lu soltou uma gargalhada sonora.

– Ainda nem sequer comecei a suar! – Antes de Rose conseguir responder, a avó voltou-se e deu uma palmada na garupa de *Storm*. – Vai! E não pares até chegares a Anadawn!

– Obrigada! – gritou a rainha enquanto *Storm* cavalgava, deixando um remoinho de areia para trás.



Wren acordou tarde e devorou um farto pequeno-almoço, do qual desviou dois bolinhos que guardou no bolso antes de se dirigir para a biblioteca, onde ouviu a tempestade piorar a cada minuto que passava.

As chamas crepitavam nas duas enormes lareiras que enchiam a divisão com um delicioso calor. Havia sofás e cadeirões suficientes nos quais podia recostar-se ou deitar-se enquanto lia, tapando-se, caso o desejasse, com as abundantes peles que os decoravam. Ao chegar, reuniu uns quantos livros, procedentes de uma coleção de velhas lendas gevranezas, e uma enciclopédia de ervas medicinais. Transportou tudo até um dos sofás, acendeu uma vela e enroscou-se sob um cobertor.

Esperava encontrar qualquer coisa nos anais do palácio de Grinstad que a ajudasse a recompor o príncipe. Contudo, à medida que os minutos se transformavam em horas e o dia se dissolvia em noite, Wren começou a perder a esperança. As chamas diminuíram de tamanho e as suas pálpebras foram ficando pesadas até que nem o uivar da tempestade conseguiu mantê-la acordada.

Esgotada pelo fracasso, abandonou os livros no sofá. Estava a cruzar o *hall* do primeiro andar quando viu a rainha viúva sentada ao piano de cristal. Talvez fosse da hora tardia ou da loucura provocada pelo desespero, mas, antes de pensar duas vezes, Wren desceu as escadas até ao piso inferior. Já estava tudo a desmoronar-se à sua volta, por isso, que mal faria uma pequena conversa?

– Olá – cumprimentou Wren, acenando.

A rainha Valeska levantou a cabeça e pestanejou. Wren apontou para o piano.

– Vi-a aqui sentada e pensei que talvez apreciasse um pouco de companhia. Toca?

Valeska fitou-a durante bastante tempo, como se não soubesse quem ela era.

– Não – respondeu por fim. – Já não.

– Oh, que pena.

– E tu, tocas?

Wren abanou a cabeça.

– Experimentei uma vez, mas não correu bem. Prefiro as canções de marinheiros.

A rainha arqueou as sobrancelhas e a curiosidade fez reluzir a beleza dos seus traços.

– Acho que nunca ouvi uma canção de marinheiro.

– *A sério?* – perguntou Wren. – Não sabe o que perde.

– Talvez possas cantar-me uma? – sugeriu a rainha viúva, como se fosse uma coisa muito natural de se pedir.

Wren olhou em redor do *hall* escuro, reparando em todos os soldados que faziam de conta não estar a ouvir. Rendeu-se à sua falta de bom senso. Se no dia seguinte ia para o inferno, então mais valia aproveitar aquela noite. Depois de ter passado o dia metida na biblioteca, sentia-se estranhamente zozna e um pouco eufórica.

– Porque não? – disse, puxando a saia para dançar ao ritmo da música. – Prepare-se para se surpreender. – Tossicou para limpar a garganta e entregou-se à sua canção de marinheiros preferida.

Neeeed Dupree era um rude marinheiro

que levou um barril de rum para o baleeiro.

Deixou a mulher na pequena aldeia,

E sozinho esvaziou o barril, em apneiaaaa!

Wren abanava as saias enquanto cantava, arrancando um sorriso à rainha viúva. Começou a dançar pelo *hall*.

Aaaa cabeça do pobre Ned depressa rodopiou

E ao ver uma carpa, a barbatana lhe beijou.

Cantou e cantou até lhe doer a voz

E depois pegou-se com um albatroz.

A rainha riu às gargalhadas, e o som tilintou pelo espaço como uma sineta. Wren sorriu-lhe por cima do ombro.

– Apreciava acompanhamento musical para a estrofe seguinte. Se não se importar?

A rainha virou-se para o piano. Wren cantarolou a melodia ao mesmo tempo agitava a saia.

– *Da-da-da-da da-da-da-da-da-da-da-da-da-da-daaaaaaa.*

A rainha pressionou as teclas e um único acorde irrompeu como uma

ária. Incrédulo, um dos soldados inclinou a cabeça, de olhos arregalados. A rainha Valeska repetiu o primeiro acorde, depois avançou para o segundo e para um terceiro, as suas mãos acelerando para acompanhar a jovem quando esta começou a cantar a última estrofe.

Que dor de cabeça na manhã seguinte,

Ned saiu da cama meio inconsciente.

Zonzo para o convés se encaminhou,

Eeeeeeeeeee aí todo o rum vomitou!

A rainha inclinou a cabeça para trás e riu às gargalhadas. Alguns dos soldados não se contiveram e riram também. Wren dançava uma jiga em redor do *hall* e terminou a canção com a ajuda dos ágeis acordes de Valeska. Continuava a rir-se quando a canção acabou.

– Foi muito interessante!

Wren fez uma vénia.

– Obrigada por melhorá-la.

A rainha olhou para o piano.

– Pensei que a música me tinha abandonado, mas talvez estivesse apenas escondida.

Wren sentou-se no último degrau da escadaria.

– Pode tocar-me outra coisa?

– Nada poderá rivalizar com a tua magnífica canção de marinheiros.

– Pode ser qualquer tipo de música – incentivou Wren. – E, além disso, as canções de marinheiros são como o rum. Se bebermos demasiado, ficamos doentes.

A rainha riu. E depois, para surpresa de Wren, voltou-se para o piano e inclinou-se para as teclas como se fossem uma montanha que se preparava para escalar. E assim fez. A rainha Valeska espalhou pela sala uma melodia tão bela que Wren ficou comovida. As notas pairavam como nuvens de tempestade no céu e foram em crescendo até ribombarem como um trovão. O coração de Wren acelerou. A melodia mudou uma vez mais, caindo como as primeiras gotas de uma chuva de verão. E depois terminou, e Wren – horrorizada –, deu-se conta de que estava a chorar. Limpou as bochechas com a manga. A rainha sorria.

– Cuidado. Ou estragas esse bonito vestido.

– Não é meu – explicou Wren.

– Eu sei – disse Valeska. – Eram para a futura esposa do Ansel... – Calou-se e a sua expressão ensombreceu-se. – Mas parece que não estava destinado a ser.

Wren deixou cair a mão. Valeska interpretou mal o horror no rosto da jovem.

– Talvez seja difícil de acreditar. Uma rainha a desenhar vestidos. Mas foi a minha vida em tempos, antes de conhecer o Soren. – Sorriu com tristeza. – Depois da morte do meu marido, o Alarik encorajou-me a retomar a minha paixão. Pensou que poderia manter-me a cabeça ocupada. E o coração

também.

Wren encarou a rainha.

– Os vestidos nos aposentos do quarto andar... foram desenhados por si?

A rainha fez que sim com a cabeça.

– São lindos – disse Wren.

– Há muito tempo interessavam-me as coisas bonitas. – Valeska olhou para a sua camisa de noite e esboçou um sorriso triste. – A dor pode fazer-nos sentir como se estivéssemos a afogar-nos. Todos aqueles vestidos e peles elegantes são uma espécie de salva-vidas. – Fez uma pausa. – Um de muitos.

Afinal, os vestidos não eram para uma namorada de Alarik, eram para Rose. Todos desenhados com muito amor pela sua mãe. Wren sentiu um aperto no estômago. Não gostava que aquilo a obrigasse a ver Alarik sob uma luz diferente – não como um rei cruel, mas como um filho preocupado. Não queria pensar nele dessa forma.

– Não fiques preocupada. Alegra-me que alguém os use – disse a rainha com calidez. – O meu filho disse-me que eras amiga do Ansel. Que vieste de Eana. O meu marido e eu visitámo-lo há muitos anos. Passámos uma semana em Norbrook, antes do nascimento de Alarik.

– Sim – retorquiu Wren, recuperando alguma compostura. – Chamo-me Wren. O Ansel e eu éramos amigos. – Hesitou. – Lamento o que lhe aconteceu.

– Obrigada – disse a rainha.

Wren ficou triste. De repente, sentiu-se demasiado cheia. Era como se dentro dela crescesse um soluço. O ar era pesado. Pensou em Banba.

– Porque estás tão triste? – A voz de Valeska interrompeu-lhe os pensamentos. A rainha sorriu e, na curva dos seus lábios, Wren viu Alarik. – Ainda és jovem. Tens toda a vida pela frente.

A jovem esboçou um sorriso triste.

– Estou de luto por alguém que ainda não morreu.

– Ah! – A rainha ficou em silêncio, inquieta.

Uma sombra moveu-se no primeiro andar. Outro soldado a espreitar, sem dúvida. Wren perguntou-se se seria Tor.

– Talvez essa pessoa possa ser salva? – disse a rainha com esperança na voz.

Wren quase riu.

– Não – respondeu, abanando a cabeça. – Não há nada que se possa fazer.

– Então temos de ter esperança. – Valeska inclinou a cabeça para trás e o seu cabelo loiro tocou no chão quando olhou para a cúpula cheia de neve. – Devemos desejar que exista um mundo para lá deste, onde o amor que oferecemos nesta vida nos seja devolvido multiplicado por dez e as pessoas a quem o demos estejam à nossa espera, com os corações cheios dele, quando morrermos.

Wren franziu o sobrolho. Na sua experiência, era mais fácil falar de

esperança do que tê-la. Além disso, na maioria das vezes, era perigoso.

– Ou podemos cantar canções de marinheiros. E beber. E dançar. E compor música enquanto podemos. – Apontou para o piano de cristal. – Aproveitar toda a sorte que temos e dar-lhe bom uso. Antes que se acabe.

A rainha inclinou a cabeça.

– Nunca pensei nisso assim.

– Parece-me que ajuda. Pelo menos, às vezes. – Wren pôs-se de pé, consciente da sombra que se movia por cima dela. – É tarde, tenho de ir. Obrigada pela companhia.

– Obrigada pela canção de marinheiro – disse a rainha. – E pelo resto.

– De nada. – Wren subiu as escadas, sorrindo ao escutar a melodia do piano que se elevava atrás dela. Dirigiu-se para o corredor onde Tor estivera escondido, mas agora afastava-se dela, tentando não ser visto. Bom, era demasiado tarde. Wren estugou o passo para o apanhar.

– Nem parece teu fugires de mim – disse ela enquanto o seguia para um quarto ao fundo do corredor. – *Principalmente* em corredores escuros.

– Não sabia que tínhamos esse tipo de relação – declarou uma voz que Wren não esperava. Depois viu um par de olhos azuis demasiado brilhantes na escuridão.

– Alarik. – Wren recuou um passo. – Pensei que era... – Calou-se, abruptamente, engolindo o nome de Tor.

– Uma decisão sensata – disse o rei. – Detestaria que te incriminasses, ou qualquer outra pessoa, ainda mais. – Virou-se para acender um candelabro na parede e a luz da vela tremeluziu antes de iluminar o espaço. Estava cheio de cavaletes sobre os quais havia paisagens a óleo ainda por terminar.

Wren aproximou-se de um quadro que representava as montanhas de Fovarr.

– A neve parece tão real – comentou ela, esticando um dedo para lhe tocar.

– Não. – Alarik estendeu a mão para a impedir. – Ainda não secou.

Wren voltou-se para ele, horrorizada.

– Por favor, não me digas que são teus.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– São assim tão maus?

– Não. Não és pintor – disse Wren. – Não podes ser pintor.

– Porque não?

– Porque é demasiado... demasiado...

– Impressionante?

– *Humano*. – Wren cruzou os braços. – E tu não és humano. És uma besta.

Alarik afastou-se dela e desviou o olhar. Por instante, Wren podia jurar que o ofendera, mas logo depois ele mostrou os caninos.

– Até as bestas podem ter um passatempo, não podem?

Wren sentou-se num dos bancos altos.

– Gostava mais quando não sabia nada de ti.
– E eu gostava mais quando não passavas de um cisco de nada em Ortha
– retorquiu ele. – Mas aqui estamos.
– Estavas a espiar-me?
– Ouvi a música da minha mãe. – Calou-se e franziu o sobrolho. –
Pensei que seria um sonho.

Wren relaxou os ombros.

– Então, perdeste a canção de marinheiro.

Para sua surpresa, Alarik riu.

– Não creio que ninguém no palácio de Grinstad tenha perdido essa canção, Wren.

Wren corou.

– Não era para ti.

– Ainda assim, estou-te grato por ela. – Para sua surpresa, Alarik parecia... bom, *sincero*. – Há muito tempo que não ouvia a minha mãe rir.

Oh, não. O rei *estava* a ser sincero.

– Para – disse ela, pondo-se de pé. – Não quero falar da tua mãe. A tua lealdade. A tua...

– Humanidade? – Arqueou uma sobrancelha. – Temes que te contagie?

– Oh, por favor. Não tens nenhuma.

– Só dizes isso porque me odeias.

– Claro que te odeio! – sibilou Wren. – Obrigaste-me a fazer magia de sangue.

– O sangue era meu.

Ela espetou o dedo.

– Vais matar a minha avó!

– Bom. Só se falhares.

Por segundos, Wren teve vontade de lhe dar um soco na cara.

– Atreve-te – desafiou ele, vendo-a fletir os dedos. – Desafio-te.

Wren estalou os nós dos dedos.

– Não me tentes.

Alarik virou-lhe as costas e aproximou-se da janela com as mãos atrás das costas. Para lá dos vidros, Wren conseguia ver o lago gelado.

– Quando era pequeno e o meu pai era rei, ele arranjava tempo todas as semanas para vir patinar connosco nesse lago – contou ele, com se estivessem no meio de uma conversa perfeitamente normal. – Era a melhor parte da semana. – Wren olhou em volta para se certificar de que o rei estava a falar com ela. – Eu era o pior patinador que possas imaginar, mas nunca ri tanto como nesses dias. Nunca me senti tão livre.

Lá fora, a tempestade batia na janela como se tentasse parti-la.

– Parece uma atividade talhada para ti – disse Wren, só para não estar calada. – É frio. Desafiante. Perigoso.

Alarik mostrou-lhe um olhar mordaz.

– Só para aqueles que se afogam.

– *Quase se afogam* – corrigiu Wren. – E eu estava a sair-me muito bem antes de o gelo se partir.

– Eu sei. Estava a observar-te.

Wren pestanejou, surpreendida. Perguntou-se durante quanto tempo estivera ele a observá-la antes de cair pelo gelo e, mais importante, *por que razão* estivera a contemplá-la.

– Porque estamos a falar de patinagem?

Alarik encostou a testa ao vidro.

– Porque nunca sabes quanto sentes falta de um momento até ele ter passado.

– Ainda tens o lago – lembrou Wren.

– Mas não tenho o meu pai. – Passou a mão pelo cabelo, percorrendo a madeixa negra que o percorria. – Na manhã depois da sua morte, acordei com esta madeixa. É igual à mancha que me atravessa por dentro. – Pôs-se uma vez mais a contemplar a tempestade. – Uma tempestade de neve matou o meu pai, Wren. Um ato da natureza mais forte do que qualquer rei, do que qualquer besta. Não havia nada que eu pudesse fazer, nenhum lugar onde descarregar a minha raiva. – Apoiou as mãos no peitoril enquanto respirava pelo nariz. Wren reparou que ele estava uma vez mais vestido de preto. – Mas o Ansel, o meu *irmão* mais novo, foi assassinado.

– Pelo Willem Rathborne – lembrou Wren.

– Num jogo que *tu* criaste – contrapôs ele, com uma voz que metia medo. Wren pensou que ele fosse lançar-se a ela e despedaçá-la. – Um jogo no qual o Ansel era um peão. Nunca quiseste saber o que aconteceria ao meu irmão. O coração partido. Humilhação. *Morte*.

– Isso não é verdade – apressou-se ela a contrapor.

– Não é?

Ela deteve-se, surpreendida ao compreender de repente que *era* verdade. Nunca pensara sequer no que aconteceria a Ansel depois de ela subir ao trono, apenas no que lhe aconteceria a ela. Às bruxas. Alarik tinha razão. Era um jogo dela. E Ansel morrera por causa disso.

– Tens razão – disse ela, sentando-se novamente no banco. – Nem sequer pensei nele. – Alarik não disse nada e limitou-se a fitá-la. – Mas essa era a minha raiva – sussurrou Wren. – A minha dor. – Levantou a cabeça para o encarar, e o resto saiu-lhe pela boca fora. – O Willem Rathborne tirou-me os meus pais antes de os conhecer. Assassinou-os a sangue-frio, pegou na minha irmã e transformou-a numa marioneta. E eu? Eu cresci nos confins do mundo. Adormecia com o uivar do vento e acordava com o grasnar das gaivotas, sem a minha outra metade. Sem a Rose. Quando cheguei a Anadawn a única coisa que me interessava era o trono. Queria recuperar o controlo do meu reino e fazer o Rathborne pagar pelo que fizera. Não queria saber de mais nada. Não *via* mais ninguém. Nem sequer a minha própria irmã.

Alarik pressionou os lábios enquanto pensava naquelas palavras.

– A perda é o que te guia.

– Não é a perda – contrapôs Wren. – É a vingança.

Mostrou-lhe um pequeno sorriso.

– Não somos assim tão diferentes.

Dessa vez, Wren não o contrariou.

– Talvez não – admitiu.

– É esse o terrível problema da família, deixa-nos vulneráveis.

– Queres dizer o terrível problema do amor. O amor é que é o verdadeiro problema.

– Um assunto horrível – concordou Alarik. – A minha mãe é um excelente exemplo.

Wren anuiu, pensativa. Foi então que lhe ocorreu um pensamento que quase a fez rir.

– Sabes que terás de casar com alguém se quiseres que a tua linhagem continue, certo?

– E tu não?

Wren mostrou-lhe um sorriso de superioridade.

– Tenho uma irmã gémea.

– Ah, claro.

– Ou podes devolver Gevra aos ursos polares quando já estiveres farto – sugeriu Wren. – Talvez o *Borvil* gostasse de reinar.

Alarik fulminou-a com o olhar.

– Tens ideia de como isso é ridículo?

Wren riu.

– Estava só a tentar ajudar.

– Como sempre – disse ele de forma sarcástica. – Esperava que o Ansel se encarregasse desse assunto da linhagem. A Anika é um espírito demasiado livre para se comprometer com alguma coisa. Ou com alguém. Mas o meu irmão sempre desejou casar-se. Sempre procurou o amor. Não se importava de pagar o preço.

Wren ficou em silêncio e sentiu um aperto no coração quando Ansel voltou a ser o tema da conversa. Tinha mais uma verdade para revelar, pouco importava o que acontecesse depois, tinha de a confessar. E o rei tinha de a ouvir.

– Não posso salvá-lo, Alarik.

O silêncio perdurou. A tempestade uivou.

– Eu sei.

– Salvava-o se pudesse – declarou Wren, e estava a ser sincera. – Quem me dera poder fazê-lo.

– Também sei disso. – O rei levantou-se e virou-lhe as costas para encarar a tempestade. Ou quiçá para ocultar as emoções. – Não estou preparado para o deixar partir – confessou, incapaz de esconder a emoção na voz. – Mesmo como está agora.

– Eu sei – disse Wren, pondo-se de pé. Juntou-se a ele à janela, temendo fazer a pergunta que se seguia, mas sabendo que tinha de a fazer. – E mesmo

assim vais castigar-me por isso? Vais fazer mal à Banba?

O rei virou-se para a fitar e o seu olhar gélido refletia a tempestade que assolava as montanhas. Abriu a boca para falar, depois enrugou a testa, e o chão começou a tremer. Wren gritou quando a janela se estilhaçou. Alarik lançou-se para ela a fim de a afastar dos estilhaços que explodiam. Caíram ao chão, gatinhando apressados por entre os cavaletes e as telas despedaçados. Enroscaram-se a um canto, abraçados para se protegerem, enquanto uma avalanche rolava pelas montanhas de Fovarr e embatia com toda a violência contra o palácio de Grinstad.



O suor corria-lhe pela cara e acumulava-se sob o vestido enquanto oscilava no dorso de Storm, tentando manter os olhos abertos. Cavalgara sem parar durante toda a noite e até ao nascer do dia confiando que a égua a levaria até casa. Por fim, quando amanheceu, chegaram à orla do deserto. Aí a areia dava lugar a uma terra pedregosa, salpicada de arbustos espinhosos e de árvores retorcidas.

Encontraram a estrada de Kerrcal e seguiram-na para leste, em direção a Anadawn. Quando o bosque de Eshlinn apareceu à distância, Rose quase desmaiou de alívio. Escapara a Kai, sobrevivera à aridez do deserto e, agora, por fim, estava em casa. Mais adiante, as copas das árvores brilhavam em tons de vermelho e dourado. Rose sorriu ao pensar que era a luz do amanhecer que lhes dava aquele brilho âmbar, mas, à medida que se aproximava, começou a cheirar-lhe a fumo. Colunas de fumo escuro enchiam o céu, lançando cinzas sobre o bosque como se fossem gotas de chuva.

Rose ficou horrorizada. O bosque de Eshlinn estava a arder.



Não havia maneira de contornar o bosque, por isso tinha de avançar por entre as árvores. Storm afastou-se o máximo que conseguiu das chamas, mas o fumo alcançou Rose e os seus olhos lacrimejavam enquanto galopava a toda a velocidade em direção ao palácio.

Passaram por centenas de flechas cravadas nos troncos das árvores, algumas emaranhadas nos ramos e outras com a ponta ainda em chamas. Rose sentiu um aperto no peito ao dar-se conta de que não fora um acidente ou um desastre natural. Barron incendiara o bosque. Os Flechas aproximavam-se de Anadawn, e queriam que ela o soubesse.

Por fim, atravessou o perímetro leste do bosque de Eshlinn e avistou os portões dourados um pouco mais à frente. Havia uma multidão reunida diante deles. Cerca de cinquenta pessoas vestidas com túnicas vermelhas. Examinou o grupo à medida que se aproximava. Não havia sinal de Barron, nem dos desapiedados Flechas que vira em Ellendale. Aqueles rebeldes tinham viajado até ali a pé e, por sorte, a maioria parecia estar desarmada. Rose tirou o capuz.

– Abram os portões!

Os guardas de Anadawn puseram-se em ação. Os arqueiros nas ameias apontaram para a multidão.

– Abram alas para a rainha! – gritaram os soldados de infantaria, desembainhando as espadas antes de abrirem os portões. – A rainha Rose voltou!

– É a rainha bruxa! – gritou um dos rebeldes. – Vejam a cara chorosa dela!

– Agarre-na!

– Derrubem-na do cavalo!

– Deviam ter vergonha – gritou Rose enquanto forçava a passagem. – Sou a rainha Rose, e conhecem-me desde sempre!

Um pedaço de terra voou e atingiu-a na bochecha.

– A rainha Rose, a esfarrapada! – gritaram. – A desalmada!

– As bruxas não têm lugar neste reino!

– O Barron virá atrás de si! Marcharemos ao lado dele!

Um dos rebeldes esticou a mão e agarrou-a pelo tornozelo. Um arqueiro na muralha disparou e as plumas verdes atravessaram o ar e atingiram o perpetrador no ombro que caiu ao chão, escapando por pouco aos cascos de *Storm*. Com o coração acelerado, Rose abriu caminho por entre os rebeldes e atravessou os portões dourados, que se fecharam assim que ela entrou. A rainha avistou o capitão Davers por entre os soldados.

– Davers, onde estava? Disperse aqueles rebeldes antes que mais alguém fique ferido!

– É para já, majestade – replicou, desembainhando lentamente a espada. Olhou para um lado e para o outro. – Devia apressar-se a entrar.

– É isso que estou a tentar fazer. – Rose sentiu uma pontada no peito ao recordar a multidão enfurecida e o bosque em chamas. Não eram as boas-vindas que esperara.



Rose não se deu ao trabalho de mudar de roupa antes de se dirigir para a sala do trono, onde Chapman e Thea a esperavam. Thea recebeu-a com um abraço caloroso.

– Rose, graças às estrelas voltaste para casa!

– Recebi a tua carta – disse Rose. – A tua avestrelada encontrou-me no deserto.

– Ah, foi para aí que desapareceu depois de Ellendale – comentou Chapman, cujo bigode se agitava furiosamente. – Quase sofremos um ataque cardíaco. O capitão Davers estava morto de vergonha.

– Mandei notícias assim que pude – declarou Rose. – De certeza que entende a necessidade de ser discreta.

– Bom, espero que o seu namorico no deserto tenha valido a pena.

Rose fulminou o administrador com o olhar.

– Não foi um namorico, Chapman. O Shen Lo e eu fomos desenterrar o Reino Beijado pelo Sol. E conseguimos.

– Oh, boas notícias, por fim – disse Thea. Olhou para a porta. – Onde está o Shen? Ele nunca respeitou a privacidade da sala do trono.

Rose suspirou.

– Essa é uma outra história.

Chapman fungou.

– Bom, mas terá de esperar. Temos assuntos urgentes para tratar.

– Bem sei – retorquiu Rose. – Acabei de atravessar uma multidão em fúria.

– Estás ferida? – perguntou Thea, pegando-lhe na mão. – Pedi ao capitão Davers que os afastasse da muralha!

– Ele nem sequer estava ao portão quando cheguei. Estou bem, apenas um pouco assustada. – Rose torceu as mãos, com uma ansiedade crescente. – Como correram as coisas por aqui? O Barron parece ter uma forte base de apoio a sul.

– Os nossos batedores relataram que se estenderam para norte, até Norbrook – informou Thea num tom sombrio. – Os Flechas são poucos, mas ruidosos. Como viste, estão a ficar mais ousados.

– E as bruxas e bruxos aqui, em Anadawn, também não facilitaram muito as coisas – salientou Chapman. – Os seus amigos de Ortha têm andado a fazer magia a torto e a direito, antagonizando os habitantes de Eshlinn e outros dentro das paredes deste palácio.

– *Algumas* bruxas não estão a ajudar – corrigiu Thea.

Rose olhou de uma para o outro.

– Quem?

Thea hesitou.

– A Rowena lançou o capitão Davers das muralhas quando ele voltou de Ellendale sem ti.

– E, quando a Conselheira Real a repreendeu, ela fez voar todas as bancas do mercado! – exclamou Chapman.

– *O quê?*

– Ontem à noite a Cathal lutou com um guarda do palácio – acrescentou Thea. – A Bryony decidiu intervir e encantou o pobre homem, levando-o a pensar que era um gato.

– Quase bebeu todo o leite que havia na cozinha – disse Chapman, com solenidade.

Rose respirou fundo.

– Thea, vai acordar todas as tempestades e ordena-lhes que apaguem o incêndio no bosque antes que dizime todas as árvores. Manda a Rowena para as ameias. Se quer aterrorizar os Flechas, pode usar o vento para os impedir de treparem o portão. – Levantou um dedo à laia de aviso. – Não quero ferimentos. Nem mortos.

– Claro que não – concordou Thea. E saiu da sala em passo rápido.

Rose voltou-se para Chapman.

– Há notícias da Celeste?

– Continua em Gevra, a tentar convencer a sua incontrollável irmã a voltar para casa, embora me pareça que o rei se tenha mostrado um pouco obstinado a esse respeito – informou o administrador, com desaprovação. – O comandante Pegasi navega para lá enquanto falamos.

– Ótimo – disse Rose com um suspiro. – Não quero enfrentar esta rebelião sozinha.

Chapman torceu o nariz.

– E, entretanto, poderei sugerir que... bom, tomeis um banho?

Rose olhou para si própria e viu que estava suja e desalinhada por causa da viagem pelo deserto. Passou a mão pelo cabelo emaranhado, sentindo-se a milhões de quilómetros de distância da rainha correta e formal que partira em digressão real há apenas uma semana.

– Suponho que isso resolverá ao menos um problema. – Iria banhar-se, trocar de roupa e depois preparar-se-ia para o resto do dia. Para tudo o que os esperava. Com Wren encurralada do outro lado do mar Sombrio e Shen no Reino Beijado pelo Sol, todos esperavam que Rose governasse. Como sempre desejara. Mas nunca lhe ocorrera que pudesse sentir-se tão sozinha.



Assim que a avalanche amainou, depois de ter despedaçado várias janelas do palácio de Grinstad, Wren e Alarik separaram-se. Tinham estado aninhados a um canto, abraçados, à espera – não, a tremer – durante dez intermináveis minutos. Agora era apenas uma questão de sacudirem a neve dos ombros e fazerem de conta que aquilo nunca tinha acontecido. Um caco de vidro tinha feito um corte na cara do rei e uma linha de sangue escorria pela bochecha esquerda. Limpou-a com a manga do casaco antes de se erguer.

– Isto não tem precedente – murmurou ele enquanto observava os estragos. A neve acumulara-se por todo o lado e havia estalactites no teto.

Fora do quarto, os soldados gritavam e corriam. Alarik levantou o queixo.

– A tua mãe – disse Wren, mas ele já estava a atravessar o quarto. Escancarou a porta e parou para olhar por cima do ombro. – Volta para o teu quarto.

Em vez disso, Wren correu até à masmorra, gritando pela avó, mas foi recebida por quatro soldados carrancudos que rapidamente a obrigaram a voltar para trás. Ao menos, a prisão não tinha sido afetada pela neve. Estava tão enterrada sob a montanha que nem o vento ali se escutava.

Com relutância, Wren regressou aos pisos superiores. Percorreu o perímetro do palácio à procura de Tor, mas não o encontrou em lado nenhum. Wren cruzou-se com Inga, encharcada e a tremer depois de ter sido apanhada pela avalanche, e esta informou-a de que um grupo de soldados tinha ido às montanhas, mas ela não sabia porquê.

No *hall*, o piano de cristal estava destruído, mas a rainha Valeska encontrava-se a salvo, apenas um pouco abalada. Milagrosamente, a cúpula aguentara e a tempestade acalmara e Wren conseguia ver as estrelas. Estava uma noite límpida, mas o ar parecia carregado. Escuro. Era como se a avalanche tivesse deixado uma sombra permanente atrás de si. E, embora Wren não entendesse muito bem como, deixava-lhe os pelos da nuca em pé.

Finalmente, regressou ao seu quarto. Ficava na parte de trás do palácio, o que significava que ainda estava intacto, e alguém dera-se até ao trabalho de acender a lareira. Wren meteu-se na cama e enterrou-se sob uma montanha de peles, tentando calar a recordação da avalanche a rugir através do palácio e dos braços de Alarik à sua volta enquanto tentavam sobreviver. Não demorou a adormecer, mas, na escuridão dos seus sonhos voltou a ver a mulher das montanhas, a que tinha a sua cara.

Dessa vez, ela ria. O sangue corria-lhe pelos cantos da boca conforme se afastava de Wren e caminhava em direção às janelas destruídas do palácio de Grinstad, levando o vento uivante consigo.

Wren acordou com pancadas na porta. Sentou-se na cama e viu Tor assomar à porta.

– Desculpa – pediu ele, envergonhado. – Pensava que já estarias acordada.

Wren olhou para a janela e viu que o céu brilhava e que sol já nascera há algum tempo.

– Eu também – disse ela enquanto empurrava as cobertas. – Entra.

Tor assim fez e fechou a porta. Estava com péssimo aspeto, com o cabelo despenteado, os olhos raiados e a farda desalinhada.

– Presumo que não dormiste – disse Wren.

– Não preguei olho. – Dirigiu-se para a lareira, que estava cheia de cinzas, e atarefou-se a enchê-la de lenha para voltar a acendê-la.

– Esquece isso – pediu ela.

– Vais congelar.

– Estou bem. – Pôs-lhe a mão no ombro. – Procurei-te ontem à noite, mas não te encontrei.

Tor voltou-se para ela.

– A avalanche assustou as bestas. Espalharam-se pela montanha. Estavam desvairadas. *Aterrorizadas*. A *Elske* também. Nunca a vi assim. Mesmo depois de tudo acalmar, era como se qualquer coisa a perseguisse.

Wren torceu as mãos.

– Pobrezinha. Conseguiu reunir as outras?

– A maioria – respondeu num tom sombrio. – Mas esta manhã recebi um bilhete da minha irmã, a Hela. Aconteceu o mesmo em Carrig. Os animais estão a ficar loucos. As minhas irmãs estão com dificuldade em controlá-los.

– Mas Carrig fica a quilómetros de distância – comentou Wren ao recordar o que o soldado lhe contara sobre a sua casa. – E é uma ilha. Como podem ter sido afetados pela avalanche?

– Não sei. – Tor esfregou o queixo. – Mas tenho um mau pressentimento.

Com ela já eram dois. Mas Wren não o disse enquanto caminhava de um lado para o outro, tentando ordenar os pensamentos. Tor acendeu a lareira e em seguida voltou-se para a encarar.

– Tenho de ir a casa. Por uma semana, talvez mais.

– Claro – disse Wren, e esforçou-se por esconder a sua tristeza. – Tens de estar com as tuas irmãs. Elas precisam de ti.

Tor continuou a fitá-la.

– O Alarik deu-me alguns dias de folga.

– Um gesto surpreendentemente amável da parte dele.

– Sirvo Gevra desde os doze anos – continuou Tor. – Sofri mais arranhões, ferimentos e ossos partidos pelas bestas do que podes imaginar. Domestiquei os mais perigosos. Lutei ao lado deles. Estava preparado para morrer por eles, pelo meu rei e pelo meu país.

Wren apercebeu-se da paixão na voz dele e, em segredo, desejou que toda aquela lealdade – tão presente no seu sangue e nos seus ossos – lhe pertencesse.

– Nunca pedi nada à Coroa. Nem ao Alarik, enquanto rei. Ou enquanto homem, que foi em tempos um dos meus amigos mais chegados. Até hoje. – Inspirou. A tempestade nos olhos dele tinha acalmado e, por trás dela, brilhava um afeto tão puro que Wren susteve a respiração. – Pedi-lhe que te libertasse, Wren. E à tua avó.

– Oh, Tor – disse Wren em voz baixa. Talvez, afinal, ela também fosse detentora de uma parte daquela lealdade.

– Lamento não poder fazer mais do que isso – continuou ele. – Lamento que tudo o que possa oferecer-te seja a garantia dele de que irá pensar no assunto. Mas tempo é melhor do que uma força, Wren. E, quem sabe? Talvez eu consiga voltar antes de...

Wren pegou-lhe na mão e encostou-a ao seu peito.

– É suficiente. É *mais* do que suficiente. Obrigada.

O soldado baixou a cabeça e ela elevou-se na ponta dos pés, encostando a testa à dele. Por instantes, a recordação dela e de Alarik agarrados um ao outro intrometeu-se entre eles.

– Lamento tudo o que nos trouxe até esta situação. Tinhas razão em estar zangado comigo. Fui uma idiota por ter brincado com a morte.

Tor levantou o queixo e os seus narizes quase roçaram um no outro.

– Perdoa-te por isso.

– Se prometeres fazer o mesmo – sussurrou ela. – Sei que ainda te castigas pela morte do Ansel.

O soldado deixou fugir uma gargalhada.

– O perdão é um longo caminho, Wren.

– Talvez um dia nos encontremos no fim desse caminho. E terminemos o que começámos.

Num outro lugar. Numa outra vida, quicá.

Tor abraçou-a e depositou-lhe um beijo no cimo da cabeça. Wren inalou o seu odor, deleitando-se com o seu perfume a vastidão e a aventura que fazia o seu coração cantar. E depois, de repente, Tor foi-se embora e ela ficou sozinha a olhar para a porta e a sentir-se como a última chama na escuridão. Lá fora soprava um vento frio que a acentuava ainda mais a solidão que experimentava.

Mais tarde, Wren foi chamada à sala do trono. Dessa vez, Alarik pediu que dois soldados a acompanhassem. O nervosismo acumulava-se-lhe na sua garganta enquanto desciam a escadaria até ao *hall*, que parecia estranhamente vazio sem o piano de cristal. Os tapetes estavam húmidos e as janelas tinham sido tapadas com tábuas, mas a neve já fora toda retirada e, no exterior, os soldados tinham conseguido abrir um caminho até aos portões negros. Os guardas deixaram Wren à porta da sala do trono para que entrasse sozinha. A jovem deixou-se ficar ali uns segundos, hesitante.

– Vamos, entra. Não costumas ser tão tímida. – A voz de Alarik ecoou na câmara. Estava sentado no trono com uma sobrecasaca azul bordada, com botões prateados a condizer com a magnífica coroa que pareceu piscar o olho a Wren quando esta se aproximou.

Procurou por entre as sombras à medida que avançava, perscrutando o espaço atrás de cada pilar, mas não viu soldados nem bestas. Nem sequer *Borvil*. Apenas o rei e, à sua esquerda, sentada no braço do trono, a sua irmã Anika, envergando um bonito vestido de veludo verde.

– O que se passa? – perguntou Wren, a medo. – Qual é a artimanha?

De perto, Alarik parecia tão exausto quanto Tor, embora o seu cabelo estivesse impecável como sempre.

– Não há artimanhas. – Ele apontou para a coroa. – Apenas assuntos de estado.

– O Alarik e eu estivemos a falar longamente sobre ti... – Anika tomou a palavra e a cauda do vestido seguiu-a quando desceu da tarima para se aproximar de Wren. – Incluindo aquilo que fizeste ao nosso irmão. – Uma pausa significativa. – O que fizeste pela nossa mãe. – A sua expressão suavizou-se muito ligeiramente. – E admito que também falei de ti com a Celeste, que é um encanto, mas não tão subtil como crê. – Anika lançou o cabelo cor de fogo para trás das costas e mirou Wren com os seus olhos brilhantes como um laser. – Pela minha parte, já não desejo a tua morte iminente.

Wren arqueou as sobrancelhas.

– Bom, isso é uma melhoria...

– Mínima – disse Anika.

– Está bem.

– Presumo que saibas que um certo soldado veio esta manhã falar comigo em tua defesa – revelou Alarik. – Imagino que seja o mesmo que gostas de seguir pelos corredores escuros.

Wren corou e Anika fez um sorriso de superioridade.

– Bruxa astuta. Gostava de saber como conseguiste que o capitão Iversen se apaixonasse por ti.

– Deve ser de toda essa humanidade – comentou o Alarik. – É uma pena que não me dispenses nenhuma.

Wren resistiu à tentação de contra-atacar.

– Vai direto ao assunto.

– Decidi devolver-te a tua avó.

Wren pestanejou. Depois fitou-o e esperou pela adversativa.

– Com duas condições.

Obrigou-se a morder a língua enquanto ele prosseguia.

– A primeira é que as mãos da bruxa estejam atadas até o navio zarpar, para que nenhuma das duas tente nada de adverso pelo caminho. Já tivemos mau tempo que bastasse sem necessidade de intervenção de uma tempestade.

– Muito bem – disse Wren, disposta a cumprir essa condição. – E qual é a segunda?

– A tua irmã é curandeira, não é? – indagou Anika. – Se bem me lembro, ela insistiu bastante no seu dom na fatídica boda do Ansel.

– Sim... – respondeu a jovem com lentidão. Se pensavam que Rose ia pôr o pé naquele maldito lugar, estavam a delirar, mas não ia ser ela a dizê-lo. Alarik riu. – Qual é a graça?

– A tua expressão – replicou o rei, levantando-se para se aproximar dos degraus. – Não esperamos que a rainha Rose viaje até aqui. Para ser franco, não acreditaria, ainda que o prometesses. Mas assim que as coisas acalmarem aqui, iremos nós ter com ela. Levando o Ansel. Talvez ela possa fazer o que tu não conseguiste.

– E se ela não o conseguir curar? – inquiriu Wren, sabendo de antemão que era uma impossibilidade. E que Rose nunca se dedicaria à magia de sangue ainda que fosse uma possibilidade. Wren mais depressa enfeitiçaria a irmã para que dormisse um ano inteiro.

Alarik encolheu os ombros.

– Então, será a guerra.

– Estás a brincar? – perguntou Wren.

Ele mostrou-lhe um sorriso.

– Esperemos que nunca tenhas de descobrir. – Estendeu-lhe a mão. – Temos acordo?

Wren apertou-lhe a mão, e mentiu.

– Sim.



Alarik fez questão de escoltar Wren até à masmorra, com os soldados a segui-los de perto. Embora tivesse insistido em acompanhá-la, ia estranhamente

silencioso e com os maxilares cerrados. Quando chegaram à cela de Banba, ele ordenou que o guarda a abrisse. Acordada pelo ruído, Banba pôs-se de pé.

– Wren? – gemeu enquanto arrastava os pés até à luz. – O que se passa?

Wren avançou para a avó, tirando-a da cela e abraçando-a.

– Estás livre, Banba – disse ela, segurando-a. – Vamos para casa.

– Bom, não ainda – disse a voz de Alarik, atrás delas.

Wren girou nos calcanhares.

– Mentiste-me.

Ele levantou a mão para travar a sua raiva crescente.

– Cumprirei a minha palavra. Mas, antes de partires, quero mostrar-te uma coisa que foi desenterrada pela avalanche.

– Não – exclamou Banba, afastando-se dele. – O que quer que seja, não queremos tomar parte.

– Banba – disse Wren, tentando acalmá-la. – Está tudo bem.

– É a escuridão – ciciou a avó. – Está aqui. Nestes túneis.

Wren voltou-se para Alarik.

– O que é?

Ele hesitou e pousou a mão no botão do punho da espada.

– Não sei – respondeu ele, incomodado. – Esperava que pudesses dizer-me.

– Está bem. Vou contigo. – Wren compôs a capa em redor dos ombros da avó. – Espera aqui, Banba. Virei buscar-te.

– Nem penses – resmungou a anciã, passando por ela e colocando-se entre a neta e o rei. – Mostra o caminho, Felsing. O que quer que seja, vamos acabar com isto.

Seguiram Alarik pelo sinuoso túnel até uma câmara que Wren conhecia bem. Olhou em redor, mas não viu nenhuma besta nem soldados a patrulharem a escuridão.

– O que fazemos aqui? Tem alguma coisa que ver com o Ansel?

Alarik abanou a cabeça.

– O Ansel está fechado nos meus aposentos, onde não pode meter-se em sarilhos. Isto é... outra coisa.

Wren sentiu um arrepio na espinha. Podia jurar que o seu coração batia mais devagar. Quanto mais avançava, mais pesadas pareciam as suas pernas. Era como se tentasse atravessar areias movediças.

– Sentes, passarinho? – disse Banba.

Alarik deteve-se com a mão na porta. Olhou por cima do ombro e o medo toldou-lhe os olhos azuis-claros. Wren sentia o mesmo terror a espalhar-se pelas entranhas enquanto o seguia para o interior da pequena câmara.

– Raios – praguejou Banba.

Wren pestanejou furiosamente, tentando dar algum sentido ao que estava a ver. Diante dela encontrava-se um gigantesco bloco de gelo. Lá dentro flutuava uma rapariga, morta e congelada. Tinha a cara de Wren. A visão de Celeste concretizara-se. Wren cambaleou para trás até encontrar a parede.

– Quem é?

– Os meus soldados encontraram-na enterrada nas profundezas das montanhas de Fovarr – sussurrou Alarik, como se temesse acordá-la. – A avalanche deve ter soltado o gelo. – Olhou de uma para a outra, antes de fitar Wren. – Não sabes quem ela é?

O choque deixara Wren muda. Consequia apenas abanar a cabeça, horrorizada. Foi Banba que lhe respondeu, com três palavras capazes de desequilibrar o mundo.

– É Oonagh Avestrelada.

Oonagh Avestrelada. A rainha bruxa perdida.

O nome oscilou em volta de Wren como uma corda. Puxou-a em direção ao gelo e ela obedeceu, como uma traça atraída pela luz. Alarik tentou detê-la, mas ela sacudiu-o. Levantou o indicador para delinear a cara que a perseguira em sonhos. A cara que sabia que, de alguma maneira, tinha desenterrado.

– Wren, não! – gritou Banba, mas era demasiado tarde.

A jovem pressionou o dedo contra o bloco e aconteceram três coisas em rápida sucessão.

Uma fenda enorme atravessou o gelo.

Oonagh Avestrelada abriu os olhos.

E Wren caiu ao chão, inconsciente.



O primeiro jantar de Rose em Anadawn foi quase tão stressante como a sua viagem até ali. O capitão Davers recusara o convite, alegando o tumulto recente na capital, mas Rose suspeitava que fosse a sua antipatia com Rowena – e com a restantes bruxas – que o mantinha nas muralhas com os seus soldados. Rowena, por seu lado, aparecera depois da hora marcada, com a expressão arrogante que a caracterizava.

– Que importa que o Davers não venha? – disse ela, quando Rose a informou da ausência do capitão. – Ele é tão útil como um caranguejo das areias.

– Se continuares a dizer-lhe isso, é cada vez menos provável que ele te proteja – comentou Thea, cansada.

– Não preciso de proteção – atirou Rowena. – Sou uma tempestade, já te esqueceste? Posso fazer o que eu quiser.

Chapman tossicou.

– É precisamente esse tipo de atitude que atrai os Flechas aos nossos portões.

– E apaga os incêndios – argumentou Rowena, lançando uma rabanada de vento que lhe despenteou o cabelo.

– Ainda assim – argumentou Thea –, não nos estás a fazer nenhum favor.

Rowena semicerrou os olhos.

– Afinal estás de que lado?

– Paz! – exclamou Rose, lançando as mãos para o céu. – Estamos do

lado da paz!

No outro extremo da mesa, Tilda não parava de perguntar por Shen e, embora Rose tivesse contado às bruxas de Ortha os extraordinários acontecimentos que tinham tido lugar no Reino Beijado pelo Sol, não sabia dizer-lhes quando voltariam a ver Shen. Ele tinha as suas próprias batalhas para travar, e Rose tinha as dela.

– Mas ele não nos pode esquecer – choramingou Tilda. – Também somos a família dele!

– Eu sei – disse Rose. – Mas ele agora é rei.

– E então? – disse Rowena, com a boca cheia. – Isso muda o quê?

– Tudo. – Rose alcançou o copo e bebeu um gole de vinho na esperança de que a acalmasse. – Muda tudo.

A sua ansiedade aumentou quando a conversa se centrou em Wren.

– Quando é que *ela* volta? – perguntou Tilda pela milésima vez naquele dia. – Foi-se embora há uma eternidade.

– Não sei – replicou Rose. – Em breve.

– Com a Celeste? E a Banba?

Rose olhou para Thea.

– Claro – afirmou, embora não houvesse certeza na sua voz.

Thea deu uma palmadinha na mão de Tilda.

– Só nos resta ter esperança, querida.

Tilda olhou para o puré com o sobrolho franzido.

– Mas, e se a Wren já estiver morta e congelada? Ou se os tigres das neves e os lobos estiverem a usá-la como brinquedo?

Rose fechou os olhos e tentou bloquear as imagens que Tilda tinha invocado. Passara a manhã a olhar para o espelho de mão, porém as safiras não brilharam e a cara de Wren não apareceu.

– Ou talvez o rei Alarik a tenha dado de comer aos seus...

– Obrigada, Tilda – disse Thea, com uma rispidez que não era habitual. – A Rose já tem problemas que cheguem sem estares a acrescentar pesadelos sobre a sua irmã.

– É uma pena a Wren não estar aqui – comentou Rowena. – Ela não nos castigaria por nos defendermos contra os Flechas. Juntar-se-ia a nós.

– Vocês não se estão a defender! – exclamou Chapman. – Vão lá para fora deliberadamente para os antagonizar.

– São *elas* que nos antagonizam! – resmungou Rowena. – Ou esta manhã não se apercebeu da confusão nos portões?

Rose pousou o garfo.

– Tens de usar a magia de maneira responsável, Rowena.

A tempestade riu.

– Desde quando?

Rose fulminou-a com o olhar.

– Desde que o meu objetivo é governar este país, não dividi-lo.

– Este país está dividido há séculos – argumentou Rowena, arrancando

um pedaço de frango com os dentes. – Se os Flechas querem temer-nos, então, façamos com que tenham medo de verdade. – O seu sorriso era feroz. – Esperem só até o mauzão do Edgar Barron descobrir quem é o Shen Lo. Um guerreiro com um exército de bruxos secretos.

– Os Flechas não querem saber do deserto – disse Tilda, sentando-se direita na cadeira. – Só lhes interessa lutar contra Anadawn. – Os seus olhos azuis tremeluziram de medo sob a luz das velas. – E agora eu sou a única guerreira que resta para nos defender.

– Que disparate – disse Rowena. – Não importa o que acontecer, as bruxas e bruxos de Ortha trabalharão juntos, como sempre fizeram.

– *E* vocês começarão a dar-se bem com os soldados de Anadawn – insistiu Rose. – Temos de nos unir contra os Flechas. São o nosso inimigo comum.

Rowena deu um gole no vinho.

– Se não conseguiste convencer o capitão da guarda a vir jantar connosco, como raio vais conseguir convencê-lo, e ao seu exército, a lutar ao nosso lado?

– É o *meu* exército – lembrou-lhe Rose.

– Bom, então é melhor dizeres-lhes que se preparem – disse Rowena. – Porque da próxima vez que esses Flechas vierem bater aos nossos portões, eu vou mostrar-lhes que aspeto tem o verdadeiro poder.

– Esperemos não ter de chegar a esse extremo – declarou Rose e, pela primeira vez naquela noite, a mesa mergulhou no silêncio. Naquela súbita quietude, a verdade era ensurdecadora. Ela sabia no fundo do seu coração que o tempo de ter esperança já pertencia ao passado.



Com o olhar de Oonagh Avestrelada a queimar-lhe a mente, Wren mergulhou na escuridão. Afundou-se por dias e meses e anos, séculos inteiros passaram por ela como páginas de um livro. E depois, por fim, o sol nasceu e o solo endureceu sob os seus pés. Abriu os olhos para a erva verde de verão e, à distância, erguia-se um familiar palácio branco. Diante dela estavam duas irmãs que discutiam nas margens do rio Língua de Prata.

Tinham ambas a cara de Wren e, por causa disso, reconheceu-as de imediato: Ortha e Oonagh Avestrelada, as duas primeiras rainhas gémeas de Eana. De alguma maneira, ao encostar a mão ao gelo que encerrava o corpo congelado de Oonagh Avestrelada, Wren quebrara uma parede entre elas e caíra na memória das suas antepassadas. Naquele lugar de antanho ela não passava de um fantasma que observava a história que se desenrolava à frente dos seus olhos. Ortha e Oonagh davam voltas uma em redor da outra, como animais selvagens.

– As tuas ações envergonham-te, Oonagh – gritava Ortha. – Trouxeste vergonha à nossa família. Aos nossos antepassados. A todas as bruxas de Eana. – Esticou os braços para o lado e, com a ira que sentia, criou uma rajada de vento. – Pelo bem do nosso nobre país, expulso-te. Do trono. Do palácio. Deste reino. – A sua voz cedeu e a dor brilhou nos seus olhos cor de esmeralda. – Não entendes, Oonagh? Não me deixaste outra opção. Não podes regressar depois disto.

Wren contornou as gémeas até conseguir ver a cara de Oonagh, retorcida pelo ódio.

– Vai-te embora, antes que cheguem os soldados – pediu Ortha. – Não tornes isto mais difícil do que já é, irmã.

– *Irmã!* – Oonagh encolheu-se ao ouvir aquela palavra. – Não és minha irmã, Ortha – atirou ela. – Roubaste-me a coroa e o reino! Amaldiçoou-te pela tua deslealdade. Pela tua cobardia. – Apontou o dedo à irmã enquanto recuava para o rio e começava a murmurar. Mesmo naquela recordação, Wren sentiu que o feitiço era terrível. Avolumou-se entre elas como uma nuvem de cinzas.

– *Com o meu sangue e esta sentença proferida, que a magia de Eana fique dividida!*

Ortha abraçou-se a si própria.

– Para – arfou, mas já era demasiado tarde. O vento morreu ao mesmo tempo que a sua magia se quebrava. O fio da tempestade estava a abandoná-la. – Oonagh, *não*. Não faças isso!

Oonagh sorriu enquanto cambaleava para a margem do rio. O sangue corria-lhe pela boca, pelo nariz... e depois pelos olhos. Tinha usado toda a sua energia para amaldiçoar a irmã; o feitiço era tão poderoso que estava a matá-la.

– Se não puder sentar-me no trono, tu também não te sentarás!

– *NÃO!* – Ortha lançou-se à irmã.

Oonagh abriu muito os olhos quando Ortha chocou contra ela e deu aos braços para recuperar o equilíbrio na margem do rio Língua de Prata.

– Oonagh! – Ortha alcançou a saia da irmã, mas já não tinha força para a puxar.

Wren lançou-se ao mesmo tempo para Oonagh, mas ali ela não passava de um fantasma e as suas mãos atravessaram a sua antecessora como se fossem vento. Podia apenas testemunhar horrorizada a queda de Oonagh ao rio, com os dentes arreganhados num grito moribundo e cobertos de sangue.

A recordação voltou a mudar, acelerou, movendo-se como o rio, e Wren acompanhou-a. Sob os seus pés, viu o corpo de Oonagh afundar-se no rio Língua de Prata. E depois, de repente, mudou. Num minuto era uma jovem a dar aos braços, a *afogar-se*, e, no minuto seguinte estava a desaparecer. Uma gota de magia de sangue transformava-a numa sereia com seis guelras no pescoço.

Oonagh Avestrelada deixou de se afogar e começou a nadar. A visão avançou enquanto Wren flutuava no céu como uma nuvem. Contemplou o mundo e viu a sua antepassada como uma mancha de prata que atravessava o mapa.

E depois Wren estava de pé na costa de Gevra. Viu Oonagh emergir da água gélida novamente como uma mulher, com gelo no cabelo e sinelos a pender-lhe das mangas. Caminhava descalça e a sua figura ia ficando mais pequena à medida que passava pelas montanhas cobertas de neve. Wren tentou segui-la, mas a visão esmaeceu e, às tantas, ouvia apenas a voz antiga de Oonagh a soar no vento.

– *Até que se libertem os meus ossos, levarei a maldição dos bruxos*

dentro de mim. Enquanto o meu sangue continuar congelado, esta também permanecerá assim.

Wren acordou a arquejar. Estava deitada no chão da masmorra num charco de água gélida. Uma lâmina brilhou sobre ela. Alarik desembainhara a espada e pairava sobre o corpo dela, apontando-a a Oonagh Avestrelada.

O bloco de gelo derreteria. Oonagh estava de pé, viva, arreganhando os dentes manchados de sangue. Wren recordou o que vira. Oonagh Avestrelada não estava morta. Embora Ortha tivesse empurrado a irmã para o rio Língua de Prata, ela não se afogara. Em vez disso, Oonagh fugira para Gevra, onde estivera desde essa altura, não morta, mas congelada nas profundezas das montanhas de Fovarr, mantida pela magia de sangue.

– Para trás, criatura amaldiçoada! – gritou Banba. – Aqui não tens poder! Oonagh fletiu os dedos.

– Desvia-te ou morres, bruxa.

Banba nem sequer pestanejou.

– Este é um novo mundo, Oonagh. Não és bem-vinda aqui.

Oonagh deitou a cabeça para trás e riu.

– Sou a encarnação do poder, velha. Durante todos estes anos, a minha maldição esteve adormecida dentro de mim. Mas agora foi quebrada. Os cinco ramos da magia, outrora congelados, voltaram a estar reunidos. E eu irei usá-los para me vingar de Eana. Para despedaçar este novo mundo e construir o meu próprio reino, com um tipo de magia com o qual nunca sonhaste.

Alarik levantou a espada.

– Não sairás desta câmara viva.

Oonagh sorriu e deu um passo em direção ao rei.

Banba virou-se para ele.

– Liberta-me – pediu. – Rápido!

Wren pôs-se de pé ao mesmo tempo que Alarik baixava a espada, cortando com um único golpe as cadeias da corrente que prendia os pulsos de Banba. A avó esticou os braços e disparou uma rajada forte de vento contra o peito de Oonagh.

– Eu mandei-te recuar!

Oonagh embateu na parede, rachando a cabeça contra a pedra. Banba cerrou os dentes e recorreu a toda a intensidade da sua magia para a manter ali. Os seus joelhos começaram a tremer. Wren percebeu que o tempo que ela passara na masmorra enfraquecera o seu poder.

O sangue escorria da ferida na cabeça de Oonagh, que virou a bochecha para a parede e o provou. Com isso a sua pele brilhou. Wren foi invadida pelo pânico. Correu para a porta e escancarou-a.

– Alarik, chama os teus soldados! Já!

Oonagh levantou a palma da mão e fechou-a antes de o rei conseguir proferir a ordem. Depois avançou para eles, empurrando o vento cada vez mais fraco de Banba. Esta fechou os olhos e utilizou toda a sua magia para manter Oonagh afastada.

– Foge! – disse com dificuldade. – Wren, corre!

Oonagh olhou para ambas.

– Nunca sacrifiquei uma bruxa.

Wren girou nos calcanhares, desesperada, à procura de qualquer coisa. Não havia ali armas, nem areia, nem terra. Nem tempo. Havia apenas a espada de Alarik. Num gesto de desespero, abriu a mão e cortou a palma na lâmina. Alarik deu um salto para trás.

– O que estás a fazer?

Wren ignorou-o, tentando à pressa congeminar um feitiço de sangue que detivesse Oonagh, que lhes desse ao menos tempo para fugir.

Banba girou a cabeça.

– Wren! Não!

A sua avó perdeu a concentração, o que permitiu a Oonagh diminuir a distância entre ambas. Agarrou Banba pelo pescoço, usando a mão livre para soltar a sua própria rajada uivante. Wren gritou ao ser lançada para trás. Alarik aterrou em cima dela e a sua espada saltitou pelo chão. O vento transformou-se numa parede e Wren bateu-lhe com os punhos cerrados e gritou pela avó.

– BANBA!

Oonagh pegou na espada do rei. Banba agitou-se debilmente, sem magia e sem alento. Com a última força que lhe restava, virou a cabeça e os seus olhos cor de esmeralda encontraram os de Wren. Não havia medo no seu olhar, apenas amor, mais intenso e radiante do que nunca. E depois a espada desceu como um raio prateado e o corpo de Banba caiu ao chão e Wren gritou uma vez mais ao ver o sangue da avó correr para ela como fitas carmesins.

Oonagh ajoelhou-se, mergulhou as palmas no sangue e a sua pele brilhou ao absorvê-lo. Moveu os lábios e o vento tornou-se mais forte. As paredes tremeram ao receber aquele novo poder. Os fios da sua magia uniram-se até que um raio brilhou atrás dos seus olhos. Afastou-se do corpo mole de Banba e avançou por entre o vento, arrastando Alarik pelo colarinho para lhe arrancar a coroa da cabeça, colocando-a depois na sua.

– Pronto – ronronou enquanto o lançava contra a parede. – Assim está melhor.

Olhou para Wren.

– Terei compaixão por ti, bruxinha, por teres feito magia de sangue e por me teres acordado. Mas não voltes a cruzar o meu caminho. – Wren tremia tanto que não era capaz de falar. A dor, a raiva e o medo formavam um nó na sua garganta. Oonagh agachou-se e Wren conseguiu ver as sombras que se moviam sob a sua pele. Algo dentro dela agitou-se, em resposta. – És tal e qual a minha irmã. – Oonagh desviou em seguida o olhar para a palma ensanguentada de Wren e abriu um sorriso convencido. – Mas também és parecida comigo.

E depois desapareceu, atravessando a porta como um espectro e fazendo a montanha tremer à medida que se afastava. Os pingentes de gelo soltaram-se

do teto e caíram em volta de Wren enquanto esta se arrastava até junto da avó e lhe embalava a cabeça no colo.

– Banba – chorou. – Banba, acorda. – A avó tinha os olhos fixos no teto e a um último toque de cor abandonava as suas bochechas. – Banba, *por favor* – implorou. – Por favor, não me deixes.

Uma estalactite caiu perto do pé de Wren e fez-lhe um corte no tornozelo. Outra feriu-lhe a cara, mas ela nem notou. Olhava a avó nos olhos e rezava por uma chispa de luz. O teto começou a desmoronar-se e sentiu um aperto no braço.

– Mexe-te – ordenou Alarik. – A montanha vai ruir.

Wren empurrou-o.

– Não a vou deixar aqui.

– Wren, ela está morta. Temos de ir.

– Não quero saber! Deixa-me em paz.

A montanha ribombou e o ruído das rochas que caíam era cada vez mais audível. Havia poeira por todo o lado. Wren tinha os olhos tão embaciados que não via para além do contorno da avó morta nos seus braços e do sangue que pintava as pedras de vermelho. Pensou que o rei a tinha deixado, mas sentiu as mãos dele sob os braços, a puxá-la. Tentou resistir, mas a dor infiltrara-se nos seus ossos, acrescentando-lhes peso. Banba escorregou-lhe do colo quando a puseram de pé.

– *Mexe-te* – rosnou Alarik.

Wren tropeçou quando ele a arrastou para a porta. Agarrou-a pela cintura e, juntos, abandonaram a câmara no preciso instante em que o teto se abateu. Wren virou-se para voltar para trás, mas Alarik segurou-a com mais força e arrastou-se pela estreita passagem ao mesmo tempo que as rochas se abatiam atrás deles.

– Para de resistir! – gritou ele. – Vá lá, bruxa, salva-te! – Puxou-a, suportando os socos que ela lhe dava. – Era o que ela teria desejado. Ela mandou-te fugir!

As palavras de Alarik acordaram qualquer coisa dentro de Wren. Recordou o pedido da avó e a última centelha da sua determinação intensificou-se. Pôs-se de pé e, depois de tropeçar, começou a correr. O rei corria ao lado dela enquanto Oonagh destruía a montanha e enterrava as catacumbas sob escombros e gelo.

Wren já quase não tinha fôlego, mas não se permitiu abrandar o passo ou pensar no que estava a deixar para trás. Chegou ao final do túnel e lançou-se para a escadaria. Os degraus tremiam sob ela enquanto subia de gatas em direção ao palácio. Alarik estava logo atrás e empurrava-a para que subisse mais depressa.

E depois o solo de mármore apareceu diante deles e puseram-se de pé, cambaleando até ao pátio interior iluminado pelo sol. A cúpula quebrara-se e o vidro partido brilhava pelo chão como diamantes. Havia soldados e bestas espalhados entre eles. Alguns gemiam, outros estavam mortos. As portas

oscilavam nas dobradiças e revelavam os jardins cobertos de neve.

Oonagh Avestrelada tinha desaparecido. Atravessara o palácio de Grinstad deixando um rasto de destruição. A montanha acalmara finalmente, mas o vento parecia aumentar. Fragmentos de vidro elevaram-se no ar e rodopiaram a uma velocidade alarmante. Wren ficou paralisada no centro do remoinho, vendo os cacos aumentarem em número e em velocidade...

– Wren. – Alarik pôs-lhe a mão no ombro. – Para de fazer isso.

Wren pestanejou.

– De fazer o quê?

O vento diminuiu de intensidade. O vidro pairou no ar, projetando pequenos arco-íris nas paredes de marfim.

– És tu – disse Alarik. – És tu que estás a fazer a tempestade.

Wren olhou para os punhos. Abriu-os e o vento parou. O vidro caiu e ficou tudo em silêncio.

– Ah! – sussurrou, oscilando. – Isto é novo.

Dessa vez, quando perdeu a consciência, o rei apanhou-a.



Rose estava nas margens do rio Língua de Prata a ver Ortha Avestrelada caminhar em redor da irmã, Oonagh. O ar entre elas rugia com o som da sua raiva. Quando Oonagh levantou o dedo para lançar a maldição, Rose sentiu as palavras atravessarem-lhe a alma. Gritou, implorando para que a libertassem daquele estranho pesadelo, mas aproximava-se cada vez mais, até se encontrar à beira do rio a ver o sangue escorrer da boca de Oonagh.

Ortha lançou-se e empurrou a irmã. Oonagh gritou ao cair, arrastando Rose consigo. Ainda assim, naqueles intermináveis segundos antes de atingir a água, Rose podia jurar que tinha sido Wren a puxar-lhe a saia e a arrastá-la para a água, para aquela escuridão inclemente...

– Rose, querida? Estás a ouvir-me?

Rose acordou, ofegante. Pestanejou, tentando recordar-se onde estava. Sentia o coração na garganta, mas percebeu que se encontrava em segurança, na sua cama, no palácio de Anadawn, banhada pela cálida luz da manhã. Thea estava sentada na beira da cama e pousara afetuosamente a mão no seu braço.

– Estavas a gritar em sonhos.

– É a Wren. – Rose estremeceu ao sentar-se. Sentia a cabeça a latejar. Alcançou o espelho de mão que mantinha debaixo da almofada, mas as safiras não brilhavam. Não havia rasto da sua irmã. – Acho que corre perigo.

Rose não era capaz de entender o resto do pesadelo, mas a parte sobre a sua irmã era tão inquietante, tão *real*, que só podia ser um sinal. Um mau presságio.

Thea fez uma careta.

– Lamento, Rose, mas agora não podemos preocupar-nos com a Wren. – Olhou para a janela. – O exército do Barron chegou a Eshlinn mais depressa do que o esperado.

– Céus! – Rose atirou as cobertas para trás e correu até à janela. Para lá dos portões dourados, metade do bosque de Eshlinn ficara reduzido a cepos queimados. Mas o ar ainda estava nebuloso e um fumo recente atravessava o Língua de Prata. Meteu a cabeça fora da janela e percebeu que as ruas de Eshlinn também ardiam. – O que está o Barron a fazer?

– Está a cercar a capital – respondeu Thea, ao lado dela. – E a castigar todos os que não se juntarem à sua causa.

O som distante dos gritos chegou até ali transportado pelo vento. Os habitantes de Eshlinn fugiam em pânico das suas casas. Rose meteu-se para dentro e atravessou o quarto. Vestiu o roupão antes de abrir a porta e de descer as escadas dois degraus de cada vez, gritando pelos seus soldados e pelas suas bruxas e bruxos.

Encontrou Chapman no corredor. O administrador tinha o cabelo despenteado como se também ele tivesse acabado de se levantar.

– Acordem as tempestades! Enviem-nas imediatamente para o rio. Eshlinn está a arder! – ordenou Rose. – E onde raio está o capitão Davers? Digam-lhe para evacuar a cidade e para trazer o máximo de pessoas possível para Anadawn. Podem abrigar-se aqui enquanto organizamos a defesa do palácio. – Girou nos calcanhares, olhando para um lado e para o outro. O patamar estava repleto de guardas que corriam para a esquerda e para a direita. – Acordem as bruxas! – bradou. – Acordem toda a gente!

– Rose, querida. – Thea puxou-a para um canto e disse em voz baixa, mas urgente. – Devias avisar o Shen Lo. Não sabemos quantos Flechas o Barron conseguiu reunir, mas sabemos que não lutam com honra. Temos de usar todos os soldados e bruxos à nossa disposição para garantirmos que Anadawn não cai.

Rose já estava a abanar a cabeça.

– O Shen não fará o seu povo lutar, Thea. E eu não lhe pedirei que o faça. Além disso, ele tem a sua própria batalha para travar.

Uma batalha que Shen podia muito bem ter perdido. Rose empurrou aquele pensamento para o lado. Naquele momento, não podia dar-se ao luxo de pensar no Shen, ou na Wren. Não enquanto Eshlinn ardia. Thea franziu a testa.

– Ele haveria de querer saber o que se passa.

– Agora não posso pensar no que o Shen Lo gostaria – argumentou Rose, afastando-se dela. – Tenho de defender o meu reino.

Os gritos oriundos de Eshlinn estavam cada vez mais audíveis e todos eles eram um aperto no coração. A magia de Rose agitou-se dentro dela. Desejou que o seu poder curativo fosse suficientemente forte para atravessar o rio e cobrir toda a cidade, protegendo todos os que fugiam aterrorizados das suas casas. Mas as chamas alastravam e tudo o que Rose podia fazer era ver a

sua cidade arder e Barron e os seus Flechas aproximarem-se cada vez mais.



Quando Wren acordou, assustada e a tremer nos braços de Alarik Felsing, desejou desesperadamente poder voltar a adormecer. Na escuridão, não havia dor nem recordação do que se passara no palácio de Grinstad ou do que perdera na montanha. Naquele momento estava de volta ao *hall*, rodeada de vidro partido e a olhar para o rei de Gevra, que franzia o sobrolho.

– Podes parar de desmaiar? É um incómodo.

Wren sentou-se e por pouco não lhe deu uma cabeçada no nariz. Sentia a pele incandescente e, durante um segundo, parecia que o sol se tinha infiltrado na sua corrente sanguínea. Olhou para as mãos, à procura de um qualquer brilho que explicasse aquela sensação, mas estavam pálidas e trémulas. A magia acumulava-se-lhe no estômago e na garganta, como se quisesse sair. *O que raio?*

Pôs-se de pé e começou a caminhar de um lado para o outro, tentando afastar aquela estranha sensação efervescente nas entranhas. O vento começou a levantar-se.

– Para com isso! – pediu Alarik. Tinha um aspeto desarranjado. A bonita sobrecasaca estava rasgada num ombro e coberta de pó. O cabelo estava empapado e despenteado e tinha uma ferida no queixo provocada por uma pedra. Avançou para Wren. – Controla a tua magia antes que destruas o resto do meu palácio.

– Não sei como fazê-lo. – Wren fechou e abriu os punhos. – Mas a Oonagh quebrou a maldição das bruxas – comentou, mais consigo do que com ele. – Deve ter-me feito alguma coisa. – Sentia os fios da magia a

contorcerem-se dentro dela; os cinco dons a tentarem entrelaçar-se. Perguntou-se se do outro lado do mar Sombrio estaria a acontecer o mesmo a outras bruxas.

Contudo, para lá dos cinco dons da magia, Wren apercebia-se de outro fio mais obscuro que se tecia dentro dela. *Sacrifício de sangue*.

– Merda – ciciou ela. – Merda, merda, *merda*.

O vento uivou e as paredes abanaram.

– EU DISSE QUE JÁ CHEGAVA! – bradou Alarik.

– Não te atrevas a gritar-me! – Wren virou-se para ele e a raiva cresceu dentro dela como um remoinho. O vento ganhou velocidade, e o dom da tempestade alimentou-se daquela emoção. – Isto é culpa tua! Tiraste a Oonagh Avestrelada da montanha! Desenterraste-a! Trouxeste-a para aqui!

– *Eu?* – Os olhos de Alarik faiscaram. – Tu é que a acordaste! Foi o que *ela* disse. Eu ouvi-a. – Passou a mão pelo cabelo, perdendo o resto da compostura. – E como podia eu saber que tinhas *outra* irmã gémea a viver secretamente nas minhas montanhas?

– Ela não é minha irmã gémea – gritou Wren. – É minha antepassada. É suposto ter morrido há mais de mil anos.

Alarik soltou uma gargalhada sarcástica.

– Isso é *muito* melhor! Ela não passa de uma antepassada mágica ressuscitada, cheia de raiva e determinada em destruir o meu palácio!

– Ninguém quer saber do teu estúpido palácio – resmungou Wren. – A minha avó está *morta*. – Aquelas palavras foram uma facada no coração e a dor da morte de Banba quase lhe roubou o alento. Levou as mãos ao peito, tentando respirar, mas sentiu apenas mais dor e deu-se conta que estava prestes a desmoronar-se. – Não aguento ficar neste maldito palácio nem mais um minuto! – Girou nos calcanhares e dirigiu-se para a porta, levando o vento consigo.

– Volta aqui! – Alarik marchou atrás dela. – Armaste esta confusão e agora vais resolvê-la!

– A confusão é obra *tua* – atirou Wren. Estava novamente a nevar, mas ela mal se apercebera. – Tu é que me obrigaste a usar magia de sangue. Foi isso que acordou a Oonagh.

– Garantiste-me que podias fazer o feitiço – lembrou Alarik. – Tu é que te voluntariaste. Não me falaste do risco que corríamos. Não me disseste que isto podia acabar assim.

– É *magia de sangue proibida* – ciciou Wren. – Usa o cérebro. A chave está no nome!

Alarik cerrou os maxilares.

– Cuidado com essa língua viperina quando falas comigo, bruxa. Ainda estás no meu reino.

– Não queres dizer no reino da Oonagh? – contrapôs Wren.

– Repete isso – desafiou ele, aproximando-se. – Atreve-te.

– Estou farta das tuas ameaças, Alarik. – Foi nesse momento que Wren

reparou na parede branca que os rodeava. Estava tão zangada que, acidentalmente, criara uma tempestade de neve que uivava nos seus ouvidos e lhe atirava neve para o cabelo. – No final, não serviu para nada. – O peso da morte de Banba fê-la vergar os ombros e os seus olhos encheram-se de lágrimas. – A minha avó está morta e eu nem sequer posso recuperar o corpo. – Fulminou Alarik com o olhar. – Estás satisfeito agora?

– Diz-me tu, Wren. – Aproximou-se mais um pouco. – O meu irmão mais novo é um morto-vivo preso num único momento do tempo. – Deu outro passo. – E o meu palácio está um caos graças à tua antepassada tresloucada.

– Ótimo – gritou Wren, para se fazer ouvir no meio da ventania. – Mereces.

– Acaba com a tempestade!

– Não!

Alarik agarrou-a pelos ombros.

– *Já chega* – rosnou.

Wren agarrou-o pelo pescoço, ameaçando asfixiá-lo. O vento intensificou-se e empurrou-os um contra o outro. Alarik tinha neve no cabelo, na cara. Um solitário floco branco caiu-lhe sobre o lábio inferior.

– Odeio-te – sibilou ela. – És a pessoa que mais odeio nesta vida.

– E achas que isso me importa? – replicou ele. – Eu também te odeio.

– Déspota – insultou Wren, elevando-se na ponta dos pés.

– *Mimada* – atirou ele de volta.

Wren projetou o queixo.

– Desprezível.

Ela baixou a cabeça.

– *Bruxa*.

– E quê? – disse, o seu olhar fixando-se naquele solitário floco de neve que lhe decorava o lábio.

Alarik passou-lhe as mãos pelo pescoço e segurou-lhe a cabeça.

– Wren. – Deslizou-lhe os dedos pelos cabelos. – Para. Já.

– O-bri-ga-me.

E logo depois estavam a beijar-se. Wren não sabia explicar por que razão lhe lambeira o floco de neve do lábio inferior, nem o que o levava a abrir a boca contra a dela, transformando aquilo num beijo. Mas agora era demasiado tarde. A faísca fora alimentada e eles estavam no meio das chamas, deixando que os consumissem.

Alarik Felsing sabia beijar. Havia uma silenciosa ferocidade na sua paixão, na maneira como a puxava contra o corpo dele, como lhe inclinava a cabeça para lhe reclamar a boca. E Wren permitiu e derreteu-se quando a língua dele encontrou a sua. Mordiscou-lhe o lábio inferior, deslizando depois língua até ele gemer contra a sua boca. Beijaram-se novamente, com mais intensidade, com mais avidez, ambos a arfar e a agarrar-se ao outro como se estivessem a afogar-se, como se aquele beijo, nascido da dor e da ira, fosse a sua única salvação.

A tempestade aumentou à medida que o beijo se intensificava. A magia de Wren irrompeu dentro dela, tão brilhante e dourada como uma chama. Alarik sorriu ao prová-la. Não temia a bruxa que tinha entre os braços nem o vento que os rodeava. A tempestade rodeou-os e isolou-os do mundo, até existir apenas o rei de Gevra e a rainha de Eana, entregando-se um ao outro, à procura de uma libertação da dor e encontrando-a no abraço de um inimigo.



Um dia depois de os Flechas terem incendiado a cidade de Eshlinn, o palácio rebentava de pessoas que tinha abandonado as suas casas por causa do fogo. Após a ordem de Rose, os habitantes tinham sido salvos pelo capitão Davers e pelos seus soldados e escoltados até aos portões dourados. Quando a noite caiu, o salão de baile estava cheio até às vigas e os criados corriam de um lado para o outro a servir comida, água e a oferecer cobertores. Chapman perguntava aos cidadãos o que tinham visto e o que sabiam.

Centenas de homens, mulheres e crianças tinham fugido das suas casas sem olharem para trás. Relatavam todos a mesma verdade, uma e outra vez. Os Flechas tinham-lhes dado a escolher: ou se juntavam à sua revolta ou as suas casas arderiam, como as bruxas. Quando se recusaram a lutar contra a Coroa, os homens de Barron tinham-se dirigido às suas casas e feito cumprir a ameaça.

Contra a opinião do capitão Davers, Rose descera até ao salão e sentara-se durante horas com os traumatizados e curara os feridos. Quando Thea fora substituí-la, para que a sua magia descansasse, Rose continuou por ali, distribuindo bolos pelas crianças e prometendo-lhes repetidamente que tudo iria correr bem. A mentira era azeda. Depois de os Flechas terem saqueado Eshlinn, tinham exibido o seu controlo sobre a cidade hasteando estandartes vermelhos como o sangue e bandeiras rasgadas no cimo dos telhados queimados, enquanto chegavam mais rebeldes oriundos do sul.

A revolta sangrenta de Barron não demoraria a ter lugar e, uma vez que Wren continuava presa em Gevra, e o espelho de mão continuava sem dar

sinal, Rose estava a preparar-se para enfrentar tudo aquilo sozinha. Numa última e desesperada tentativa de contactar a irmã, enviou um bilhete a Marino e a Celeste, alertando-os para a guerra iminente e implorando-lhes que tentassem comunicar com Wren por todos os meios possíveis.

Entretanto, tudo o que Rose podia fazer era esperar no interior das muralhas, rezando para que a instável aliança entre os bruxos de Ortha e os soldados de Anadawn aguentasse o tempo suficiente para os defender. Se a sorte estivesse do seu lado, a batalha contra os Flechas seria rápida e a ameaça de uma guerra civil ficaria rapidamente para trás, mas era impossível saber até onde a retórica de ódio de Barron chegara, ou quantas pessoas convencera a juntar-se à sua rebelião.

Três dias após o incêndio de Eshlinn, quando Rose estava no salão a tomar o pequeno-almoço com o seu povo, Chapman foi ter com ela. A sua expressão era grave e as notícias eram ainda piores. Os Flechas estavam em movimento. Centenas de homens atravessavam o rio Língua de Prata em direção ao palácio. Rose correu até à varanda, onde estremeceu ao ver as bandeiras sangrentas e as armas pesadas que incluíam tudo e mais alguma coisa, desde espadas, lanças, punhais, correntes e machados.

E, à frente de todos, marchava o próprio Edgar Barron, com os olhos cheios de ódio e pronto para a guerra.

Os anos que passara no exército tinham-lhe sido benéficos. Aquilo não era uma turba raivosa e ruidosa. Aquilo era um regimento de soldados determinados e focados. E dirigiam-se para ali.



Tinham passado vinte e quatro horas desde que beijara o rei de Gevra, e Wren encontrava-se sozinha no quarto, embrenhada na sua dor. A sua recém-descoberta magia tamborilava dentro dela, lembrando-a de que estava ali. Uma vez mais, perguntou-se se o mesmo poder se enraizara na sua irmã, do outro lado do mar. Talvez uma bruxa por lá tivesse acidentalmente criado uma tempestade de neve. Embora Wren duvidasse que alguma delas fosse tola ao ponto de beijar o seu inimigo mortal dentro dela. A culpa consumia-a. Não parava de pensar em Tor, e o seu fantasma pairava sobre a recordação daquele momento de fraqueza. E havia ainda a preocupação com o seu trono.

Se Alarik não lhe tivesse confiscado o espelho de mão, poderia saber com certeza o que se passava em Anadawn. Ainda assim, uma parte dela sentia-se aliviada por não ter de contar ainda a notícia da morte de Banba. Não conseguia encontrar as palavras.

A comida chegava a intervalos regulares e Wren ia debicando. Os soldados batiam à porta antes de assomarem a cabeça para saberem se estava tudo bem. Ela mandava-os embora. Pouco depois, o sol começou a pôr-se. O vento era suave e as montanhas estavam em silêncio. As chamas crepitavam na lareira. Wren lançou uma pequena brisa, fazendo-as dançar. A dor no seu coração pareceu aquietar-se um pouco. Gostava da facilidade com que a magia da tempestade a encontrara. Fazia-a sentir-se mais perto de Banba.

Nos pisos inferiores o palácio estava numa azáfama. Os corpos de dezanove soldados e de vinte e sete bestas já tinham sido removidos e enterrados. Os criados e auxiliares continuavam a varrer e a retirar os vidros

partidos e as vigas caídas, tentando reconstruir o que a antepassada de Wren destruíra, enquanto quinhentos soldados tinham sido enviados para as montanhas para limparem os destroços.

E durante esse tempo, Wren permanecera sentada no interior, a olhar para o vazio.

– Tenho de ir para casa – disse a si própria pela vigésima vez naquele dia. – Não me resta nada aqui.

Exceto Banba, disse uma voz na sua cabeça. *Se te fores embora agora, estarás a deixá-la.*

Escutou uma pancada na porta. Era Inga.

– O rei espera-a no lago.

– Não me apetece patinar – retorquiu Wren.

Inga hesitou.

– Tem que ver com a sua avó.

Wren levantou-se de imediato.



Alarik Felsing estava sozinho na margem do lago, com as mãos atrás das costas, à espera de Wren. A suas lobas, *Luna* e *Nova*, caminhavam pela erva coberta de gelo e viam-na aproximar-se. Ela mantinha os punhos cerrados, controlando as suas emoções. Por enquanto.

– É bom que isto seja importante – gritou.

Alarik arqueou uma sobrancelha.

– Tudo o que faço é importante.

– Não – disse Wren com aspereza. – Não estou com disposição.

– Para beijos?

– Para falar contigo. Ou com quem quer que seja.

A expressão dele mudou e a jovialidade desapareceu da sua voz.

– Foi o que presumi. – Desviou-se e revelou o trenó que o seu corpo tapara; e que Wren não vira porque estava demasiado ocupada a olhar para as nódoas negras do rei. Viu-o naquele momento e ficou sem fôlego. Sobre ele jazia o corpo da sua avó. Tinha o rosto pálido, mas tranquilo. Não havia sangue no seu cabelo branco, nem sujidade nas suas bochechas. Alguém a limpara.

As lágrimas afloraram-lhe aos olhos e cambaleou em direção ao trenó.

– Mas a montanha... as rochas... Não compreendo.

– Os meus soldados escavaram as catacumbas esta tarde.

– Mas porquê? Não havia lá nada que...

Nada com exceção de Banba. Alarik permaneceu em silêncio. Wren fitou-o.

– Porquê?

Ele franziu a testa e examinou o punho de uma das mangas. Wren

compreendeu. Alarik não ia dizer-lhe que o fizera por ela, que o fizera por compaixão. Essa era uma emoção que o rei de Gevra não devia sentir.

– Podes decidir o que desejas fazer com o corpo – disse ele.

Wren tomou a mão de Banba e encolheu-se com a frialdade do toque. A sua pele parecia de cera e, mesmo morta, a sua boca desenhava uma linha reta.

Ela não tem de estar morta, sussurrou uma voz na cabeça de Wren. Aquela que provinha daquele lugar escuro e primordial. Que murmurava através de uma passagem proibida que ela já abrira.

Os dedos de Wren começaram a formigar. Fechou os olhos e tentou imaginar a avó viva novamente. Podia ao menos *tentar*. Podia trazê-la de volta. Mas havia tanto medo dentro dela que ameaçava sufocá-la. Sabia que Banba não o desejaria, muito pelo contrário. E, ainda que funcionasse, quem poderia dizer que versão dela voltaria? Wren franziu ainda mais a testa. Ainda assim... o facto de poder tocar-lhe uma vez mais, abraçá-la, dizer-lhe o quanto lamentava...

– Sei o que estás a pensar – disse Alarik.

Wren sentiu que a observava.

– Impedias-me?

Um silêncio demorado.

– Não – respondeu ele, por fim. – Mas não será o mesmo. Sabes disso.

Ela virou-se para o encarar.

– Tens o Ansel.

– Mas não como ele era antes.

– Mas abdicavas dele? – quis saber Wren, embora já soubesse a resposta. Estava escrita na cara de Alarik. Preferia ter a versão atoleimada do seu irmão mais novo do que não o ter.

– Talvez, se fosse altruísta. – Esboçou um sorriso triste. – Mas eu sou um homem egoísta, Wren.

Wren anuiu. O problema era que ela também sofria desse egoísmo. Pouco se importava com o que Banba pudesse ou não desejar. A única coisa que queria era ver a avó abrir os olhos e que a cor voltasse uma vez mais à sua cara.

Alarik levantou o queixo na direção das montanhas, para onde Oonagh tinha desaparecido.

– Se o fizeres, não ficarás mais parecida com ela?

– Já sou como ela – declarou Wren num tom amargo. – Por que não aproveitar?

O rei inalou por entre os dentes. Wren riu.

– O quê? Agora estás com medo de mim?

– Não. Mas tu não tens um pouco de medo de ti própria?

Wren abriu e cerrou os punhos. Uma magia antiga crescia dentro dela e desejava desesperadamente ser usada, moldar-se a cada um dos seus caprichos. O problema era que ela sabia que também lhe moldaria a alma. Já

começara a fazê-lo.

Afastou-se do corpo da avó, tentando lutar contra ela. *Banba iria odiar. E odiar-me-ia por fazê-lo.* E pior do que isso. *Eu própria iria odiar-me.*

– Wren? – Alarik interrompeu-lhe os pensamentos. O sol já se pusera, e agora a escuridão estendia-se pelos céus de Gevra. – O que desejas fazer com o corpo?

Wren soltou o ar e, com ele, as palavras que lhe rasgaram a alma.

– Cremá-lo.



Quando viviam em Ortha, de cada vez que um dos seus morria, os bruxos queimavam o corpo numa enorme e gloriosa fogueira. Dançavam e bebiam e cantavam toda a noite para celebrar a plenitude da sua vida. Banba levantava um vento feroz e fazia-o rugir com a dor coletiva enquanto levava o espírito para a Árvore Mãe.

A pira em Grinstad era maior do que Wren esperara e fora erguida nos jardins perto do lago, onde jazia o corpo de Banba, enrolado em cobertores de pele. Wren viu as chamas tomarem conta da avó e rezou para que encontrasse paz. Ali estavam muito longe da Árvore Mãe.

O pátio estava deserto. Até as bestas tinham sido retiradas. Estava apenas Wren, sozinha diante das chamas. Agitou o pulso e deu-lhes um toque prateado e radiante. Rugiram ao crescer cada vez mais, como se quisessem beijar a Lua.

Wren sentiu um aperto no peito e as lágrimas correram-lhe pela cara.

– Adeus, Banba – sussurrou, lançando uma última rajada de vento que rodeou o corpo da avó e elevou o seu espírito para longe da terra, transportando-o pela noite, como uma fita prateada, de volta a casa, de volta à Árvore Mãe.

Wren ficou junto à pira até as chamas se extinguirem. Quando se apagou, e Banba estava em paz, a jovem regressou ao palácio. Alarik estava na sua varanda, com as mãos na balaustrada enquanto a via atravessar o pátio. A jovem tapou a cabeça com o capuz e fez de conta não o ver.

Mas havia outros, às janelas, a testemunhar o espetáculo da sua dor. A rainha viúva estava no *hall*. Esticou a mão para Wren quando ela passou e apertou-lhe o ombro. Wren dirigiu-se para a escadaria, subiu até ao quarto andar, percorreu o corredor e entrou no quarto, onde a lareira crepitava. Apagou-a com uma rajada de vento, meteu-se na cama e chorou até adormecer.



Rose estava na varanda do palácio de Anadawn, onde, há apenas uma lua, ela e a irmã tinham saudado as milhares de pessoas que se tinham deslocado até ali para lhes estender os seus cumprimentos e celebrar a coroação. Naquele momento, um mar de soldados de Anadawn enchia o pátio, construindo barricadas para reforçar as muralhas exteriores enquanto o exército de Barron marchava em direção ao palácio.

Ao lado dela, Thea tocava repetidamente na pala do olho. Era um tique nervoso que Rose notara que se repetia cada vez mais nos últimos tempos.

– Estarão aqui dentro de uma hora.

– As tempestades...

– Estão a caminho das muralhas, com os encantadores.

– Ótimo – disse Rose. – Alguma notícia da Celeste?

– Anda não. Mas, com sorte, terá recebido a tua missiva.

– Ou talvez as minhas avestreladas se tenham afogado no mar Sombrio – murmurou a jovem.

– A Celeste é uma vidente – lembrou Thea. – Com ou sem carta, ela perceberá.

– Espero que tenhas razão, Thea.

Viraram-se ao escutar gritos. Tilda irrompera na sala do trono e estava a causar alvoroço. A jovem ruiva saltou por cima de um guarda e depois escapou às mãos de outro para chegar junto de Rose.

– Quero lutar – anunciou. – Mas ninguém me deixa sair!

– E com razão – declarou Rose, empurrando-a de novo para dentro. –

Ainda és uma criança.

Tilda espetou o queixo.

– Sou uma guerreira e fui treinada pelo Shen. E sou a única que vocês têm.

Rose sorriu, apreciando a bravura da jovem.

– És muito corajosa por queres juntar-te ao exército, mas, se o Shen aqui estivesse, dir-te-ia a mesma coisa. É muito perigoso.

– Mas...

– Lamento, Tilda – disse Rose, cortando-lhe a palavra. – A minha decisão é definitiva.

Tilda foi-se embora, furiosa, enquanto soava uma trombeta. Era a cavalaria real de Anadawn, composta por mil e quinhentos soldados impecavelmente treinados, que chegava com as espadas desembainhadas. Os Flechas já tinham atravessado a ponte e começavam a atacar. O vento trazia os seus gritos até ali. Embora já o tivesse perdido de vista, Rose sabia que Barron estava algures na contenda.

– Estamos empatados em número – murmurou ela, olhando para os seus soldados e para os Flechas que avançavam. – Como é possível que sejam *tantos*?

– Temos os bruxos do nosso lado – lembrou-lhe Thea. – A balança pende para o nosso lado.

Rose olhou de soslaio para a conselheira real.

– Então, porque estás tão nervosa?

– Porque gosto muito deste reino e de tudo o que simboliza.

Rose contou os bruxos e bruxas nas muralhas. Eram cerca de cinquenta tempestades e encantadores, incluindo Rowena, Bryony, Grady e Cathal, todos de cabedal preto e capas com capuz em vez do uniforme tradicional de Eana. Os restantes bruxos eram demasiado novos ou velhos para lutar e estavam refugiados no *hall* com os restantes cidadãos.

O exército de Barron foi o primeiro a atacar. Uma saraivada de flechas com ponta de aço cruzou o céu e atingiu um soldado, derrubando-o do cavalo.

Rose correu até à balaustrada.

– FAÇAM LEVANTAR O VENTO! – gritou, suplantando qualquer que fosse a ordem que o capitão Davers dava no pátio. – EMPURREM-NOS PARA O RIO!

Rowena rodopiou como uma dançarina, saboreando o momento. Estendeu as mãos para a frente e as outras tempestades fizeram o mesmo, lançando uma rajada de vento tão forte que uivava. O vento sibilou em direção aos Flechas, mas, para grande horror de Rose, eles viraram-se de lado e levantaram um muro de escudos. O vento soprou contra ele, mas não conseguiu atravessá-lo. Os Flechas cerraram os dentes e avançaram numa formação perfeita.

– Foi irritantemente inteligente – murmurou Rose.

– Ainda temos os encantadores – disse Thea num tom calmo.

– Mas eles não estão suficientemente próximos. – Rose *não* queria que eles se aproximassem o suficiente. Esperara não ter de usar os encantadores.

Minutos depois, a cavalaria estava sobre os Flechas. Encontraram-se num estrépito de metal e fogo, os cavalos empinando-se nas patas traseiras quando as chamas zigzaguearam pela erva e ameaçaram queimar-lhe os cascos.

– Como fazem aquilo? – perguntou Rose, inclinando-se sobre a balaustrada para ver melhor.

– Azeite – respondeu Thea, inquieta. – Estão a pegar-lhe fogo com as setas.

Os soldados caíam ao chão derrubados pelos seus cavalos amedrontados e os Flechas aproveitavam a vantagem para os atacar de cima. Nas horas que se seguiram, Rose observou em silêncio e horrorizada a sangrenta batalha que rodeava o palácio de Anadawn. Os Flechas lutavam com uma violência que ela nunca vira, combatendo sem se preocuparem uns com os outros ou com a própria segurança. Queimavam a terra e atingiam os animais, gritando como loucos quando agitavam as armas, ferindo e matando quem se atravessasse no seu caminho,

– Mas não têm honra? – exaltou-se Rose. – É suposto estas coisas terem regras!

Uma flecha em chamas atravessou o ar e atingiu a balaustrada. Rose gritou e deu um salto para trás, levando Thea consigo. Nas muralhas, Rowena inclinou a cabeça para trás.

– Desculpem! Escapou-me essa!

Rose percebeu que a magia da tempestade estava a enfraquecer. Precisava de descansar. Todos precisavam. Outra flecha passou a rasar junto à sua orelha. Grady recorreu a um chicote de vento para a disparar de volta contra os Flechas.

– Quem me dera ter mais cem tempestades – murmurou Rose. – Não. Queria mil.

No campo de batalha, os seus soldados mal conseguiam manter a fileira. Os Flechas estavam preparados para fazer jogo sujo e, por cada dez deles que caíam, parecia haver mais vinte a atravessar o Língua de Prata. As portas da varanda escancararam-se e Chapman apareceu, muito pálido.

– Estrelas celestes, rainha Rose. O que fazeis aqui? – Agarrou-a pelo pulso e puxou-a para longa da balaustrada. – Os Flechas podem atingir-vos!

Contudo, Rose não era capaz de tirar os olhos dos soldados caídos.

– Eles precisam de uma curandeira, Chapman. Eu devia estar lá em baixo, a ajudá-los.

– Nem pensar! – O administrador agarrou-a pelo outro braço como se temesse que ela se lançasse da varanda. – Seríeis uma desvantagem. Deveis permanecer dentro do palácio, onde é seguro.

– O Chapman tem razão – concordou Thea. – Irei eu.

– Não – discordou Rose de imediato. Era demasiado perigoso. – Preciso

de ti aqui.

Perante a insistência de Chapman, retiraram-se para a sala do trono de onde observaram como a batalha de Anadawn ia de mal a pior. Às tantas, os Flechas abriram caminho através da cavalaria e avançaram para norte. Os seus gritos não demoraram a chegar aos ouvidos de Rose, que pressionou o nariz contra o vidro.

– Estão a trepar as barricadas! Mas não veem os espigões?

Thea suspirou. A sua calma natural parecia estar a esgotar-se.

– Claro que veem, mas não querem saber. É isso que os torna tão perigosos.

O capitão Davers abriu os portões e enviou seiscentos soldados de infantaria para fazerem recuar os Flechas. As tempestades soltaram outra rajada de vento, mas, depois de horas naquilo, o seu poder enfraquecera muito. Rowena cambaleou e Grady apanhou-a antes que caísse ao chão. Uma saraivada de flechas voou por cima da muralha, atingindo a varanda onde Rose estivera. Uma das flechas por pouco não acertou em Bryony, enquanto outra caiu na fonte onde as suas chamas se apagaram num caracol de fumo.

Rose estava tão ocupada a ver como os Flechas se feriam a trepar as barricadas que por pouco não via a pequena rapariga ruiva que saiu do palácio e atravessou o pátio.

– Tilda! – gritou, mas estava demasiado longe, absorta na sua própria missão. Enquanto os Flechas se feriam nas barricadas e corriam diretamente para outro pelotão de soldados, Tilda escalou as muralhas e foi ter com Rowena.

– O que está ela a fazer? – indagou Thea. – Ela não é uma tempestade!

Tilda carregava uma saca. Pousou-a ao lado de Rowena, depois mergulhou a mão no seu interior e tirou uma batata, que prontamente lançou contra os Flechas.

Rowena agarrou-se à muralha de pedra, a rir, enquanto Tilda atirava outra. E depois outra e outra.

– TILDA! – bradou Rose. – RECUA IMEDIATAMENTE!

Contudo, a jovem bruxa rodava o braço e lançava batata atrás de batata. Rowena ria às gargalhadas, encantada, à medida que os tubérculos voavam por cima da muralha. Rose espetou as unhas na palma das mãos. A pontaria de Tilda era impecável, mas as velhas batatas de Cam não eram nada contra a raiva violenta dos Flechas, principalmente tendo em conta a velocidade com que derrubavam os seus pobres soldados de infantaria.

Alguns tinham já conseguido abrir caminho e alcançado a muralha exterior do palácio. Todos os encantadores puseram-se em ação, pois já estavam perto o suficiente para lançar os seus feitiços. Os dois primeiros Flechas que chegaram ao cimo da muralha, caíram e começaram a lutar entre si.

– Bem pensado! – exclamou Rose quando o grupo seguinte fez o mesmo. Outro homem caiu ao chão e começou a lamber a erva enquanto a

mulher ao seu lado largava a espada e começava a fazer saltos mortais.

Ainda assim, as flechas voavam cada vez mais alto e mais brilhantes. Rose ficou tensa ao escutar um grito agudo. O tempo pareceu desacelerar quando Tilda caiu com uma flecha ainda em chamas cravada no ombro. Rowena pairava sobre ela, gritando por ajuda, mas as restantes tempestades estavam demasiado esgotadas para fazerem fosse o que fosse. Os encantadores enfrentavam os Flechas que trepavam a muralha e, no pátio, nenhum dos soldados abandonou a formatura para ir auxiliar a jovem bruxa ferida.

No entanto, isso pouco importava, pois Tilda não precisava de um soldado, mas de uma curandeira. Rose abandonou de imediato a sala do trono. Enquanto descia os degraus três de cada vez, ficou satisfeita por estar a usar um par de calças de Wren. Correu por um corredor e depois por outro até avistar o pátio. Os guardas do palácio tentaram detê-la, mas a rainha ordenou-lhes que a deixassem passar. Correu até às muralhas enquanto um coro de gritos enchia o ar, acompanhado pelo ruído das espadas e pelo sibilar das flechas em chamas que choviam sobre Rose como lágrimas de âmbar. A rainha não lhes prestou atenção; se começasse a preocupar-se com a sua segurança, nunca mais alcançava Tilda.

Quando alcançou a muralha, as outras bruxas ajudaram-na a subir. Rastejou até Tilda. A jovem bruxa estava enroscada numa bola aos pés de Rowena, que usava a pouca força que lhe restava para lançar um vento protetor em volta da amiga. O rosto de Tilda estava branco como uma folha de papel e o seu coração palpitava sob as mãos de Rose. Esta removeu-lhe a flecha com muito cuidado, estremecendo ao ver o sangue. Fez pressão na ferida e fechou os olhos para que a sua magia ganhasse vida dentro dela. Encontrou o fio da vida de Tilda, pequeno e dourado, no centro da sua mente e alcançou-o. O seu sangue começou a vibrar e a magia curadora passou dela para a jovem bruxa até que, por fim, depois do que lhe pareceu uma eternidade, Tilda abriu os olhos.

Rose sorriu enquanto o resto do mundo, furioso e violento, voltava ao seu lugar.

– Estás bem?

O lábio inferior de Tilda tremia.

– Tenho medo.

– Anda – disse Rose e ajudou a jovem bruxa a levantar-se. – Vamos voltar ao palácio.

Nesse momento, Rowena gritou ao ser puxada por um Flecha que escalara a muralha. Perdeu o equilíbrio e, sem ninguém que a segurasse, caiu ao chão do outro lado.

– Prendi uma bruxa! – gritou o Flecha, triunfante. – É uma das que faz tempestades!

Rose pôs-se de pé.

– SOLTA-A! – bradou. – Sob pena de morte, ordeno-te que... – Gritou

quando alguém a agarrou pela bainha das calças. Outro Flecha que trepava a muralha decidiu aproveitar a sua oportunidade. Cambaleou durante um agonizante segundo, mas Tilda estava demasiado zonha para a segurar e Rose demasiado atordoada para se equilibrar. Quando pensou em fazê-lo, já estava a cair...

O mundo rodopiou num torvelinho de horror e chamas à medida que o solo se aproximava com demasiada rapidez. Rose aterrou na erva com um ruído surdo. Deu-se conta de passos pesados e de vozes frenéticas.

– Estrelas ardentes, é a maldita rainha!

– Mata-a, depressa!

– Não! Agarra-a. O Barron há de querer ter essa honra.

Rose tentou sentar-se, mas tinha uma bota no peito. Um homem pairava sobre ela e, antes que conseguisse afastá-lo, ele baixou o punho da espada. Rose gemeu quando a atingiu na cabeça. Estrelas explodiram na sua visão antes de dar lugar a uma escuridão familiar.



Na manhã seguinte, antes do sol nascer, Alarik mandou chamar Wren. Ainda meio adormecida e demasiado cansada para sentir curiosidade, levantou-se da cama e vestiu a primeira coisa que encontrou no armário. Para sua surpresa, foi Anika que abriu a porta do quarto do rei. Tinha umas olheiras enormes e sombras atrás dos olhos.

– O que se passa? – perguntou Wren, inquieta.

– Entra e fecha a porta.

Wren seguiu-a pelo quarto até onde Alarik permanecia de pé como uma sentinela junto à cama onde Ansel jazia a olhar para o teto e gemia suavemente. Wren sentiu um aperto no coração ao olhar para a cara do príncipe. Estava quase verde e com as bochechas encovadas.

– O meu irmão contou-me que recuperaste o teu poder – disse Anika com voz áspera. – Agora podes criar tempestades. – Wren fez que sim com a cabeça, ausente. – Então, também deves ser uma curandeira.

Wren fitou-a e franziu o sobrolho.

– Não sei. Não tentei.

– Então, tenta – pediu Anika, impaciente. – Não podemos viver assim.

Wren olhou para Alarik.

– Não estou a compreender.

– O Ansel está em sofrimento – explicou ele de forma tensa.

– Sabes que não o posso curar – disse Wren. – Nem com magia, nem com tempo.

O rei assentiu, rígido, e Wren deu-se conta de que ele já chegara a essa

conclusão. Estava a pedir-lhe outra coisa.

– Desejamos deixá-lo descansar. – Olhou para a irmã e engoliu a saliva.
– Deixá-lo ir.

– Ah! – disse Wren, ao compreender. Eles não a tinham chamado ali para salvar Ansel, mas sim para pôr a sua alma em descanso. Para que o curasse, libertando-o deste mundo. Queriam que o deixasse morrer. Outra vez.
– Eu... posso tentar.

Wren sentou-se na beira da cama, tentando recordar-se de tudo o que Thea lhe dissera sobre a cura. Sabia que vinha do sangue e que dependia da energia natural da bruxa, que a intenção guiava cada feitiço. Pegou na mão de Ansel, que tremia ligeiramente. Ou talvez fosse a sua. Fechou os olhos e viu o fio da vida dele a contorcer-se na sua mente. Outrora fora dourado, mas agora estava manchado e emaranhado. Alcançou-o para tentar desatá-lo, mas escapou-lhe das mãos.

Volta. Deixa-me ajudar-te.

Porém o fio afastava-se cada vez mais. Uma sombra passou e escondeu-o dela. Wren sentiu a cabeça a latejar. Estava vagamente consciente do seu corpo a oscilar na cama, de um gemido que se escapava por entre os seus dentes. Depois surgiu aquela terrível voz novamente, a elevar-se dentro dela.

O sangue que despoja já não pode curar, disse em tom burlão. Escolheste a escuridão, passarinho. É aí que terás de viver.

De repente, escutou-se um baque. A dor percorreu-lhe o ombro e trouxe-a de volta ao quarto. Abriu os olhos e viu que estava no chão.

– O que estás a fazer, bruxa idiota? – ciciou Anika, sobre ela. – Não é o momento para desmaiases!

Wren sentou-se enquanto o calor abandonava as suas bochechas com um formigueiro. Olhou para a cama. Ansel continuava vivo e murmurava, febril. Alarik pousara-lhe uma mão no ombro, mas olhava fixamente para Wren.

– O que aconteceu?

– Eu... peço desculpa. Tenho de ir. – Wren pôs-se de pé e saiu porta fora. Os seus olhos nublaram-se enquanto percorria o corredor, à procura das escadas. Subiu-as, afastando-se do trémulo príncipe, do rei sofredor e da raiva cega nos olhos de Anika, mas, por mais rápido que corresse ou por muito que chorasse, Wren não conseguia fugir da voz no seu interior.

Escolheste a escuridão, passarinho. É aqui que terás de viver.

Wren tinha acabado de entrar no seu quarto quando Alarik a apanhou. Entrou e bateu com a porta.

– O que se passou?

Wren voltou-se. As lágrimas corriam-lhe pela cara.

– Não posso fazê-lo – disse entre soluços. – Há um preço a pagar pelo que fiz ao teu irmão. Não posso curá-lo. Estou quebrada. – Pressionou os punhos contra os olhos. – Sou como ela. E esta é a prova.

Alarik ficou em silêncio por instantes, e depois suspirou.

– Não estás quebrada, Wren.

– Estou, sim! – gritou. – Sai daqui!

Alarik não se moveu.

– Não estás quebrada – repetiu ele.

Wren baixou as mãos para o fulminar com o olhar.

– O que raio sabes tu?

Ele atravessou o quarto em três passadas.

– Sei que és capaz de te preocupar mais com outros do que contigo, por isso *não estás quebrada*. – As últimas palavras foram proferidas com um grunhido áspero e insistente. Levantou a mão e enrolou um caracol de cabelo da jovem no seu dedo. Quando ele o levantou, Wren viu que era prateado e brilhante. – Estás a ver o quanto te preocupas, Wren?

A jovem virou-se para o espelho. Saíra tão apressada naquela manhã que não vira o seu reflexo, mas agora via-o com clareza. Tinha uma madeixa prateada no cabelo, na parte da frente. Olhou para Alarik, que se encontrava atrás dela.

– O meu pai disse-me em tempos que conhecer a dor é conhecer o amor – contou, em voz baixa. – E não podes amar se estiveres irremediavelmente quebrada.

Wren observou o rei ao espelho, tentando perceber de onde viera aquela versão dele, ou talvez sempre ali tivesse estado, escondida sob a sua gélida fachada.

– Disseste-me que o amor era uma coisa terrível.

– E é – confirmou Alarik. – Mas porque tem isso de mudar o que quer que seja?

Por instantes, Wren quase riu. Mas logo depois deixou cair os ombros sob o peso da verdade.

– Não posso consertar o Ansel – sussurrou. – Não me posso sequer consertar a mim própria.

– Não precisas de ser consertada. Precisas apenas de tempo para sarar.

Wren fechou os olhos e sentiu a dor do rei como sua. Uma pequena e rebelde parte do seu ser queria enroscar-se no abraço dele e distrair-se da fenda no seu coração. Ele recuou nessa altura e o momento passou.

– Vai para casa. – Deu meia-volta e, com um sorriso débil e fugaz, acrescentou: – Procura a tua cura, bruxa.



Só depois de Alarik se ter ido embora é que Wren se lembrou de lhe pedir que devolvesse o espelho de mão. Precisava de falar com a irmã, para saber o que se passava em Eana e, se tudo corresse bem, arranjar uma passagem segura de volta. Decidiu ir procurar o rei, mas, assim que saiu para o corredor, alguém gritava o seu nome. Wren seguiu o som até ao *hall*, onde Celeste caminhava de um lado para o outro. Vestia um casaco de pele, botas de inverno cinzentas

e um gorro de lã a condizer; parecia uma gevrana.

– Voltaste – disse Wren, descendo as escadas.

Celeste virou-se.

– Aqui estás tu! – exclamou, com alívio. – Claro que voltei. Achavas mesmo que ia deixar-te neste lugar horrível? – Apontou para a destruição. – O que raio se passou aqui? Juraria que ouvi a montanha a desmoronar-se. E voltei a ter aquela visão. Tem-me atormentado nestes últimos dias. Pensei que tinhas morrido.

Wren deteve-se ao último degrau. Tinha tanta coisa para contar, e não sabia por onde começar.

– Não era eu na tua visão, Celeste. Era Oonagh.

Celeste fitou-a.

– *Estrelas!*

– E, hum, por falar na minha maléfica antepassada – continuou Wren –, como tem estado a tua magia por estes dias?

– Confusa – respondeu Celeste. – Como sempre.

– Por acaso... oh, não sei... criaste alguma tempestade?

– Não sou uma tempestade. Sabes disso. – Uma pausa. Celeste semicerrou os olhos. – O que se passa contigo? Que se passou aqui?

– Muita coisa, para ser sincera – replicou Wren e, para seu horror, antes mesmo de conseguir abordar o tema da avó, a sua voz cedeu.

A expressão de Celeste suavizou-se. Esticou a mão e tocou na madeixa prateada no cabelo da amiga. Depois fez uma coisa completamente inesperada. Agarrou-a pelos ombros e puxou-a para si. O abraço foi tão espontâneo que Wren soltou um soluço.

– Já sei da Banba – murmurou. – E lamento muito, Wren. A sério que sim.

Wren desfez o abraço e limpou as lágrimas à manga.

– As avestreladas também te mostraram isso?

Celeste pressionou os lábios.

– Foi *ele* que me disse.

Wren pestanejou.

– Quem?

– O Alarik – respondeu Celeste, em voz baixa, como se o próprio nome fosse perigoso. – Enviou uma escolta ao porto para me buscar. Eu estava à espera no navio do Marino, a tentar pensar numa maneira de te tirar daqui. Suponho que o rei tinha espiões a vigiar-nos.

– Não compreendo.

Celeste suspirou.

– Nem eu. Mas podemos tentar perceber tudo a caminho de casa. Já perdemos tempo suficiente. Há coisas que também tenho de te contar.



O trenó real esperava-as à frente do palácio. A rainha Valeska, que estava a dar o seu passeio matinal, sorriu a Wren quando esta passou. A jovem acenou à rainha viúva antes de subir para o trenó. Celeste reparou, mas não disse nada.

Dessa vez, Wren viajou sentada à frente e o vento de inverno acariciou-lhe as faces enquanto os lobos as afastavam do rei Alarik e do resto das suas bestas letais. Ainda assim, enquanto se afastavam pelo comprido caminho que dava acesso ao palácio de Grinstad, Wren podia jurar que sentia os olhos do rei fixos nelas. Só quando alcançaram os portões negros é que olhou por cima do ombro e viu uma sombra distante na varanda. Celeste também a viu. Wren ignorou o seu olhar de desaprovação. Passou o dedo pela madeixa prateada, pôs o capuz e pediu:

– Fala-me de Eana, Celeste.

– Muito bem. – A amiga aclarou a voz. – Devo avisar-te de que não vais gostar...

Wren recostou-se e ouviu as novidades. A sua ira ardia com cada palavra.



O navio de Marino Pegasi já estava no porto quando chegaram, à meia-noite. Se o comandante ficou surpreendido ao ver chegar o trenó real, não o mencionou. Limitou-se a estender os braços para lhes dar as boas-vindas quando subiram a bordo.

– Bem-vinda de volta, Tilda. Mais vale tarde que nunca!

– A tua querida Lessie foi resgatar-me – disse Wren, mostrando um sorriso ao simpático comandante. – Obrigada por esperares por mim.

Celeste revirou os olhos.

– Já me tinha esquecido de como vocês são quando se juntam. Vou ao convés inferior comer qualquer coisa. Estou faminta.

Wren acenou-lhe e acompanhou Marino enquanto este percorria o convés. O *Siren's Secret* fervia de atividade com a tripulação a preparar o navio para levantar a âncora.

– Tens rum a bordo?

Marino riu.

– Neva em Gevra?

– Ótimo – disse Wren. – Agora caía bem uma bebida forte.

– Suponho que estas semanas tenham sido difíceis – comentou Marino.

Wren anuiu.

– Embora creia que o pior ainda esteja para vir.

Marino pediu a um dos membros da tripulação que fosse à coberta buscar uma garrafa do seu melhor rum. Quando regressou ao convés, Wren aceitou a garrafa, tirou a rolha e deu um trago por Banba. Depois bebeu outro,

mais generoso, por si própria.

– Não vamos partilhar isso? – perguntou Marino, aproximando-se dela depois de terem passado a Fenda da Morte.

Wren passou-lhe a garrafa.

– Já tiveste sorte com a tua sereia?

O comandante abanou a cabeça antes de dar um trago.

– Não importa. Sou um homem paciente.

– E um louco enamorado.

– Temos de ser loucos por alguma coisa, Wren. Porque não loucos de amor?

Wren contemplou o mar cristalino e voltou a pensar em Tor, na amabilidade nos seus olhos, no seu espírito. Tentou não pensar em Alarik, com o seu olhar destemido e a alma intrépida, mas estavam no mesmo pensamento, o rei e o seu capitão, entrelaçados na sua memória.

– Conheço esse olhar – disse Marino. – Estás a pensar no teu namorado gevrânês.

– Não tenho namorado – apressou-se ela a retorquir. – E não quero nenhum.

Havia pena nos olhos castanhos de Marino quando a encarou.

– Então queres o quê, Wren?

A jovem virou-se para a água. Já passara muito tempo desde que alguém lhe perguntara aquilo. Sem a mão de Banba para a guiar e a voz de Rose no seu ouvido, Wren não sabia o que queria. Apenas aquilo:

– Leva-me para casa, Marino. Tenho um encontro marcado com o Edgar Barron, e já estou atrasada.

Marino fez um aceno de cabeça.

– Se o vento colaborar, estaremos lá num piscar de olhos.

Wren fitou-o por cima do ombro.

– Importavas-te que eu desse uma ajuda?

Com a autorização do comandante, a jovem levantou as mãos e criou um vento tão forte que podia jurar ter ouvido nele a gargalhada de Banba. As velas enfunaram-se e o *Siren's Secret* avançou a uma velocidade tão alarmante que Marino teve de correr até ao leme para que o navio não virasse de quilha.

Wren sorriu, de pé na proa, com o vento a açoitar-lhe o cabelo e uma tempestade nos punhos. Atravessavam o mar Sombrio e, do outro lado, esperava-os a guerra.



Quando Rose recuperou os sentidos, estava longe do palácio. Pestanejou para afastar o atordoamento e tentou pensar para lá da dor latejante no crânio. Assim que o mundo voltou a ficar nítido, percebeu que estava numa clareira ardida na orla do bosque. Cheirava a cinzas e a fumo. Tinha as mãos atadas à frente do corpo envolta a um tronco queimado.

Diante dela estava Edgar Barron. Apesar da batalha que se desenrolava ali perto, ele tinha um aspeto imaculado e nem um cabelo fora do lugar. Envergava um belo gibão carmesim sob uma elegante armadura negra e estava apoiado no punho da espada.

– Rainha Rose. – Fez uma vénia. – Voltamos a encontrar-nos.

Rose fulminou-o com o olhar, com todo o ódio que conseguiu reunir.

– Isto é alta traição, Barron. Liberte-me de imediato.

Os olhos azuis de Barron dançaram.

– Não me parece que esteja em posição de negociar.

– A rainha de Eana está sempre em posição de negociar.

Barron ajoelhou-se.

– Esta é a minha primeira e última oferta, bruxa. Podes suplicar pela tua vida.

Rose fechou os olhos e reuniu os restos da sua coragem. Então, com a raiva de todos os bruxos a arder dentro dela, fez uma coisa que nunca tinha feito em toda a sua vida. Cuspiu em Edgar Barron, que recuou.

– Sua bruxa porca – atirou ele, pondo-se de pé. Colocou-lhe a espada por baixo do queixo. – Vais pagar por isso.

Dessa vez, Rose manteve os olhos abertos. Se ia morrer, ao menos olharia o seu assassino nos olhos. O coração batia apressado. Sentiu o toque frio da lâmina e o escorrer do sangue quando lhe cortou a pele.

De súbito, o vento uivou. A rajada foi tão forte que lhe levantou o cabelo e arrancou a espada da mão de Barron. Rose arquejou quando o líder dos Flechas caiu para trás, desequilibrando-se no centro da tempestade.

Terminou tão depressa como começara e instalou-se um breve silêncio na clareira. Foi então que escutou a voz de Wren.

– Edgar Barron, o vilão... Eu e a minha irmã não te aconselhámos a portar-te bem?

Apareceu por entre as árvores. Parecia tão mudada. Ataviada com um vestido gevrânês e o cabelo apanhado em duas tranças, com uma madeixa prateada. Olhou para Rose.

– Estás bem?

Os lábios de Rose tremiam enquanto anuí.

– Eu sabia que voltarias.

Barron pôs-se de pé, mas Wren esticou a mão e derrubou-o com outra rajada.

– Fica de joelhos, traidor.

Rose girou a cabeça, à procura de Banba, mas estavam apenas os três naquela clareira. Não percebia muito bem como, mas a tempestade viera de Wren.

– Não era suposto tu seres encantadora? – perguntou Barron, olhando de uma para a outra. Pela primeira vez desde que Rose conhecera o líder dos Flechas, reparou com grande satisfação que ele parecia assustado.

– E não era suposto tu comportares-te? – contrapôs Wren. – Mas já que estás aqui, a tentar assassinar a minha irmã, queres ver outra demonstração do meu novo poder?

– Não! – exclamou ele.

– Sim! – contrapôs Rose.

Wren desenhou um círculo com o braço e criou um vento uivante que se deslocou em direção a Barron, levantou-o do solo e deixou-o a flutuar no ar, de onde saiu a voar por cima das árvores queimadas. Gritou enquanto se afastava, mas Wren não ficou imóvel para o ver desaparecer.

Virou-se para Rose, tirou um punhal da manga e ajoelhou-se. Cortou rapidamente as cordas que prendiam a irmã.

– Desculpa ter chegado tarde – pediu ela. – Vim assim que...

Rose abraçou a irmã com tanta força que Wren não foi capaz de terminar a frase.

– Estás aqui agora – disse, pressionando a cara contra o seu ombro. – Isso é a única coisa que importa.

Rose estava tão absorta na alegria do encontro que só quando se afastou de Wren é que se deu conta de que os seus dedos formigavam. Sentia uma estranha calidez a espalhar-se dentro dela. Não, aquilo não era calor. Era

magia e parecia simultaneamente nova e antiga. Rose olhou para a irmã.

– Está a acontecer-me qualquer coisa.

Wren sorriu.

– É a maldição das gémeas, Rose – disse e deu-lhe a mão. O calor dentro de Rose intensificou-se. – Agora que estamos juntas de novo, acho que por fim se quebrou. Os cinco dons da feitiçaria uniram-se novamente. O nosso poder está a regressar.

Com essas palavras produziu-se uma onda de poder tão cálido e brilhante que Rose teve a sensação de que o seu sangue se convertera em fogo. Quando se levantou, dos seus dedos saíam faíscas. Sentia uma tempestade a crescer dentro dela, assim como a necessidade de estender as mãos para a libertar.

– Estrelas! – exclamou ela, sem fôlego. Teve a sensação de que a sua alma inflara, de partes do seu corpo, que ela desconhecia, que se estendiam e uniam entre si. – E agora?

Wren pegou-lhe na mão e puxou Rose para fora do bosque.

– Agora lutamos.



Wren nunca se sentira tão perto de Rose como naquele momento. Abandonaram ambas o abrigo do bosque e dirigiram-se para o palácio de Anadawn, onde o caos e o derramamento de sangue as esperavam. Contudo, não eram as mesmas pessoas que tinham sido há uma lua. A maldição das bruxas estava a quebrar-se e os cinco ramos da magia de Eana fluíam de Wren para Rose para reparar um erro com mil anos.

Ainda assim, no mais fundo do seu ser, havia uma parte de Wren que temia que a sua irmã sentisse a escuridão no seu interior, o ramo partido da magia curativa que se recusava a funcionar. Mais cedo ou mais tarde teria de lhe falar de Oonagh, teria de confessar-lhe o que, acidentalmente, a libertara nas entranhas do palácio de Grinstad, e o que isso lhes custara. Ou, melhor, quem.

– Wren, estás a tremer. – Rose apertou-lhe a mão. – Precisas de um instante?

Wren pôs os nervos para trás das costas.

– Não. – O sol começava a pôr-se e os últimos raios da sua luz dourada brilhavam sobre as torres brancas de Anadawn. A escuridão estendia-se e, com ela, uma lua pálida e distante. – Vamos mostrar aos Flechas quem têm de enfrentar.

As gémeas chegaram ao campo de batalha acompanhadas de um vendaval uivante. Viram centenas de soldados caídos na erva, alguns a gemer e outros completamente imóveis. As barricadas em redor das muralhas do palácio tinham sido destruídas e os portões dourados começavam a ceder.

Wren canalizou a raiva que sentia para a sua magia e convocou todo o poder das profundezas da sua alma. Ao seu lado, percebeu que a irmã fazia o mesmo. O vento gritava em volta delas e a terra tremia aos seus pés à medida que avançavam para os Flechas.

– Escudos para cima! – ordenou um dos rebeldes. – É apenas vento! Avancem e prendam as rainhas.

Os Flechas carregaram todos ao mesmo tempo. Rose ficou tensa.

– Não esperei dezoito anos para entrar em guerra! Esperei dezoito anos para governar o meu povo com paz e prosperidade.

– Então, vamos acabar com isto! – Wren cerrou os punhos até faiscarem. O céu por cima do palácio de Anadawn abriu-se e a luz de um raio cruzou as nuvens antes de queimar uma linha irregular no solo.

Os Flechas estacaram.

– HAVERÁ PAZ! – gritou Rose enquanto Wren soltava outro raio que chamuscou a terra à volta delas. – POR FAVOR, PERMITAM QUE HAJA PAZ!

Do outro lado do campo de batalha, Wren avistou Rowena no meio da contenda. Rowena pegou numa espada caída no chão e rodopiou-a no ar, antes de a apanhar pela extremidade e a lançar com grande pontaria contra um Flecha que brandia um machado. Depois olhou para as mãos como se nunca as tivesse visto e começou a rir.

– A maldição! Foi quebrada!

Tilda saltou da muralha e aterrou rodeada por um remoinho de vento que ela própria criara.

– Vejam! Agora tenho os poderes de uma tempestade!

Os Flechas viraram as cabeças, aterrorizados, ao verem que mais bruxas e bruxos saíam do palácio de Anadawn, levantavam as mãos para o céu e descobriam um novo poder. As gémeas continuavam a avançar, levando os raios consigo.

– Recuem! – gritou Rose aos soldados. – Formem atrás de nós!

Rowena foi ter com elas.

– Acabem com eles! – gritou, criando o seu próprio relâmpago. – Com todos eles!

Wren fletiu os dedos.

– Não! – exclamou Rose, e agarrou-a pelo pulso. – Vamos empurrá-los para o rio e bloqueá-los na ponte. Isso dar-nos-á tempo para tratar dos feridos. Agora temos centenas de curandeiros entre nós.

Rowena enrugou os lábios.

– Todo este novo poder e continuas uma cobarde.

Rose empurrou-a para o lado.

– *Mexe-te.*

Wren lançou um olhar ameaçador a Rowena e seguiu atrás da irmã.

Muitos dos Flechas começavam a fugir, mas ainda havia uma centena que insistia naquela loucura, tentando forçar os portões dourados. Para grande

surpresa de Wren, os portões escancararam-se, como se para as receber. Rose girou a cabeça.

– Os portões foram forçados!

– Não – disse Wren, inquieta. – Foram abertos, Rose. Acho que nos traíram.

A jovem esperava ter-se enganado, mas, à medida que avançavam para o palácio, a sua preocupação aumentava. Dentro do pátio, alguns dos guardas tinham virado as espadas contra as bruxas. E o pior de tudo era que o capitão Davers estavam aos portões a chamar mais Flechas para o interior. Wren pôs-se a correr.

– Seu maldito traidor! Farei com que te cortem a cabeça por causa disto!

– Wren, as crianças! – Rose apontou para o roseiral onde um grupo de jovens bruxas e bruxos se escondia atrás de Celeste, que brandia uma espada a quem quer que se atrevesse a aproximar-se.

– Apanhem-nos! – bradou o capitão Davers. – Derrubem todos os que conseguirem!

Horrorizada, Wren viu que todos os guardas se viravam contra as bruxas, mas não sabia se era por medo daquele poder recém-descoberto ou por algum plano previamente elaborado. Antes que Rowena pudesse desferir um golpe mortal, o capitão Davers derrubou-a com o punho da espada. Grady e Cathal foram as seguintes, e Tilda esquivou-se mesmo a tempo ao golpe de um machado. Mesmo com aqueles novos poderes, estavam em inferioridade numérica.

Junto aos portões, Thea conseguira subtrair uma espada a um guarda e chegara junto de Celeste, mas estavam cercadas, ambas esforçando-se ao máximo para proteger as crianças a seu cargo. Wren e Rose separaram-se junto à fonte. A segunda correu para ajudar os jovens bruxos, ao passo que a primeira se dirigiu para Davers que, na ausência de Edgar Barron, assumira o papel de líder dos traidores. Wren nunca gostara daquele homem e naquele momento compreendia a razão.

O capitão da guarda de Anadawn esperava-a. Encontraram-se perto da muralha, onde ele levantou o escudo para bloquear a sua magia tempestuosa ao mesmo tempo que era apoiado por doze dos seus melhores soldados. Traidores, todos eles. Contudo, Wren mantinha os olhos colados em Davers. Era como Banba sempre dissera. Derruba o líder e os restantes cairão.

– Não me admira que o Barron tivesse chegado tão longe com um vira-casaca como tu a ajudá-lo – disse Wren.

Davers desferiu um golpe com a espada e empurrou-a contra a muralha. Wren fletiu os dedos, desejando que o dom de guerreira entrasse em ação para poder acabar com ele.

– Antigamente as coisas funcionavam muito bem – argumentou ele, como se aquilo fosse uma conversa e não uma luta até à morte. – Anadawn estava em segurança. Em paz.

– Não para nós – argumentou Wren, lançando outra bola de vento.

Davers desviou-se para a evitar.

– O Barron tem razão. Ninguém devia ter tanto poder. Não é natural. Não está certo.

Wren cerrou os punhos.

– Se estivesse preocupado com a justiça, dar-nos-ias a oportunidade de governar.

Ele soltou uma gargalhada.

– Querem governar um reino, mas não são sequer capazes de controlar os convidados do vosso próprio palácio!

Wren levantou o punho, mas, quando olhou para cima para convocar um raio, encontrou um olhar familiar e furioso. Mal teve tempo de pensar antes de Edgar Barron saltar da muralha e abater-se sobre ela como uma tonelada de tijolos. Wren caiu e bateu com a cabeça no chão.

Ficou a ver estrelas e, por um instante que se revelou crucial, perdeu os sentidos. Quando voltou a recuperá-los, tinha os pés atados e um trapo metido na boca. Barron segurava-lhe as mãos atrás das costas e arrastava-a pelo pátio. Os Flechas afastaram-se para os deixar passar, abrindo um caminho até à fonte.

– Vou dar-te um conselho – sussurrou-lhe Barron ao ouvido. – Quando atacares um inimigo, certifica-te *sempre* de que terminas o trabalho.

Wren cuspiu o trapo, mas tinha ainda a cabeça a andar à roda e não era capaz de pensar com clareza, e muito menos reunir uma migalha de magia. Debateu-se fracamente enquanto a metiam na fonte. Com a morte a pisar-lhe os calcanhares, Wren ficou com a sensação de que a irmã gritava o seu nome. Celeste e Thea também. Mas ninguém apareceu para ajudar.

Iam morrer todos ali, no precipício da oportunidade. As últimas bruxas iriam perder-se nas páginas de uma história que não tardaria a ser esquecida. Wren arrastou-se de costas pela fonte e, ao tentar escapar de Barron, a água fria chegou-lhe ao peito. Ele seguiu-a e os seus olhos azuis iluminaram-se de forma violenta.

– És aquela que sabe tudo, não é, Wren? – zombou ele. – Sabias que podes afogar-te num palmo de água?

Wren deixou escapar uma gargalhada.

– Assim será mais fácil matar-te.

– Arrogante como sempre, bruxa. Mesmo às portas da morte.

Estavam rodeados por Flechas, todos com expressões hostis. Rose tentou abrir caminho até ela, mas foi intercetada por Davers, que lhe prendeu as mãos atrás das costas. Depois apareceu Celeste, mas não tentou aproximar-se – seu olhar encontrou o de Wren entre a multidão e, quando um guarda se aproximou para a capturar, ela lançou uma rosa vermelha para a fonte. Aterrou na água, ao lado de Wren.

Barron viu a flor e riu.

– Uma flor para a tua campa. Até os teus aliados sabem que o teu fim está próximo. – Uma pétala solitária flutuou até Wren, e ela cerrou o punho à

sua volta. – Vais morrer hoje, bruxa, e a tua irmã seguir-te-á.

Wren apertou a pétala na mão fechada enquanto Barron lhe agarrava o cabelo e lhe mergulhava a cara na água. Manteve-a ali durante uns instantes enquanto ela lutava por respirar. Ouviu-o rir quando ficou imóvel e ouviu os Flechas gritarem o nome dele. Após três longos minutos, Barron soltou-a, tão orgulhoso do seu triunfo que nem reparou no encantamento que percorria o corpo da jovem, nem das guelras de sereia no seu pescoço.

O traidor pôs-se de pé na fonte e ordenou que lhe trouxessem Rose, que foi arrastada aos gritos até ele a pontapear. Wren deu-se conta do momento em que a irmã a viu a boiar, imóvel, na fonte. O grito primitivo de Rose foi tão desolador que Wren quase levantou a cabeça. Barron passou por cima dela. Desta vez, pediu uma flecha e um arco. Alguém correu a cumprir a ordem. As suas palavras cacofónicas ecoavam pela água enquanto Wren alcançava, muito discreta e lentamente, o seu punhal.

– A tua irmã está morta. Está na hora de te juntares a ela – Wren ouviu-o encaixar a flecha no arco e imaginou-o a apontá-la ao coração de Rose. – Aqui nos encontramos, sob o olhar do Grande Protetor. Não há flecha mais verdadeira – anunciou ele. – Não há morte melhor que a tua.

Wren atacou e cravou-lhe o punhal na barriga da perna. Barron caiu de joelhos com um grito rouco ao mesmo tempo que ela saltava da água. Com o cabelo na cara, viu a irmã a debater-se nas mãos de Davers. Rose aproveitou a surpresa do capitão para lhe dar uma cotovelada e afastar-se dele. Lançou-se para Wren, mas Barron deteve-a. Ao tirar o punhal da barriga da perna, puxou-a para si e apontou-lho ao pescoço.

– Não mexas nem um músculo – ordenou ele com os dentes cerrados. Wren estacou e lançou um olhar assustado à irmã. – Tentamos de novo, sim?

Wren foi invadida por uma sensação de terror. Falhara à sua irmã. Não fora suficientemente rápida ou inteligente para a salvar. Para salvar nenhum deles. E agora ali estava, prestes a separar-se de Rose para sempre. Além disso, para piorar a situação, a sua irmã morreria primeiro.

Desculpa, articulou em silêncio.

Rose sorriu, perdendo-a. Perdendo-se. *Gosto muito de ti*.

Depois fechou os olhos com força, preparando-se para a morte. Wren também fechou os olhos, mas, em vez de escutar o som penetrante do ferro a enterrar-se na pele e nos ossos, ouviu o sibilar inequívoco de uma espada em pleno voo. E depois ouviu um golpe revelador.

Rose gritou e Wren abriu os olhos. Sobre o ombro da irmã, a cara de Barron congelara a meio de um esgar. O pescoço do traidor fora atravessado por um familiar punhal. Deixou cair a espada e logo de seguida caiu ele, para trás, atterrando na água com um enorme *splash*.

– Peço desculpa pelo atraso – disse uma voz vinda de cima. – Tivemos de limpar o pó às espadas.

Wren e Rose olharam para cima e viram Shen Lo nas muralhas. Usava a sua coroa dourada e brandia o maior sabre que Wren alguma vez vira. Lei Fan

estava ao seu lado, armada com arco e flechas, e a avó Lu estava do outro lado, a rodopiar a bengala. Ao longo da muralha, até onde a vista de Wren alcançava, estendia-se uma linha contínua de bruxas e bruxos com brilhantes armaduras negras que brandiam as suas ameaçadoras armas.

– Suponho que vocês, cobardes, nunca ouviram falar do Reino Beijado pelo Sol – disse Shen Lo enquanto saltava da muralha e aterrava, sete metros mais abaixo, com total elegância. – E que tal se nos apresentássemos?

Com um grito coletivo, o resto do exército do sol lançou-se da muralha e abateu-se sobre os Flechas.



O luar brilhava nas armas do exército de Shen enquanto corriam para a batalha, inundando o pátio com uma massa de ferro. Os Flechas soltaram as bruxas e bruxos de Ortha e correram para os portões, mas não eram rivais para a força e para a velocidade do Reino Beijado pelo Sol. Lançavam rajadas como se fossem facas e rodopiavam no ar com uma elegância letal.

Os soldados que tinham traído Wren e Rose depuseram as armas e correram para o rio. Wren juntou-se às bruxas do Reino Beijado pelo Sol e correu atrás deles, derrubando todos os que conseguiu.

Rose permaneceu de pé na fonte, encharcada dos pés à cabeça, e ficou a vê-los fugir. *Que fujam*, pensou, com uma amargura pouco característica. Depois de dezoito anos, os seus próprios guardas tinham-se virado contra ela. Até o capitão Davers, que conhecera durante toda a sua vida, temera de tal forma a sua magia que a arrastara de mãos atadas para a morte.

Shen atravessou a fonte e observou-a.

– Estás ferida?

Rose abanou a cabeça, mas os seus olhos encheram-se de lágrimas. Não era capaz de esquecer a imagem da irmã a flutuar morta na água. O momento aterrador em que deixara de se debater e em que a sua última esperança se apagara. Mas ali estava ela, viva. Salva.

– Não acredito que vieste.

– Não podia deixar-te enfrentar esta guerra sozinha, Rose. – Shen aproximou-se dela e abraçou-a, transformando o seu corpo num escudo. – Nunca pensei que o Barron chegasse tão longe e tão depressa.

Rose olhou-o nos olhos.

– Não queria arrastar-te para isto, Shen.

O guerreiro franziu o sobrolho e deslizou o dedo pela ferida que ela tinha no pescoço.

– Ainda bem que a Thea me enviou um bilhete.

– Enviou?

– E a Rowena também.

– *O quê?*

– E a Tilda. – Shen fez uma pausa. – Sabias que tem uma caligrafia horrível?

Rose mirou-o boquiaberta.

– Não pedi a nenhuma delas que...

– Eu sei – interrompeu ele. – Mas ainda bem que o fizeram. Não fazia ideia que fosse tão mau.

– Ainda assim – argumentou Rose com um suspiro. – Sei que não querias envolver o teu povo numa guerra.

– Não tive de o fazer – replicou ele. – Disse-lhes apenas que vinha combater e dei-lhes a opção de me seguirem. – Sorriu, revelando a covinha na bochecha. – Parece que estar preso sob o deserto durante dezoito anos pode ser muito entediante. A maioria ansiava por alguma ação.

Desceram da fonte e Rose sentiu um aperto na garganta quando retirou o seu punhal do pescoço de Barron e o limpou à capa. Evitou o olhar vazio do líder dos Flechas ao passar por cima do seu corpo morto, mas não conseguiu evitar um arrepio na espinha. A morte, fosse a de quem fosse, não lhe caía bem. Era uma pontada no coração.

– E foi numa excelente altura, se pensarmos em todo este poder extra com que podemos brincar. – Shen agitou a mão e elevou uma pereira do solo. – Fazes ideia de onde isto veio?

– Da Wren – respondeu Rose, esticando o pescoço para ver onde andava a sua irmã. – Descobriu uma maneira de quebrar a antiga maldição da Oonagh Avestrelada. Parece que os ramos da nossa magia estão uma vez mais a unir-se. – Rose enrugou a testa. – Mas como foi que o fez... Isso é outra história.

Shen elevou a pereira um pouco mais alto e apontou-a a um soldado que fugia.

– Se os Flechas já não gostavam de nós antes...

– Não – disse Rose, pousando a mão no braço dele. – Não há *nós* e *eles*. Temos de ser uma Eana unida. É o único caminho.

Contemplaram a violência para lá dos portões, escutando os gritos trazidos pelo vento. A avó Lu encurralara um grupo de soldados que fugiam e estava a fazê-los girar numa dança interminável. Tilda estava a usar rajadas de vento para se elevar no ar e cair sobre vários Flechas em fuga. E até Celeste tinha apanhado uma espada e rodopiava-a no ar com gargalhadas tão satisfeitas que pareciam uma canção.

– É capaz de ser um pouco tarde para isso – comentou Shen. – As bruxas

querem explorar o seu novo poder. Querem dar uma lição aos Flechas. E quem pode culpá-las por isso?

Rose não queria falar de culpa. Queria falar de paz. Sabia, no fundo do seu coração, que era a única via para o futuro. Mas como poderia demonstrá-lo aos restantes?

A maioria dos Flechas estavam agora no rio e olhavam temerosos por cima dos ombros. Os restantes tinham caído mortos ou gemiam, feridos, algures, ao longo do caminho. Rose sabia que, se fugissem agora, voltariam mais fortes e mais raivosos para vingarem Barron.

– Isto tem de acabar – declarou, atravessando os portões.

Shen acompanhou-a, girando o sabre para o caso de algum desertor de última hora carregar contra eles.

– Parece que a Wren e a Lei Fan se estão a dar bem – comentou, apontando para a margem do rio Língua de Prata, onde as duas bruxas se encontravam com as cabeças encostadas. Apreensiva, Rose observou os sorrisos maliciosos de ambas. Wren como encantadora era uma coisa, mas Wren com os cinco dons da magia e uma sede de vingança cada vez maior era outra muito distinta.

Rose desatou a correr, mas, muito antes de as alcançar, Wren e Lei Fan levantaram as mãos em simultâneo. Escutou-se um enorme estrondo quando formaram um raio no ar. Lei Fan usou-o para incendiar uma bandeira abandonada e as chamas retorceram-se e cresceram até formarem uma bola no céu. Juntaram-se outras bruxas que ajudaram a manter a bola estável e Wren pegou num punhado de areia e começou a manipulá-la.

Em menos de um minuto, as chamas tinham-se transformado numa enorme serpente que se contorcia.

Os Flechas gritaram.

As bruxas e bruxos deram vivas.

– Não! – gritou Rose, correndo mais depressa. Observou horrorizada como a serpente abria as mandíbulas e soltava um silvo de faíscas e fumo. Os Flechas retrocederam, aos gritos. A serpente lançou-se a eles e tentou morder-lhes os calcanhares.

As bruxas riram e somaram o seu poder às chamas. A serpente crescia mais e mais enquanto empurrava os Flechas e retorcia a cauda à volta deles formando um imponente círculo. Então, de repente, estavam apanhados. Não havia nada entre eles e a morte, apenas um muro sibilante que cuspiam chamas. Agarraram-se uns aos outros. Alguns desmaiaram de medo, enquanto outros tentavam atravessar o fogo, caindo, queimados e aos gritos, ao chão.

Rose deteve-se na margem do rio.

– Wren! – Mesmo ali, o calor era sufocante. Não imaginava o que sentiriam os que estavam presos dentro das chamas. – WREN!

Com relutância, Wren afastou-se das chamas e correu até à irmã.

– Porquê essa cara assustada? Estamos a ganhar!

– A que preço? – indagou Rose. – No que estavas a pensar ao criar essa

criatura horrível?

Wren espetou o queixo.

– Não voltarão a revoltar-se contra nós, Rose. Não depois disto.

Rose tinha as mãos a tremer. E o coração também.

– Não quero governar com medo, Wren. O medo leva ao ódio, a *isto*.

Não somos melhores do que eles.

– Talvez não, mas ao menos somos mais fortes.

Rose pousou as mãos nos ombros da irmã.

– Um governante justo mostra misericórdia. É a melhor maneira, a mais inteligente.

– Isto é o mais inteligente – argumentou Wren.

– Não. Essa é a solução da Oonagh Avestrelada.

Wren encolheu-se ao escutar o nome, por causa do que significava.

– Prometemos que não seríamos como elas – prosseguiu Rose. – Que governaríamos com união e com *paz*. Este é o nosso reino. De que serve construí-lo sobre o medo?

Wren hesitou. Rose viu o dilema nos olhos da irmã, os antigos métodos que Banba lhe ensinara a lutar com os novos, a sede de vingança a dar, aos poucos, lugar à reflexão. Olhou para as chamas e depois novamente para Rose.

– Está bem – disse. – O que precisas que eu faça?

– Segue-me.

Rose levantou as mãos para o céu e caminhou na direção das chamas. *Eana, onde quer que estejas, por favor, envia-nos a tua força*, suplicou à sua antepassada. *Precisamos dela mais do que nunca*.

– O que estás a fazer? – perguntou Shen. – Vais magoar-te.

Rose fechou os olhos, canalizando cada gota da sua magia para uma nova tempestade. Ao lado dela, Wren fez a mesma coisa. Primeiro uivou o vento, que lhes beijou as bochechas e brincou com os seus cabelos. Depois, um trovão ribombou pelo céu e trouxe consigo uma pesada nuvem cinzenta. Era a maior nuvem de chuva que Rose alguma vez vira, e continuava a crescer, cobrindo Anadawn com a sua sombra.

O vento aumentou enquanto o céu retumbava, até que Rose sentiu a eletricidade estática na pele e no cabelo. A nuvem deteve-se sobre a margem do rio e, por momentos, todos olharam para cima.

– NÃO! – gritou Rowena. – Não estraguem a diversão!

A serpente atacou e queimou outro grupo de Flechas. Os homens gritaram ao cair.

Wren deu a mão à irmã gémea.

– Acabemos com isto.

– Juntas – disse Rose, e apertou-lhe a mão.

Com um suspiro onipotente, os céus abriram-se. A nuvem de tempestade descarregou uma torrente de chuva gelada, encharcando tudo e todos. A serpente sibilou quando as suas chamas começaram a apagar-se e a

sua língua bifurcada se transformou num fumo negro e pútrido. As gémeas continuaram a avançar para o interior da tempestade por elas criada e convocaram outra saraivada. Rose estava ensopada até aos ossos e com as roupas coladas ao corpo, mas, com a irmã ao seu lado e a magia a fluir em perfeita harmonia, sentia-se mais poderosa do que nunca.

Quando os restos da serpente de fogo se transformaram em volutas de fumo cinzento, os Flechas ajoelharam-se e olharam para o céu, maravilhados, como se o Protetor em pessoa tivesse vindo à terra para os livrar da morte. Isso não podia ser.

Rose criou uma rajada de vento e utilizou-a para que a sua voz chegasse às margens do rio e todos os Flechas, e os seus soldados, os leais e os traidores, pudessem ouvi-la.

– Baixem as armas! – bradou. – Aplaquem o vosso medo e a vossa raiva. Esta batalha acabou.

– Não haverá mais derramamento de sangue – gritou Wren. – Nem se perderão mais vidas. – Pararam diante dos Flechas, agachados a tremer aos pés delas. – Hoje mostraram ser uns traidores ao trono – continuou ela. – Queimaram a nossa cidade e, só por causa disso, devíamos castigar-vos da mesma maneira.

As bruxas e bruxos soltaram gritos de apoio, mas Rose levantou a mão para os silenciar.

– Mas acreditamos que isso serviria apenas para alimentar mais uma perigosa centelha. Se vos oferecermos o mesmo ódio que carregam nos vossos corações, só estaremos a acrescentar mais veneno àquela que infeta este país.

– Acreditamos numa Eana melhor – acrescentou Wren. – Numa Eana mais forte. Numa Eana unida.

A chuva começou a diminuir de intensidade.

– Acreditamos numa Eana onde os bruxos e aqueles que não são, possam viver lado a lado – continuou Rose. – Onde possam levar os vossos filhos doentes a uma bruxa curandeira com a certeza de que vão melhorar. Onde possam dormir descansados no inverno porque sabem que as colheitas irão prosperar, onde os nossos guerreiros lutarão por vós e não contra. – Wren apertou-lhe a mão, dando-lhe o seu apoio e força, enquanto ela prosseguia. – Acreditamos numa Eana onde os bruxos e bruxas possam caminhar livremente pelas ruas sem terem de marcar as suas portas por medo ou terem de esconder quem são na realidade. Acreditamos que uma Eana em paz é uma Eana mais poderosa. – A nuvem de tempestade começava a abrir e os raios prateados da lua passavam através do cinzento. – Hoje, a minha irmã e eu escolhemos a misericórdia. Escolhemos oferecer um ramo de oliveira, em vez de uma forca, para que saibam que não foi o Protetor que vos salvou, mas sim as rainhas bruxas deste reino.

Wren levantou o queixo e lançou um desafio.

– Agora pedimos que nos demonstrem que merecem ser salvos. Ofereçam a vossa lealdade a este país e permitam que floresça, como sempre

esteve destinado a florescer.

Silêncio. Os Flechas olharam para as gêmeas como se estivessem a vê-las pela primeira vez. Os bruxos também ficaram em silêncio, à espera. Cautelosos. E depois, por entre a massa ensopada de rebeldes, o capitão Davers deu um passo em frente. Havia medo e arrependimento no seu olhar. Largou a espada e apoiou um joelho no chão.

– Rainha Rose, *a Misericordiosa*. Rainha Wren, *a Clemente*. Perdoem-me.

Um a um, os Flechas depuseram as suas armas e ajoelharam-se.

A lua atravessou as nuvens e envolveu as gêmeas na sua luz prateada. Rose fechou os olhos e agradeceu à sua antepassada. *Obrigada, Eana*.

– Belo discurso – elogiou Wren em voz baixa. – Mas, por favor, diz-me que castigaremos o Davers pelo motim.

Rose abriu os olhos.

– Posso ser misericordiosa, mas não sou idiota.



Depois, quando o vento se retirara para o bosque e a lua ocupava o lugar central num céu despojado de nuvens, Rose convidou todas as bruxas e bruxos que o desejassem a percorrer o campo de batalha com ela para curarem os feridos. Nem todos quiseram ajudar os rebeldes feridos, e Wren tinha desaparecido, mas Rose fez questão de ficar ali até não ter nem mais uma gota de magia. Só nessa altura se retirou para o salão repleto de gente.

– Agora és verdadeiramente uma rainha – disse a avó Lu, piscando o olho a Rose por cima de um generoso cálice de vinho. – Tinha um bom pressentimento a teu respeito.

– Acho que tenho de trabalhar no meu dom de curar – comentou Shen enquanto se aproximava dela. – Distraio-me com muita facilidade.

– Conseguirás – disse Rose, deixando que a sua mão roçasse na dele. – Dá-lhe tempo.

O jovem sorriu-lhe.

– Rainha Rose, *a Misericordiosa*. Assenta-te que nem uma luva.

– E tu, rei Shen? – perguntou ela. – O que aconteceu ao Feng e ao Kai?

Ele desviou o olhar em direção ao deserto.

– Estão a apodrecer numa cela enquanto falamos. Suponho que estejam à espera para ver que tipo de rei planeio ser... Shen, *o Vingativo*... Shen, *o Indulgente*... Shen, *o Atraente*...

– Shen, *o Modesto* – zombou Rose.

– Shen, *o Esfomeado*.

Rose riu.

– Bom, já somos dois.

– Vamos – disse ele, puxando-a para longe da multidão. – Vamos até à

cozinha. A Celeste guardou lá uma garrafa de vinho com os nossos nomes.

Rose aceitou o convite e sorriu ao escutar o bulício de conversas que pairava no ar. Anadawn nunca albergara tanta gente. O murmúrio das conversas misturado com o odor da sopa de galinha de Cam e do pão acabado de fazer, encheu-a de alegria. Sentiu-se esperançosa. A paz parecia querer instalar-se ali, tão nova e frágil como um passarinho acabado de nascer.

Parecia uma promessa de futuro.



Pouco depois da meia-noite, Thea encontrou Wren sozinha na torre oeste. Ainda envergava o vestido que trouxera de Gevra, agora manchado de sangue e de lama. Thea abriu a porta e a música do andar inferior invadiu o aposento.

– Aqui estás tu, passarinho – disse ela ao aproximar-se. – Não devias estar lá em baixo, a festejar?

Wren levantou a cabeça dos braços. Ao ver a esposa da sua avó, sorridente e de olhar doce, sentiu um aperto no coração.

– Thea – começou a dizer, mas ficou sem palavras. No seu lugar, apareceram as lágrimas. Estava escondida ali há várias horas, tentando fugir à verdade. Mas não havia forma de lhe escapar. – É a Banba.

Thea levou a mão ao peito, e Wren percebeu que ela estivera a preparar-se para aquele momento.

– Ela morreu, não é verdade?

Wren tentou contar-lhe a terrível realidade do que acontecera em Gevra, mas, para seu grande horror, conseguiu apenas soltar um profundo soluço que lhe agitou os ombros e originou mais lágrimas. Respondeu anuindo.

– Vem cá, minha querida. – Os joelhos de Thea estalaram quando se agachou para a abraçar. – Tudo correrá bem – murmurou. – Vamos ficar bem.

– F-f-fiz o-o m-meu m-m-melhor – disse Wren por entre soluços. – J-j-juro.

– Eu sei que sim, querida. – Thea afastou-se e limpou as lágrimas de Wren com os polegares. Depois, fechou os olhos e ofereceu-lhe um pouco de magia curativa que lhe fluiu pela corrente sanguínea. Wren sentiu de repente

que era capaz de respirar novamente.

– Obrigada, Thea. – Entristecia-a saber que não podia fazer nada para abrandar a dor da curandeira. Por mais forte que a sua magia se tornasse, nunca teria acesso ao dom de curar.

– Juro que uma parte de mim já o sabia – sussurrou Thea. – Há uns dias acordei com uma sensação estranha. Era uma espécie de picada no coração que me roubou o alento. Durante algum tempo senti como se uma chama dentro de mim se tivesse apagado. Era como se eu brilhasse menos do que antes.

– Lamento, Thea. – Apertou-lhe a mão. – Por favor, perdoa-me.

– Não há nada a perdoar, passarinho. Sobreviver à perda é o grande sacrifício da nossa mortalidade. – Thea esboçou um pequeno sorriso. – Embora a Banba já cá não esteja, o nosso amor durará para sempre. É uma das poucas coisas neste mundo mais fortes do que a magia. Isso irá consolar-me. E tu devias fazer o mesmo.

Voltaram a abraçar-se, apoiando-se no seu amor por Banba, e pouco depois escutaram passos. Wren levantou a cabeça e viu a irmã à porta do quarto.

– Ah! Deve ser o meu dom da vidência a funcionar – disse Rose, agitando as saias. – Tinha a sensação de que te encontraria aqui. Não estejas tão triste. Desce e vem festejar! – Rose estava fantástica com um maravilhoso vestido cor-de-rosa e entrançara o cabelo formando uma coroa com as tranças. Estava vestida para celebrar, não para a dor. Ainda assim, quando viu o rosto de Wren, o seu ar alegre desapareceu. – O que se passa?

Wren abanou a cabeça, tentando encontrar as palavras certas. Ou qualquer palavra.

– Desculpa ainda não te ter dito.

Rose olhou para Thea.

– É a Banba, não é?

– Sim, querida – confirmou Thea, com tristeza. – Ela não sobreviveu.

Rose fechou os olhos.

– Aquele maldito rei com um coração de gelo!

– Não foi o Alarik. – Wren olhou para Thea e para Rose, e revelou a verdade com três terríveis palavras. – Foi a Oonagh.

Thea franziu o sobrolho.

– Não pode ser.

Rose estremeceu.

– *Avestrelada?*

– A única e inigualável – respondeu Wren. – A Oonagh Avestrelada não está morta. Foi ela que matou a nossa avó. A visão da Celeste estava certa. Ela viu uma rainha congelada em gelo gevrânês, mas não era eu, era a Oonagh.

– O que estás a dizer? – quis saber Rose, aproximando-se dela.

Wren explicou o melhor que pôde, resumindo o momento da morte de Banba e como Oonagh Avestrelada derrubara uma montanha em cima deles e

estatelara as janelas do palácio de Grinstad ao atravessar as montanhas.

– Ela está de volta – concluiu. – E qualquer coisa me diz que não foi a última vez que a vimos. – Olhou para Thea, que parecia chocada. Depois para Rose, que retorcia as mãos junto à janela.

– Maldita seja – murmurou. – O que fazemos agora?

Wren inclinou a cabeça para trás. O problema era que não havia nada que pudessem fazer, exceto esperar. Alguns acordes flutuaram até ali oriundos do salão de baile.

– Acho que mais vale dançarmos.



Quando Rose acordou na manhã após a batalha, enrolada em lençóis de seda ao lado da irmã que roncava, sentiu-se em paz. Não era por ter dormido bem, embora isso fosse verdade, ou por estar a usar a sua camisa de dormir preferida, embora isso também fosse verdade. Ou por ter passado a noite a dançar com Shen Lo, a escutar as suas gargalhadas fáceis e a mergulhar nos seus olhos escuros como a noite. Era porque sabia, com uma inquebrantável e profunda certeza, que, pela primeira vez desde que subira ao trono, fizera a coisa certa.

Pusera de lado a raiva e o medo e fora a governante que sempre desejara ser, a única que sabia poder ser. Os Flechas tinham deposto as armas e escutado e aceitado as palavras dela e de Wren. E, embora Rose soubesse que aquela paz era frágil e que era demasiado cedo para ter a certeza de que era o futuro, sentia que as peças do seu destino estavam finalmente a encaixar-se.

Ainda assim, tinham sofrido uma grande perda: centenas de mortos durante a batalha por Anadawn; e depois havia também a morte de Banba. A avó que ela nunca chegara a conhecer verdadeiramente, a avó que a deixara em Anadawn há tantos anos, que confabulara contra ela, e que chegara a usá-la como um peão, tinha desaparecido. A bruxa mais destemida que Rose alguma vez conhecera, a que começara a conhecer, a *amar*, estava morta.

Ainda lhe custava a acreditar, mas isso explicava a tristeza de Wren no dia anterior e a madeixa grisalha no seu cabelo. Amara Banba com uma ferocidade que às vezes assustara Rose e sentira por ela uma lealdade imprudente que a levava até às profundezas geladas de Gevra. Wren arriscara

a vida para salvar a avó, e fracassara. Rose sabia que a irmã iria demorar muito tempo a perdoar-se por isso.

Uma pancadinha na janela acordou-a dos seus pensamentos. Levantou-se da cama com cuidado para não acordar a irmã e viu uma avestrelada no parapeito. Esticou a mão e tirou-lhe o pergaminho que trazia na pata. Tinha um aspeto antigo e incluía um bilhete manuscrito.

*Rainha Rose,
Parabéns! Os céus falaram-nos da sua vitória
na batalha.*

*Desde que a sua carta chegou que não
descansámos até encontrarmos o manuscrito que
nos pediu. O Pog encontrou-o escondido sob uma
pilha de mapas antigos. Talvez afinal o rapaz não
seja um caso perdido!*

*Misticamente,
Fathom*

Um pouco mais tarde, na quente cozinha do palácio de Anadawn, com canecas de chá quente para beber e uma travessa de biscoitos acabados de fazer para comer, Rose sentou-se com Thea e Shen para falarem de Banba.

– No que me diz respeito, o Alarik Felsing continua a ser culpado – comentou Shen, lançando um olhar irado para a caneca como se o rei gevrânês estivesse a flutuar no líquido. – Se não tivesse levado a Banba, nada disto teria acontecido.

– Não vale a pena repisar os *e se*, Shen Lo – argumentou Thea. – Os ventos do destino sopram em mil direcções diferentes. Nem sempre podemos escolher os que nos empurram.

Rose pegou numa migalha. Pensava em Wren, que, apesar da hora tardia, continuava na cama. Apesar do que lhe contara acerca de Oonagh, Rose tinha a sensação de que ainda não conhecia toda a história, apenas os pormenores difusos do que Wren lhe narrara, e o que compreendera por si própria nas suas breves visitas ao reino. Perguntou-se se alguma vez saberia toda a história.

– Tenho a certeza de que o Alarik pensa que se o seu irmão nunca tivesse vindo a Eana, ainda estaria vivo – disse, interrompendo o silêncio. – Todos perdemos pessoas que amávamos. A vingança não trará nenhum deles de volta.

– Talvez não – afirmou Shen. – Mas é uma excelente distração da dor. Thea riu.

– Dir-te-ia que a Banba não gostaria que falasses assim, mas ambos sabemos que ninguém guardava rancor melhor do que ela.

Shen esboçou um sorriso.

– Lembras-te quando ela se enfureceu com o velho Gideon, em Ortha, porque estava convencida de que ele lhe dava as cenouras mais pequenas da horta?

– Se me lembro? A quem achas que ela se queixou durante todo o inverno? Cada vez que fazia uma sopa, ela jurava poder saborear o tamanho das cenouras! – Thea riu. – Estava tão zangada que saiu e fez voar as abóboras premiadas.

– Mesmo antes do Samhain! – lembrou Shen, a rir às gargalhadas.

Thea abanou a cabeça, sorrindo ao recordar.

– Tive de me lançar ao mar para as recuperar.

– Ninguém armava confusões como a Banba – disse Shen com carinho. – Era uma das coisas que a Wren mais apreciava nela.

– Eu acho que ela nem sequer queria saber das cenouras – confessou Thea. – Mas adorava o drama da situação.

– E quando o Grady lhe partiu a caneca preferida? – disse Shen.

– Oh, a desgraça! – exclamou Thea. E sorriram ambos antes de se lançarem noutra história e depois noutra, e mais outra até as gargalhadas ecoarem pela cozinha.

Rose ficou ali a ouvir as histórias, sentindo-se reconfortada. Pouco tempo depois, Thea pousou a sua caneca.

– Obrigada a ambos por passarem a manhã comigo. As recordações têm a sua própria magia, mas sinto o coração cansado. Acho que me vou deitar um pouco.

– Ficas bem? – perguntou Rose, enquanto Shen ajudava Thea a levantar-se. – Quem me dera que houvesse mais alguma coisa que eu pudesse fazer.

– O tempo é a única cura para as feridas da alma – replicou Thea, sabiamente. – Se precisar de companhia, chamo a Tilda. Ela está sempre alegre, não é?

– Isso é verdade – declarou Rose. – Na verdade, quando vinha para aqui, apanhei-a a fazer piruetas no corredor.

– Deve ter sido depois da nuvem de tempestade que criou no salão – disse Shen. – Encharcou seis das tartes do pequeno-almoço do Cam antes da Lei Fan acabar com aquilo. Mas os habitantes da cidade parecem ter apreciado o espetáculo.

– Quanto mais presenciarem e experimentarem a magia, menos os assustará – retorquiu Thea. – Embora tenha de avisar a Tilda que desperdiçar comida não é boa ideia. – Sorriu ao mesmo tempo que se dirigia para a porta. – Vocês, jovens reis, devem ter muito que falar.

Shen sentou-se ao lado de Rose. Quando a coxa dele tocou na sua, Rose foi invadida pelo desejo de se sentar no colo dele, mas apressou-se a afastar esse pensamento. Afinal, estavam na cozinha e o dia ainda ia a meio. Não

seria nada apropriado.

– Diz-me, Rose, a *Misericordiosa*, durante quanto mais tempo planeias albergar metade da população de Eshlinn no palácio? Se não tiveres cuidado, acabam por beber o vinho todo.

– Podem ficar o tempo que desejarem enquanto os soldados reparam as suas casas – respondeu Rose. – Embora o Chapman me tenha dito que, ontem à noite, alguns dos Flechas foram à cidade ajudar na reconstrução e é possível que termine mais cedo do que o previsto.

Os olhos de Shen brilharam de admiração.

– Podia aprender algumas coisas contigo sobre a governação de reinos.

– Isso lembra-me... – comentou Rose, levando a mãos ao bolso da saia.

– Agora que estamos sozinhos, tenho uma coisa para te mostrar. Ou, melhor dito, para te dar.

Shen arqueou as sobrelanceiras.

– Diz-me, antes que me ponha com ilusões...

– Isto chegou esta manhã – disse Rose enquanto desenrolava o pergaminho que Fathom lhe mandara. – Depois de me teres falado da soberania do teu reino, pedi ao Fathom que procurasse o documento. É uma declaração oficial com mais de mil anos, assinada por Ortha Avestrelada e pela rainha Jing, monarca do Reino Beijado pelo Sol. Tinhas razão, Shen. O Reino Beijado pelo Sol não pertence a Anadawn. É teu. – Mordeu o lábio inferior e corou, envergonhada. – Sempre foi teu.

Shen pegou no pergaminho e nem pestanejou enquanto o lia.

– De todas as coisas que esperava que fosses dizer...

– O Feng tinha razão numa coisa – prosseguiu Rose. – Mas eu sentia-me demasiado insegura naquele momento para o ver. Demasiado assustada com o que isso podia significar para o destino de Eana, para o meu destino enquanto rainha, para nós... O Reino Beijado pelo Sol sempre pertenceu a si próprio. Não tinha o direito de tentar mandar nele. Nem de mandar em ti.

Shen abriu um sorriso que realçou a covinha na bochecha.

– Mas ser mandona não é uma característica tua?

Rose escondeu a cara nas mãos.

– Temo que faça tanto parte de mim como as minhas unhas.

Ele riu e Rose deu por si a rir também. Shen voltou a olhar para o pergaminho.

– As nossas antepassadas eram aliadas.

– Lutaram lado a lado. Tal como nós.

– Talvez também possamos ser aliados. – Shen aclarou a voz. – Oficialmente.

O coração de Rose acelerou.

– E quais seriam os termos dessa... aliança?

Os olhos de Shen dançaram.

– És rainha. Eu sou rei. De certeza que nos ocorreria alguma coisa. – No entanto, o sorriso dele desapareceu e ficou sério. – Só preciso de perceber

primeiro como ser um bom monarca. Quero que o meu povo se orgulhe de mim.

Rose pousou a mão na perna dele.

– Serás um rei maravilhoso, Shen. Tens um bom coração. Tens apenas de permitir que ele te guie.

O jovem ficou imóvel sob o toque dela.

– Diz-me, Rose – pediu ele com voz rouca –, posso deixar-me guiar pelo coração quando já o ofereci?

Rose mordeu o lábio.

– Enfrento o mesmo dilema.

Shen acariciou-lhe a bochecha e inclinou-se para a frente.

– Sobre esta aliança...

– Sim...

Deslizou-lhe suavemente a mão pelo cabelo.

– Acho que vamos precisar de muitas reuniões a altas horas da noite...

– Estava a pensar no mesmo – disse Rose, apreciando o toque.

– Tudo muito oficial, claro – declarou ele ao mesmo tempo que lhe acariciava o lábio inferior com o polegar.

– Claro – murmurou Rose, beijando-lhe o dedo.

– *Rose* – sussurrou ele. – A minha Rose. – E logo depois a boca dele estava na dela e Rose já não era capaz de pensar em mais nada. Enredou os dedos no cabelo do jovem e puxou-o para si até que todo o seu corpo estava pressionado contra o dele e gemiam em perfeita harmonia. Shen encostou-a contra a mesa e, sem querer, derrubaram uma taça com limas. Quando estas aterraram no chão com estrépito, o par voltou à realidade. Estavam na cozinha! A meio da manhã! Quando *qualquer pessoa* podia entrar. Rose afastou-se de Shen.

– Oh! – disse a jovem, sem fôlego. – Deixei-me levar pelo momento.

O jovem passou a mão pelo cabelo.

– Esqueci-me do que falávamos.

Rose tentou fazer uma cara séria, mas um sorriso curvou-lhe os lábios.

– Acho que devíamos voltar aos nossos deveres.

– Certo. Sim. Os nossos deveres – concordou Shen. – E que deveres são esses?

– Tenho um país para governar – respondeu Rose, a rir. – E *tu* tens de voltar ao teu reino.

Ele fez um esgar.

– Continuas a dar-me ordens?

Rose retribuiu o esgar.

– Nem tudo tem de mudar, sabes?



Wren ia sentada à proa do navio de Marino Pegasi com os pés a pender sobre a água e sorria ao sentir o vento açoitá-lhe o rosto. Não se dera conta do muito que sentira falta do mar até voltar a ele. Havia qualquer coisa de relaxante na maresia. Fazia-a sentir-se mais perto de Banba, mais perto de si própria.

– Tens mesmo de te sentar *assim*, de forma tão perigosa? – perguntou Rose, de pé atrás dela, vestida com um luxuoso casaco de peles e com um chapéu a condizer. – Já estou nervosa o suficiente para ter de me preocupar também com a possibilidade de caíres ao mar.

Wren virou-se para encarar a irmã.

– Já te disse, não há razão para tanto nervosismo.

Rose franziu a testa.

– E se isto tudo for uma armadilha?

Wren fletiu os dedos, recordando à irmã a magia que corria pelas suas veias.

– Então, serão os gevranezes a sofrer, não nós.

– Não se preocupem, belas rainhas – disse Marino, aproximando-se delas. Estava impecavelmente vestido com uma sobrecasaca azul-cobalto, calças de cabedal escuras e o tricórnio um pouco inclinado. Rose mirou-o com aprovação e, de repente, Wren teve a sensação de que ele teria sido o seu amor de infância. Ou quiçá da idade adulta, embora por aqueles tempos o comandante não estivesse à altura de Shen Lo. Ainda assim, Wren suspeitou que, se Shen tivesse sabido que Marino Pegasi era assim tão encantador e

atraente, quicá tivesse atrasado o seu regresso ao Reino Beijado pelo Sol para acompanhar Rose naquela viagem. – Se o Alarik Felsing se atrever a olhar-vos de forma ameaçadora, eu atravesso-o com a minha espada.

Rose apertou-lhe o braço.

– Heroico como sempre, Marino. És tão bom a batalhar contra inimigos reais como, quando éramos crianças, contra vilões imaginários. Se bem me lembro, eras particularmente bom a derrotar dragões.

Abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Não me faças corar. E verás que sou muito melhor com uma espada do que com um pau.

– Não me lembro que namoriscassem assim tanto quando éramos mais novos – resmungou Celeste, que vinha logo atrás dele. – E não te ponhas com ideias, Marino. A Rose não está disponível.

– Celeste! – exclamou Rose, soltando o braço de Marino como se estivesse a arder. – *Não* estamos a namoriscar e, a respeito desse tema, não é coisa que possamos discutir aqui. Em público. – Tinha as bochechas vermelhas, embora Wren soubesse que nada tinha que ver com o vento frio.

– *Estavam* a namoriscar – disse à irmã, provocando-a. – Embora isso aconteça porque o Marino namorisca cada vez que respira.

O comandante fingiu-se ofendido e Wren piscou-lhe o olho.

– Para com isso – avisou Celeste. – Não quero acabar com a personificação dos problemas como cunhada.

Wren mostrou-lhe a língua.

– Ofendes-me, Lessie. Digo-te já que sou uma excelente irmã. Pergunta à Rose.

– Só quando se porta bem – interveio a aludida.

– O que, claro, raramente acontece – argumentou Celeste. – E, *por favor*, para de me chamar «Lessie».

– Está bem – concordou Wren. – E, para demonstrar a minha amabilidade, não me casarei com o teu irmão.

– Seremos apenas bons amigos – disse Marino com uma gargalhada. – Todos sabemos que o meu coração pertence ao mar.

– E és um excelente comandante – declarou Wren. – Na verdade, esta é a terceira vez que fazes esta traiçoeira viagem por mim, Marino, o que significa que já mereces ser armado cavaleiro. – Mostrou-lhe um sorriso. – Não te preocupes, eu não me esqueci do nosso acordo.

Rose olhou de um para o outro.

– Adorava que não fizesses pactos reais sem mim.

– É apenas um pequeno acordo – defendeu-se Wren.

– A semana passada prometeste nomear a Tilda de cavaleira.

– Em minha defesa, ela contou uma piada *muito* engraçada. Tinha de a recompensar.

– Ela também me prometeu uma sereia – revelou Marino.

– Wren! – Rose abanou a cabeça, mas havia um ligeiro sorriso nos seus

lábios. – Acho que posso apoiar-te nisso. Adoraria conhecer uma sereia.

Celeste riu.

– Não devias fazer-lhe as vontades.

Marino fez beicinho.

– Deixa-me, Lessie. Estou triste.

– Não estamos todos? – perguntou Rose, encostando-lhe a cabeça ao ombro, enquanto o seu pensamento se centrava em Shen. Wren olhou para o mar, tentando não pensar em Tor, e na confusão que armara em Gevra. Pressentia que naquele dia teria se enfrentar ao menos uma parte disso.

O mar permanecia tranquilo e cinzento, coberto por uma suave bruma que escondia a sua verdadeira extensão. O silêncio era tão profundo que Wren não ouvia sequer as ondas, mas o vento empurrava-as para a frente, em direção ao abismo argênteo.

– Então, este é o famoso mar Sombrio – comentou Rose, enrugando o nariz. – Parece tão... *morto*.

– É por ser muito profundo – explicou Wren. – E cheio de segredos. Quem sabe que tipo de criaturas se movem por baixo de nós neste momento...

– Obrigada por esse pensamento tão tranquilizador. – Rose soltou o ar. – Espero que o teu dom da sanção não demore muito a funcionar para não ter de enfrentar de novo esse rei aterrador.

Wren ficou inquieta ao escutar a palavra «aterrador». A verdade era que Alarik Felsing era muito mais complexo do que isso. Tal como os seus sentimentos pelo rei gevrânês. E depois havia a questão da magia curativa de Wren. Obrigou-se a esboçar um sorriso. O seu dom de curar não estava apenas atrasado; era inexistente. Por causa do que fizera em Grinstad, Wren nunca poderia recuperar o ramo mais nobre do poder dos bruxos.

– Estaremos de volta antes de dares conta, Rose. Não há nada a temer. Estarei ao teu lado.

Como se as gémeas o tivessem chamado com os seus pensamentos, um imperioso navio com velas prateadas apareceu à distância como um fantasma. Parecia muito maior do que Wren se recordava, mas, mesmo assim, aproximava-se deles com a graciosidade de um cisne.

O coração de Wren matraqueou. Esforçou-se para perceber quem vinha a bordo, mas a névoa não lhe permitia ver bem.

Rose ficou tensa.

– É bom que o Alarik não tenha trazido as suas bestas.

– Não lhes prestes atenção – aconselhou Wren, pensando nas lobas do rei e no enorme urso. – Estão todas bem treinadas.

Graças ao Tor. A sua pulsação acelerou.

– É precisamente isso que me preocupa. Como sabes que o Alarik não lhes vai ordenar que nos desfaçam em pedaços?

– Por favor, tenta confiar nele, Rose. Confia em *mim*.

Rose suspirou.

– Farei o meu melhor.

Minutos depois, o navio do rei de Gevra estava diante deles. A tripulação de Marino pôs-se em ação, largando a âncora e amarrando a prancha de embarque.

Celeste foi a primeira a atravessá-la, de braços esticados para o lado para se equilibrar. Foi seguida por Wren, que tocou na bolsa com areia que levava na cintura para lhe dar sorte e depois no punhal, na anca, para lhe dar coragem, antes de percorrer a prancha. Vestia as suas calças preferidas e as botas de couro, tudo a combinar com um casaco de peles que lhe chegava ao queixo. Cingiu-o ao peito enquanto percorria a prancha de olhos fixos na cabeça de Celeste.

Celeste desceu da prancha com um salto, exibindo as suas novas habilidades como guerreira e aterrou no convés com mestria. Wren hesitou. Um dos soldados deu um passo em frente com a mão estendida para a ajudar. Reconheceu-o de imediato. Susteve a respiração ao aceitar a mão de Tor e as suas pernas tremeram ao chegar ao final da prancha. Estava tão distraída pela presença dele que tropeçou e quase caiu ao mar. Ele lançou-se para a frente e agarrou-a pela cintura antes de a puxar para si.

– Cuidado – aconselhou ele, antes de a pousar com toda a suavidade no convés.

Wren equilibrou-se, mas tardou a afastar-se do soldado. Não queria abdicar do toque dele ou do seu olhar fixo nela. O ar faiscou entre eles e a jovem sentiu um familiar calor nas bochechas.

– Voltaste – disse ela.

O soldado sorriu.

– Não pensei que...

– Perdão! Eu também preciso de ajuda! – gritou Rose do outro lado da prancha. – Foi a mim que chamaram, não é verdade?

Tor afastou-se de Wren e foi ajudar Rose.

– Rainha Rose – disse ele, num tom de voz muito diferente. Formal. Tenso. – O rei espera-a no seu camarote.

– Mostre o caminho, soldado – pediu Rose. – Acabemos com isto quanto antes.



Rose seguiu Tor pelo convés, mas deteve-se ao se dar conta de que Wren não seguia ao seu lado. Voltou-se para a irmã.

– Wren?

Tor tossicou.

– O rei Alarik pediu que viesse sozinha.

Uma estranha expressão cruzou o rosto de Wren, tão rápida que Rose por pouco não a via. Quase parecia ofendida. Mas, ainda assim, não se moveu para acompanhar Rose. Confiava de facto no rei de Gevra. Bom, ela não partilhava dessa confiança. Rose torceu as mãos.

– Tenho mesmo de ir sozinha ao camarote do homem que recentemente raptou a minha avó e manteve a minha irmã presa contra a sua vontade?

Tor pousou a mão no punho da espada.

– Dou-lhe a minha palavra, rainha Rose, de que estará em segurança enquanto permanecer a bordo deste navio.

Rose avaliou o soldado e deu-se conta de que confiava nele. Bom, na verdade, confiava na lealdade dele, não para com ela, mas para com a sua irmã, que sobrevivera à bocarra gelada de Gevra, muito graças a ele, que naquele momento a fitava como um tolinho enamorado.

– Se a Rose não estiver de volta daqui a dez minutos, eu peço ao meu irmão que abalroe este navio – gritou Celeste.

– Não farás nada disso! – exclamou Rose, mas sentiu a calidez da gargalhada da amiga através da bruma.

Wren esboçou um sorriso.

– Estaremos aqui à tua espera. Tu consegues, Rose. Tens de ser tu.

E, sentindo-se mais confiante por saber que a irmã acreditava nela, Rose encheu-se de coragem e acelerou o passo atrás de Tor até ao convés. Lá em baixo, pararam diante de uma porta de madeira ricamente talhada. Tor bateu e, quando a porta se abriu, lá de dentro escapou-se um tentáculo de névoa gélida. Rose estremeceu quando aquele estranho frio lhe chegou à pele apesar do grosso casaco de peles.

O rei Alarik estava diante dela.

– Rose. – Fez um aceno de cabeça e a sua expressão não demonstrava a habitual arrogância. – Faça o favor de entrar.

– Reparo que mudou de tom – comentou Rose ao entrar no camarote. – Presumo que seja capaz de alguma educação quando precisa de alguma coisa. E é *rainha* Rose.

– Perdoe-me, rainha Rose. – O rei deu um passo para o lado e revelou o corpo do irmão, deitado numa cama de dossel no meio do camarote. – Estou muito grato pela sua ajuda.

Rose sentiu uma pontada no coração ao ver o príncipe Ansel daquela maneira. Lembrou-se então que estava ali não como rainha, mas na qualidade de curandeira.

– Farei o meu melhor – disse ela com suavidade.

– Espero que o teu melhor seja mais do que a tua irmã conseguiu fazer – comentou Anika, que estava sentada numa cadeira ao lado da cama, a velar o irmão e envergando o que parecia ser um roupão de pele. A princesa gevranesa olhou para o soldado que permanecia à porta. – Não te quero aqui, Tor. O Alarik pode ter-te perdoado, mas eu não. Não vou permitir que a tua presença manche este último momento com o meu irmão.

Por um segundo, Tor pareceu tomado pela culpa, mas logo depois endireitou as costas e voltou a ser um soldado obediente.

– Podes ir – disse Rose, navegando com destreza pela delicadeza do momento, já para não falar da tempestade de emoções que já começava a tomar forma no pequeno camarote. – Agora é comigo.

Tor fechou a porta e deixou Rose sozinha com os irmãos Felsing. Aproximou-se da cama e, horrorizada, levou a mão à boca. Ansel tinha ainda pior aspeto do que da última vez que o vira. Fitou-a com um olhar perdido antes de perceber quem ela era.

– A minha noiva – crocitou. – Estás ainda mais bonita do que me recordava, sabias?

Rose aproximou-se, sentou-se na beira da cama e pegou-lhe na mão. Estava fria. Como um cadáver.

– Obrigada, Ansel.

– Peço desculpa por não me levantar, mas sinto-me tão cansado. Nunca me senti tão exausto.

– Ansel, meu amor, acho que precisas de dormir. – Ofereceu-lhe um pouco de magia para lhe aliviar a mente confusa. – E quando acordares...

Calou-se quando a sua voz cedeu. Estava à beira das lágrimas. Lamentava por Ansel que nunca iria viver a vida e o futuro que tanto desejava.

– Quando acordar? – insistiu ele.

– Quando acordares, será o dia do nosso casamento – sussurrou. – E será maravilhoso.

Ansel sorriu e acomodou-se nas almofadas.

– Ah, sim, será maravilhoso, não é verdade?

Rose anuiu. Não confiava na sua voz. Anika tentou conter um soluço. Rose olhou por cima do ombro.

– Está na hora – disse.

Anika atirou-se para cima da cama, enterrando a cara no peito de Ansel que tentou afagar-lhe o cabelo, mas não teve força para o fazer.

– Ani, não chores. Os casamentos são momentos felizes. – Virou a cabeça para Alarik. – Espero que tenhas preparado o teu discurso, querido irmão. Os teus discursos são sempre muito bonitos... muito... muito...

Rose olhou para Alarik, mas o rei de Gevra permaneceu onde estava, com os maxilares tão cerrados que devia ser doloroso.

– Não prolongues o momento – pediu ele, virando a cara.

Anika afastou-se do irmão mais novo.

– E sê delicada – chorou.

Ansel já sentia as pálpebras pesadas e bocejou.

– Dançaremos no nosso casamento, minha flor?

– Até não aguentares mais – respondeu Rose, apertando-lhe a mão.

Ansel começou a cantarolar uma valsa. Rose fechou os olhos e procurou o fio da vida. Estava manchado e enredado, impossível de recuperar até pelo mais talentoso dos curandeiros. Contudo, ela não estava ali para o remendar. Estava ali para o libertar. Enviou outra descarga de magia para a corrente sanguínea. Ansel calou-se com um suspiro e começou a fechar lentamente os olhos.

– Em relação ao discurso no teu casamento – disse Alarik no meio do silêncio. – Estava a pensar contar a toda a gente que és um excelente irmão, Ansel. O melhor que alguém poderia desejar. Direi a toda a gente que sempre foste o melhor dos três. – Tremeu-lhe um pouco a voz. – E que foi uma sorte ter-te conhecido. Ter-te amado.

Ansel sorriu e o seu corpo relaxou à medida que a magia de Rose se espalhava.

– Sinto-me feliz – declarou ele com uma voz cada vez mais distante. – Muito feliz.

– Descansa agora – disse Rose, suavemente.

Manteve o fio na sua mente e, com destreza, desatou-o, um nó de cada vez. Tremia sob o seu toque, mas, aos poucos, adotou uma vez mais o seu tom dourado. Com um último suspiro, Rose soltou-o. Durante um breve instante, brilhou tão radiante como o sol, e depois tremeluziu e desvaneceu-se.

Dorme bem, querido Ansel.

Quando Rose abriu os olhos, tinha-os cheios de lágrimas. Ao lado dela, Ansel ficou muito quieto e exalou o seu último suspiro. A sua pele tinha novamente um aspeto pálido e os olhos eram de um azul brilhante como o céu no inverno. O cabelo loiro pendia-lhe em volta da cabeça como uma auréola e sorria, ligeiramente. Rose esticou a mão e fechou-lhe os olhos antes de se inclinar e de o beijar nos lábios com muita delicadeza.

– Adeus, Ansel.

Com um soluço a crescer-lhe no peito, Rose pôs-se de pé. Sentia-se mais cansada do que no dia da batalha com os Flechas. Anika chorava na cadeira ao lado da cama. Alarik aproximara-se da vigia do camarote e tinha os ombros tão tensos que pareciam talhados em pedra. Abriu a cortina e um raio de luz invernal penetrou no quarto e iluminou o rosto de Ansel. Alarik fechou os olhos ante a luz e, quando Rose se dirigiu para a porta, podia jurar ter visto uma lágrima a correr pela bochecha do rei.

Tremia dos pés à cabeça quando saiu do camarote do rei. Uma pequena parte do seu coração ficara naquele quarto com o jovem príncipe, juntamente com a vida que em tempos imaginara com ele. Era um bom homem, alegre, amável e cheio de esperança no futuro. Não merecera o destino que lhe coubera em sorte, mas ao menos agora estava em paz. Rose pudera ao menos conceder-lhe essa paz.



Wren caminhava de um lado para o outro no convés do navio de guerra de Alarik, tentando acalmar os nervos. Os soldados observavam-na através da bruma com os queixos elevados para o céu pálido. Embora não se vissem bestas a deambular por ali, o navio do rei estava bem protegido.

Não era isso que inquietava Wren. Não era capaz de entender o estranho formigar dentro dela. A pontada de desejo que sentira ao ver Tor transformara-se em qualquer coisa afiada e áspera que se parecia muito com culpa.

– O que se passa contigo? – quis saber Celeste. – Há uma hora achavas tudo isto uma bela ideia.

– Ajudar o Ansel é uma boa ideia – replicou Wren. – Já para não falar que será uma excelente maneira de manter boas relações com Gevra.

– Então porque estás tão... nervosa?

– Não estou nervosa.

Celeste soltou uma gargalhada.

– Quem tentas enganar? A mim ou a ti?

– Wren? – chamou Tor, regressando da coberta. – Podemos falar?

– Mistério resolvido – disse Celeste com um esgar. – Não deixes que te prenda.

Wren puxou o capuz para esconder o súbito rubor nas bochechas. As gargalhadas de Celeste seguiram-na enquanto se aproximava de Tor. Sob o olhar atento dos outros soldados, ele manteve as mãos caídas ao longo do corpo enquanto caminhavam até à popa.

– Porque voltaste para cima? – perguntou ela.

– A Anika queria que o momento fosse privado – replicou Tor com tristeza na voz. – E a tua irmã parecia mais do que capaz de tomar conta de si própria. – Fez uma pausa e depois encarou-a. – Como estás?

– Não sei – respondeu Wren com sinceridade. – Tem sítio tudo um verdadeiro remoinho. – Pestanejou ante a repentina imagem do seu beijo com Alarik. – A batalha em Anadawn deixou marcas em todos nós. Já passaram várias semanas e eu continuo a sonhar com isso. E perder a Banba... – Calou-se.

– Lamento, Wren. Contaram-me o que se passou quando voltei de Carrig. Quem me dera lá ter estado.

Wren fitou-o, surpreendia pela empatia no seu olhar. Sentia-se feliz por Tor não ter estado lá para enfrentar a sua inconsequente antepassada ou para testemunhar o seu imprudente beijo com Alarik. Nem se atrevia a imaginá-lo.

– E como estavam as coisas em Carrig?

– Não foi fácil. – Suspirou. – Conseguimos recuperar a maioria das bestas, mas continuam estranhas, mesmo agora. É como se estivessem conscientes de qualquer coisa que nós não vemos. Como uma tempestade a crescer no horizonte.

Wren podia adivinhar o que era essa tempestade. Ou melhor, quem.

– E não voltaram a ter notícias de Oonagh desde que provocou o caos em Grinstad?

Tor abanou a cabeça, mas a sua expressão era sombria.

– Os batedores do rei continuam a passar o país a pente fino. Todo o reino está em polvorosa. E ninguém mais do que o Alarik.

Wren não queria falar do rei, não queria sequer *pensar* nele. Na maneira como a abraçara no olho da tempestade, devorando-lhe a boca e a dor num único beijo. Esse pensamento deixava-lhe a cabeça a andar à roda e fazia-a sentir-se tão culpada que tinha vontade de se lançar borda fora. Chegaram à popa e a névoa rodeou-os como um véu. Era como se fossem as únicas pessoas em todo o mar Sombrio.

– Wren. – Tor virou-se para ela. – Estás a tremer.

Wren não se dera conta do tremor, até ele lhe levar as mãos à boca e as beijar. Fechou os olhos com força.

– Não mereço a tua bondade.

Tor soltou uma pequena gargalhada.

– Mas não consegues sempre o que queres?

– Estou a falar a sério, Tor. – Afastou-se dele e encostou-se à amurada do navio. – Cometi tantos erros. Fiz coisas estúpidas. *Magoei* pessoas.

– Para sobreviver.

Wren fez que não com a cabeça.

– Às vezes, quando me olho ao espelho, já nem me reconheço.

Tor fitou-a e replicou com um tom implacável e firme.

– Eu conheço-te, Wren.

– Não. Não conheces. – Rodeou-se com os braços para conter dentro de si a terrível verdade do que fizera. Os feitiços de sangue, o sacrifício, a forma como se lançara nos braços de Alarik, e como às vezes, a meio da noite, ainda sonhava com essa tempestade, com aquele beijo frenético. – Não sou uma boa pessoa, Tor.

– Então, que desejas, Wren? – Tor aproximou-se e a jovem não se afastou. O soldado apoiou as mãos na amurada, bloqueando o resto do mundo.

– A absolvição?

Wren engoliu a saliva a custo.

– Não queres saber primeiro o que eu fiz?

– Quero saber do que precisas, Wren. – Fitou-a nos olhos. – E quero ser eu a providenciá-lo.

A jovem levantou a cabeça e perdeu-se na tempestade dos olhos dele. O desejo invadiu-a, levando-a a puxá-lo pelas lapelas. Ele inclinou-se e beijou-a numa zona sensível atrás da orelha.

– Quem me dera que estivéssemos a centenas de quilómetros daqui.

Wren sorriu.

– No vale de Turcah?

Outro beijo.

– Sim – murmurou ele. – Dia e noite.

– Tor. – Elevou-se na biqueira dos pés.

Ele roçou o nariz contra o dela.

– *Wren*.

– WREN! – chamou Rose, e a sua voz ecoou à volta deles. – Onde estás?

Tor afastou-se de Wren no preciso instante em que a irmã dela apareceu por entre a névoa. Rose tinha os olhos lacrimejantes e as bochechas pálidas. Celeste acompanhava-a.

– A Rose já terminou. Está feito. O que quer que isso seja, já podem acabar.

– Estávamos só a falar... da *Elske* – disse Wren, sabendo que ninguém ia acreditar nela e pouco se importava com isso. Aproximou-se da irmã. – Estás bem? Como correu?

– Estou bem. E o Ansel está em paz. – Rose mostrou-lhe um sorriso trémulo. – Gostava de regressar a casa.

– Claro.

Voltaram para a prancha de embarque, seguidas por Tor. Dessa vez, Rose foi a primeira a atravessar, auxiliada por Celeste. Tor ajudou Wren a subir e as suas mãos demoraram-se na cintura da jovem. Os olhos dele ofereceram a despedida que não podia pronunciar em voz alta. Wren também gostava de ter dito alguma coisa, prometer-lhe que escreveria, que voltariam a ver-se, mas não queria prometer nada que não pudesse cumprir. Não a ele. Não fazia ideia de que tipo de futuro a esperava, nem se voltariam a ver-se. Assim, limitou-se a sorrir, não dizendo nada enquanto atravessava a estreita

ponte de madeira.

Foi nessa altura que o viu, uma figura entre a bruma prateada. O rei Alarik aparecera no convés. Tinha os olhos azuis raiados de sangue e o rosto pálido, como se não dormisse há vários dias. Como se pudesse nunca mais voltar a adormecer. Wren percebeu que ele estivera a chorar e detestou como algo dentro dela se contorceu ao pensar nisso.

– Parece-me que o nosso acordo acabou. – Ofereceu-lhe a tentativa de um sorriso, mas a sua voz era rouca. Também odiou esse pormenor. O rei foi posicionar-se ao lado de Tor e as bochechas de Wren arderam ao ver-se sob o olhar de ambos. O momento era tão estranho que uma parte dela queria rir. A outra parte desejava lançar-se ao mar, onde a água gelada iria acalmar o ardor da culpa e destruir as chamas gémeas do seu desejo.

Não confiava em si própria para falar, por isso despediu-se fazendo um aceno desajeitado com a mão antes de girar abruptamente nos calcanhares e correr para o *Siren's Secret*.

A voz do rei seguiu-a pela bruma.

– Até à próxima, Wren.



Rose endireitou-se no banco de veludo da carruagem real, compondo a coroa.

– Está direita? – perguntou à irmã. – Não sei porquê, mas parece mais pesada.

– Deve ser de toda a responsabilidade – disse Wren, desviando um caracol da testa da irmã gémea. – Estás perfeita.

Rose alisou a saia e tentou acalmar os nervos que lhe roíam o estômago.

– Só quero que a digressão real corra bem desta vez.

– Vai correr bem – garantiu Wren. – E no final estaremos ambas entediadas até à medula.

Tinham passado seis semanas desde a batalha no palácio de Anadawn, durante a qual as bruxas e os bruxos tinham recuperado totalmente os seus poderes e os guerreiros do Reino Beijado pelo Sol tinham aparecido para os ajudar. Desde então, espalhara-se por toda Eana o rumor do aparecimento de um reino perdido no deserto, assim como da misericórdia que as gémeas tinham demonstrado junto dos portões dourados, como tinham perdoado os soldados assustados e os Flechas arrependidos que se tinham virado contra os bruxos e as bruxas, na esperança de forjar um futuro em que pudessem viver juntos e em harmonia.

Depois, as rainhas gémeas e Shen Lo tinham prometido oficialmente proteger-se uns aos outros e toda Eana de qualquer ataque inimigo interno ou externo. Agora Shen e Rose não só eram iguais como aliados, tão ferozmente protetores um do outro, como dos respetivos reinos.

Shen tinha-as convidado para uma visita no final da digressão real e

Rose aceitara de bom grado, com a promessa de que aproveitaria ao máximo o tempo que estivessem juntos.

– Estás a corar – disse Wren. – Deves estar a pensar no Shen.

Rose deu-lhe uma palmada no braço.

– Não sejas bruta.

– Casem de uma vez por todas – aconselhou Wren, antes de se espreguiçar. – Acabem com o vosso, e o nosso, sofrimento.

– Estou demasiado ocupada para pensar numa coisa dessas – apressou-se Rose a argumentar. – E, além disso, ele não me *pediu*.

– Então, faz tu o pedido.

– E abduco do meu anel? Estás a tentar provocar-me.

A carruagem abrandou e Wren abriu a cortina para espreitar.

– Estamos quase em Ellendale – anunciou. – Vejo estandartes mais à frente.

– Então, há aldeões? – perguntou Rose, ansiosa.

– Muitos. – Wren suspirou. – Vamos passar horas a dar apertos de mão.

Rose sorriu. Agora que Edgar Barron estava morto e a sua rebelião fora esmagada, a desconfiança em Rose e em Wren estava finalmente a diminuir.

– Estou cheia de fome. – Wren esticou os pés. – Quando podemos parar para comer?

– Acabaste de comer uma tigela de frutas caramelizadas – disse Rose. – Que, a propósito, a avó Lu *me* ofereceu.

– Da próxima vez pede-lhe que faça a dobrar. – Wren fechou os olhos e apareceu uma pequena ruga entre as suas sobrancelhas.

– Estás a pensar no quê?

– No quanto a Banba teria detestado isto.

– É estratégia. Ela teria compreendido.

Wren encolheu os ombros.

– Também estou a pensar em Gevra.

Rose ficou tensa. Pensar naquele país provocou-lhe um arrepio na espinha. Não apenas por ser o lugar onde Banba morrera, mas porque não era capaz de confiar no seu rei de coração gelado ou perceber a sua estranha relação com Wren. Rose não sabia muito bem quando acontecera, mas pareciam ter desenvolvido uma espécie de vínculo, o que a deixava ainda mais inquieta. E depois havia ainda a questão de Oonagh Avestrelada.

Wren deve ter percebido o desconforto da irmã, pois esclareceu:

– Estou só a pensar no que se passará em Gevra. Em geral. Apenas isso.

Numa tentativa de atrair a atenção da sua irmã de volta a Eana, Rose abriu a cortina da carruagem.

– Estás a ouvir, Wren? Estão a dar-nos vivas.

Wren abriu os olhos.

– Se alguém tentar alguma coisa indecorosa, ponho-o a rodopiar num furacão.

Rose suspirou enquanto o caminho se transformava em paralelepípedos

sob as rodas da carruagem dourada que entrava em Ellendale.

– Tem ao menos cuidado com as crianças. Quiçá nos lancem algumas rosas.

– Desde que não estejam em chamas – murmurou Wren.

Rose deu duas pancadinhas no teto da carruagem.

– Ramsey, baixe a capota, se faz favor!

Escutaram um súbito rangido quando as rodas de metal se começaram a mover algures atrás de Rose e o tejadilho se separou da carruagem como se fosse a casca de uma maçã. O céu abriu-se sobre elas revelando o sol de outono.

– Belo truque – elogiou Wren.

Rose sorriu.

– Muito obrigada. Diverti-me muito a desenhá-lo.

– Temos noções diferentes de diversão.

Rose revirou os olhos e deu uma palmada no joelho da irmã.

Lá fora, a rua principal estava flanqueada por uma multidão que vestira as suas melhores roupas. Algumas crianças usavam coroas de papel e agitavam flores e bandeiras e gritavam os nomes das gémeas.

– Rainha Rose! Gostamos muito de si! É tão corajosa!

– Aqui, rainha Wren! Faça-nos adeus!

– Viste, Marcel? Juro que ela estava a olhar para mim!

– Lena, olha, é a rainha Rose! Sopra-lhe um beijo!

Rose virou-se para Wren e sugeriu.

– E que tal se lhes mostrássemos um pouco de magia?

Wren sorriu.

– Gosto da tua maneira de pensar.

Estalou os dedos e criou um relâmpago que logo transformou numa bola de fogo. Ficaram todos boquiabertos quando a lançou de um lado para o outro, entre as mãos. Rose retirou um pouco de terra da bolsa que trazia à cintura e murmurou um feitiço em que passara a noite a trabalhar. Sempre fora uma curandeira, mas, com um pouco de prática, desenvolvera o seu dom do encantamento bastante depressa. Talvez porque a sua mãe também fora uma encantadora.

Minutos depois, cem carriças em chamas voavam em círculos por cima da carruagem. As crianças lançaram-se para a frente para verem melhor. Wren riu quando os pássaros voaram sobre os telhados e atravessaram as nuvens, ao passo que Rose criava todo um caleidoscópio de borboletas com um dos ramos de flores que alguém lançara para a carruagem. Pétalas vermelhas, amarelas, cor-de-rosa e violetas levantaram voo e flutuaram por cima da multidão e as crianças gritaram entusiasmadas quando lhes aterraram nos ombros.

Wren riu ao ver as borboletas florais.

– Sabes, em tantos anos como encantadora, nunca me ocorreu fazer isso.

– Vislumbrou um adolescente que abria caminho de maneira pouco cortês por

entre a multidão e lançou-lhe uma rajada de vento que o fez tropeçar e cair.

Rose enrugou os lábios.

– Isso não me surpreende.

Seguiram caminho pelas ruas de Ellendale, onde o ar vibrava de emoção. Não se avistava um único Flecha. Quando outro ramo de borboletas voou pela cidade, Rose sentiu que a paz começava a instalar-se e tomou isso como um bom presságio.

Ao seu lado, Wren soprava beijos com vontade e entusiasmo, deleitando-se com o mesmo raio de esperança pelo futuro. Num raro momento de calma, quando a carruagem rolava entre uma rua sinuosa e a seguinte, ela virou-se para dizer qualquer coisa a Rose que viu o sorriso da irmã desaparecer como se o mundo tivesse escurecido. Alcançou a mão de Wren e depois ficou tudo negro.

Rose pestanejou. Encontrava-se a flutuar sobre o mundo com as asas de um falcão antigo. Por baixo, estendia-se uma cordilheira de montanhas brancas que brilhavam. Estava em Gevra. O pássaro fez um voo picado e Rose acompanhou-o até que ficaram a pairar sobre uma floresta de pinheiros dispersos.

No centro da floresta estava uma mulher. Por instantes, Rose pensou que era Wren, mas depois a mulher sorriu e mostrou os dentes ensanguentados. Rose abriu muito os olhos. Sabia que só se podia tratar de Oonagh Avestrelada.

Oonagh abriu os braços e o solo começou a tremer. As árvores partiram-se ao meio e caíram ao chão, enquanto as bestas uivavam nas montanhas nevadas. Oonagh cuspiu sangue para o solo e um braço putrefacto elevou-se da terra como se para a apanhar.

Rose gritou quando o resto do cadáver emergiu, mas o falcão estava a levá-la para longe. O vento levantou e, no seu uivar, escutou a voz de Glenna, a vidente.

– *Quebraram o gelo e libertaram a maldição. Agora matem uma gêmea para salvar a outra.*

Uma onda de aclamação devolveu Rose à realidade. Estava numa rua de Ellendale, a ouvir os vivas e as palmas dos seus habitantes. Virou-se para olhar para a irmã, que a observava com os olhos tão abertos que via neles o seu próprio reflexo.

– Também viste isto? – sussurrou Wren.

Rose anuiu, demasiado assustada para falar.

– A Oonagh regressará a Eana. – Wren virou a cabeça para norte. – Este era o seu reino, Rose. O seu trono. Não creio que vá renunciar a ele.

Na ausência da sua voz, Rose apertou a mão da irmã e esta apertou-lha de volta. Durante o resto da viagem por Ellendale nenhuma delas pronunciou uma palavra, embora Rose soubesse que estavam ambas a pensar na mesma coisa.

Fariam o que fosse preciso para proteger Eana e para se protegerem uma

à outra. Pouco importava o que dizia a vidente. Desafiariam as estrelas se tivesse de ser.

E fariam isso juntas.

Agradecimentos



Obrigada a todos os que leram *Gêmeas para Uma Só Coroa* e que quiseram continuar esta viagem connosco em *Coroas Amaldiçoadas*. Esperamos que se divertam tanto a ler estes livros como nós nos divertimos a escrevê-los.

Queremos dedicar este livro à nossa agente Claire Wilson, também conhecida por princesa Claire; estamos eternamente gratas por tê-la como a nossa inquebrantável defensora.

E, nos Estado Unidos, temos a sorte de ter o incrível Pete Knapp do nosso lado. Pete, obrigada pelas tuas excelentes opiniões e contínuo entusiasmo.

Também gostaríamos de agradecer a uma ampla equipa na RCW, em especial a Sam Coates por vender *Gêmeas para Uma Só Coroa* e *Coroas Amaldiçoadas* a tantos editores maravilhosos por todo o mundo. Obrigada, também, a Safae El-Ouahabi da RCW e a Stuti Tevidevara da Park & Fine.

Obrigada aos nossos agentes cinematográficos Michelle Kroes, Berni Barta e Emily Hayward-Whitlock.

Um enorme agradecimento a Lindsey Heaven e a Sarah Levison, da Farshore no Reino Unido, e a Kristin Daly Rens da Balzer&Bray nos Estados Unidos, por fazerem com que o processo editorial seja tão agradável. Adoramos trabalhar com todos vós e esperamos poder viver mais aventuras no mundo das rainhas gémeas.

Todos os que trabalharam neste livro merecem a sua própria coroa, mas estamos especialmente agradecidas a Pippa Poole na equipa de RP, a Jasveen Bansal e a Ellie Bavester do *marketing* e a Brogan Furey das vendas. E, claro, temos de agradecer ao rei do Design, Ryan Hammond, por ter criado outra capa deslumbrante que conta com as incomparáveis ilustrações de Charlie Bowater. Adoramos!

Estamos gratas a todos os distribuidores e livreiros pelo seu apoio no Reino Unido, na Irlanda, nos Estados Unidos e em muitos outros países! Gostaríamos de agradecer também às equipas de FairyLoot e LitJoy Crate.

Um sincero agradecimento à nossa fantástica equipa de rua, a Twin

Crowns 22, por fazer o possível e o impossível para apoiar este livro. Aamna, Abi, Angie, Angelina, Courtney, Diana, Divya, Emily, Gigi, Georgia, Holly, Katelin, Kayla, Kelly, Kellie, Kimberly, Maha, Pawan, Rosa, Samantha, Sarah e Stacey: obrigada a todas! E é com um enorme prazer que damos as boas-vindas a todos os novos membros na nossa equipa do livro *Coroas Amaldiçoadas*.

Obrigada, obrigada, obrigada a todos os leitores que acolheram a Rose e a Wren (e o Shen e o Tor) nos seus corações e partilharam o seu amor por estas personagens. Isso significa muito para nós.

E, claro, obrigada a todos os nossos amigos e à nossa família pelo mundo fora, pelo seu inquebrantável e constante apoio, com um agradecimento muito especial às famílias Webber, Doyle e Tsang.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Wren – Capítulo 1
4. Rose – Capítulo 2
5. Wren – Capítulo 3
6. Rose – Capítulo 4
7. Wren – Capítulo 5
8. Rose – Capítulo 6
9. Wren – Capítulo 7
10. Rose – Capítulo 8
11. Wren – Capítulo 9
12. Rose – Capítulo 10
13. Wren – Capítulo 11
14. Rose – Capítulo 12
15. Wren – Capítulo 13
16. Rose – Capítulo 14
17. Wren – Capítulo 15
18. Rose – Capítulo 16
19. Wren – Capítulo 17
20. Rose – Capítulo 18
21. Wren – Capítulo 19
22. Rose – Capítulo 20
23. Wren – Capítulo 21
24. Rose – Capítulo 22
25. Wren – Capítulo 23
26. Rose – Capítulo 24
27. Wren – Capítulo 25
28. Rose – Capítulo 26
29. Wren – Capítulo 27
30. Rose – Capítulo 28
31. Wren – Capítulo 29
32. Rose – Capítulo 30
33. Wren – Capítulo 31
34. Rose – Capítulo 32
35. Wren – Capítulo 33
36. Rose – Capítulo 34
37. Wren – Capítulo 35
38. Rose – Capítulo 36
39. Wren – Capítulo 37

40. [Rose – Capítulo 38](#)
41. [Wren – Capítulo 39](#)
42. [Rose – Capítulo 40](#)
43. [Wren – Capítulo 41](#)
44. [Rose – Capítulo 42](#)
45. [Wren – Capítulo 43](#)
46. [Rose – Capítulo 44](#)
47. [Wren – Capítulo 45](#)
48. [Rose – Capítulo 46](#)
49. [Wren – Capítulo 47](#)
50. [Rose – Capítulo 48](#)
51. [Wren – Capítulo 49](#)
52. [Rose – Capítulo 50](#)
53. [Wren – Capítulo 51](#)
54. [Rose – Capítulo 52](#)
55. [Wren – Capítulo 53](#)
56. [Rose – Capítulo 54](#)
57. [Wren – Capítulo 55](#)
58. [Rose – Capítulo 56](#)
59. [Wren – Capítulo 57](#)
60. [Rose – Capítulo 58](#)
61. [Wren – Capítulo 59](#)
62. [Rose – Capítulo 60](#)
63. [Wren – Capítulo 61](#)
64. [Rose – Capítulo 62](#)
65. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)